

C.16/V. 100

Alterosa

ANO VII — N.º 59
MARÇO DE 1945

BELO HORIZONTE: CR\$ 2,00
OUTRAS CIDADES: CR\$ 2,50



Em menos de um minuto...

sua beleza será acentuada pelo aspecto jovem, suave e aveludado de sua pele. V. poderá fazer isso fácil e rapidamente com o Pan-Cake Make-Up, a mágica criação de Max Factor-Hollywood.

RITA HAYWORTH no film "MODELOS"
da Colúmbia, a ser exibido brevemente



★ EM MENOS DE UM MINUTO a sua pele adquirirá um aspecto saudável e uma uniformidade impecável.

★ EM MENOS DE UM MINUTO desaparecerão as descolorações e pequenas imperfeições. Experimente-o hoje mesmo.

Pan-Cake Make-Up



À VENDA NAS CASAS DO RAMO



Toda correspondência, quer seja para assuntos de redação ou de administração, assim como todos os cheques, vales postais ou ordens de pagamento, devem ser dirigidos sempre à Sociedade Editora Alterosa Ltda., e nunca em nome de qualquer diretor.

Administração:

Rua Tupinambás, 643 - Sobreloja 5 -
Fone 2-0652 - Caixa Postal, 279 -
End. Telegr.: ALTEROSA - BELO
HORIZONTE - Est. de Minas Gerais



VENDA AVULSA

Belo Horizonte Cr\$2,00
No resto do país Cr\$2,50
Em Maio, Agosto, Novembro e Dezembro são editados números especiais, que circulam ao preço de Cr\$3,00 em todo o país.



ASSINATURAS NA CAPITAL

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$13,00
Ano, (12 números) . . . Cr\$25,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$45,00

ASSINATURAS NO INTERIOR DO ESTADO E NO PAÍS

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . . Cr\$15,00
1 ano (12 números) . . . Cr\$30,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$55,00



SUCURSAL NO RIO

Diretor:

NELSON DE CASTRO

Rua Visconde de Santa Izabel, 515
Fone 38-5684



PUBLICIDADE NO RIO E S. PAULO
Empresa Editora Publicidade Ltda.
Rio: Av. Prsidente Wilson 298 - 7.º
and - Apt. 704 - Telefone 42-9264.
São Paulo: Rua Líbero Badaró, 488
- 7.º andar. Direção de Nelson
da Cunha Melo.



SUCURSAL DO ESTADO DO RIO

Diretor:

JORGE AZEVEDO

Soledade de Rodeio - Estado do Rio



SECRETÁRIO FUNDADOR: Teóduo
Pereira.

COLABORAÇÃO - Alberto Renart, Alfredo Nora, A. Guimãens Filho, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Bahia de Vasconcelos, Clemente Luz, Claudio de Souza, Djalma Andrade, Evagrio Rodrigues, Fernando Sabino, Francisco Armond, Huberto Rohden, Jorge Azevedo, Luiz de Bessa Malha Tahan, Mário Casasanta, Murilo Araujo, Murilo Rubião, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Silva, Oscar Mendes, Olga Obry, Pedro Ribei o da Franca, Raul de Azevedo e Vanderlei Vilela.
FOTOGRAFIA - Amavel Costa, Antônio Freitas e Studio Constantino.
IMPRESSÃO - Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

CLICHERIE - Fotogravura Minas Gerais Limitada e Gravador Araujo.
DESENHOS - Augusto Rezende, Antonio Rocha, Fabio Borges, Osvaldo Navarro, Mour o e Rodolfo.



A redação não devolve, em hipótese alguma, fotografias ou originais, ainda que não tenham sido publicados.

★ NESTE NUMERO ★

CAPA

A capa desta edição apresenta a linda estrela da Columbia, Merle Morris, em caprichoso trabalho de tricromia executado pelo gravador Gervásio Pinto de Araujo, e impresso na Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

CONTOS

E' DA VIDA, MINHA FILHA - Antonieta T. A. Assumpção - Premiado	2
O CONTO DO MÉDICO - Bastos Portela	4
PAI E FILHA - Trad. de Francisco Armond	6
SEU MANFRÊDO - Aguilar Brandão	8
ROMANCE DE UM SÓ CAPTULO - Nóbrega de Siqueira	10
DOENTE DE AMOR - Roberto Carson	14
O JUIZ E O PAPAGAIO - Malba Tahan	18
MORTE E VELÓRIO DE SEU MALAQUIAS - Almeida Fischer	26
A CANÇÃO DO DESERTO - Achmed Abdullah	30

LITERATURA

DIALOGO COM SÃO TOMÉ - Mário Matos	37
VITRINE LITERÁRIA - Cristiano Linhares	38
MARCELO GAMA, POETA DA AMARGURA - Carlos Maranhão	42
ETERNIDADE DAS COISAS SIMPLES - Alphonsus de Guimaraens Filho	54
O QUE AS MULHERES PENSAM DAS MULHERES - Redação	66
IMAGENS LATENTES - Huberto Rohden	104

DIVULGAÇÃO

PROCISSÃO DO SENHOR MORTO - Oscar Mendes	49
BERENICE - Condessa Pablo Bazán	50
A FIGURA HUMANA DE CRISTO - Redação	52
QUEM FOI A "GIBSON GIRL" - Olga Obry	70
A TRADIÇÃO DE JESUS NO TIBET - Redação	105

HUMORISMO

PAISAGENS LOCAIS - Fábio Borges	58
DE MÊS A MÊS - Guilherme Tell	62
OUTRA COMÉDIA DA VIDA - Osvaldo Navarro	86

REPORTAGENS

ENLACE MELO TEIXEIRA-FORJAZ - Redação	56
OS CAMINHOS QUE CONDUZEM Á VITÓRIA - Paulo Dantas	75
NO INTERESSE DA CIÊNCIA E EM DEFESA DA SAÚDE - Dantas Neto	126

CINE E RADIO

NOVIDADES DE HOLLYWOOD - Notas ilustradas	82
MULHER DE PERSONALIDADE - Redação	102
NOTAS E REPORTAGENS DE RADIO - A partir da pagina	121

MODA E BELEZA

CONTROLE O SEU PÊSO	64
FAZENDAS, MAQUILAGENS E CORES QUE ADELGAÇAM	72
FALEMOS DE PENTEADOS	84
MODELOS DE VERÃO - A partir da pagina	89
SUGESTÕES PARA A SUA BELEZA - Ivete Marion	108

DIVERSOS

SEDAS E PLUMAS - Redação	68
CAIXA DE SEGRÊDOS - Consuelo San Martín	98
ARTE CULINÁRIA - Redação	106
HINTERLANDIA POÉTICA - Poesias	112
GRAFOLOGIA - Por Fébo	116
ESPARSOS - Poesias	100
PÁGINA DAS MÃES - Redação	136
NO MUNDO DOS ENIGMAS - Por Polidoro	146

Conto de ANTONIETA TORRES DE ALMEIDA ASSUMPÇÃO

*
**PREMIADO NO CONCURSO
PERMANENTE DESTA REVISTA**
*

Desenhos de RODOLFO

ferência a ela, menina ainda. Não tinha êle então, a voz e os olhos de Charles Boler? E aquela beleza machucada? E a sua brilhante posição, gerente do Banco do Brasil!

Realmente, Marilisa sentia-se lisonjeada e tão feliz... tão feliz...

Um temperamento, essa pequena. Uma personalidade. O andar ondulante, as atitudes lânguidas, porém, naturais, o brilho intenso dos olhos amendoados lembravam a mulher volutuosa. Isto quanto ao físico. Quanto a alma, era extremista no querer, extremismo bem próprio das pessoas nervosas. Marilisa seria uma forte dose de uísquei em delicado copo de cristal.

Mas, era de notar em tudo, o freio da educação. Os hábitos de família tradicional, os conselhos da mãe, a educação esmerada seriam um dique a refrear aquele temperamento impulsivo e ardente.

Saindo na porta da igreja, seus olhos vivos, disfarçadamente, procuravam o galã.

Ao vê-la, Rogério pensou — Feitinha sob encomenda e não hei de perdê-la.

Esperou que a menina chegasse bem perto e, gracejando foi cumprimentá-la.

— Como vai, meu corpinho flexível como S.

— Bem, meu "vulcão coberto de gelo", gracejou ela, por sua vez.

— Vamos sentar ali no jardim de baixo da árvore, temos muito que conversar.

O elegante par, belo como os pares de fita de cinema, dirigiu-se a um banco, provocando inveja aos moços e saudade aos velhos.

— Marilisa — falou Rogério na sua voz inconfundível e gostosa — tenho uma revelação a fazer e depois você vai resolver sobre a nossa vida.

Marilisa era a encarnação sublime dos seus ideais. Era como aquele velocípede tão cobigado naquele Natal de menino. Estivera então doente, bem doente, e sua mãe procurando alegrá-lo, procurando dissipar o desânimo que o abatera, perguntou o que mais desejaria ter na vida, e ela lhe daria, por certo.

— Quero um velocípede, mãe.

Ah! O velocípede tornou-se então a sua Vida.

Agora, êle precisava de Marilisa.

E ela?

Achava lindo gostar de um rapaz maduro como Rogério. 32 anos! Quê beleza! Alto, moreno, costas largas, sóbrio nas maneiras. Tanta moça bonita a querer conquistá-lo e Rogério deu pre-

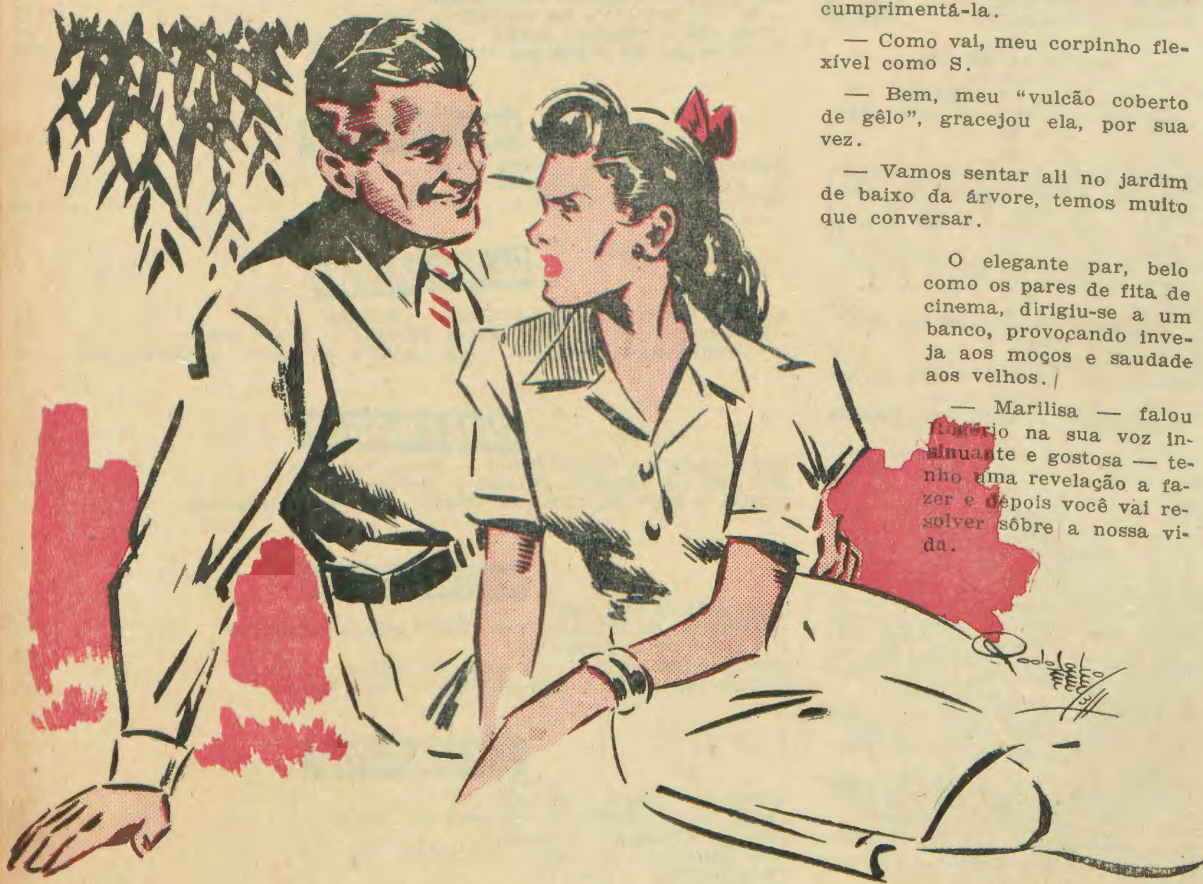
Sobrancelhas levantadas, com o ar mais cínico dêste mundo, Rogério olhava as mocinhas saindo, saindo da igreja.

Aquêle ar displicente, aquêle pouco-caso eram forçados, era a maneira de procurar esconder a ansiedade com que aguardava a saída de Marilisa.

Boêmio inveterado, cioso da sua fama de bem conhecer o "savoir vivre" dos franceses, não queria de jeito algum, deixar transparecer o seu amor pela Marilisa.

Ele, o Himalaia inacessível, deixar-se prender assim por uma menina?! Seria ridículo.

No entanto, era inútil dissimular. No íntimo êle bem sabia e todos notavam, pois lá diz o povo "paixão e dor de dente, esconder não tente".



Rogério falava, sacudindo, sacudindo muito a perna cruzada sobre a outra (evidente sinal de nervos). Olhava fixamente um mandaróv que subia, muito lento, o tronco da árvore.

— Ora, nem sei como hei de começar, disse ele.

— Não precisa começar. Já sei. Você... você é casado, não é? ajudou a moça, mais nervosa ainda, e fixando também o mandaróv que subia, muito lento, o tronco da árvore.

— Deixe que explique, por favor. Fui casado. Vim mocinho do estrangeiro. Desejoso de carinhos pois era só, sozinho, fui casando com a primeira que apareceu. Porém, não tive sorte. Olga, a minha mulher, foi leviana e veio o desquite.

— E por que não disse há mais tempo, Rogério? Eu me afastaria antes que chegasse a gostar tanto de você. Bem me avisaram... e eu não quiz acreditar.

— E' que tinha medo de perdê-la, Marilisa. Então, quando encontro uma mulher que só, somente ela existe no mundo para mim, não é justo ter recelô de perdê-la? E depois... era tão bom, tão bom... estar sempre juntinho de você...

— Parece que estou vendo o riso irônico das amigas. "E Rogério". "Que tal?" Vai casar?" Oh, aqueles olhares compreensivos das "amigas"...

— Mas, nós vamos casar no Uruguai. Sou divorciado e nos casaremos lá.

— Não pode ser, compreenda. A minha igreja e a minha família não aceitam o divórcio. Aos olhos de papai, você é um "homem casado".

— Por mim, Marilisa. Por nós. Deixe disso. Você é moderna e precisa deixar esses preconceitos. (O tom de voz, agora, era autoritário).

— Rogério, eu te quero muito, muito. Mas não é possível o nosso casamento. A minha vida está quebrada. Por que, meu Deus?

A mocinha apertava nervosamente as mãos, ria um riso exultante, olhava por todos os lados, porém, não pousava os olhos em Rogério. Tinha um medo louco que lhe viessem as lágrimas. Ora, dar espetáculo ali, perto de toda gente. Por nada neste mundo.

Rogério, procurando tocar a corda sensível daquela menina excitável, fez a voz mais aveludada, quis acarinhar-lhe as mãos. Depois, disse num misto de autoridade, ternura e desespero:

— Você vai casar comigo. E' um mendigo de afeições que está dando esta ordem.

Ela teve ímpetos de se deixar prender. Queria tanto, tanto a



E' DO MUNDO MINHA FILHA

esse Rogério... Quase deixou que o moço a abraçasse, pois bem sentia, era bem isso que desejava a sua mocidade vibrante. Mas... se conteve.

— E' inútil, meu bem. Não posso. Os conceitos sobre a família, este lastro que vem de longe, de longe, não há quem o tire.

O rapaz ficou perplexo diante da resistência de Marilisa. Que igreja poderosa, que princípios austeros de família, a influem assim naquela sensível natureza!

Levantando-se, a pequena estende a mãozinha para despedir-se. Difícil aos seus desessete anos, reprimir tão bem as lágrimas.

— Então, até um dia, Rogério.

— Até logo, Marilisa.

Sempre agitando a perna sobre outra, o moço pigarreou o pigarro nervoso, acendeu o cigarro e pensou: — Lá se vai a "chance" de fazer as pazes com a vida.

Estaria de mal com a vida, para sempre. O velocípede a mãe pôde dar-lhe. E Marilisa? Fugiu-lhe do caminho.

Ao chegar em casa, a menina fecha-se no seu quartinho de moça. Ai, sim. Chorou, chorou, chorou. Pensava que ia morrer de amor. Não era desses temperamentos em que o amor é a essência da vida?

Afinal, cansada de chorar, lavou o rosto e dirigiu-se a mesa do jantar, procurando esconder a grande mágoa. Sua mãe, com olhar interrogativo — olho clínico de todas as mães — tentava auscultar o íntimo da filha. A ela Marilisa nada podia esconder.

Que jantar sem fim, meu Deus! O pai a contar quantos pintos a chocadeira elétrica chocou. Fazendeiro aposentado (estava já bem velho) servia mesmo só para "chocar" pintos. O irmão a

(Continúa na página 22)

O CONTO DO MEDICO

*

Bastos Portela

Para "ALTEROSA"

*

Desenho de RODOLFO

* * *

NÃO sei porque, naquela roda elegante, em casa do Dr. Flávio Sandes, houve alguém que citasse o grave pensamento de Pascal: "A força de falar em amor, acabamos por nos tornar apaixonados".

Lembro-me, porém, de que uma senhorita loura, versada em literatura francesa, insinuou:

— Paul Bourget, psicólogo sutil, fez notar que só as mulheres — e porque sabem sofrer — são capazes de amar...

— Perdão! — discordei. As mulheres, no amor, se consideram sempre mártires. A verdade, porém, é que todos os que amam devéras, são mártires do amor.

Foi nessa altura que o Dr. Flávio Sandes interveiu:

— Penso que Voltaire foi quem melhor o definiu, assegurando que, de todas as paixões, é ele a mais forte. A mais forte — esclareceu — porque ataca, simultaneamente, a cabeça, o coração e o corpo.

E como lhe recordasse que ele, como bom psiquiatra, poderia discorrer, facilmente, sobre o assunto, Dr. Flávio entusiasmou-se com o elogio. Então, como me sabia jornalista, e, provavelmente, para justificar que eu não estava em erro, convidou-me para fazer uma visita ao Sanatório de que era diretor.

— Lá, conversaremos à vontade — disse ele. Respondi-lhe que sim.

*

No dia seguinte, dirigi-me ao Sanatório da Tijuca.

Ao ver-me, Dr. Flávio comentou com um sorriso acolhedor:

— Não julguei que fosse tão pontual.

E, no mesmo instante, ajuntou:

— Desejo que conheça alguns casos da minha especialidade.

Confessei-lhe que me sentia lisonjeado com essa distinção. E aproveitei o ensejo para lhe perguntar com um sorriso indefinível:

— Os loucos daqui serão diferentes dos que andam lá fóra?

O alienista percebeu a ironia. Mas limitou-se a dizer:

— Verá. E verá como o amor pode levar à loucura...

Tomou-me o braço gentilmente. Levou-me através de um pátio ajardinado, cheio de vãos de pombo e de sol. Entrámos numa enfermaria ampla, arejada, onde alguns doentes, pachorrenamente, convalesciam de moléstias diversas. Se-

guimos por longo corredor. Ao fim deste, havia um quarto. A porta estava aberta. Olhei. Um internado ostentava na cabeça, à maneira de um cocar, uma espécie de chapéu de papel. Rodava em torno do leito, como num picadeiro, rindo alvarmente e executando arrojados.

O espetáculo era triste.

Dr. Sandes explicou:

— Coitado! É a sua mania. Julga-se palhaço...

— É ao contrário de muitos que conheço — arrisquei. — Isto é, são palhaços sem mania...

Creio que o D. Sandes simulou não perceber a minha falta de espirito.

Prosseguindo, mostrou-me vários outros enfermos. Expôs, com abundância de detalhes e uma terminologia científica, os casos singulares e estranhos que a psiquiatria enfeia com certos nomes difíceis e bonitos: "esquizofrenia", "psicastenia", "paranóia", "psicose maniaca depressiva", "idiotia", "debilidade mental"...

— Debilidade mental? Há, lá fóra, uma infinidade de tipos semelhantes, Dr. Noto apenas, que existe uma diferença flagrante num detalhe...

— Qual?

— A de que êsses, pelo menos, não parecem malucos...

— São calmos — reforçou o clínico.

— E não protestam contra a classificação de suas doenças. Ao passo que os outros...



— Protestam...

— E parecem malucos, realmente...

Iamos passando, agora, por uma sala ornamentada de plantas, como um jardim de inverno. Dr. Sandes deteve-se um instante. Apontou-me uma senhora de maneiras distintas que se ocupava com um trabalho de agulha. O psiquiatra notou a minha curiosidade.

— Insana, também, — informou.

— Mas não parece. Tem ares de uma diretora de asilo ou chefe de enfermeiras — insisti.

— Entrou para aqui, há poucos dias. Não sabemos como classificar a sua doença. Está em observação.

E o doutor comunicou que escrevera, sob a forma de conto, no "diário" de suas observações pessoais, o caso curioso daquela dama de maneiras distintas. Levou-me ao seu gabinete de trabalho. Fez-me sentar ao seu lado. Tirou de dentro de uma gaveta umas fôlhas de papel datilografadas. Passou-as às minhas mãos, e ordenou com frieza:

— Leia-as!

A página do "diário" do Dr. Flávio Sandes era, antes, uma peça literária. Começava de um modo um tanto patético: "No mortuário silêncio da alcova..." Confesso que não gostei muito desse intróito. Mesmo assim, prossegui:

— "No mortuário silêncio da alcova em des-

alinho, o gemido longo de Ione fez a pobre senhora despertar, assustada.

— Mamãe...

A senhora que, àquela hora, lhe servia de enfermeira, sozinha, ergueu-se do canapé. Aproximou-se do leito.

— Minha filha... Estou aqui.

— Que horas são, mamãe?

— Uma da madrugada! Quer tomar o remédio?

— Não vale a pena...

Muito esguia, muito branca, os olhos encovados nas olheiras profundas, de um violeta romântico, a pequena agitou-se, nervosa, angustiada. Retorceu os braços que emergiam da camisola de cambraia. Sua cabeça, cujos cabelos castanhos-escuros se empastavam, como escura massa de seda, rolava, inquieta, de um lado para outro. As faces rubras denunciavam a febre. Era talvez o desenlace inevitável.

— Mamãe! — gemeu de novo a pequena.

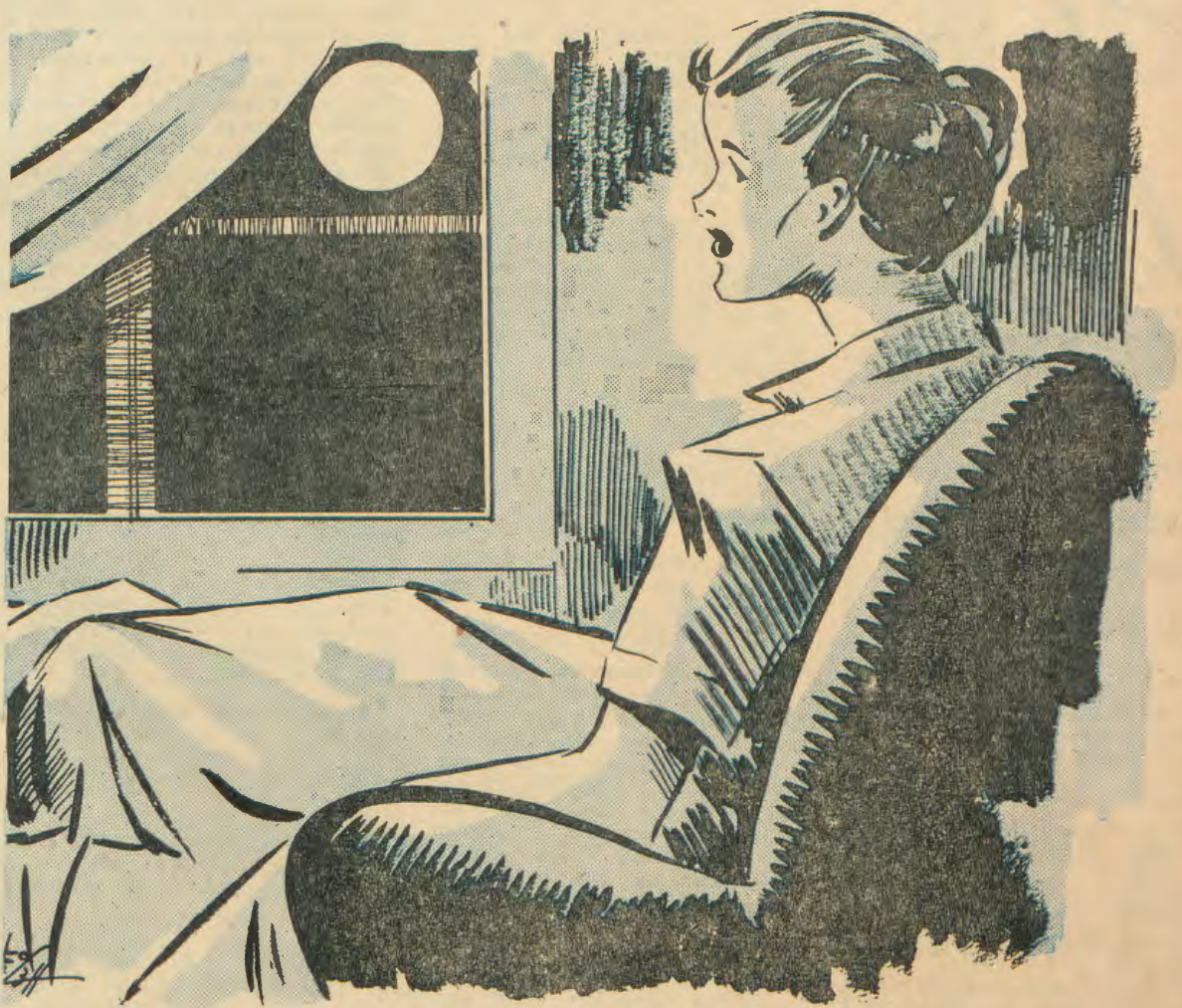
Sua voz era débil, rala — parecia um suspiro.

A senhora, pacientemente, debruçou-se à cabeceira da enferma.

— Minha filhinha, descanse. Veja se dorme um pouco. Você está muito agitada. Durma, sim, meu amor...

Os olhos tristes de Ione, onde a flama da vi-

— Conclui na página 25 —





Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquirir um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.



O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Estoque completo de

PEÇAS FORD LEGITIMAS

ACCESÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS

A. PONTES & CIA. LTDA.

AV. OLEGARIO MACIEL 268
Fone 2-4335—End. Teleg. PONTES
BELO HORIZONTE



**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combate as: Feridas,
Espinhas Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismos

FRANCISCO ARMOND, esta figura empolgante de escritor e poeta que os leitores de ALTEROSA já conhecem bem, através de sua magnífica colaboração nesta revista, apresenta-nos aqui uma deliciosa tradução de um conto francês, onde não se sabe o que mais admirar: se o estilo leve e agradável em que o autor fixa os quadros mais sensíveis da vida, ou a "verve" fina e brejeira própria do espírito gaulez.

* * *

— ESCUTA, papai... Desejo fazer-te uma confidência...

O sr. Branger levantou a cabeça já encanecida. Ficou a espera, com o olhar perscrutante sob as sobranceiras espessas, sério e um pouco ansioso.

A filha baixou o tom de voz:

— Nosso vizinho, Edmundo Garridel, pretende vir aqui amanhã... para te pedir a minha mão... Mas, primeiramente, eu gostaria de conhecer a tua opinião...

A voz de Alicia apagou-se nas últimas palavras. Mas, após breve pausa, a jovem prosseguiu, precipitadamente:

— Gostaria de saber como o receberás... e se podemos contar com o teu consentimento...

Alicia respirou, aliviada. Já dissera tudo quanto, há dias, a vinha perturbando. Um pouco de suor lhe alijorava as fontes.

O Sr. Branger chupou serenamente o seu cachimbo e respondeu, com voz tranqüila:

— Edmundo será muito bem recebido... Que motivo poderia existir para que eu o acolhesse mal?... Somente, Alicia... acho que devias ter-me prevenido há mais tempo... E' bem desagradável para mim, saber que me estiveste ocultando a verdade... E, agora, me colocas rudemente ante um fato consumado...

— Oh, papai!... E' que eu...

— Não me interrompas. Vocês têm todo o direito do mundo... Tu, como é natural, precisas casar... Estás na idade de resolver livremente... Seja como fôr, acho que demoraste além do que era razoável a tomar essa decisão... Já te avizinhas dos trinta anos... Tua mãe casou comigo aos dezoito... No meu tempo, uma mulher de trinta anos era uma velha... Uma velha que renunciava definitivamente às esperanças de casamento...

— E' a quarta vez, papai, que pedem a minha mão... Todas as vezes tens oposto uma série de objeções...

— Não sejas injusta, Alicia...

Jamais contrariei os teus desejos. Sim, jamais, apesar da dor que experimento somente ao pensar que posso perder-te...

Alicia respondeu docemente:

— Desta vez não se trata de me perder, papai... Nada mudará para ti... Edmundo virá morar conosco...

— Não, não! Enquanto eu viver, ninguém entrará nesta casa na qualidade de mandão... Um mandão! E não te scandalizes, pois todo homem é isso... Conheço perfeitamente os rapazes modernos e as suas pretensões de mando... Casa com Edmundo, se essa é a tua vontade... Mas não consinto que vocês formem o seu lar sob este teto... Meu temperamento não admite a partilha da direção da casa com outra pessoa... Há muito que o sabes... Por muito bom homem que Edmundo seja, essa convivência que me propões somente serviria para originar rixas e inimizades... Em suma: não posso aceitar isso...

E o Sr. Branger fechou-se em sombrio mutismo. Pesado silêncio levantou-se então entre pai e filha.

Quando acabou de fumar o cachimbo, o Sr. Branger levantou-se, e, sem dar à filha o "boa-noite" de costume, encaminhou-se para o seu quarto.

Alicia, sentada junto ao lume, sentiu como que um vácuo no coração. O lencinho de renda sufocou-lhe os soluços.

Mais tarde, conseguindo reagir contra os seus sentimentos, a jovem entrou no quarto do pai, conforme o fazia todas as noites.

— Precisas de alguma coisa, papai? — indagou.

Estava ansiosa por obter o seu perdão. Sem o beijo de sempre, como poderia conciliar o sono?

A cabeça do pai, imóvel, descansava sobre o travesseiro.

— Que é isso, papai?... Não botaste o barrete de dormir?... Vais resfriar-te...

Ele resmungou:

— Nesta casa é impossível encontrar algo... Não sei onde botas as coisas... Ah, tua mãe era muito mais cuidadosa!...

— Tudo está no lugar do costume, papai... Olha: aqui tens a carapuça.

Um hóspede entrara no aposento. Hóspede de andar suavíssimo, hóspede fantasmagórico.

Alícia julgou ver a mãe morta... Julgou vê-la no seu leito de veletudinária, dez anos atrás...

Era ali, ali mesmo... E pareceu-lhe que ela repetia: "Alícia, jura-me que ficarás sempre junto de teu pai, para velar por ele, para atendê-lo... Tu o conheces bem: é uma criança..."

Sufocada pelos remorsos, Alícia murmurou:

— Papai! não queres dizer-me boa-noite?

E acrescentou, vendo que o pai hesitava:

— Edmundo não virá... Jamais alguém virá... jamais...

O pai, soerguendo apenas a cabeça encanecida, fêz-lhe uma última censura:

— Porventura não te sentias feliz a meu lado?

Todavia, Alícia se sentia muito feliz. As pessoas de índole generosa encontram no sacrifício uma voluptuosidade sem igual. Dizendo melhor, nada é sacrifício para elas.

Alícia suprimiu de sua vida o amor, com decisão pronta, irrevogável. As recordações ternas diluíram-se nas brumas da memória sufocada pela vontade.

E a vida da moça prosseguiu o seu curso tranquilo, sem choques, sem emoções. O Sr. Branger, satisfeitíssimo, saía todas as manhãs para tratar dos seus negócios e, às vészes, não regressava senão muito tarde da noite.

Transcorreram alguns anos. E certo dia, o Sr. Branger falou assim à filha:

— Escuta, Alícia... Preciso fazer-te uma confidência... Vou me casar... Sim: vou me casar... Assombras-te? Por que?... Casar-me-ei no mês que vem...



Conto de
GEORGES POURCEL

Filha

Pai e



Tradução de
FRANCISCO ARMOND
ILUSTRAÇÕES DE ROCHA

Com uma viúva, a Sra. Gose-rand... E' muito, muito simpática... Achei conveniente te participar agora, prevenir-te... Sem dúvida compreendes: algumas mulheres são exigentes, autoritárias... estão habituadas a mandar... Faço-me compreender?...

Oh! Embora não te conheça, estima-te muitíssimo... Mas considera conveniente para ela e para mim, que não moremos juntos...

Deverás morar separada da gente... Duas mulheres numa casa... é contraproducente. E's uma rapariga inteligente e não te será difícil encontrar um lugar de datilógrafa ou de secretária... Virás visitar-nos todos os domingos... Serás recebida como um filho pródigo... Além disso, dêsse modo não te será difícil arranjar um marido... Pois tens trinta e cinco anos, apenas...

Ora! Que são trinta e cinco anos?... Eu tenho sessenta, bem o sabes e... aí está: vou me casar... Não és desprovida de experiência nem do senso das coisas... Encontrarás um homem

digno de ti... O coração me diz que serás muito feliz a seu lado...

E, sem reparar na expressão de dor que contraía as feições de Alícia, concluiu:

— Boa noite, minha filha. Vai descansar...

A seguir, fêz meia-volta, assobiou dois ou três trechos de uma canção da moda e, jovial e satisfeito, partiu para a casa da futura esposa.

*

O ANEL NUPCIAL

* Essa origem remonta ao tempo dos Judeus. Era uso entre Gregos e Romanos, dos quais passou aos Cristãos. A princípio o anel nupcial era de ferro imantado, porque assim como o íman atrai o ferro, deve o esposo atrair a si a diletta do seu coração.

SEU MANFREDO

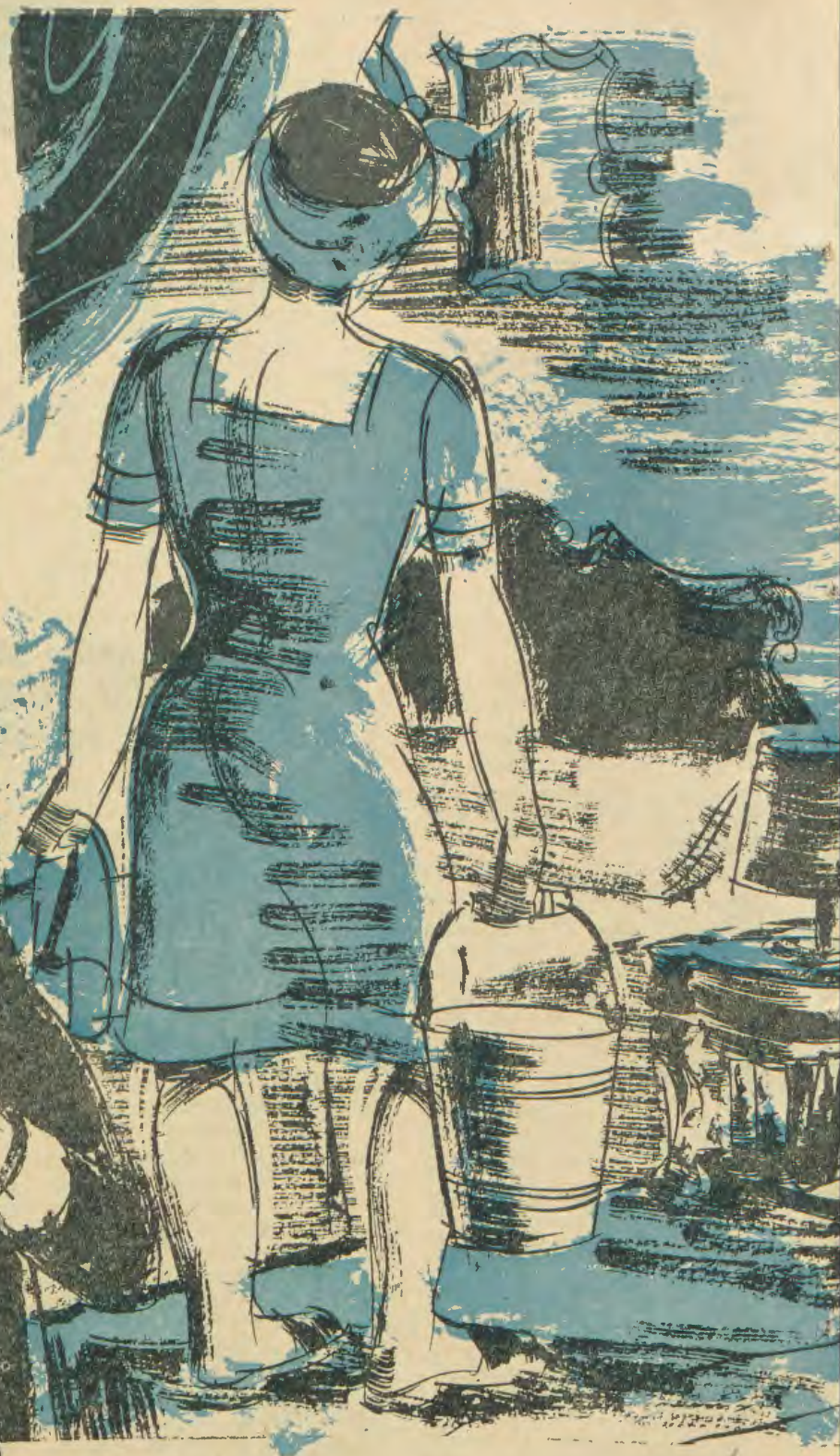
CONTO DE
AGUIAR
BRANDÃO



Menção honrosa no Concurso
Permanente desta revista



Desenho de AUGUSTO



*...E aquela criada nova que D. Valquiria arranjava,
parecia o demônio que viera do inferno para o tentar
naqueles momentos de tédio.*

SEU Manfredo eu conheci-o. Era magro, moreno, de cabelos luzídios, e não vou dizer madrugador jovial, porque assim ficaria parecendo com o melro, de Guerreiro Junqueiro. Aliás, êle nada tinha de melro. Era bem humano seu Manfredo. O que apenas o individualizava, sem que por isso o distinguísse dos demais seres humanos — pois como êle há tantos por êsse mundo de Deus — eram os hábitos, as maneiras, em particular o modo de trajarse.

Nascera seu Manfredo pelo ano de 1880, o que lhe vale ter hoje a idade de sessenta e quatro anos. Não teria para nós outros a sua idade a menor importância, não fôsse o fato de adotar êle, até hoje, para a sua indumentária, moda idêntica à da época em que tinha vinte anos. O alfaiate, ao lhe talhar o terno, teria de ouvir antes minuciosas recomendações. A um alfaiate mais idoso, não seria difícil a tarefa, por ter ainda de memória os costumes daquela tempo. A um mais jovem, porém, a coisa se complicaria um pouco: ou teria de recorrer a figurinos antigos, ou, se os não tivesse ao alcance, teria de seguir, detalhe por detalhe, os traços do terno anterior.

— Olhe bem! recomenda seu Manfredo — nada de arte moderna em minhas roupas: paletó menos comprido, mais conchegado ao corpo, calças estreitas... Repare bem Não quero calças largas, dessas que andam por aí parecendo sãia. Olhe com atenção para a minha roupa: quero isto mesmo, tim-tim-por-tim-tim.

Nenhum colarinho senão daqueles duros, engomados, daqueles que assumam o queixo. A gravata, sempre preta, a datar da vividez. O sentimento não é coisa que possa durar seis meses ou um ano, ou qualquer lapso de tempo que a sociedade queira convencionar. Que seja para toda a vida, ou, então, para tempo nenhum. Pode-se lá agora fixar tempo certo para o pesar? Ou bem que seja pesar ou coisa nenhuma. E assim preferiu carregar, toda a vida, aquêle símbolo do pesar atado ao pescoço. E bem que Ester o merecia. Sempre tão bondosa, tão cordata, tão mulher... Quando faleceu, de parto, residindo ambos ainda em Ouro Preto, não faltou de certo mexeriqueira que dissesse: — Espôsa morta, espôsa posta. Com pouco estará sem luto e namorando.

Mas foi o contrário que aconteceu: nem espôsa nova e luto atado ao pescoço para o resto da vida.

Com a transferência da Capital, veio seu Manfredo para Belo Horizonte. Não que o fizesse por gosto, mas por dever do cargo. Como funcionário, fiel servidor do Estado, chefe de seção do Serviço de Polícia, para onde quer que fôsse a Capital teria êle também de ir. Partilhava, como tantos outros, da idéa de que a Capital não se deveria transferir. Os ouropretanos em geral pensavam assim. Uma ingratidão, um desrespeito aos valores históricos nacionais. Travara-se a luta entre a engenharia revolucionária e progressista, e os intransigentes defensores da tradição. Mas a engenharia venceu e a Capital se transferiu.

Seu Manfredo, e com êle tantos outros atracados à tradição, foram derrotados. Teve de se conformar, não apenas em ver a Capital sair, se desgarrar da velha e querida Ouro Preto, mas também em seguir com ela para uma aventura que a engenharia capitaneava. Sua angústia fôra ainda maior, porque, sem que pudesse proceder como os outros, que ficaram, teve de seguir com o progresso quando seu desejo era ficar com a tradição. A velha cidade histórica calhava tão bem com a sua índole, com a sua mente, com os seus modos, com a sua natureza de conservador intransigente. Além de tudo era ela o seu ambiente, o seu climax, o seu mundo. Lá ficariam tantos amigos (os que não eram funcionários, bem se entende), tantos entes queridos e, sobretudo — e o que o compungia ainda mais — o túmulo de Ester. Ainda se ela estivesse viva, carinhosa, tão feminina que era, para consolá-lo da sua dor, para ajudá-lo a adaptar-se... Mas não. Estava morta e longe. Casar-se novamente? Nem pensar em tal coisa. Seria um ultrage à memória de Ester. Êle, que jurara junto ao caixão, junto ao seu corpo gelado, que nunca mais se casaria... Chegara mesmo a ter ímpetos de jurar castidade para o resto da vida. Mas, nessa hora, preferiu conter-se, e ficou apenas no primeiro juramento.

*

Um trabalho insano a mudança da Capital. Vieram os arquivos, os livros de registro. Encomendara-se o mobiliário adequado à acomodação de tudo isso. Veio o governo, com o secretariado. Vieram os juizes, os promotores, os tabeliães, os oficiais de justiça o corpo e as autoridades policiais, os funcionários públicos com seus hábitos e petrechos. Estava a Capital burocraticamente instalada.

Seu Manfredo veio ao meio de tudo isso, fixar residência no bairro dos Funcionários, que não havia outros bairros naquela época.

Com o passar dos anos vai crescendo a cidade. Começa a alastrar-se. Espoçam-se, surgem novos bairros, obedecendo a traçado prévio. Turmas de trabalhadores, de picareta e pá, trabalhando no desatêrro, abindo novas ruas, novas avenidas. Carroças, um sem-número, puxando terra. Carroceiros que se enriqueceram com a compra de terreno.

A cidade cresce, toma aspecto de gente. O progresso põe por terra os antigos meios de transporte. As carruagens, as tipóias, os antigos carros de praça cedem lugar ao Ford, ao Buick, ao Chevrolet... Com a eletrificação vem a luz e o bonde. Surge por último o asfalto onde deslissam confortavelmente lindos carros modernos. A cidade ingressa-se no rol das grandes metrópoles.

Nas Secretarias de Estado, nas repartições públicas em geral, introduzem-se novos métodos de serviço. No Serviço de Identificação, em que seu Manfredo estava ultimamente trabalhando, adaptam-se modernos arquivos, fichários, aplicam-se métodos recentíssimos de identificação por fichas dactiloscópicas. Organizam-se cadernetas de identidade, em que, juntamente com o retrato, vêm fixadas as impressões digitais.

Por mais que se esforçasse, não conseguia seu Manfredo compreender essa barafunda. Sim, porque tudo aquilo não passava para êle de uma barafunda. Um papelório imenso. Uma algarávia impossível de entender. Era inútil. Não entendia mesmo. E quando, num supremo esforço, procurava entender, aturdia-se todo, as coisas se lhe afiguravam baralhadas e confusas. O chefe do Serviço de Investigações chamara-lhe, um dia, obtuso, velho retrógrado e passadista. Ficara enfurecido. Não ia com a cara do chefe. Um sujei-

— Conclúe na página 22 —

**SEDATIVO do
Sistema Nervoso
Regulador da Emoção
BENAL
(EM DRAGEAS)**

Fórmula do Prof. Austregáilo

ROMANCE DE UM SÓ CAPÍTULO

AO DESLIGAR o telefone do escritório, Décio Barros sentiu-se aliviado como alguém que, prestes a receber uma punhalada, fosse acordado pelo criado do hotel com o "bom-dia" matinal e a bandeja de café, leite, pão e manteiga. Vinha de tirar um grande peso de sua consciência. Os fios do telefone guardavam o segredo de uma renúncia que tanto tinha de nobre quanto de invulgar, sobretudo se considerarmos que Décio tinha 25 anos e que a pessoa que estava do outro lado do fio, D. Diná, esposa do grande criminalista, Dr. Procópio Queiroz, tinha 30 anos, era, bela e ardente, de uma beleza incomum, à qual se poderia fazer uma única restrição: seus cabelos eram irritantemente loiros, loiros como uma moeda de cruzeiro recensada da cunhagem...

Mantivera com D. Diná as mais cordiais relações, até perceber que ela o pretendia transformar em rival do homem a quem tudo devia. Cortou, por isso, o mal pela raiz, é verdade que de maneira um tanto aspera, dando a entender claramente que seria incapaz de traír a mão amiga que se lhe estendera num dos momentos mais críticos de sua vida. Não era simples puritanismo. Era, sobretudo, gratidão, sentimento que os próprios cães, e especialmente os cães, cultivam...

Aquele telefonema fôra o ponto final de um romance de amor proibido, cujo primeiro capítulo não chegou a ser escrito...

Aliás, sobravam razões a Décio para tomar aquela atitude.

Em fins de 1928, deixou sua cidade natal, no interior de São Paulo, afim de arranjar, na capital do Estado, um emprego que lhe permitisse bacharelar-se em Direito.

Os fados, a princípio, não lhe foram adversos, pois arranjou duas colocações. Era revizor do "Diário Oficial" e 3.º escriturário, contratado, da Câmara Municipal.

Já estava no 2.º ano da Faculdade, quando se deu o advento da revolução de 1930. Perdeu as duas colocações e ficou sem saber para quem apelar. Não tinha relações junto às hostes revolucionárias e os vencimentos de seu velho pai, agente de estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, mal davam para o sustento da mãe, entrevada pelo reumatismo, e de 3 irmãos menores.

Travou, então, contacto com uma vida diferente, vida que so-

mente conhecia através de leituras. Sentiu fome, mas não essa fome literária que se presta para motivos de romances. Fome no seu sentido real, tendo de enganar o estomago, muitas vezes, com um pastel de chinês, uma empada, um sanduiche.

Na pensão de D. Benvinda, à rua Aurora, onde morava, somente ia dormir. Não tinha coragem de aparecer à mesa para o almoço e o jantar. Saía cedo, madrugada, para evitar encontros desagradáveis, nos quais D. Benvinda lhe perguntava quando pagaria os atrasados. Cruzava diariamente as ruas de São Paulo, — maior parque industrial da América do Sul, — à procura de um emprego que nunca aparecia. Os jornais estavam abarrotados de revizores, situação agravada pelo empastelamento de várias folhas governistas e semi-governistas, quando dos entusiasmos incontidos pela vitória do movimento armado.

Assim, passou meses e meses, sem um arrimo, sem um emprego, sem um ponto de referência na vida. Era um "extra-numerário" da existência, um sem-êira nem beira, filando um cigarro aqui, um almoço ali, um jantar mais longe, procurando evitar, o quanto possível, o dia fatídico do despejo da pensão, onde, de uma ou de outra maneira, ia dormindo.

Certa tarde, numa roda de bar, conheceu o dr. Procópio Queiroz. Narrando-lhe, com sinceridade, sua situação dolorosa, recebeu do renomado causídico um convite para trabalhar no seu grande e prestigioso escritório de advocacia.

Era a vida que novamente resolveva conceder a Décio seu lugarzinho ao sol! Estava habilitado a reencontrar-se com D. Benvinda, a voltar a tomar suas refeições costumeiras na pensão da rua Aurora. Era a existência nova que surgia, sem tormentos, sem torturas, sem dramas, sem preocupações!

Já na manhã seguinte, não se deu aos cuidados de saltar da cama cedinho, nem de ficar à espreita da hora em que D. Benvinda fosse à cozinha, para poder sair sorratamente, como o vinha fazendo. Esperou calmamente a chegada de D. Benvinda, que

vinha de testa franzida, o que tornava ainda mais fela sua cara bexigosa. Esperou D. Benvinda de pés firmes e respirando a lautos pulmões.

Quando D. Benvinda falou-lhe nos atrasados, pedindo-lhe o quarto, respondeu que, no momento, era impossível dar-lhe atenção.

— Calcule a senhora que tenho que entrar, agora, para o serviço, no escritório do Dr. Procópio Queiroz.

Falava com a calma de um homem que tem um emprego, que sabe que pode pagar a pensão, que não está mais, como célula morta, à margem da vida. Era um homem que trabalhava, que tinha emprego!

D. Benvinda espantou-se:

— Mas, o senhor não estava desempregado até ontem?

— Desempregado, D. Benvinda? "Vade retro"... A senhora até parece que quer dar azar no emprego! Figa, D. Benvinda. Estou empregado e bem empregado, vou prosseguir meus estudos, vou me formar.

D. Benvinda ficou satisfeita, quer pelo seu bom coração, quer pelas possibilidades de receber os atrasados. Mandou apressar-lhe um cafezinho rápido, atendendo a que Décio tinha de entrar no serviço, no escritório do Dr. Procópio Queiroz.

E a vida de Décio voltou ao ritmo normal que deveriam ter todas as vidas, de todos os homens... Tinha um emprego, usava do sagrado direito de trabalhar para ganhar o seu pão com o suor de seu rosto...

Continuou a pagar D. Benvinda com pontualidade, como sempre o fizera, antes de perder as duas colocações. Não foi preciso trancar a matrícula da escola do largo de São Francisco.

No escritório, pela correção de seu caráter, sua disposição de trabalho, sua dedicação, passou a merecer a mais absoluta confiança, da parte do Dr. Procópio.

Com o tempo, não eram mais o chefe do importante escritório e o modesto estudante de Direito. Eram dois amigos.

O Dr. Procópio costumava dizer-lhe:

— Menino, você, quando terminar seus estudos, pode fazer concurso para a Faculdade. Saiba, ando meio enciumado. Você

CONTO DE NOBREGA DE SIQUEIRA



vai me passar a perna como criminalista.

Passaram-se 3 anos. Décio concluiu o curso e o Dr. Procópio deu-lhe sociedade no escritório.

Foi quando começou a grande penitência. Até então, querendo guardar a distância que o separava do Dr. Procópio, nunca frequentara sua casa, elegante palacete que ficava nas Perdizes. Uma ou outra vez, falara com D. Diná pelo telefone ou levava-lhe um recado. Formado, passou a frequentar a casa, no geral para consultar as obras de direito na magnífica biblioteca do Dr. Procópio.

Tímido e simples, não poderia passar pela sua cabeça que D. Diná viesse a se apaixonar por ele.

DESENHO DE RODOLFO

Feminilidade ! Virilidade ! Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento **Hormônio-Vitaminal**, por meio de **OKASA**, produto de alta reputação mundial. **OKASA** (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultraracional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, **OKASA** é conhecido em todo o mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher. - Fraqueza sexual em todas as idades, senilidade, velhice precoce, fadiga e perda de memória, etc., no homem.

OKASA dá Vida Nova, Juventude, Beleza, Atração, Alegria de Viver. Em todas as boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao distr.

REPRESENTAÇÕES PAC LTDA. — Rua Guarani, 164 — Belo Horizonte

Afinal de contas, — pensava — o Dr. Procópio apesar de ter seus 50 anos, era bem conservado, moço, bonito. O casal não tinha filhos, mas, pelo que se dizia e pelo que lhe fora dado observar, vivia numa permanente lua de mel. D. Diná, embora fosse mais moça que o marido, não era nenhuma, menina. Décio nem podia explicar como aquilo tinha acontecido... E a insistência de D. Diná, querendo-o, não como amigo do marido, que o era, mas como homem, como amante...

Décio chegou a ter pequenas fraquezas, mas reagiu. Trair o amigo? Nunca! Trouxera de sua casa uma concepção de honra, da qual nunca se afastaria. O Dr. Procópio fôra o seu segundo pai. Nada teria sido na vida se não fosse ele, se não fosse a sua mão amiga que lhe dera um lugar ao sol. Tantos homens em São Paulo! Por que haveria D. Diná de apaixonar-se logo por ele?

E o drama foi se intensificando. D. Diná continuava com seus telefonemas constantes para o escritório, de vez que ele não mais apareceu no palacete das Perdizes

Até que, aquela tarde, êle disparou pelo telefone. Chegou a perder a linha, a não ser mais cavalheiro.

D. Diná que fosse para o inferno. Aquilo era um absurdo, um crime. Começou a pensar na sua situação:

— Era um sujeito pesado. Justamente no momento em que a vida, a grande vida, abria-lhe os braços carinhosamente, logo agora que estava formado, ganhando dinheiro, adquirindo nome e em condições de proporcionar certo bem estar a seus velhos pais, à mãe entrevada e aos irmãos, surgia-lhe pela frente D. Diná... Que tristeza!

Deixou o escritório, matutando no que deveria fazer.

— Sair de São Paulo, mudar-se para o Rio ou tentar advocacia no interior? Mas as coisas no interior, com o café por baixo, não andavam bem. No Rio, não tinha relações e em São Paulo estava feito.

Passou num restaurante, onde fez uma breve refeição. Após tomou um ônibus com destino ao seu apartamento, na praça Marechal Deodoro, pois, desde sua formatura, deixara a pensão de D. Benvinda. Estava apreensivo e triste.

— Porque sua vida haveria de ser sempre assim, cheia de altos e baixos? Porque D. Diná não foi gostar do padeiro, do jardineiro, do superintendente da "Light", do agente da Estrada de Ferro Central do Brasil? Por que D. Diná não morria, ó, Deus misericordioso? Uma mulher infame como D. Diná, que desejava trair o marido com o seu melhor amigo, deveria morrer!...

Ao entrar no apartamento, pensamentos lúgubres continuaram a povoar o cérebro de Décio. Tombou seus olhos para o passado:

— Quizera ser bacharel... conseguira-o. Estava formado e na antesala de ser um grande advogado, numa capital em que os grandes causídicos poderiam ser contados a dedo. Não almejava tanto... Contentar-se-lhe com menos. Apenas com o diploma, com um lugarzinho de delegado de po-

lícia ou de promotor público. Foi a lei das compensações... Se não fosse a revolução, que a princípio maldisse, talvez continuasse toda a vida como revizor do "Diário Oficial", como 3.º escrivão contratado da Câmara Municipal... Seu pai, durante toda a existência, não fôra agente da estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, na sua cidade natal? E' verdade que seu velho pai não era formado, ao passo que êle era bacharel em direito, era advogado! Todavia, quantos advogados conhecia por aí afóra, sem um emprego, sem uma causa, sem uma posição?... O êxito não depende de um diploma, nem de capacidade, nem de disposição. E' uma questão de "chance" tão somente. A revolução de 1930... O desemprego... A pensão de D. Benvinda... A fome... Um almoço aqui... Outro ali... Noites mal dormidas... Fome... Desespero... Nuvens... Bares... Um cigarro aqui... Outro ali... Pastel de chinez... Sanduíche... A cara de D. Benvinda... Fome... Depois... Um bar... O Dr. Procópio... Um raio de sol... O convite... O diploma... Tudo na vida depende de uma oportunidade... Quem tiver de tirar a sorte grande, nem precisará comprar bilhete... Achará na rua o bilhete premiado... O seu dia chegará... "Chance"... Oportunidade... Estrêla... D. Diná...

D. Diná tomou conta completamente do pensamento de Décio... Não se arrependia do que fez. Agiu como um homem de bem... Mudar-se-lhe para o Rio de Janeiro. Na capital da República, recomeçaria a luta. Sobravam-lhe animo e coragem. Era forte

Com essa resolução foi deitar-se.

Ainda não conciliara o sono, quando o telefone da mesinha de cabeceira tocou.

Era o Dr. Procópio, que, do outro lado do fone, chorava como uma criança e pedia a Décio que fosse até sua casa, imediatamente.

— Meu filho, sou um desgraçado. Venha logo... Minha Diná... suicidou-se!

FIXA, TONIFICA E DA' NOVO BRILHO AO CABELO

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO



ADQUIRA O SEU LOTE

NO MAIS CENTRAL E MAIS LINDO BAIRRO DA CIDADE

NINGUEM ignora que está surgindo em Belo Horizonte o mais central e o mais lindo dos bairros já construídos na cidade. Na antiga área da Universidade, magnificamente localizada entre os bairros de Lourdes e Santo Agostinho, acham-se os excelentes lotes que a Prefeitura Municipal vem vendendo em hasta pública, realizada duas vezes por mês, com enorme afluência de interessados.

Magníficas vivendas começam a erguer-se nos lotes já vendidos. No centro dessa área será levantada a bela Praça Carlos Chagas que será a mais linda da Capital e adornada por um belo templo católico. Em suas proximidades será levantado um grande Grupo Escolar, além de quatro colégios para meninos e meninas: Sion, São Paulo, Jesuítas e Diocesano.

AO LADO DOS BAIRROS
DE LOURDES E SANTO
★ AGOSTINHO ★

DUAS VEZES POR MÊS SÃO
LEVADOS A LEILÃO 5 LOTES
NA PREFEITURA MUNICIPAL

O MAIS SEGURO E RENDOSO
EMPRÊGO PARA O SEU CAPITAL

DEBENTE de MOR

de
Roberto Carson

DESENHOS DE AUGUSTO

HÁ MUITAS HORAS que aquela voz vinha ressoando no apartamento do hotel. Essa voz clara e serena era de João Fullbright Junior, jovem economista cujas conferências provocavam sempre largos comentários e os mais francos sucessos. João Fullbright costumava abordar problemas econômicos com um desembaraço e uma previsão verdadeiramente admiráveis.

Fullbright sempre fôra um jovem de aspecto agradável, alto e de rosto simpático. Todavia, devido ao excesso de trabalho e à pouca alimentação (comia pouco porque o trabalho não lhe dava tempo para alimentar-se melhor) estava fraco, abatido e com profundas olheiras. Parecia um homem mais velho e, sobretudo, um homem doente.

João Fullbright ditava e uma de suas secretárias ia rapidamente taquigrafando. Enquanto isso, o senhor Tisdale, homem nervoso e principal secretário do jovem Fullbright, fumava cigarro após cigarro.

Alguém bateu à porta do apartamento. Tisdale apressou-se em atender. Fullbright continuou ditando:

— ... nas circunstâncias atuais é de suma importância que a exportação...

Suas frases saíam cada vez mais entrecortadas. Ultimamente, sem saber porque, sentia uma sensação esquisita, uma opressão que aumentava à proporção que trabalhava. Era uma fadiga, um desânimo, um cansaço...

Tisdale voltou ao apartamento trazendo um maço de telegramas. Ao vê-lo, João Fullbright sentiu que a sensação desagradável de angústia aumentava. Parecia que seus nervos iam estalar. Os telegramas significavam mais trabalho, e ele de trabalho já estava superlotado. Tinha a cabeça zozna...

Tisdale começou a abrir os telegramas. Lia-os e os transmitia a Fullbright. Sim, não havia dúvida. Era trabalho, trabalho e mais trabalho. João soltou um suspiro que mais pareceu um la-

mento. Depois dirigiu-se à secretária:

— Onde estávamos? Ah! sim! Na conferência que devo pronunciar em Los Angeles.

— Sim, senhor Fullbright — respondeu a jovem — na conferência de Los Angeles.

— Pois me pareceu estar em Butte, Montana — disse Juan. — Bem, senhorita Sennet... prossigamos. "Devido à interdependência que existe no mercado do alumínio e do magnésio..."

— Escuta João — interveiu Tisdale que além de secretário, era amigo do jovem conferencista — aqui há um telegrama importante: "As plantações de maçãs se encontram numa situação muito precária no vale de Wenatchee..."

— Isso é coisa que se aprecia melhor vindo de perto do que ouvindo um simples telegrama — replicou João. Logo que termine este trabalho tomaremos um avião para Wenatchee.

— Esplêndido! Podemos fazer a viagem de ida e volta em vinte e quatro horas. Em seguida tocaremos para Seattle, onde devemos fazer tua conferência sobre... Sobre o que era, Fullbright?

— Sobre o que era, Fullbright? — repetiu João, como se desejasse agradecer com o amigo. E continuou:

— Em vinte e quatro horas vamos e voltamos... em vinte e quatro horas... em vinte e quatro horas... em vinte e quatro...

— Santo Deus! Pára com isso! — gritou Tisdale — Ficastes louco? Estás louco, Fullbright?

— Estás louco, Fullbright? — repetiu o jovem conferencista — Sim, estás louco, louco, louco... — continuou dizendo. E logo inesperadamente:

— Sinto-me maravilhosamente bem disposto!

Mal acabou de falar, levantou-se, e, arrancando os mapas que pendiam das paredes, rasgou-os ao meio. Não satisfeito, tomou todos os telegramas que Tisdale re-

cebera e os jogou pela janela afora. Depois desmaiou.

Tisdale ficou estupefato e, com os olhos a saltar das orbitas, percebeu que a jovem secretária sofrera um terrível susto. Procurou acalmá-la.

— Não se preocupe; isto às vezes acontece. E' o excesso de trabalho. Logo passará. Vamos transportá-lo para o sofá.

Os dois seguraram o jovem desmaiado e o recostaram no sofá. Quando João abriu os olhos Tisdale levantou-lhe a cabeça e perguntou:

— Como te sentes?

— Sinto-me bem — respondeu o jovem; — sinto-me bem... sinto-me... Mas devemos esclarecer a situação. Eu sou Fullbright e sou meio tonto! Sim... sim!

— Desta vez a coisa parece mais séria — disse Tisdale preocupado — Senhorinha Sennet, peço-lhe o favor de vigiá-lo. Não sabemos do que será capaz num estado como esse. Vou chamar um médico. Voltarei logo. Creio que necessita de um especialista. E não se alarme, senhorinha Sennet. Fullbright está com o sistema nervoso arrasado devido ao excesso de trabalho.

— Eu sei — falou a jovem secretária recobrando por completo a calma — antes de trabalhar com o senhor Fullbright fui secretária de dois professores que sofriam mais ou menos de acessos semelhantes. Um deles terminou suicidando-se...

Tisdale saiu correndo. O que acabara de ouvir o alarmava. Era preciso tratar de Fullbright antes que ele cometesse qualquer loucura irremediável.

Quando o diligente secretário e amigo voltou ao hotel o fez em companhia duma jovem bonita que trajava um costume clássico e elegantíssimo. Numa das mãos segurava uma pequena valise.

Tisdale aproximou-se do amigo e perguntou:

— Podes falar, Fullbright? Se podes, fala algo aproveitável. Não quero ouvir tolices.

Posso falar perfeitamente — replicou João, agora mais refeito do acesso. — Quem é esta senhora? — perguntou assim que viu a linda jovem em trajes tão severos.

— Não é uma senhora — replicou Tisdale embora a contragosto. Esta senhorinha é doutora em medicina e veio para examinar-te.

— Tua idéia é muito interessante, Tisdale, mas o momento não é para troga.

— Nada de troças, senhor Fullbright — interveiu a recém-vinda. Exerço há muito a medicina; sou a doutora Barclai. Quer tirar o paletó, por favor?

Fullbright deu um tremendo salto, e olhou a doutora Barclai com olhares espantados. Mas logo sentiu a cabeça rodar e viu tudo nublado ao redor. Tisdale e a senhorinha Sennot tornaram acomodá-lo no sofá antes que ele caísse.

— Desmaiou de novo? — perguntou Tisdale.

— O melhor é transportá-lo para a cama — disse a doutora Barclai num tom que não admitia réplica.

Fullbright foi colocado no leito. A doutora Barclai tirou o termômetro da pequena valise e o colocou sob o braço do enfermo. Depois passou a tomar as pulsações.

— Como lhe dizia, doutora — continuou Tisdale — Fullbright tem trabalhado dezoito horas diárias, isso há muitos meses. Sou de opinião que ele deve submeter-se a uma cura pelo repouso.

— Devia dedicar-se à medicina... disse a doutora Barclai — Podem ajudar-me a tirar-lhe a roupa? Devo examiná-lo.

O senhor Tisdale tirou os sapatos, o paletó e a camisa do jovem Fullbright. E já começava a tirar a camiseta quando Fullbright, voltando a si, procurou logo cobrir-se com u'a almofada.

— Alto lá! — gritou — Que estas duas moças saíam imediatamente do meu quarto.

A senhorinha Sennot logo se retirou. Tisdale quis acabar de tirar a camiseta mas Fullbright bradou:

— Um momento! Não vêes que ainda há u'a mulher no meu quarto?

— E' a doutora Barclai, demônio! — exclamou Tisdale já impaciente. Não vêes que ela precisa examinar-te?

— Pois que examine outro, se quiser!

ser! — protestou João.

— O senhor não está se comportando normalmente — interveiu a jovem doutora. — Ouçame: seu tórax não será um espetáculo novo para mim. Já vi muitíssimos antes do seu. E' minha profissão.

— Eu quero um médico, um homem — teimou Fullbright. — Onde está o médico do hotel?

— Tu sabes perfeitamente que o hotel não dispõe agora de mais de um médico, homem — disse Tisdale procurando convencê-lo.

Além disso, tu necessitas de um especialista. Creio que não ignoras a falta de médicos. Não fizeste uma conferência em Nova York a propósito da escassez de médicos? Vamos, homem de Deus!

— Sim, é certo — admitiu debilmente Fullbright. Sem esperar mais nada, Tisdale arrancou-lhe a camiseta. E o enfermo, resignadamente, submeteu-se ao exame da dra. Barclai, coisa que ela fez com segurança e rapidez. Depois tomou algumas notas e voltando-se para o doente disse-lhe num sorriso angelical:

— O senhor está demasiadamente magro.

— Não estranhe — replicou ele — não como outra coisa senão sanduíches.

— Precisa duma alimentação mais suficiente. Agora — faça-me o favor de tirar as meias.

— Isso não! Para que?

— Tenho que examinar os pés. E' muito importante. Tire-as e não proteste mais, senhor Fullbright.

Tisdale se encarregou de tirar as meias. A doutora começou a examinar-lhe os pés enquanto Fullbright a olhava detidamente.



EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

Quanto mais a observava mais beleza descobria naquele rosto. Uma maravilha! Uma verdadeira maravilha!

A doutora Barclai voltou a tomar notas numa caderneta. Por fim guardando a caneta automática, disse:

— Bem, trata-se de um pouco de neurastenia. Nada para alar-mar. Há distúrbios nos vasomotores, hipertensão como consequência dos transtornos cerebro-espinhais e debilidade gastro-intestinal que geralmente se apresenta acompanhando os sintomas já mencionados.

— Tudo isto me faz adivinhar que a conta dessa visita não sairá por menos de cinquenta dólares — disse Tisdale pensando alto.

Fullbright lançou-lhe um olhar fulminante pelo aparte inoportuno.

A voz da jovem e bela doutora era tão suave, tão aveludada e acariciadora, que ele sentia enorme prazer em escutá-la, ainda que pronunciando palavras científicas como as que acabara de dizer.

— Muito bem, senhor Fullbright, — continuou a doutora — o senhor necessita descansar. Terá que fazer um repouso continuado, prolongando-o no mínimo por seis semanas; a menos que prefira continuar trabalhando. Nesse caso, eu o previno: dentro de pouco tempo será forçado a abandonar o trabalho para sempre. Ficará inutilizado. O senhor está sofrendo de um terrível esgotamento físico e moral. Isso se complicou com a sua alimentação inadequada. Deve decidir-se: ou descansa agora seis semanas seguidas, ou ficará mais tarde incapacitado de trabalhar para o resto da vida.

— Muito bem — disse Fullbright sondando o terreno — quer dizer que terei de ficar seis semanas sob os seus cuidados, doutora Barclai?

— Se assim deseja, nada tenho a opôr.

— Pois é isso o que eu quero — exclamou ele.

Tisdale fitando Fullbright perguntou:

— Poderás explicar-me o que isso significa? Primeiro protestas-te porque não te trouxe um médico, um homem. Agora estás disposto a submeter-te ao tratamento da doutora Barclai por seis semanas. Queres explicar-me?

— Ouve Tisdale — disse Fullbright com seriedade — estou discutindo o caso com a doutora; tu nada tens que ver com isso. Que fazes aqui?

Tisdale se retirou sem mais nada dizer. A doutora guardava seus instrumentos, 'quando' acrescentou:

— Nos casos de neurastenia costumam haver certas complicações, perturbações emotivas... temos que falar nisso, senhor Fullbright.

— Sim, devemos falar minuciosamente nisso — assentiu ele devorando-a quase com os olhos.

A doutora Barclai o fitou numa estranha expressão:

— Vou mandar-lhe uma enfermeira. Enquanto isso, descanse e pense em algo agradável. Voltarei à noite.

Fullbright recostou-se na cama, satisfeito. Há muito tempo não descansava assim. Sentia uma agradável sonolência ao pensar ternamente na medicina como profissão. Finalmente, esse torpor foi interrompido pela presença de um mulherão de aspecto imponente que lhe foi logo ordenando um banho. Ele obedeceu sem contestar, pois a presença dessa mulher tão grande (era a enfermeira enviada pela doutora Barclai), inspirava-lhe receio.

Uma vez no leito, a enfermeira deu-lhe dois remédios de sabor esquisito. Afinal, recordando o que a doutora Barclai recomendara, Fullbright se pôz a pensar em algo agradável e adormeceu pensando nela...

Quando despertou era noite. Ao seu redor estavam Tisdale, a enfermeira e a doutora Barclai. O primeiro lhe disse:

— Teu pai quer falar contigo; acaba de pedir um interurbano. Fullbright tomou o fone e ouviu a voz apressada do pai:

— Es tu, João? Diz-me: que significa o que acaba de me dizer esse idiota do Tisdale? Que se passa contigo?

— Estou sofrendo de neurastenia — disse ele — acompanhada de transtornos emotivos.

— Arre! Isso é uma fraca desculpa para não trabalhar. Não faças caso do que disserem os médicos.

— Devéras, papai?

— Certamente, João. Mas, diz-me lá: a que atribuem essa tua doença?

— Ao excesso de trabalho. Meu médico disse que tenho de descansar no mínimo, seis semanas.

— Tolices! Eu sempre trabalhei sem descanso e aqui me tens são e forte.

— Alegro-me em sabê-lo, papai; mas no meu caso...

— Quando eu comecei a trabalhar nunca soube o que foi descanso. Eram dezoito horas no duro... — replicou o pai — E veja como estou!

— Por telefone não posso ver, papai.

— Deixa-me falar com o médico; quero trocar umas palavras com ele...

Fullbright obedeceu. Quando a jovem doutora Barclai colocou o fone junto ao ouvido percebeu uma série de palavras incompreensíveis. Pelo tom em que foram ditas, outra coisa não podia ser senão um conjunto de vitupérios.

— Se deixar de gritar talvez eu possa lhe explicar o que tem seu filho — disse calmamente a jovem doutora.

Mas as palavras ásperas continuaram. Ela sorriu e, sem alterar-se, replicou:

— O senhor parece ser muito desagradável. Desagradabilíssimo! Ao falar ouve-se um estranho ofegar; eu no seu lugar procuraria um médico; é possível que tenha asma...

O telefone continuava a saltar

desafinados sons. E a bela discipula de Hipócrates não suportou mais:

— A mim pouco importa que tenha o senhor sessenta milhões. O senhor é um néscio e não sabe o que está dizendo. Se o seu filho é meu cliente cumprirá à risca todas as minhas determinações. Passe bem. — Bah! E cortou a ligação.

A jovem doutora, como se nada tivesse acontecido, preparou uma seringa e aplicou uma injeção no jovem Fullbright. Só depois, lhe disse com naturalidade:

— O senhor seu pai não parece estar de acordo com o meu diagnóstico sobre o seu caso.

— Não se incomode; meu pai nunca está de acordo com coisa alguma — disse o enfermo.

— Se deseja, abandonarei o caso e chamarei outro médico para examiná-lo...

— Não! não! Nada disso. Sinto que se não me atender ficarei muito mal...

Tisdale o olhou significativamente e interrompeu-o:

— Na minha opinião, já estás bastante mal. Diz-me: quando poderás realizar a próxima conferência?

— Não sei — respondeu Fullbright — Consulta o meu médico...

Depois disso, todos se retiraram, menos a enfermeira que aplicou umas compressas no doente. Este não tardou em adormecer. E por "rara" casualidade sonhou com a doutora Barclai...

Na semana seguinte, Fullbright apareceu mais disposto. Estava mais corado e com um aspecto mais agradável. Sua vida era agora um tanto igual. Recebia diariamente uma visita médica e um chamado telefônico do pai. Tomava muito leite e muita vitamina. Continuava com as compressas frias. Raramente falava com a enfermeira que parecia emudecer cada vez mais.

Na décima noite de tratamento, Fullbright pôde levantar-se e saiu para um passeio em companhia de seu médico. Celaram juntos. Ele se sentia muito bem; entretanto achou de boa tática fazer-se, ainda, de enfermo. Disse que sentia tremores e uma certa opressão... A doutora replicou:

— Antropofobia. Não se preocupe. É um sintoma natural da doença. Confie em mim. Ficará completamente curado.

— Sim, eu sei, eu sei! — assegurou ele com ardor.

Fullbright comeu com apetite e bebeu um pouco de excelente vinho. Sentiu-se maravilhosamente bem disposto e só podia olhar com gratidão e afeto a mulher que lhe salvara a vida. Antes de tudo,

10 jóias
preciosas



— para os seus encantos!

• Sim! As unhas bem cuidadas são verdadeiras jóias! Tornam os gestos aureolados de leveza e graça. Sobre tudo, definem a personalidade. Porque são jóias pessoais, feitas para suas mãos! Dê-lhes o carinho que merecem. Realce-lhes a fidalguia do desenho e a beleza do colorido, envolvendo-as na magia do esmalte CUTEX! De fácil aplicação, o esmalte CUTEX ensina uma perfeita manicure e permanece fielmente ao serviço dos seus encantos femininos... Experimente-o hoje!

ESMALTE

CUTEX



O Esmalte Mais Popular em Todo o Mundo!

a olhava com admiração. A doutora Barclai deixara os severos costumes e trazia agora um vestido deliciosamente feminino. Estava lindamente penteada. Parecia uma das encantadoras duquezas do Watteau.

— Quando a contemplo — disse Fullbright — sinto-me entontecer... Como se chama?

Ela sorriu e respondeu:

— Isabel.

— Posso chamá-la Isabel nas horas em que não fôrmos médico e doente?

— Se lhe agrada...

Ouve uma pausa e logo acrescentou:

— Sinto uns transtornos no coração...

— É possível que tenha uma pulsação no epigastro — replicou ela num tom inteiramente profissional.

— Será isso... — murmurou ele.

Ela tomou-lhe o pulso. E disse:

(Continúa na página 20)

O Juiz e Papagaio

Conto de Malba Tahan

Desenho de Rochu



A opulenta cidade de Cabul vivia, nêsse tempo, agitada por um estranho boato. Diziam alguns, afirmavam muitos que o integro e prestigioso juiz Fauzi Trevic, antes de sair para o exercício de suas altas funções no Tribunal, ouvia os conselhos de um papagaio.

Havia até quem soubesse particularidades sôbre o caso. O papagaio fôra trazido das montanhas por um feiticeiro famoso e vivia encerrado num rico aposento, longe das vistas e dos ouvidos curiosos.

Os mais ousados garantiam que se tratava de uma ave encantada, que trazia no corpo o espírito de um gênio — um djin, talvez. O maravilhoso papagaio conhecia jurisprudência e ditava leis com a eloquência e sabedoria dos grandes ulemás. Não havia, aliás, outra explicação para aquele mistério, pois o juiz Trevic proferia sentenças notáveis fundamentadas sempre com grande elevação, e elogiadas pelos advogados mais exigentes e intolerantes.

O caso chegou, afinal, ao conhecimento do rei Nassin ben-Nassin.

— Mac Allah! — exclamou o soberano persa.

— E' assombroso! Quem poderia acreditar que houvesse no Islam, um papagaio capaz de orientar as longas sentenças de um sábio juiz?

Resolvido a esclarecer, de qualquer modo, o enigma, o poderoso rei mandou vir à sua presença o doutíssimo Fauzi Trevic e interrogou-o.

Seria verdadeira aquela voz que corria pela cidade, abalando os incrédulos e enchendo de infinito assombro os simples e os ingênuos?

— Sim, ó Rei magnânimo! — é verdadeira a voz — respondeu o ilustre "cadi". — Não devo ocultar a verdade. Todos os dias, antes de seguir para o Tribunal, ouço os conselhos de um modesto papagaio verde de bico amarelo! Juro, pelas barbas de Maomé, que é essa a expressão da verdade!

— Exaltado seja Allah!, o Único! — exclamou o monarca. — Não creio que possa existir, sob o céu ou sôbre a terra, maravilha maior do que essa que acabais de revelar!

— Vejo-me forçado a dizer-vos, ó Rei do Tempo! — prosseguiu o Juiz — que o papagaio, meu amigo e conselheiro, só sabe pronunciar duas palavras. Com êsse limitadíssimo vocabulário consegue êle orientar, com segurança e clareza, tôdas as minhas sentenças.

— Com duas palavras! Que palavras mágicas serão essas, que servem, como dois faróis, no meio do oceano das leis?

Respondeu o digno magistrado:

— Bondade e Justiça! Justiça e Bondade! Eis as duas palavras que ouço todos os dias de meu papagaio! Procuo tê-las sempre, bem vivas no fundo do coração! Quando estudo as causas, sôbre as quais sou obrigado a votar e decidir, esforço-me por ser bom, ser justo. A Justiça que corrige ou castiga deve ser inspirada pela Bondade que nobilita e eleva. E ainda mais: a Bondade, que exalta o fraco, não pode prescindir da Justiça que reabilita o forte. Confesso, pois, que tôdas as minhas sentenças são norteadas pelo admirável conselho do papagaio: Bondade e Justiça!

Por Allah, senhor dos mundos visíveis e invisíveis! Por Allah! Seguissem todos os reis, ministros e magistrados o conselho daquele papagaio, e a felicidade desceria sôbre os povos e a paz reinaria entre as nações!

Uassalam!

O milagre de escrever *sêco*... ao seu alcance com a Parker "51"



"A mais desejada" entre as canetas, a Parker "51", tem sua pena protegida contra o ar; e, por isso, começa a escrever imediatamente, a tinta flui sem interrupção e... "escreve sêco com tinta líquida!"

● A Parker criou uma caneta inteiramente nova, completamente diferente de todas as outras até então fabricadas.

Sob a sua concha pontiaguda, há um tubo de ouro de 14 quilates com ponta de osmirídio micro-polida. Está sempre úmida - sempre pronta a escrever - deslizando suavemente sobre o papel!

E agora... o milagre! Para esta caneta, os peritos da Parker criaram a tinta de secagem mais rápida do mundo... a nova tinta Parker "51", que seca à medida que se escreve! Dispensa o mata-borrão! A Parker "51" pode também ser usada com qualquer outra tinta que o Sr. deseje - mas o Sr. não *desejará* usar outra.

É fácil compreender a grande procura que há desta caneta. Se o seu fornecedor não a tiver agora, deixe o pedido feito. Vale a pena esperar por ela.

GARANTIA VITALÍCIA - O Losango Azul "Parker", estampado no segurador, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por toda a vida deste, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, porte e seguro, cobrá-*se-á* apenas a importância de Cr\$ 10,00.

Escreve sêco

com tinta líquida!

Parker "51"

PREÇOS: Cr\$ 375,00 e
Cr\$ 450,00 em todas as
boas casas do ramo.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.º de Março, 9 - 1.º - Rio de Janeiro
5802-P J. W. T.



NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS, premiando com a importância de Cr\$ 100,00 o melhor trabalho que recebe durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.) O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 8 laudas em formato ofício e o mínimo de 3 laudas.
- 2.) Motivo e ambiente nacionais.
- 3.) Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.) Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa. Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

— Seu pulso está acelerado, Fullbright

— Sempre que você o toca ele se acelera.

— Sim, já observei isso — acrescentou a jovem tornando-se pálida.

— Quando vejo essas preciosas mãos — disse ele, quasi fóra de si, tão emocionado estava — começo a pensar e a sentir que...

— Não compreendo... acaso venha a ser um sintoma de...

— Não é coisa que explique a medicina, Isabel — concluiu ele sem hesitação — Estou enamorado de você... desde o dia que auscultou o meu coração pela primeira vez. Quero casar-me com você e que me atenda para o resto da vida. Quero ser seu paciente vitalício. Quer, Isabel?

Ela deixou passar uns segundos antes de responder. Tinha a voz ligeiramente rouca.

— Era precisamente o que eu recejava. Não pode ser, Fullbright. Amo minha profissão; para mim não seria tudo tê-lo como único paciente. Custou-me devêr fazer esse curso. Você não sabe como é difícil para u'a mulher realizar o ideal almejado... Agora que o alcancei não posso abandoná-lo...

— Mas... eu não me oponho que extraia de vez em quando um ou outro apêndice... Isabel. Poderíamos nomeá-la médica das fábricas de meu pai...

A doutora Barclai abanou lentamente a cabeça.

— Sim, eu sei — replicou. — Faria uma clínica para mim. Você é muito bom, Fullbright. Mas isso não pode ser.

— Mas...

— Por favor, não falemos mais nisso. Vamos embora. Você precisa descansar.

De volta, ela esperou que ele se deitasse. Depois aplicou-lhe uma injeção. E para surpresa sua, despediu-se:

— Você já não necessita mais de meus cuidados nem tão pouco da enfermeira. Cuide-se e descanse. Adeus.

Fullbright ficou desapontado. Começou a refletir, e de repente, encontrou a solução desejada para o seu "caso". Resolveu telefonar para Georgia McKinstry que tinha a fraqueza de namorar com todo bicho vivente que pertencesse ao sexo masculino. Georgia aceitou imediatamente o convite para visitá-lo no hotel e tomarem uns coquetéis.

Já se dispunham a repetir a bebida quando a doutora Barclai, que atendera um telefonema de

Fullbright, voltou para levar um dos seus instrumentos esquecidos no apartamento.

O plano de João Fullbright ia muito bem: Isabel acabava de encontrá-lo em companhia de Georgia McKinstry. Esperava que esse estratagemma desse resultado.

Quando Isabel Barclai viu o cálice de coquetel na mão de Fullbright tornou-se séria, quasi zangada. Com toda a calma ele perguntou:

— Aceita um coquetel, doutora?

— De modo algum — replicou ela; — eu não beberei nem você tão pouco!

Georgia olhou Isabel da cabeça aos pés e perguntou admirada:

— Fullbright, quem é esta senhorita?

— E' meu médico, a doutora Barclai — replicou ele.

— Tua doutora? Mas, também há médicos femininos?

— Recolha-se imediatamente, Fullbright — ordenou Isabel com severidade. Ele se retirou.

Enquanto se preparava para deitar ouviu que as duas moças conversavam. Alimentou alguma esperança.

Mas a expressão de Isabel ao entrar no quarto tirou-lhe toda a ilusão. O plano não dera o menor resultado...

— Tire a camisa — disse Isabel sem olhá-lo. Ele obedeceu apressadamente. Ela aplicou-lhe uma injeção. Quando terminou, disse com voz sarcástica:

— Alegro-me ao saber que já se sente bastante forte para beber e divertir-se. A senhorita Georgia McKinstry acaba de explicar-me que vocês dois pensam em casar-se brevemente. Felicito-os.

— Oh! não é certo! Houve um equívoco. Amo-a, Isabel, e...

— Como médico aconselharia que não se casasse tão depressa — disse ela sem lhe dar atenção. — Deve esperar ficar mais forte. Sobretudo para casar-se com u'a mulher como essa senhorita...

— Você não compreende — insistiu Fullbright.

— Compreendo mais do que pensa! Além de ser um nervoso crônico é também um farsante. Saiba desde já que não sou mais seu médico. E para que se lembre de mim, aqui está!

Unindo a ação à palavra, Isa-da com toda a força da mão abarbel aplicou-lhe uma forte bofetada com toda a força da mão aberta.

Fullbright raciocinou tão depressa quanto pôde. E logo executou o que refletia. Quer dizer: começou a gritar, a atrair tudo

quanto encontrava no chão e a arrancar a roupa. Terminou a comédia deixando-se cair pesadamente no solo onde permaneceu rígido e com os olhos fechados.

Houve um longo silêncio. Alguem deixou escapar uma profunda exclamação; a isto seguiram-se ruídos de passos precipitados e o bater de uma porta que se fechava.

Fullbright abriu um dos olhos e a primeira coisa que viu foi o bem modelado tornozelo da doutora Barclai. Ergueu mais o olhar e encontrou o rosto da jovem. Ela o fitava com um sorriso zombeteiro. E o pobre compreendeu que esse era o fim. A comédia fracassara.

— O que acaba de fazer é dolorosamente ridículo — disse a jovem — e não provoca a menor simpatia de minha parte. Será melhor que vá dormir pois já é tarde. Vou-me embora; e não tema: essa vampiresca Georgia não voltará mais. Disse-lhe que você está completamente louco e ela, assustada, sumiu.

Com isto voltou-se para sair, fechando a porta num estrondo. Fullbright permaneceu no solo, triste e meditabundo. Em seguida, levantou-se e olhou ao redor. Estava terrivelmente desolado. Sem saber como, começou a dizer coisas completamente desconexas...

— Sim, senhores e senhoras, nesta conferência trataremos do tão discutido tema...

E logo começou a atirar todos os objetos no chão. Mas desta vez não dava conta do que fazia e finalmente desmaiou.

Quando recuperou os sentidos, estava nos braços da doutora Barclai. Isabel soluçava.

— Querido, — disse carinhosamente. — Fala-me... fala-me... Eu sou a culpada deste ataque que acaba de sofrer. Compreendi enquanto me chamavam. Perdôa-me?

— Oh, sim... respondeu êle num murmúrio.

— Casaremos — disse Isabel Barclai; casaremos enquanto ainda está forte e... Casará comigo, Fullbright? Casará?

Fullbright nunca se sentiu tão bem como neste momento. Mas pensou que era melhor certificar-se. Por isso mesmo, fingiu-se desvalado. Replicou:

— Eu me casarei consigo, Fullbright... me casarei consigo... me casarei consigo... me casarei consi...

A doutora cerrou-lhe os lábios com um beijo. E então êle não pôde mais fingir. Rodeou-a com os braços e retribuiu o que recebera com juro...



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

O OVO DE PASCOA

O costume do ovo de Pascoa é velho como o mundo, e recorda as antigas tradições da raça ariana, que sempre representou o sol como um belo ovo de ouro, chocado por um ganso, por uma pata ou por uma galinha.

Na mitologia indiana o ovo de ouro, que navega sobre as águas, é o sol nascente, o sol que, no principio do dia, ainda ofuscado pelas nevoas da manhã, se apresenta no horizonte como um globo dourado... Na cosmogonia grega, a Noite, de azas negras, procreava um ovo, e desse ovo, sai Eros, o deus da luz e da vida. Na Ramaiana o céu é comparado a um lago, no qual o sol é um pato de ouro. Nas fábulas russas, a pata encantada põe um ovo de ouro todas as manhãs (o sol), e à noite um ovo de prata (a lua)...

* * *

O RELOGIO DE UM BRAVO

UM chefe de Guarda do Corpo de Frederico o Grande, muito vaidoso, mas, ao mesmo tempo bom soldado, tinha uma corrente à qual trazia preso, em vez de relógio, que êle não podia comprar, uma bala de espingarda. O rei, sempre disposto a rir de tudo e de todos disse-lhe um dia para gracejar:

— A proposito, chefe, o senhor deve ter feito economias para comprar um relógio. No meu são seis horas: diga-me, quantas marca o seu?

O chefe que havia compreendido a intenção do rei, tirou vivamente a bala do bolso e disse:

— O meu relógio não marca as horas, mas recorda-me a todo o momento que e meu dever morrer por Vossa Majestade.

— Bravo! disse-lhe o rei comovido — tome este relógio para que possa também saber as horas.

E deu-lhe o seu, cravejado de diamantes.

descrever os passes "formidáveis" do Zézé, quantas bolas bateram na trave

Que importavam os pintos? Que importavam as bolas na trave?

Aquêlê dia, Marilisa não suportava nada, nada.

Felizmente, termina o jantar sem fim e a mãe lhe pergunta:

— Que é que há?

— Nada.

— Olhe, a mim você não enganar. Conte. Que há?

A menina deu graças então, de contar.

— Briguei com Rogério, mãe. Ele é divorciado e terminamos tudo. Mas, veja. Eu não estou chorando.

— Antes assim, minha filha.

E a mãe procurava mostrar que não percebera os vestígios das lágrimas.

Ao retirar-se para o quarto da mocinha, a pequena ainda vira-se, falando num tom de revolta:

— Tantos rapazes a me festejarem e fui gostar de um "homem casado". Por que, mãe?

Adaptada ao longo sofrimento da vida e sofrendo ainda com Marilisa, a boa senhora diz sómente: E' do mundo, minha filha.

... ..
Pingaram os anos ingratos, correram os anos felizes.

Marilisa passou a bela idade em que se pensa que se vai mesmo morrer de amor.

Custou um bocadinho esquecer aquela beleza machucada. Foi ao Rio, ondulou a plástica em Copacabana, dançou na Urca, serpenteou na Avenida. Afinal, parece que esqueceu.

Com o passar do tempo, notando que as crianças de outra geração estavam mocinhas e ela ia ficando, Marilisa resolveu casar-se. Por que prender-se a uma sombra? Ficar solteira, neurastênica, vestir anjinho, escrever cartas a locutores e artistas de rádio? Nunca!

De vez em quando a imagem do rapaz, escondida lá num cantinho do coração, queria aparecer e tomar conta do coração inteirinho.

A moça reagia e já que não pôde casar com Rogério, foi casando assim, tolamente. Talvez, em se casando, o esquecesse para sempre.

Porém, fez mal a Marilisa. Pobrezinha, foi bem infeliz. Sentia-se jogada na vida. A quem dedicar todo aquêlê carinho latente, contido dentro de su'alma? A Roberto, seu marido? Oh! Não. Casara para ver se esquecia...

Felizmente, depois de algum tempo veio Luizinho, o filho adotado. Este foi a válvula por onde

escoou toda a capacidade de amar, daquele temperamento afetivo.

E agora, ali estava Marilisa com o pequeno ao colo, linda ainda, de personalidade mais acentuada ainda, mais mulher.

Na grande sala de jantar, conversava em frente à cadeira de balanço onde balançava de mansinho a velhice "tradicional" de sua mãe.

— Mãe, por que fui casar justamente com Roberto, tão cheio de vício. Chega tarde em casa, ébrio, dizendo palavrões. Eu me revolto, mas não grito, não dou escândalo. Mas... há momentos em que vejo não suportar mais esta vida assim.

— Contenha-se, Marilisa. Você tem Luizinho e precisa sacrificar-se por causa dele. Não pensa em separar-se de Roberto, pensa? (Vejo a voz, cansada e compassiva).

— Não, mãe. E os conceitos sobre a Família? Este lastro que vem de longe... longe... "Casados até que a morte os separe".

Virtuosa Marilisa. Sempre e sempre, vítima da muralha dos preconceitos sociais... O nome da Família tornara-se uma obsessão.

E levantando a cabeça, num trejeito de revolta incontida ela diz:

— Por que fui casar justamente com Roberto, mãe?

A resposta veio, tão banal, tão simples e humana.

— E' do mundo, minha filha.

*

GRATIS! peça este livro



ENVIE DOIS CRUZEIROS EM SÉLOS PARA O PORTE POSTAL

UZINAS QUÍMICAS BRASILEIRAS LTDA.

CAIXA POSTAL, 74 JABOTICABAL EST. DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

to intragável, metido a capitão de indústria. Não gostava de funcionário assim. O funcionário, para ele — ó belos tempos de Ouro Preto! — deveria ser um cidadão ponderado, comedido, solene. Nada de afobações, nada de correrias, nada de modernismos na burocracia. Nada de jacobinismos no seio do funcionalismo público. Ficasse lá por fora os revolucionários, os destacados da vida administrativa. Para segurança do Estado o funcionário devia ser por excelência conservador. Funcionários jacobinos eram uma constante ameaça aos poderes públicos, à ordem instituída. Quando o funcionalismo se deixa contaminar por idéias subversivas, tudo está perdido. O governo tem em seu próprio seio o germen da rebelião. Na revolução francesa foi assim. Em todas as revoluções foi isto o que se deu.

Já que não conseguia adaptar-se, já que se não podia deixar levar de roldão pelo progresso asanhado e insatisfeito, sua tábua de salvação, nesse transe difícil, só poderia ser a aposentadoria. O remédio era mesmo aposentar-se. E bem que já era tempo de cuidar disso. Completara já mais de trinta anos de serviços públicos.

Aposentou-se. E com a aposentadoria veio-lhe o desejo de não mais residir no bairro dos Funcionários. Queria um outro ambiente, bem diverso daquele em que, por incompreensão, fôra nesses últimos tempos tantas vezes torturado. Não queria continuar naquela casa da avenida Brasil em que, ao chegar à janela, dava de cara com a Secretaria do Interior. Ali trabalhara durante longos anos, de início aprazivelmente, mas de resto numa completa inadaptabilidade, num constante conflito com os novos funcionários. O que lhe fôra alegria no passado se tornara angústia no presente. Não fôra a idade quem o afastara de lá. Sentia-se ainda bem disposto para o trabalho. Fôra o progresso desenfreado a que, pelo temperamento, pelos modos de agir, jamais lograria adaptar-se.

Resolvera mesmo mudar-se. Escolheu uma ruazinha perdida no bairro de Santa Teresa. Era a rua Euclásia. Se hospedaria na casa de D. Valquíria, viúva muito distinta e necessitada, mãe de quatro filhas a educar. Pagaria bem a D. Valquíria por uma pensão de quarto e refeições, não

apenas ajudando-a, com isso, a educar as filhas, mas criando para si um ambiente inteiramente novo, e quem sabe, renovador? Queria um quarto só para ele, sem companheiro, sem tropeços aos seus hábitos e comodidades. Nada de companheiros, nada de comunismos, que por companheiro só tivera a esposa, e só Deus sabe o quanto lhe custara se acostumar sem ela.

Instalou-se, com seus petrechos, num quarto pequeno, era verdade, mas de paredes muito altas, arejado, cuja porta, saída independente, dava para uma varanda espaçosa, onde ele poderia, à farta, e com a devida calma, ler os jornais e fazer a sesta.

Um mundo novo lhe sorria dali. A rua o atraía desde a primeira vez em que lá esteve. Ruazinha simpática, de nome ainda mais simpático — EUCLÁSIA. D. Valquíria não se sabia ter em amabilidades. Todos, solícitos, o lisonjeavam. As quatro meninas, tão graciosas, o cercavam de delicadezas. Um mundo novo, sem dúvida, para ele que sempre testara inovações, aferrado intransigentemente à tradição, ao passado, metido sempre num ter-ninho que, quando novo, obedecia ao talho antigo, com a sua inseparável gravata preta — marco indelével da recordação de Ester — atada ao colarinho impecavelmente engomado. Esse mundo novo não lhe poderia, em absoluto, alterar o porte, as maneiras, o modo de trajar-se.

Adelina, a mais jovem das quatro moças, lhe dispensava especial atenção. Gostava de lhe espantar a estante, de lhe encapar os livros, de lhe passar a ferro as gravatas pretas. Perguntou-lhe certa vez: — Por quê é que o senhor está de luto?

— Foi Ester, minha esposa, que morreu há muitos anos. Morávamos ainda em Ouro Preto quando ela morreu.

— Mas, seu Manfredo, luto por tanto tempo assim...

— Sim, minha filha, Ester foi muito bondosa para mim. O meu pesar é para toda a vida.

Como Adelina gostasse muito de leitura, pegou a ler os livros de seu Manfredo. Isto seriamente o preocupava por lhe não querer deixar cair nas mãos um Voltaire, um Renan, um Diderot, um Eça de Queirós, um Júlio Ribeiro...

*

A aposentadoria dera em lhe causar na alma um profundo vácuo, um vazio imenso. O sem que fazer lhe dava tédio, angústia, uma constante inquietude. Nunca trabalhara intensamente, era verdade, mas sempre o fizera me-

todicamente. E agora começara a sentir falta desse trabalho metódico. Pegara a pensar, a pensar, a excitar-se mentalmente com pensamentos que nunca tivera. Pensamentos lúbricos, maléficos, ruins.

Com a falta de trabalho, com o não desgaste mental dela proveniente, parecia lhe voltar à tona, como compensação, uma certa exuberância vital. E aquilo não lhe ficava bem com a idade, com o seu amor ao método, ao equilíbrio, à ponderação. Não que fosse refratário ao sexo. Isso não. Nunca o fora. Tanto assim que, por ocasião da morte de Ester, em que tivera ímpetos de jurar castidade para o resto da vida, detivera-se a tempo, contentando-se em apenas jurar que não mais se casaria. E cumprira o juramento. Sempre fora comedido nas ações, nas maneiras, nos gestos, no trabalho, no alimentar-se, no trajar-se. Nunca transgira; jamais se transviava um milímetro de sua linha de conduta. Mas aqueles impulsos que pegara a sentir agora tinham um caráter mórbido, pareciam querer levá-lo ao desregramento, à luxúria, à

*


SCOTCH TWEED


COVILHÃ


S-120

O MELHOR SORTIMENTO DE
CASIMIRAS E LINHOS
NACIONAIS E EXTRANGEIROS

RODRIGUES
ALFAIATE

EDF. HAAS-SALAS 108-110
R. BAIA, 887-B. HORIZONTE

fixbril

ASSENTA E DÁ BRILHO
AO CABELO • FIXBRIL
É USADO PELO BOM BARBEIRO



perdição. E aquela criada nova que D. Valquíria arranajara, parecia o demônio que viera do inferno para o tentar naqueles momentos de tédio. Frequentemente lhe entrava no quarto para espantar os livros, os móveis, deixando ver assanhadamente umas coxas lindas, exuberantes, sexual demais. Uma mulata do outro mundo, irresistível, polarizando sexo. Chamava-se Xantipa. Um nome grego, pôsto que nada tivesse de grego a não ser os modos um tanto bruscos, peculiares também à esposa de Sócrates, e que a tornavam, dada a espontaneidade de gestos, ainda mais atraente, excitante.

Sentia por ela um impulso irrefreável, um desejo irresistível de a trancar no quarto, de a despir, de a apertar, de consumar tudo... Mas isto seria um golpe de morte à sua respeitabilidade, à sua conduta irrepreensível, ao seu nome honrado.

Um dia em que lhe quis pegar nas mãos, ela deu um grito e afastou-se:

— Sai velho assanhado! Eu gosto é do sargento Antônio, da polícia.

Ainda bem que ninguém ouviu. D. Valquíria estava na cozinha, com Adelina. As outras três moças estavam passeando, na "matinée". Os pensionistas tinham ido ao futebol. Estava em placar o clássico Atlético x Cruzeiro.

No dia seguinte, pela manhã Xantipa não veio arrumar o quarto. Esperou pela hora do almoço para que o "velho assanhado" estandando à mesa, não a viesse importunar. Quem veio ao quarto foi Adelina, buscar as gravatas pretas de seu Manfredo. Engomou-as, passou-as a ferro, pôlas estendidas na cama, bem arrumadinhas.

Ao entrar no quarto e se deparar com as gravatas, ali na cama, novamente engomadas e passadas, sentiu "seu" Manfredo, como em outras vezes também o sentira, imensa ternura. Aquela menina era um anjo, uma delicadeza, uma flor. Mas um grande temor se lhe apossou da alma.



SOFRE DO FÍGADO, ESTÔMAGO E INTESTINOS?

**TOME
ESTOMAFITINO
E COMA O QUE QUISER**

LAB. LINDACRUZ — Av. Amazonas, 298 — Belo Horizonte

E' que se sentia rejuvenecer. A aposentadoria, por mais que isto lhe parecesse estranho, dera-lhe novas energias, ainda que mórvidas. E pôsto que êsse excesso de juventude na sua idade lhe parecesse um paradoxo, a verdade é que sentia lhe brotarem novas forças, novas energias, estranhos impulsos. Acometera-lhe o pavor de sentir por aquela menina os mesmos ímpetos animalescos que sentira por aquela mulata diabolicamente sensual. Tal pensamento acabrunhara-o bastante.

Chegara mesmo a prostrá-lo. Seria horrível! Uma blasfêmia! uma afronta a tudo quanto fôsse bom-senso! E o meio de evitar que isso acontecesse? O meio de evitar — êle bem o sabia — não haveria de ser por certo refrear tais tendências. O recalque seria pior. O remédio seria mesmo dar livre curso ao seu desenvolvimento, por outros meios, por evasivas. Precisava expandir-se, ou melhor, precisava casar-se.

Arranjaria uma moça boa, que não fôsse lá muito nova para ser sua espôsa. Mas para isso era preciso romper com o passado, com a tradição, e, o que seria pior, quebrar um juramento. Ester, lá do seu tûmulo, não o perdoaria jamais. Vigilaria seus passos; persegui-lo-ia. Lembra-vam-lhe, nesse instante, as palavras proferidas solenemente junto ao corpo da espôsa: — Juro-lhe por Deus que não me casarei mais nunca.

E nesse instante, como quem reage contra êsses pensamentos sifilíticos que emperram a ação, tomou entre as mãos nervosas as

gravatas pretas, amarrotou-as, apertou-as e logo depois atirou-as ao fundo do quintal, para bem longe.

Rompera, assim, um dos elos mais fortes da corrente que o prendia ao passado.

que o prendia ao passado.

Em seguida foi apressadamente à cidade comprar umas camisas e gravatas novas, de tôdas as cores: verdes, amarelas, vermelhas, furta-côr...

Voltou satisfeito. Aquêlê dia

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA
ESCRITÓRIO?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA

ARTIGOS DE
PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS

AV. AFONSO PENA 1050
FONE 2-1607 e 2-3016
BELO HORIZONTE

lhe assinalara uma nova etapa na vida. Mandaria fazer um terno claro, talhado à moderna. Reformaria radicalmente toda a indumentária. Substituiria, pelos modernos, todos os colarinhos de ponta virada. Seria, em suma, um novo homem, pronto, para o que desse e viesse.

No dia seguinte "seu" Manfredo não se levantou cedo, como era costume. A manhã foi passando sem que êle saísse do quarto. A mulata, depois daquele incidente, dera em arrumar o quarto quando êle saía para o almôço. Quem notou foi Adelina, que bateu na porta uma, duas, três vezes sem que êle viesse atender. Deu alarme. Chamou D. Valquíria e os pensionistas. Estes, aos trancos, arrombaram a porta. Encontraram-no morto. Uma síncope cardíaca o prostrara durante o sono.

Vestiram-no. Ataram-lhe ao pescoço uma gravata nova, das que êle havia comprado na véspera.

Adelina só veio vê-lo quando já estava no caixão. Chorou convulsivamente. Ao contemplar a fisionomia serena de "seu" Manfredo, deu com aquela gravata verde, dissonante:

— Quem foi, mãe, que atou nêle aquela gravata?

— Foram os rapazes, que o vestiram, minha filha.

— Não pode ser. Não é dêle essa gravata. As que êle tinha eram tôdas pretas. Assim êle fica esquisito, sem jeito... Assim não é "seu" Manfredo.

E foi apressadamente à cidade, comprar uma gravata preta para atar ao pescoço de "seu" Manfredo.

*

FAMA

CHAMOU-SE à Corte, o celebre Levret para tratar da Delfina que estava doente. O Delfim diz-lhe:

— O senhor está bem satisfeito, por tratar da Delfina. Isso vai dar-lhe fama

— Se eu não tivesse fama, disse socegadamente o médico, não estaria aqui.

*

EXPLICAÇÕES

ESTAVA o poeta Saint-Amand numa sala com um homem cujos cabelos eram pretos e a barba branca. Esse contraste pareceu singular e todos perguntavam qual seria a razão, quando Saint-Amand se voltou para êsse homem:

— Com certeza o senhor trabalhou mais com o queixo que com o cérebro.

*

AZEITE ou Oleo **VIDA** — é o preferido por ser o melhor. Sementes de amendoim selecionadas.

CONCLUSÃO

da se consumia lentamente como uma estrela numa nuvem de inverno, rolavam dentro das órbitas consteladas de lágrimas.

— Mamãezinha, abra um pouco a janela... Quero ver o luar...

— Meu anjo, veja se dorme...

— Abra a janela, mamãe... Quero ver o luar... Pela última vez... Deixe que a luz entre no quarto... Olhe, repare, mamãe... Como a noite está branca! E' o efeito do luar! E' como um sortilégio... Parece que há neve a cair no jardim, como num sonho branco, por detrás da vidraça... Ao menos, abra mais a cortina...

A janela se abre. O êstase do luar, de repente, se derrama no interior do aposento. E' uma luz difusa, mística, indefinível. E' como se fosse a alma de um perfume noturno, uma essência feita de ternuras.

A pequena enferma soluça:

— Assim, assim, mamãe... E' tão bom ver o luar! Como eu o adoro! Ele parece todo de rosas! Rosas brancas, de jaspe, de âmbar! Deve haver muitos jardins dentro da lua! Não é, mamãe? E' uma obsessão! O branco é uma palavra insistente, que parece perseguir-me. Ah! como é fino e transparente este luar de junho!

Uma pausa. Carinhosamente, contendo o fluxo das lágrimas, mordendo os lábios aflita, a senhora lhe acaricia os cabelos. A enferma novamente soluça: — Lembra-se, mamãe? Quando eu estava na escola, gostava tanto de dizer aqueles versos que falavam de junho... Como são? Ah! sim... Espere... Já estou esquecida... Era assim que eu fazia... Alongava a mão, como se mostrasse um lago, e dizia:

"O' lua branca de junho!

O' lua!

Como um cisne pensativo, tu flutuas na água adormecida do lago...

E as estrelas... E as estrelas..."

Ah! esqueci o resto... O luar... As estrelas.

Uma tosse violenta fá-la silenciar os seus queixumes. Logo depois, ela recomeça mais triste:

— Mamãe, mamãe, eu sei que vou morrer... Tenho a impressão de que a minha alma irá viver nos jardins extasiados da lua. Quem sabe? Talvez eu me transfigure numa flor desses jardins lunares.

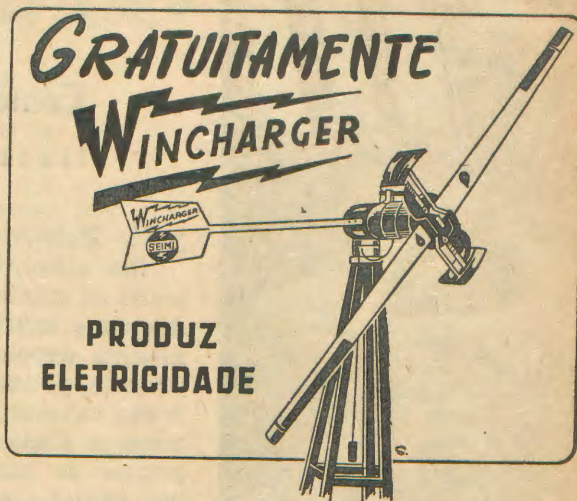
Outro acesso de tosse corta a exaltação de suas palavras.

— Descance, minha filha, descance! Você não morrerá! Você só tem treze anos. E' uma criança! Ainda há de viver muito... Isso é o delírio da febre. Você está muito fraquinha... Não fale mais! Há três noites não dorme. Vou fechar a janela. Sim? Você está tossindo muito. Vamôr tomar o remédio.

— Não, não, mamãe! Deixe que o luar entre... Que horas são?

— Duas da manhã.

— Pois, olhe, às três, não serei mais deste mundo... Você perderá a sua Ione... Ah, que frio! E' o frio da morte. E' sim... Veja, veja, mamãe, estou gelada! Será que já pertencço mais ao luar do que à terra? Mamãezinha, que tem? Está chorando? Não, não chore! Sente-se aqui, junto a mim... Junto à sua filha...



Aproveitando a força do vento, que é transformada em energia elétrica poderá V. S. iluminar sua casa de campo, fazenda, chácara ou sítio.

Modelos que, com baterias especiais, permitem instalar desde 6 até 45 lâmpadas, funcionar rádio, bomba d'água, ventiladores, refrigeradores etc.

SOC. ELETRO IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

Rua Curitiba 631 Belo Horizonte End. Telegr. "SEIMI"
Telefone 2-7560 M. Gerais Brasil Caixa Postal. 580

Ela ofega um instante. A mãe chora. *

— Olhe, quando eu morrer, você me há de vêr nas claras noites de lua. Eu a verei de lá! De lá dos jardins lunares... Você me enviará os seus beijos... E eu... E eu... Ah, não posso mais! Está chegando a hora. Que frio horrível! O relógio está batendo duas pancadas... Agora, só resta uma. Mamãe! Mamãe...zinha... Ma... mãe...zinha...

Desesperada, soluçando, a pobre mãe se reclinou sobre o corpo da filha. A palidez da tuberculose é agora, mais impressionante. Seus membros se relaxam. As unhas se lhe arroxeam. A cabeça pende para trás. O coração materno palpita. Palpita desordenado...

Duas e meia..."

*

Devolvi-lhe as folhas de papel, sentindo no coração um aperto. Estava fortemente emocionado.

O médico então esclareceu:

— Agora, você compreenderá por que tôdas as noites de lua, aquela senhora que você viu no salão, fazendo o seu tricô, isto é, a pobre mãe de Ione, parece mais um errante fantasma ou uma figura de Mater-Dolorosa, passeando diante da grade do quarto, e a enviar beijos ao céu...

— Beijos que ela supõe correspondidos pela filha... — insinuei.

— Ou pela tristeza fria do luar...

* * *

BOAS RESPOSTAS

Um mediocre escritor falava a Piron:

— Eu quizera fazer uma obra sobre o que nunca se houvesse escrito nem escrevesse jamais.

— Faça o seu elogio, replicou-lhe o escritor.

orte e velório de

Conto de ALMEIDA FISCHER

Ilustração de AUGUSTO

SEU Malaquias era um velho solteiro muito estimado na minha cidade natal. Magro e muito alto, assim mesmo, depois dos seus oitenta e poucos anos, ainda conservava o busto ereto, como se fôsse um homem de pernas de pau, dêsses que, nos grandes centros, fazem a propaganda de um sem número de produtos comerciais e que movimentam a curiosidade de toda a molecada do lugar. Carregava sobre a pequena cabeça um enorme chapéu de abas largas que tornava a sua figura ainda mais estranha e original.

Trabalhar, propriamente, não trabalhava. Defendia-se com alguns biscates que lhe roubavam o menor tempo possível às suas longas palestras sobre pescarias, caçadas e brigas de galo. Morava em companhia de uma irmã também solteira e tão velha quanto ele, aliás, dois anos mais nova, a popular Nha Quitéria, indispensável em todas as casas onde houvesse um doente a cuidar ou defunto a dar banho e vestir.

“Seu” Malaquias sabia como ninguém contar casos, longos casos pitorescos do tempo do imperador. Gaba-se de ter conhecido D. Pedro II, numa das suas visitas aos barões de Resende, em Piracicaba, insistia na descrição das festas realizadas no teatro Santo Estêvão em honra do imperador.

Velho bastante popular e originalíssimo exemplar da vulgaríssima espécie humana, “Seu” Malaquias ganhou muito dinheiro posando co-

mo modelo a alguns dos mais brilhantes pintores piracicabanos. Muitas vezes ele ia, de casa em casa, convidar os amigos a irem apreciar o seu retrato a óleo, numa exposição de pintura que acabava de se abrir.

Um dia “Seu” Malaquias que era um acessório da cidade, como os postes elétricos, as praças e os jardins, deixou de passear a sua figura comprida de gigante doméstico pelas ruas, como fazia todas as manhãs, à noite não frequentou os diversos grupos de velhos que se reuniam nas calçadas ou à porta dos botequins.

— “Seu” Malaquias está demorando hoje...

— E'. Ele não passou na oficina, de manhã...

Muitos estranharam a sua ausência, mas esperavam vê-lo surgir no dia seguinte com o seu enorme sorriso vermelho de gengivas fortes, pronto para contar um novo caso de caçada, ou, com um bonito galo índio nas mãos, a garantir que é o campeão do mundo... Mas, “Seu” Malaquias não apareceu e na outra manhã, a cidade inteira sabia que ele estava de cama e não passava muito bem.

Os velhos e as velhas, os moços, as moças e as crianças, então começaram a ir visitá-lo em sua casinha de arbalde. Nhá Quitéria recebia a todos atenciosamente, servia um cafézinho muito bom, mas não descuidava um minuto do velho irmão, inseparável companheiro de quase cem anos de lutas.



“seu” Malaquias

MENÇÃO HONROSA NO CONCURSO PERMANENTE DE “ALTEROSA”

Os amigos falavam de cascadas, intimavam-no a sarar até “depois de amanhã” para ir com eles a uma grande pescaria no Corumbataí, inventavam brigas de galos para lhe contar. “Seu” Malaquias conversava bem, ria com os outros, dava a impressão de que no dia seguinte estaria novamente vagando pelas ruas, completamente restabelecido. Mas, morreu. Houve um momento em que todos pararam de falar para que ele descansasse, dormisse. E ele foi mesmo se acomodando e dormiu para sempre. Se não fôsse Nho Zé, velho conhecedor profundo desse momento de transição entre a vida e a morte, “Seu” Malaquias teria morrido sem vela. Parece que ele só esperava, por delicadeza, que os amigos acabassem de falar, para morrer. Faleceu calmamente, sem um gemido.

A’ noite, a cidade inteira veio para o seu velório. A casa era muito pequena e não comportava tanta gente. Então, o povo foi-se espalhando pelo terreiro do lado da casa, foi invadindo a rua. O interessante é que ninguém fazia o elogio do morto, como é de praxe. Chegavam, entravam na salinha para ver o morto e saíam aos grupos, conversando sobre coisas outras. Todos eram seus amigos e evitavam falar sobre o acontecimento. A’s onze horas da noite, o povo começou a se retirar pouco a pouco.

— Tem muita gente. Amanhã eu venho para o enterro...

— E a casa é muito pequena para toda essa gente...

x x x

Depois da meia noite, apenas umas oito pessoas velavam o corpo. Também, esse era o número máximo de pessoas que a salinha comportava.

Nha Quitéria, com os olhos vermelhos e secos, parecia uma sonâmbula. Ficava tecendo pela salinha, ia até o quarto, mas voltava logo, sem saber o que fazer, talvez imaginando um jeito de ressuscitar o morto.

Uma senhora quarentona distribuiu cachaça e depois café com pão doce. A conversa, que estava meio desanimada, parece que voltou mais entusiasmada e pitoresca. A nuvem cada vez mais densa da fumaça dos cigarros, começou a escapar para a rua, pela porta entre-aberta. O gato da casa, um bonito gato comum, acostumado a dormir nas cadeiras, não vendo nenhuma vazia, pulou sobre o caixão e se acomodou sossegadamente em cima do morto. Nho Zé espantou o gato.

Seu Ambrósio—coveiro—começou a contar casos de aventura com onças, jacarés, queixadas e outros bichinhos pelo meio.

— ... quando a bicha pulou do barranco, eu molhei descontroladamente na calça. Meu pai fez fogo com a picapáu e matou a pintada. Era no inverno e eu comecei a sentir um frio danado...

Então, por falar em onça, “Seu” Jôca se lembrava de outro caso acontecido com ele no “Páu Queimado”. E Seu

Anselmo também se lembrava de uma porção deles, do tempo em que era moço e tinha trole de aluguel. E todos os velhos ameaçavam começar a narrativa ao mesmo tempo. Saíam uns começos de história meio vacilantes, logo interrompidos por outros começos não menos vacilantes até que um conseguia se firmar, diante da ansiosa expectativa dos outros por uma interrupção em que pudessem enfiar rapidamente o início do seu caso... Mas o narrador percebia que queria atrapalhá-lo e continuava firme, em voz bem alta que encobriria qualquer possível aparte. Então, os demais se conformavam em ouvir apenas.

As histórias de onças, queixadas, cobras, etc., se prolongaram por muito tempo. Todos os narradores, ao terminar o seu caso, sentiam-se orgulhosos, como se tivessem salvado a pátria.

O velório deve ter sido inventado pelos velhos. Os moços se aborrecem logo, sentem sono e não sabem nenhum caso para contar.

Se contassem coisas de namôro, aventuras amorosas com mulheres dos outros, falassem das farras noturnas nas casas de tolerância, os velhos não compreenderiam e nem esse é assunto para ser ventilado ao lado de um cadáver. Então, eles ficam quietos, ouvindo e bocejando, espantando o sono com um cigarro sobre outro. Os velhos não. Conversam satisfeitos, dão enormes gargalhadas como se estivessem numa festa de aniversário e até lamentam quando abrem a janela e encontram o dia presente.

x x x

A palestra às vezes ia desanimando pouco a pouco e chegava mesmo a parar. O assunto já estava esgotado. Mas, logo em seguida, depois

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
**Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

de alguns pigarros sem necessidade, alguém iniciava outro assunto. E vinham então os casos fantásticos de assombrações, almas do outro mundo que ficavam pagando os seus pecados, liquidando as suas contas na terra. Os casos eram muitos e os mais variados e enchiam a noite de sombras e de apreensões, fazendo os presentes olharem instintivamente para o defunto.

A porta da saleta estava aberta para a noite escura. A insignificante luzinha da esquina (era a última luz elétrica daquela rua) ficava a uns oitenta metros da casa e não clareava nada. Sapos batucavam longe o seu batuque sem graça. Havia estrelas pelo céu sem lua (onde andaria a lua?) e gri-los pelos cantos dos muros, orquestrando músicas bobas. Galos roncavam valentia nos quintais.

Nhô Zé estava contando já o oitavo caso de assombrção, quando teve a infeliz idéia de olhar o defunto.

Interrompeu a narrativa bruscamente e ficou olhando pateticamente para o morto, sem saber se corria ou ficava ali. O corpo de Seu Malaquias tinha se mexido no caixão. E Nhô Zé viu (palavra de Deus que vi com estes olhos que a terra há de comer...) o cadáver se mexer. Os outros apenas notaram que Seu Malaquias estava com a boca aberta e que a faixa de pano que tinham amarrado para conservá-la fechada, havia se desprendido.

Nhô Zé ficou meio enca- bulado e nem teve mais ânimo para continuar na prosa. Encolheu-se num canto, ainda um pouco desconfiado com o defunto e não disse mais nada. Esse seria mais um caso para ser narrado em outros velórios...

*

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brow Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima dando-lhes nova vida e vigor.

PANSEXOL, existe numa fórmula para cada sexo, Masculino e Feminino. Encontra-se a venda em todas as drogarias e farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Produtor Panvital - Rua da Estrela, 6
RIO DE JANEIRO

Pansexol

"M" e "F"

"EM DRAGEAS"

Quiseram amarrar novamente a boca de Seu Malaquias, mas Nhô Zé se opôs:
— De noite não presta. Dá azar...

*

O PRETORIO

O PRETORIO, também conhecido como "Fortaleza ou Torre Antonia", em homenagem à mulher de Herodes, o Grande, que a fez construir, era a residência habitual da corte e de seu comandante, e ali se alojava o procurador quando vinha anualmente à cidade por alguns dias, afim de fiscalizar a imensa multidão de judeus que acudiam a Jerusalém para assistir às festividades da Pascoa.

Segundo a mais respeitável tradição, apoiada pelos relatos do Evangelho e confirmada pela arqueologia, foi na "Torre Antonia" que o governador Poncio Pilatos julgou e sentenciou Jesus Cristo. Em suas dependências teve lugar a flagelação e a coroação de espinhos. De um dos balcões do palácio, teve lugar a apresentação do Filho de Deus ao povo, pelo governador, que dizia: "Ecce Homo". Ali, finalmente, foi Ele condenado à morte e colocado sob cruz.

Eis o que nos transmite a tradição mais segura e assim o atestam as capelas da "Flagelação" e da "Sentença" construídas ali e pertencentes ao convento da Ordem dos Franciscanos.

*

UM BAROMETRO ECONÔMICO

SIMPLESMENTE é preciso uma chicara de café, onde se deita um torrão de açúcar, sem mecher. Surgem logo do açúcar umas bolhas de ar que são excelentes indicadores meteorológicos. Se acaso se juntam no meio da chicara, pôde-se contar com um belo dia. Mas se, ao contrario aderirem às paredes da chicara, formando uma especie de anel com um espaço claro no centro, preparem-se com um guarda-chuva, porque está iminente um aguaceiro. Se as bolhas se espalharam irregularmente pela superficie do café indicam tempo variavel.

AZEITE MARIA, o preferido em todas as mesas pelo seu excepcional paladar.

A Economia É UM HÁBITO

QUE SE DEVE CUL-
TIVAR DESDE OS
PRIMEIROS ANOS



ABRA PARA SEUS
FILHOS UMA CA-
DERNETA NA



As grandes virtudes do homem são de-
vidas, geralmente, à educação que
êle recebe no lar. E uma das maiores
virtudes, pelos benefícios que encerra
para o individuo e para a coletividade, é,
sem dúvida, o sentimento de economia,
que torna o homem prudente e o acober-
ta contra as incertezas da vida. Faça
seus filhos praticarem o hábito salutar
da economia, desde os mais tenros anos.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

RUA DA BAHIA, 1649
FONE 2-0151
BELO - HORIZONTE

RETIRADAS POR MEIO
DE CHEQUES • ÓTIMOS
JUROS • GARANTIA DO
GOVÊRNO DO ESTADO

A CANÇÃO DO DESERTO



Conto de Achmed Abdullah

DESENHO DE ANTONIO ROCHA



ALTO, de ombros largos, rosto de aguiá, olhos brilhantes e penetrantes, barba avermelhada e de porte arrogante, era o príncipe Othman Ali, filho do grande governador da Alta Tartaria. Aos vinte e três anos, era governador de Khorassán, senhor de rica província que se estendia até Samarkanda.

Na realidade era muito altivo e olhava com arrogância incomparável ao homem que se achava em sua frente, tão jovem quanto ele, alto, de ombros largos, com uma barba tão negra como uma noite de tormenta. Negra como a dor de uma viúva, cujo marido está para sempre debaixo da terra. Negra como a morte produzida pela fina lâmina de uma espada de Bokharán.

O homem estava desarmado. Uma hora antes, quando se achava disposto a sair da cidade montado em belíssimo animal, roubado e levando consigo uma bem provida bolsa, também roubada, cujas moedas retiniam agradavelmente a cada movimento, uma patrulha tartara havia caído sobre ele, gritando-lhe desaforadamente:

— Alto, ladrão! Pára, patife! Detenha-se, assassino!!

E depois de uma luta violenta e desigual, em que teve que enfrentar vinte homens, a patrulha desarmou-o e o fez prisioneiro. Sem perda de tempo, os soldados levaram-no à presença de Othman Ali. Estava ele agora a sós com o príncipe, no imenso salão de audiências, mãos atadas às costas, com uma ferida na face, escorrendo sangue, a roupa em pedaços, e ainda assim cheio de arrogância.

— Qual o teu nome, criatura? E qual a tua nação?

— Sou conhecido por Tur Japhet. Vivo aonde encontro homens valentes e mulheres formosas para amar. O meu tipo bem diz qual é a minha nação. Sou um afgã e muito me orgulho disso.

Levantou a cabeça e poz-se nas pontas dos pés para parecer mais imponente que o próprio príncipe.

Tur Japhet, tinha como o seu povo, a eterna primavera no coração e esta primavera, para ele, era sinônimo de novas aventuras, novas bocas para beijar, ansia eterna de viver, para gozar uma hora a mais de amor, para levar a cabo

mais uma aventura ou sustentar uma nova batalha.

— Majestade, sei que ao amanhecer do dia, esta minha formosa cabeça, estará enfeitando uma estaca, colocada à entrada deste palácio; por isto mesmo, desejaria pedir-lhe uma graça.

— Fala; que te escutarei.

— Peço-te uma hora de liberdade, um cantaro de vinho, um homem com quem cruzar a minha espada e uma donzela para passar suavemente os meus últimos instantes de vida. Conceda-me esta graça e juro pelo Alcorão, que terminada esta hora, estarei de volta e entregarei minha cabeça ao verdugo.

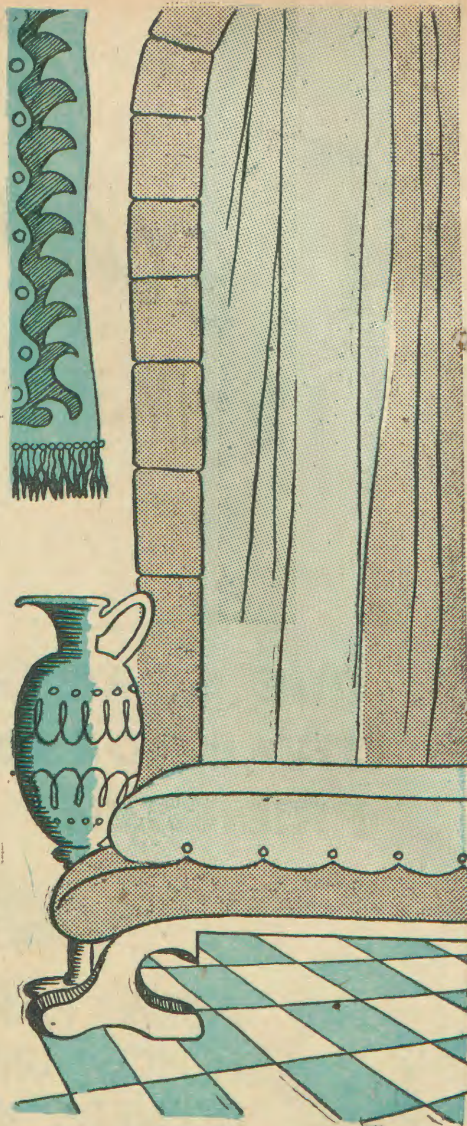
Othman sorriu e perguntou-lhe:

— Posso confiar no teu juramento?

O afgã pareceu considerar a pergunta e replicou:

— Pensando no que acabas de dizer-me só tenho a confessar-te que não. Não podes confiar no meu juramento, porque, pelos dentes do Profeta, não há juramento que não rompesse, nem pecado que não fosse capaz de cometer, para ter liberdade, que é o que mais quero nesta vida.

— Liberdade para fazer o que?





— Para fazer o que quero, para amar e viver, para odiar, enfim, para viajar e percorrer caminhos desertos.

— O caminho sem lei que conduz à força...

— O caminho que antes de conduzir à força, está cheio de risos e cantos.

— Cantos de guerra!

— Nem sempre. Há cantos de passaros, na primavera. Há cantos de amor e de paz. Tenho sido feliz, admirando no inverno, o crepitar da lenha e a dança das chamas. Como é benfazeja a paz que Alá ordenou aos homens, quando esta é compartilhada com a mulher amada! Uma mulher de lábios vermelhos, cabelos castanha, pele branca, olhos negros e mãos suaves, que saibam serenar os desordenados e dolorosos batidos de um coração enamorado... Que melhor bem poderia haver na terra?

Fez uma pausa. Quando continuou a falar, a sua voz era baixa com um tom de melancolia.

— Esta mulher existiu para mim. Chamava-se Ayesha. Nunca poderei esquecê-la, apesar de que ela foi minha somente uma semana.

Tur Japhet suspirou e, depois, inesperadamente, soltou uma gargalhada.

— Queres saber como foi que me apodeiei de Ayesha?

— Quero.

— Eu a roubei de um marajá do Indostão. Roubei-a na sua frente e de seus soldados gordalhões antipáticos. Malditos sejam eles, por que vieram tomar-me essa maravilha, essa joia de mulher.

— E como permitiu que a tomasse?

— Como impedi-lo, se veio em minha perseguição, acompanhado de mil guerreiros? Não creias que fugi, lutei com todos eles.

Othman tossiu e perguntou:

— Dissestes mil guerreiros?

— Eram novecentos e noventa, se fazes questão de saber a conta exata. Nesta batalha lutei como um bravo. Atravessei dezessete capangas com a minha espada. Doze ficaram em pedaços. Vinte e três desmaiaram ao ver-me brandir a espada. Enfim, puderam dominar-me.

Eram muitos, para um só.

Sorriu, levantou a cabeça com imponência e acrescentou:

— Esta é a pura verdade. Podes crê-lo ou não.

Othman começou a pensar: — Este bandido é mentiroso e fanfarrão, porém valente, isto é que não resta a menor dúvida. Mostrou a sua valentia, nesta mesma tarde, ao combater a patrulha tartara. É um homem livre como nenhum outro. Livre apesar de estar com as mãos amarradas às costas e a cabeça à mercê do verdugo. Livre, inteiramente livre, enquanto que eu, o poderoso príncipe Othman Ali, o amado, respeitado e temido, não o sou. Não sou livre apesar da pompa e esplendor em que vivo. Sou escravo dessa mesma pompa e esplendor. Sou escravo das tradições de Bokharán. Tudo porque sou o filho do grande chefe da Alta Tartaria e governador de Khorassán.

Sua mãe, a quarta esposa do grande governador, a mais bela e querida, era antes de ser comprada por um punhado de moedas, a mulher do deserto, filha de uma tribo nômade, que preferiu andar pelos bosques desertos, a fazê-lo pelas estradas movimentadas. Preferia a vida do deserto às comodidades da cidade.

Sua mãe sempre lhe dizia que sentia em seu coração profunda saudade de sua vida de nômade. E ele por acaso não era o filho dessa mulher? Como não haveria de sentir essa mesma nostalgia? Em suas veias corria o mesmo sangue materno, que reclamava liberdade.

Ali, recordava a sua infância. Durante a sua meninice havia trocado muitas vezes o conforto do palácio de seu pai, pelos longos passeios nos bosques.

Recordava-se de como havia sido feliz no deserto, onde não há caminhos traçados, onde se faz o que se quer e tendo por companhia as montanhas e as árvores dos bosques.

Vira cousas variadíssimas e surpreendentes. Uma vez, havia visto uma lebre brincando de esconder com o seu filhote. Viu em um ninho, o romper de sete ovos azuis, de onde saíram sete cabeças de garça, cobertas de plumas. Em uma noite, pôde observar, o encantador reflexo da lua e das estrelas em um manso lago. A' tardinha pudera ouvir muitas vêzes o cantar dos passaros, o canto da liberdade.

Agora haviam tolhido a sua liberdade. Havia-lhe ensinado a adotar ares de grande senhor. Havia-lhe feito enfim, o governador de Khorassán.

— Ai de mim. Não sou digno de compaixão, encerrado nesta jaula de pedra, a que chamam palácio? Não sou o pobre, o desventurado que tem de dormir em almofadas de seda, quando desejo apoiar a minha cabeça na dura terra? Não sou um louco quando me deixo prender por cadeias de ouro?

O príncipe soluçou. O afgã levantou a cabeça e o olhou bondosamente.

— Estás triste?

— Sim, muito triste.

— E por que?

— Pelo que estou pensando.

— Pensas talvez em alguma mulher?

— Não. Penso em um homem. Em mim mesmo. E penso também... — Othman pôs-se a rir — que vou conceder-te a graça que me pedes.

— Que felicidade! Terei liberdade por uma hora?

— Não. Serás livre para sempre, com uma condição.

— Diga-me, por Alá.

— Quero compartilhar a tua liberdade. Quero ir-me daqui. Percorrer contigo, ombro a ombro, os caminhos da felicidade. Permitirás que seja o teu companheiro?

— Satisfeitíssimo. Se te sentes feliz por esta classe de vida, partamos.

— Quando partiremos então?

— Creio que o melhor momento de partir é agora mesmo.

Uma hora depois, os dois jovens emprendiam a jornada. Viajaram toda a noite e o dia seguinte. Que dia maravilhoso. Um céu azul e um sol com raios de ouro. O dia mais indicado para se percorrer o deserto.

Galoparam sempre juntos e assim se tornaram bons amigos, os melhores amigos do mundo. Chegaram a amar-se com um amor sadio de homens fortes. Seus braços estavam sempre ancosos por desembainhar a espada. Estavam sempre dispostos a atacar uma caravana, sem nunca temer o numero de pessoas com quem teriam que lutar. Sempre prontos para homenagear a toda donzela formosa que cruzasse em sua frente, homenagem que elas sempre recebiam com satisfação.

Formosos, muito liberais, presentavam às jovens, com ricas joias de ouro e pedras preciosas. Não lhes custava separar-se destas joias, porque o colar que ofereciam, muitas vezes, tinha sido arrancado, na vespera, de colo enrugado de alguma nobre. O ouro, da mala de algum obeso mercador hindú, que por infelicidade lhes caíra nas mãos.

Na parte referente ao amor, Othman levava sempre vantagem sobre Tur. Este ainda trazia bem viva, no coração, a imagem querida de Ayesha, a jovem escrava que roubara ao marajá de Shivapore, e que fôra sua somente alguns dias. Tur falava sempre dela, com muita doçura.

— Pela gloria de Alá. Como era delicada a sua cutis, e que reflexos tinham os seus cabelos.

Em tais ocasiões Othman sentia ciumes. Experimentava em sua alma, um estranho odio contra a mulher que lhe roubava a atenção do amigo. Entretanto conseguia dominar-se e exclamava:

— Para que pensar em uma mulher que se foi, se em nosso caminho encontramos mulheres verdadeiramente formosas?

— Estás muito certo. Quando não se pode ter aquilo que se deseja, deve-se conformar com o que se tem.

Para esquecer suas magoas, nesta mesma tarde, Tur, encontrando-se com uma camponesa, passou o braço pela sua cintura, falando-lhe aos ouvidos, palavras cheias de amor e carinho.

Tur e Othman, diziam frases de amor em tom carinhoso e persuasivo, deixando muitas mulheres completamente apaixonadas, quando partiam em busca de outras aventuras. Não é de extranhar portanto, que ao se espalhar os seus feitos heroicos e amorosos, despertassem a admiração de muitas donzelas e o odio e a inveja em muitos homens.

Breve a fama dos dois jovens chegou à Alta Tartaria. Um mensageiro de Arpad Bek,

chefe dos salteadores turco-manos, levou-lhes uma mensagem de amizade.

Arpad Bek convidava-lhes a participar do ataque que ia empreender contra o marajá de Shivapore.

— Um diabolico infiel — declarou o mensageiro — que adora uma flôr, um objeto, todos faltos. E' nosso dever de bom mussulmano convertê-lo à fé do Islam.

Esta era uma maneira hipócrita de Arpad revelar que a sua fortuna se achava esgotada, e que necessitava assallar uma região onde houvesse grandes riquezas.

— Aceitam?

— De mil amores, disse Othman.

— Com grande satisfação, falou Tur, pensando que em Shivapore, estava a mulher que amava, a sua linda Ayesha.

Os dois amigos partiram com o mensageiro, e ao cabo de dois dias, chegavam ao acampamento de Arpad Bek. Por toda parte havia preparos para a grande guerra, que iam levar a cabo.

Terminados os preparativos, Arpad montou em seu cavalo, e tendo ao seu lado, Othman e Tur, partiu em busca de riquezas, acompanhado de seus homens.

— Avante, meus bravos mussulmanos. As riquezas do mundo, estão à nossa espera.

O exercito do marajá tentou impedir o avanço das tropas de Arpad Bek, sendo infrutíferos os seus esforços. Os campos de batalha estavam cobertos de cadáveres e os côrvos já esvoaçavam por sobre os mesmos, afim de dar início ao seu festim.

O afgã Tur, abriu caminho entre os mortos e feridos, dirigindo-se à tenda do marajá, gritando por sua amada.

— Ayesha! Ayesha!

Ao avistá-la, correu ao seu encontro e tomando-a em seus braços, colocou-a em seu cavalo, e vibrando a espada, conseguiu escapular de seus poucos restantes inimigos. Afastou-se um pouco para beijar com ardor, a amada que havia reconquistado com tanta ansiedade.

— Enfim te encontro, minha querida! Amote mais que a minha propria vida!

— Eu também te amo, valente afgã. Sabia que vinhas buscar-me.

— Vamos agora viver juntos, tu, Othman e eu. Juntos percorreremos o deserto, seremos livres como passaros.

Ela riu suavemente e falou:

— Não há liberdade para um homem que se casa. E para um homem casado, não há melhor amigo que a sua propria esposa, segundo as sábias palavras de minha mãe.

Vendo a cara triste de Tur, ela disse-lhe:

— Perdôa-me. Não quiz te magoar. Eu odeio o deserto e tenho medo da vida que se leva nele. Porém nunca serei um impecilho para o homem que amo. Prefiro renunciar a ti, meu bem amado.

— Se odeias o deserto eu não viverei nele. Nunca mais dormirei nos bosques. Dou por finda a minha vida de aventuras. Pelo Profeta, o Adorado, viverei sempre a vida simples do homem casado. Nunca te abandonarei e teremos muitos filhos para alegrar a nossa existência.

— Que Alá nos abençõe — murmurou ela.

A batalha terminou. A derrota do marajá

ELA PARECE GOSTAR DE MIM...mas quando eu falo, ela se afasta!



O TEU CASO, LUIZ, ME PARECE MUITO SIMPLES. PORQUE NÃO CONSULTAS A UM DENTISTA SOBRE O TEU HÁLITO?



LUIZ VAI AO DENTISTA

GERALMENTE, O MÁU HÁLITO É MAIS COMUM DO QUE SE PENSA E PROVÉM DAS PARTÍCULAS DE ALIMENTOS QUE FICAM ENTRE OS DENTES. E POR ISSO EU RECOMENDO O USO DE COLGATE!



A ESPUMA DE COLGATE CONTÉM O NOVO INGREDIENTE QUE PENETRA EM TODAS AS FENDAS DOS DENTES, ELIMINANDO OS RESÍDUOS DOS ALIMENTOS E AS BACTÉRIAS QUE DÃO O MÁU HÁLITO E EVITANDO AS CÁRIES. POR ISSO COLGATE LIMPA REALMENTE OS DENTES EMBELEZA-OS E CONSERVA AS GENGIVAS SADIAS E O HÁLITO PERFUMADO... USE COLGATE E VEJA OS EFEITOS!



DEPOIS, GRACAS A COLGATE

UM SORRISO COLGATE FAZ MILAGRES!





*

de Shivapore fôra completa. Arpad Bek, acompanhado dos capitães Othman e Tur, dirigiu-se ao marajá e perguntou:

— Esta manhã, eras um rei. O que és agora?

— Rei. Ainda que derrotado, continuo sendo rei.

— E's um rei sem corôa e sem vassalos. E's um infiel. As tuas preces, ferem os ouvidos de Alá, o Unico. Portanto é meu dever de bom mussulmano, eleger-me marajá de Shivapore e tomar posse de todas as riquezas desta terra, de tuas escravas e de tudo que aqui existir.

— De todas, excéto de uma. Falou Tur.

— Ha alguma escrava que desejas para ti? Tur indicou Ayesha com a mão.

— Compreendo bela escrava, porque é que Tur perdeu a cabeça por ti! Esta noite celebraremos as vossas bodas. A ti Tur, como premio pelos serviços prestados nomear-te-ei guardião da fronteira norte. A ti Othman, darei a fronteira sul.

Othman depois de olhar Ayesha, a mulher que lhe havia roubado o amigo, falou:

— E' uma honra para mim, mas não posso aceitar. Uma vez fui governador Khorassán. Não é possível a uma pessoa que viveu em uma gaiola de ouro, deixar-se prender por uma de prata... Lutei por ti, e também por amor à guerra.

Dirigindo-se a Tur, falou:

— Vem comigo, irmão do deserto. Vem escutar o canto dos passaros, o canto dos riachos, o canto do vento balouçando as arvores.

Vem ver o sair da lua entre as arvores do bosque. Vem gozar desta liberdade que tanto amamos.

Ayesha tomou a palavra antes de Tur.

— O lugar de Tur é ao meu lado. Aqui terminou a viagem que havia empreendido contigo.

— Si um homem chega a dizer: "Aqui chegou o fim de minha viagem", é o mesmo que pôr termo à vida. Seja como tu queres afgã. Continuarei percorrendo os desertos, porque minha vida não terminou. Eu seguirei pelo caminho que leva à liberdade.

Dizendo estas palavras, montou em seu cavalo e partiu.

Por amor de uma mulher, a vida de dois amigos tomou rumos diferentes. De Othman, só chegavam amores de suas façanhas e extraordinarias aventuras. Falavam sobre o ataque contra um bando de ladrões turcos. Vencera-os e conquistara o posto de chefe. Outros diziam que havia dominado um infiel e obrigado sua filha a dançar com ele.

Emfim outros afirmavam que se casara e que vivia pacatamente, pai de numerosa prole.

Todas as aventuras chegavam aos ouvidos de Tur Japhet, que procurava esquecê-las, por ser um exemplar chefe de familia.

Sua mulher era muito ambiciosa e vivia instigando-o a pedir novas honras, dignidades e riquezas.

— Temos três filhos: Mustafá, Yakub e Jehan. O maior já completou doze anos e por isto é preciso ficares mais rico e poderoso.

— Ayesha, por acaso não vivemos em um palacio grande e suntuoso?

— Há palacios maiores e mais ricos.

— Não sou eu o guardião da fronteira norte?

— Porcm há postos mais elevados que o teu.

— De fato existe.

Tur sempre concordava com sua mulher.

Amava-a muito e os laços do matrimónio o prendiam mais. As vezes recordava-se dos dias de aventuras, acompanhado de Othman e então ficava triste e saudoso daqueles momentos de liberdade. Bastava uma palavra de Ayesha, para que ele voltasse a pensar nos filhos e num meio de progredir.

Tur progrediu. A' medida que Arpad Bek ia conquistando novas terras e riquezas, ia subindo de posto. Arpad, por meio da intriga e usando de todos os ardis, conseguiu conquistar todo o Indostão, atravessou o Himalaia e caiu sobre a Alta Tartária, vencendo o governador, pai de Othman Ali, tomando as suas riquezas, seu trono, seus dominios e títulos. Como governador, dominou de Pequim a Moscou e foi glorificado com os seguintes titulos: Imanul-Muslemin, que quer dizer: pontifice dos mussulmanos; Hunkiar, ou seja, o matador; Shahn Shahi Alem, que significa rei de todos os reis do universo.

Apesar de mau e sem escrúpulos, soube premiar a todos que lhe serviram com lealdade. Nomeou Tur Japhet, governador de Corássan, a mesma cidade, em que há muitos anos esteve com a cabeça a mercê do verdugo. Agora era um homem respeitável, de barba grisalha, barrigudo e sem nenhuma vivacidade.

Tur Japhet, era um homem áspero e justiceiro. Vamos encontrá-lo uma tarde, em que se dispunha a ditar a sentença de morte, de um homem que se achava em sua presença, na sala de audiência.

Tratava-se de um homem que meia hora antes, quando pretendia fugir em um cavalo roubado e com uma bolsa cheia de moedas, também roubada, havia sido surpreendido pela patrulha tártara, aos gritos de:

— Alto, ladrão! Para, bandido! Detenha-te, assassino!

O homem que era da mesma altura de Tur, porém de barba avermelhada, corpo esbelto, cara viva e sorriso alegre, perguntou:

— Posso pedir uma graça?

— Pede e vejamos o que se pode fazer por ti.

— Peço-te uma hora de liberdade, um cântaro de vinho, um homem com quem cruzar a minha espada e uma donzela para passar...

— Alto! Interrompeu-o o afgã, cheio de emoção. Olhou o homem que estava em sua frente e reconheceu Othman.

— Othman!

— Quem podia ser. Sou hoje o ladrão, o sem vergonha que anda pelo deserto, a roubar os que passam, enquanto tu... Othman começou a rir e perguntou: — Não queres voltar comigo? Voltar à liberdade, a ser o amigo de minha juventude?

— Como posso eu fazer isso, Othman?

— Tu me causas pena, amigo Tur.

— Eu te causo pena? Eu, o governador de Corassán?

— Justamente por seres governador. Teu destino cortou-te as azas quando tu eras jovem e cheio de vida.

Precisamente nesse momento, ouviu-se o grito de um pássaro.

— Escutas este canto? Este canto mágico? É o canto que põe asas nos pés e nos corações dos homens. É o canto do deserto. Por acaso esqueste que o mundo é grande e alegre?

Depois de um pequeno silêncio, o afgã falou:

— Não, não esqueci. Sinto um desejo louco de te acompanhar pelos desertos, em busca de aventuras e de outras terras. Por Alá o Único, só não te acompanho...

Ja terminar a frase, quando viu entre as cortinas, o rosto de Ayesha, que o espreitava. Apesar dos anos continuava ela com os lábios frescos, corpo esbelto e cheia de encantos. Então Tur Japhet, voltando-se para Othman, falou-lhe;

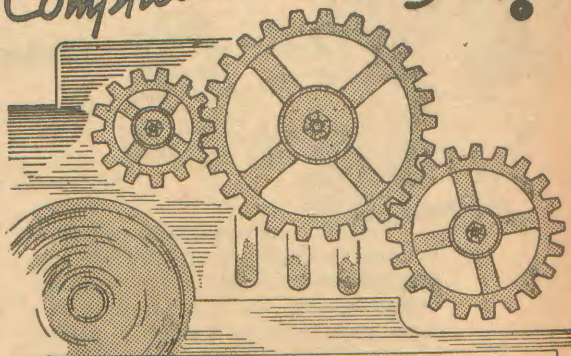
— Não posso te acompanhar amigo. Amo muito a minha mulher, e também... — aqui baixou a voz — temo-lhe um pouco.

É provável que Ayesha tenha escutado as suas últimas palavras, mas como era sábia, calou-se.

Assim, Othman partiu outra vez só. Desta vez, não levava a companhia do amigo, mas ia com um salvo conduto que lhe permitia percorrer todos os caminhos por ele desejados, sem ser incomodado.

Partiu, em um bom cavalo, com o bolso recheado de dinheiro e cantando a canção do deserto, a canção da liberdade.

TAL QUAL UMA Complicada Engrenagem!



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pode paralisar toda a máquina, assim também o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pode determinar o desarranjo completo de toda a nossa saúde.

PILULAS DE LUSSEN

PARA OS RINS E A BEXIGA



LABORATÓRIO OSÓRIO DE MORAIS

• RUA MURIAE, 92-BELO HORIZONTE •

ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO



EM
24 HORAS
DEITOU
DE FLUXO
E TUAS
MANIFESTAÇÕES

PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE

EXCELENTE • TÔNICO DOS PULMÕES



Atrai a carícia de
mãos femininas...

Ao contrário dos óleos comuns, o ÓLEO PALMOLIVE não empasta nem engordura os cabelos: conserva-lhes o brilho natural e deixa-os mais lisos, mais sedosos, macios e suavemente perfumados — porque é feito de óleos minerais, super-refinados, importados dos Estados Unidos. O ÓLEO PALMOLIVE evita o ressecamento dos cabelos e atrai a carícia de mãos femininas!



ÓLEO
Palmolive

AMACIA E PERFUMA

OS CABELOS

Tenho sempre a
impressão de que
acabo de banhar-me!



Use o TALCO PALMOLIVE, boro-setinado, processo científico que produz um talco três vezes mais fino para dar maior proteção à pele delicada das crianças... e de gente grande também! Feito segundo uma fórmula norte-americana, o TALCO PALMOLIVE protege a pele contra assaduras, brotoejas e irritações, deixando a sua cutis macia e aveludada e o seu corpo, suavemente perfumado.



TALCO
PALMOLIVE

PROTEGE A PELE DAS CRIANÇAS... E DE GENTE GRANDE TAMBÉM!

STANDARD PROPAGANDA

SAIBA ATENUAR AS CONSEQUENCIAS DO CALOR

SE você deve suportar os dias quentes da cidade, é necessário ter sempre presente os recursos que lhe permitam fugir às desagradáveis consequências do calor e da transpiração.

Ao iniciar o trabalho ou passeio, nos dias de calor sufocante, convém usar cosméticos adequados, bem gelados, afim de que a sua cutis permaneça sempre fresca e sem sinal de cansaço.

Ao fazer a maquiagem, passe no rosto um algodão embebido em um adstringente.

O baton, os cremes, as bases, si é que os usa, deverão ser guardados, nos dias quentes, em uma geladeira. O gelo será um auxiliar eficiente na conservação dos cosméticos, mantendo a sua consistência e facilitando, desta modo, a sua aplicação.

O leite de amêndoas e os sucos de frutas bem gelados, usados em vaporizadores, darão à cutis um aspéto fresco e juvenil.

A água de toalete, que não deve faltar no toucador de uma elegante, os derodorantes, os adstringentes, os vinagres de toalete, a água de Colônia, os sais para banho, o talco mentolado, para uso exterior, aliados à uma alimentação sadia e adequada, não só darão à sua cutis uma sensação de bem estar, como também uma aparência encantadora.

Os alimentos simples, de fácil digestão, evitam a impressão de cansaço, principalmente depois do almoço, hora em que o calor é mais intenso.

Escolha para o seu almoço, um menú "naturalista", em que pode figurar, por exemplo, um prato de alface, tomate, espinafre e cenouras bem tenras. Como sobremesa, uma boa salada de frutas.

Beba durante o dia, muitos copos de suco de frutas. O seu jantar deverá constar de uma boa salada, acompanhada de um bife mal passado.

A noite, beba um copo de leite gelado e procure dormir em quarto bem arejado, numa cama confortável, tendo como coberta, tecidos leves.

Seguindo estes conselhos, você suportará com alegria os dias quentes da cidade e não sentirá pesar, por não ter podido, fazer o seu veraneio no campo ou na praia.

*

AS MASSAGENS

MUITOS pensam que a massagem seja uma prática higienica essencialmente moderna; ao contrario, ela remonta à mais alta antiguidade, como o demonstrou o Dr. Milner numa conferencia.

Milner apresentou a reprodução de um curioso baixo-relevo de alabastro, que está no Museu de Berlim e que provavelmente é a mais antiga figura de massagem, pois foi encontrado entre as ruínas de Ninive, no palacio do rei Sennacherib (705-681) a. C.).

A primeira descrição da massagem nos vem, porém, da China, e acha-se justamente na obra intitulada **Kong-Fu**, que remonta a 2.700 anos A. C. Nessa obra estão expostas tão detalhadamente os princípios fundamentais e os métodos da massagem, que mais tarde se pode acusar o sueco Ling (que introduziu na sua patria esse ramo de medicina) de ter lido o **Kong-Fu** e de tê-lo simplesmente copiado.

Tambem nos Vedas fala-se da massagem, que segundo parece tinha entre os Indios um carater religioso; e encontra-se a sua menção entre os Babilônios, os Persas e os Egipcios, de sorte que se pode afirmar que a massagem era muito usada na Asia.

Milner menciona a **strigilis**, usada comumente pelos Gregos e pelos Romanos, objeto que se encontrava nos estabelecimentos de banhos e que servia não só para limpar bem a pele do corpo, como para fazer uma leve massagem.

Dialogo com São Tomé

MÁRIO MATOS

EU ESTAVA lendo em uma esprenguicadeira da sala de visitas, devia de ser umas oito horas da noite pouco mais ou menos, quando ouvi alguém empurrar devagarinho a porta da rua, que estava cerrada. Empurrava de um modo exquisto, de um modo não sei como diga, assim como se a porta fosse a sombra de uma porta. De repente, vi já dentro da sala um homem alto, o próprio bandeirante, de aspecto antigo, tal uma figura de quadro celebre. E o pior é que os seus passos, ao tocarem no soalho, não faziam barulho nenhum. Quando dei fé, vi-o de pé junto à mim. Curioso é que eu estava sem medo, inteiramente tranquilo. Disse ao visitante desconhecido como se ele fosse amigo velho:

— Abanque-se. Dê-me o seu chapéu.

— Não trago chapéu, não uso chapéu.

— Agora é moda...

— Mas eu ando sem chapéu não é por causa da moda, é pelo halo.

— Que halo? Que história é esta de halo?

— Olhei! — Não está vendo um círculo de luz por cima de minha cabeça?

Olhei para ele. De fato, o homem tinha uma atmosfera luminosa sobre o cocuruto. Intrigado, perguntei:

— O senhor é Santo?

— Sou sim senhor. Sou São Tomé.

— São Tomé? Então se reincarnou, voltou à terra de novo?

— Exatamente. Estamos nas vésperas da Semana Santa e deus-me curiosidade de vir examinar o que os homens dizem e fazem na memorização do drama do Calvário.

— Uma reportagemzinha, não é?

— Isto mesmo. Uma reportagem. O senhor sabe. Lá no céu correm boatos espantosos sobre as coisas deste mundo. Então, eu...

— Já sei. Veio ver para crer. Está dentro da sua teoria.

— O senhor é danado. Apanha logo as coisas no ar. Adivinhou meu intento.

— Pois, meu caro São Tomé, o senhor vai ver coisas espantosas por aqui.

— E' um engano seu. Eu não me espanto. Sou um homem sem imaginação. Sempre vivi dentro da realidade. E fui mal julgado, sabe?

— Mal julgado por Cristo?

— Oh por ele não. Pelos meus condiscipulos. Levado pelo meu conhecimento dos homens, sempre adotei o critério de pôr de sobreaviso o que eles me contavam. Ora, meus companheiros me transmitiam coisas extraordinárias do Cristo e eu, desconfiado, punha as minchas dúvidas. Fiquei com a pécha de incredulo ou de suspicaz... O senhor não acha que eu andava avisadamente?

— Não sei, Tomé. Depende...

— Mas eles eram homens falíveis. E abusavam muito das minhas ausencias. Quando eu chegava, me enchiam os ouvidos com novidades. Descria deles, não do Mestre. Esta era a minha atitude.

— Mas os evangelistas contam que o senhor queria provas!

— Eu? Que mentira! Nenhum deles amava mais o Mestre do que eu. Minha ansia de certeza era a forma do fervor da minha crença. Tinha fome objetiva de milagre, eis o que eu queria. Fui mal julgado. E ainda sou.

— De fato, ainda é. Há aí pelo mundo a frase corrente: "Sou como São Tomé, quero ver para crer..."

— Levandade dos homens. Não é bem assim. Eu desejava ver, apalpar, cheirar para crer mais, para identificar-me com a minha crença.

— Mas os outros discipulos não eram assim.

— Não eram assim? Como não eram? Eram muito piores. Viviam murmurando entre eles. Eu é porque não gosto de contar certas coisas. Ah se eu tivesse escrito o evangelho do Mestre. Punha tudo em pratos limpos. O senhor não viu o que Pedro fez com Jesus? Acompanhou-o de longe, na hora H. e. inquirido, assegurou três vezes que não o conhecia.

Veja lá se eu faria uma coisa dessas.

— Onde é que o Senhor estava naquela hora?

— Estava aflito, inquieto, amargurado, vagando pelas ruas da cidade.

Alterosa
PARA A FAMILIA DO BRASIL

*

— Mas isto não valeu de nada para o Mestre...

— Mas, si ele não queria que a gente reagisse? Se nós não tínhamos armas?

— Podia ter-lhe dado uma solidariedade proxima no seu sofrimento.

— Não me lembrei disto. Perdi a cabeça...

— Imagine se o Cristo applicasse contra o senhor a sua teoria do ver para crer! Não creria na sua crença. Na hora da prisão, ele não viu o senhor. Nem o senhor nem os outros...

— Ah, meu amigo, foi uma desgraça. Nem gosto de me lembrar do drama. Falar verdade, nós o amavamos, mas o medo foi terrível...

— Confessa a deserção.

— Confesso o pânico. Eramos homens. Foi depois de ressurreto, que ele nos soprou o sopro divino.

— Mas o senhor, mesmo depois da ressurreição, ainda não quiz dar o braço a torcer.

— A história está mal contada. Não foi bem assim. Eles me disseram que Jesus tinha regressado e então eu, por mera brincadeira, falei, (mas da boca para

(Conclui na página 41)



VITRINE LITERÁRIA

UM LIVRO PARA VOCE

CRISTIANO
LINHARES

sussurro dos córregos, do canto dos pássaros, desta vidinha melancólica dos arcaais, a qual Godofredo Rangel tem a ciência de saber reviver e contar com sua vida natural. Ninguém sentiu como ele o coração da terra e da nossa gente, com tanta ternura, com tanto entendimento poético. E' que foi juiz no interior durante muitos anos e esta situação funcional de julgador, aguçada pelos dons de artista, pelas qualidades de psicólogo, facilitou-lhe a compreensão do sertão e do sertanejo. Além disso, lidou com o drama dos humildes, teve que julga-los e poude, por esta razão, tomar conhecimento íntimo com a alma delês, com a vida e o sofrimento deles. Dotado de temperamento compassivo, o seu depoimento literário sobre o interior é uma página humana, comovente, dolorida. Neste seu livro dos **Humildes**, travamos contato com as realidades diárias de um Brasil sofredor e poético, através de um artista que escreve sobre o que viu, compreendeu e sentiu.

E que encanto não tem a sua fixação da paisagem! A arvore, a agua, a luz, o pássaro, a estrêla aparecem entre os homens tristes destas pequenas histórias, que guardamos na memória e no coração. E também a infância do nosso interior, para a qual Godofredo Rangel é um avô com coração de Pestalozzi.

Que contos séntidos não são **Os Besouros** e **O Legado**! A leitora, que aceita os donsêlhos desta secção, deve ler estas páginas, se quiser entreter o espírito e melhorar um pouco o coração.

* * *

LIVROS NOVOS

"AS DADIVAS DA ENCHENTE" — Roman-
ce — Valtér Pimenta — Livraria Cultu-
ra Brasileira Ltda. — Belo Horizonte.

O ROMANCE regional sempre encontrou em Minas um campo fértil e poderoso. O nosso interior rural clama por bons roman-
cistas. Agora surge um romancista do nor-
deste mineiro, fixando nas páginas do seu
romance os mais variados aspectos e dramas
desta região. Trata-se de "AS DADIVAS DA
ENCHENTE", com o qual o sr. Valtér Pi-
menta faz sua estrêla no mundo dos livros.

O romance é interessante, vivo, tem colo-
rido de estilo e páginas de grandes instan-
tes emocionais.

D. JOÃO VI NO BRASIL — Oliveira Lima
— Pref. de Otávio Tarquínio de Souza
— Ills. de Luiz Jardim — Livraria José
Olimpio Editora.

A OBRA de Oliveira Lima, infelizmente,
ainda não teve a divulgação que mere-
ce, entre nós. Teria concorrido, talvez, para
isso os muitos inimigos que o historiador,
com a sua independência de caráter, acarre-
tou. Nessa obra, porém, se destaca um livro
fundamental, para o conhecimento da nossa
história, um trabalho de importância incal-
culável e justamente o menos conhecido,
pois esgotado há cerca de trinta anos até
hoje não havia sido reeditado. Referimo-nos,
a "D. João VI no Brasil", que acaba de ser

apresentando ao público na "Coleção Do-
cumentos Brasileiros", numa esplendida edi-
ção de três volumes, da Livraria José Olim-
pio, encerrando as seguintes novidades: ma-
gnífico ensaio — prefácio de Otávio Tarqui-
nio de Souza; belas ilustrações de Luiz Jar-
dim; um índice onomástico e feição gráfi-
ca moderna e de leitura fácil.

UM NEVOEIRO EM LONDRES — Romance
F. Blanchard — Trad. de Beatriz Ra-
mos — Editora Anchieta.

UM romance com lances inéditos, no tipo
policial, onde o mistério do fato nada
possui destas incríveis situações de certos
autores. Ao contrário, o centro misterioso
do assunto é perfeitamente humano. Exce-
lente tradução.

MEU MARIDO O SENHOR DUQUE — Ro-
mance para moças. — May Logan —
Trad. de Cândida Vilalva — Editora
Anchieta.

É MAIS um bom romance da conhecida au-
tora, que a Editora Anchieta vem de
editar em sua magnífica coleção "Romances
para moças", muito recomendados pela ca-
lha cuidadosa, não só dos assuntos — in-
teressantes e movimentados — como ainda
pela qualidade dos autores.

Conclui na página 40



Djalma Andrade

POETAS E PROSADORES

OUTRO dia, estávamos eu e o Bahia de Vasconcelos parados na rua, quando vimos Djalma Andrade atravessar a praça, sozinho e um pouco apressado. E eu disse ao Bahia:

— Ali vai um político, um filósofo e um poeta. O Djalma é tudo isso ao mesmo tempo. Quando se iniciou em Minas a campanha da Aliança Liberal, o Djalma, prevenido o que aconteceu depois, falou um dia no *Bar do Ponto*: “Façamos a revolução antes que o povo a faça...” Sabendo da frase, o Antonio Carlos, no Palácio da Liberdade, a buzinou pelo país todo. E a profecia entrou para a história do Brasil pela boca do Andrade. Si o Djalma fosse então o presidente do Estado, seria também um estadista...

Há muitos anos, numa época em que ser comunista era o mesmo que ser leproso, Djalma, escrevendo um soneto notável, fechou-o assim: “Que eu não coma, sozinho, o pão que possa ser partido, por mim, em dois pedaços.” Hoje, este é o lema político de dois terços talvez da humanidade ocidental. Eis aí. O poeta da *Vinha Ressequida* é tão político, que uma vez escreveu uma quadra tão feroz, que o levou à geladeira.

E a sua filosofia? Há verdades tão essenciais em seus poemas, que a gente não as esquece mais. Servem de conduta para a vida. Podia dar centenas de exemplos, especialmente apanhados de suas quadras. Vou apontar um só: “As maiores desgraças deste mundo são feitas por mulheres pequeninas...” Pode-se portanto afirmar que os seus poemas são um manual de filosofia prática. Aliás, ele mesmo disse de si com acerto, ao declarar que sabe falar dos homens como Marco-Aurélio. E sabe mesmo.

Agora, o que ele é, acima de tudo, é poeta, a viver como tal. Vive isolado, pensativo, cético, desfechando sarcasmos à maneira de Juvenal. Deve ser um homem contundido pela vida para ser assim. A sua amargura inverte-se em belas rimas, em belos versos, que o povo escuta, decora e propaga. E Minas, particularmente, o guarda no coração e na memória, porque vê nele o reflexo do seu genio político, filosófico e poético.

Isto é que é a poesia, voz das almas, espelho dos espíritos ansia dos corações. O mais é cantar sem ter voz, é pedir a palavra para não dizer nada. Não há poeta sem acústica, do mesmo modo que não existe drama sem público. Um é o eco do outro.

* * *

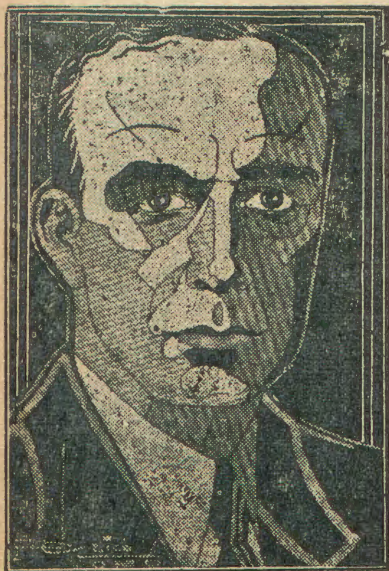
OS “BEST-SELLERS” DO MES

CONTINUANDO na publicação da estatística referente aos livros mais vendidos nesta Capital, damos hoje o resultado obtido através das informações que nos foram gentilmente prestadas pelas mais importantes livrarias da Capital, a saber: Queiroz Breiner, Cultura Brasileira, Inconfidência, Minas Gerais, Rex, Pax, Oliveira Costa, Belo Horizonte e Cór.

O resultado que apresentamos revela os cinco livros mais vendidos durante o mês de Janeiro do corrente ano.

- 1.º lugar — GINA — Romance — Sra. Leandro Dupré — Editora Brasiliense.
- 2.º lugar — VOZ DE MINAS — Sociologia — Alceu de Amoroso Lima — Editora Agir.
- 3.º lugar — ENTRE LÁGRIMAS E RISOS — Filosofia política — Lin Yutang — Edições Pongetti.
- 4.º lugar — CANÇÃO DE BERNADETTE — Romance — Franz Werfel — Edições Pongetti.
- 5.º lugar — O HOMEM E A MONTANHA — Sociologia — João Camilo de Oliveira Torres — Edição da Livraria Cultura Brasileira.

de Mário Matos



MÁRIO MATOS

AS LIVRARIAS da Capital já expõem em suas vitrines o último livro de Mário Matos — O PERSONAGEM PERSEGUE O AUTOR — em substancial volume das Edições "O Cruzeiro". E as vendas que se estão realizando nos primeiros dias apoz o lançamento desse novo livro do festejado escritor mineiro, já o consagram como o definitivo "best-seller" do mês.

Reunindo uma série de ensaios nos quais o leitor encontrará toda a vibração da vida moderna, em uma multiplicidade de quadros pincelados com a leveza, a graça e o movimento que a pena de Mário Matos sabe criar, O PERSONAGEM PERSEGUE O AUTOR mostra ao público o que ele mais deseja nos dias agitados que vivemos: variedade de assuntos, apresentados em linguagem simples e clara, que se lê com prazer e sem cansar.

Damos, a seguir uma relação dos ensaios enfileirados no último livro de Mário Matos:

O personagem persegue o autor — O cronista sentimental viajou — Irradiação da presença de Cristo — Paixão silenciosa de Machado de Assis — Os princípios cristãos da indústria — Bandeirante da inquietação — João do Rio — Romancista em São Paulo — Machado de Assis — O mito do amor e da morte nos poemas de Alfonsus de Guimaraens — Raul de Leoni — Raimundo Correia — Madame Tatá, a clarividente — Lição evangélica da vida de Tiradentes — Diálogo de Vasconcelos — Mitos do nosso tempo — Caxias, consolidador dramático — Churchill, homem do destino — Defesa das crianças — Teoria das obras primas — Doutrina do conto — Diálogo a respeito de conferência — O demônio do estilo — A arte de ler — O poeta vive a poesia — No princípio era verbo — Pedagogia da Imitação de Cristo — Minha infância querida — Vida de músicos e cantores — O navio e a alma portuguesa — O alemão e a formiga — A molestia de Berlim — Inglaterra.

O MILAGRE DE CIBELE — *Tetzeira Leite Filho* — Livraria José Olímpio Editora.

POUCOS episódios na Antiguidade Clássica ofereceram tanto interesse ao historiador "double" de romancista, como os das guerras púnicas, essa luta tremenda entre Cartago e Roma e que só terminou com o arrasamento total do famoso império da civilização fenícia no Mediterrâneo. E foi contemplando, talvez, essas ruínas que o escritor e diplomata L. Tetzeira Leite Filho se inspirou para escrever o triptico "Mare Nostrum", cujo volume inicial "O Milagre de Cibele" acaba de aparecer em edição da Livraria José Olímpio.

MEMÓRIAS — *Tolstói* — Trad. de Rachel de Queiroz — Livraria José Olímpio Editora.

NA coleção "Memórias, Diários, Confissões", da Livraria José Olímpio acaba de aparecer "Memórias", de Tolstói, tradução de Rachel de Queiroz, com um prefácio de Brito Broca. Essas reminiscências abrangem, como se sabe, o período da infância, da adolescência e da mocidade do autor, até o momento em que este terminou seus estudos universitários. São, por assim dizer, três livros reunidos num só volume. Tolstói preferiu adotar certa forma romancada, como convinha ao seu lirismo, dando-nos dessa maneira uma obra que é, a um só tempo, romance e autobiografia.

MARAVILHAS DA MEDICINA — *David Dietz* — 2.ª Edição — Livraria José Olímpio.

ENTRE as obras de vulgarização apresentadas pela Livraria José Olímpio nestes últimos anos, a do professor americano David Dietz intitulada "Maravilhas da Medicina" foi uma das que mais agradaram o nosso público. Daí a 2.ª edição ora lançada na mesma coleção "A Ciência de Hoje", em que, aliás, já figura uma "História da Ciência", de David Dietz.

A ESTIRPE DO DRAGÃO — *Pearl Buck* — Livraria José Olímpio Editora.

A VELHA CHINA! Sim, é ainda o ambiente tão poético desse país milenário, que se tem prestado a tantas explorações na literatura e na arte, o quadro magistralmente evocado pela escritora norte-americana no seu último romance "A Estirpe do Dragão", ora apresentado pela Livraria José Olímpio.

ESTUDOS DE DIALETOLÓGIA PORTUGUESA — *Linguagem de Goiás* — José A. Tetzeira — EditoraANCHIETA.

O AUTOR estudou, "in loco", todas as divergências que assinala e teve a vantagem de escrever o seu trabalho iluminado pelas grandes ideias dos mais assinalados mestres do assunto. O livro oferece ainda amenidade e pesquisa profunda, com um vocabulário final que muito facilitará o leitor.

AS MEMÓRIAS DE SAINT SIMON — Livraria José Olímpio Editora.

AS memórias de Saint Simon constituem uma das obras primas da literatura francesa e de conhecimento

indispensável a todos que queiram ter uma cultura literária geral. Esse nobre cheio de orgulho, cortiu a vida toda o despeito de um fracassado por não ter-se adaptado ao meio: a corte de Versalhes no tempo de Luís XIV, quando o Rei-Sol, impondo sua política absolutista, havia reduzido a nobreza a um simples papel decorativo. Exacerbado, sem conformar-se com a situação Saint-Simon, cujo poder de observação era, realmente extraordinário, tornou-se uma testemunha impiedosa de tudo que ao seu lado se desenrolava. Mais tarde, retirando-se para o castelo de La Ferté pôs-se a redigir, em forma de memórias, todas as notas que tomara na sua longa temporada na corte. Essa obra notável acaba de ser editada em português pela Livraria José Olímpio, como o volume 4.º da coleção "Memórias, Diários, Confissões".

A ESTRANHA PASSAGEIRA — *Olive Higgins Prouty* — Romance Trad. de Rubem Braga — Livraria José Olímpio Editora.

"A ESTRANHA PASSAGEIRA", romance da escritora americana Olive Higgins Prouty, que acaba de ser apresentado em tradução portuguesa de Rubem Braga pela Livraria José Olímpio, fornece argumento para um interessante filme de Betty Davis exibido há pouco em nossos cinemas. Trata-se de um romance interessantíssimo e a versão cinematográfica, como geralmente acontece esteve a quem do original.

Olive Higgins Prouty, de quem a Livraria José Olímpio dará breve outro romance "Stela Dallas" pertence ao número das melhores escritoras norte-americanas contemporâneas.

ANJO DE PEDRA — *Otávio de Faria* — Romance — Livraria José Olímpio Editora.

"ANJO DE PEDRA" é o novo romance da grande obra cíclica de Otávio de Faria, "Tragédia Burguesa", que tanto vem preocupando os estudiosos da nossa literatura. O autor traçou o plano de um vasto edifício e vem realizando-o, com pleno êxito, fiel aos compromissos que assumiu consigo mesmo e com a crítica.

TEMAS FALADOS — *Maurício de Medeiros* — Livraria José Olímpio Editora.

MAURÍCIO DE MEDEIROS, um dos nossos escritores mais fecundos, que diariamente se multiplica em artigos de jornais, abordando com a mesma mestria os mais diferentes assuntos, acaba de lançar um novo livro com o título feliz de "Temas Falados". A obra, editada pela Livraria José Olímpio, reúne várias conferências pronunciadas pelo autor nestes últimos anos.

SEGREDOS DO CORAÇÃO — *Maupassant* — Romance — Livraria José Olímpio Editora.

REALISTA, Maupassant desprezava os elementos decorativos e as situações melodramáticas, tanto nos contos, como nos romances. Expressar simplesmente a vida na sua absoluta verdade e pelo conhecimento próprio — eis o princípio essencial que o grande escritor — discípulo de Flaubert — adotou no convívio do mestre. O romance torna-se assim fortemente emocionante e sugestivo. Traduziu-o o sr. Alvaro Gonçalves, figurando na capa um desenho de Luis Jardim.

ESTUDOS DE DIALETOLÓGIA PORTUGUESA — Linguagem de Goiás — José A. Teixeira — Editora Anchieta.

O AUTOR estudou "in-loco" todas as divergências que assinala e teve a vantagem de escrever o seu trabalho iluminado pelas grandes idéias dos mais assinalados mestres do assunto, quais Meille e Vendryes. Sem o caráter de didatismo antipático, o livro do sr. José A. Teixeira oferece amenidade e pesquisa profunda, contendo ainda um vocabulário final que dá ao trabalho um cunho acentuadamente de pesquisa e muito facilita o autor.

O TEATRO — Passatempo para crianças — Edições Melhoramentos.

UMA bela obra de arte, além de interessante passa tempo para crianças, que acaba de ser lançada pelas edições Melhoramentos, formando o teatrinho de Branca de Neve.

CORTAR E COLAR — N.º 1 e N.º 2 — Edições Melhoramentos.

OUTRO interessante passatempo que a Melhoramentos vem de lançar, para distrair e formar o bom gosto da criança. A série "Cortar e colar" representa para a criança um mestre útil, um verdadeiro certame educativo, apresentando uma série enorme de figuras, de cores as mais variadas que as crianças devem decalcar sobre papel de cor e engomado, de que também constam os alburns, para formar os mais variados conjuntos.

O ELEFANTE ELMER — Horas felizes n.º 7 — Walt Disney — Edições Melhoramentos.

MAIS uma interessante historietta publicada pelas Edições Melhoramentos, com ilustrações de Walt Disney, movimentando mais uma vez os apreciados personagens do cinema que já se celebrizaram no mundo inteiro.

HISTÓRIA DO BRASIL — Afrânio Peixoto — Cia. Editora Nacional.

AFRÂNIO PEIXOTO, nesse excelente livro, ligou a História do Brasil à História do Mundo: para estudar um grande filho, não esqueceu o grande pai. Os leitores terão nessa História do Brasil, editada pela Cia. Editora Nacional, um guia preciso e seguro para os conhecimentos de nossa História.

FALANGE — O exército secreto do Eixo na América — Allan Chase — Editorial Vitória.

Allan Chase, escritor e jornalista norte-americano, descreve, neste livro, com o apoio de provas decisivas, a atuação dos agentes falangistas em todos os países da América. É uma obra que ajudará ainda a compreender a luta do povo espanhol para destruir a Falange e libertar a Espanha do jugo nazista.

UMA LUZ NA ENSEADA — Contos — Osvaldo Alves — Editorial Vitória.

O autor de Paisagem Morta e "Um homem dentro do mundo", co-

nhecido em todo o nosso Estado pela sua farta colaboração em nossa imprensa, vem dar-nos agora um belo volume de contos modernos, ilustrados por J. Morais em cuidadosa edição da Editorial Vitória.

OS MAIS BELOS CONTOS GALANTES — Dos mais famosos autores — Editora Vecchi.

Tôda a lira, tôda a gama do amor-paixão, se encontra nas páginas deste livro. Desde o trágico, em que a chama da luxúria é apagada pelo sopro da morte, até aquele que, frustrado pelo ridículo, tem um desfecho burlesco. OS MAIS BELOS CONTOS GALANTES formam um elegante volume de mais de trezentas páginas, com atraente sobre-capa em cores.

O CANTO DA TERRA — Poesia — J. G. de Araújo Jorge — Editora Vecchi.

Realmente, não há hoje no Brasil poeta de maior público e de maior expressão que J. G. de Araújo Jorge. Como a de Castro Alves, de Withman, Santos Chocano ou Guerra Junqueiro, a poesia de Araújo Jorge é lírica e social, romântica e heróica não se filia a escolas nem igrejinhas. Criou a sua força e o seu instrumento. Todos a compreendem e aplaudem.

Seu novo livro, que acaba de ser editado pela Vecchi, é o "conto" mais expressivo de tôda a sua obra, apresentado em luxuosa edição de mais de 300 páginas.

FORTE COMO A MORTE — Gui de Maupassant — Romance — Livraria José Olimpio Editora.

Maupassant não foi somente o contestista que o mundo inteiro admira e enaltece. O romance foi também abordado por ele e com grande felicidade, como este FORTE COMO A MORTE, onde o leitor encontra a história dramática de um pintor apaixonado pela filha da mulher que amou. É um livro digno de ser conhecido do público brasileiro, em sua excelente tradução feita por Acioly Neto para a Livraria José Olimpio Editora.

HELENA WILFUER — Romance — Vicki Baum — Trad. de Rachel de Queiroz — Livraria José Olimpio Editora.

A célebre escritora austríaca, que escreve principalmente para oferecer-nos uma imagem romântica da existência, tem em HELENA WILFUER uma de suas obras primas: a história de uma criatura amorosa em luta com a adversidade. A tradução é de Rachel de Queiroz, para a Livraria José Olimpio Editora.

OS ENSINAMENTOS DE JESUS — Constancio C. Vigil — Edições Melhoramentos.

Mais uma grande obra do célebre pensador uruguaio acaba de ser entregue ao público brasileiro, mercê da iniciativa das EDIÇÕES MELHORAMENTOS. Depois do que esta revista já publicou, em suas últimas edições, sobre a obra do grande educador, é dispensável o elogio desse livro, que aparece com magníficas ilustrações, digno de figurar na biblioteca de tôdas as pessoas verdadeiramente cristãs.

DIALOGO COM SÃO TOMÉ

CONCLUSÃO

fôra) que só acreditava se o visse, se o apalpassse...

— Se pusesse o dedo nas feridas do corpo dele...

— Isto é mentira. E' mentira deles. Palavra de honra que não disse isto.

— Mas foi o próprio Cristo que o mandou pôr o dedo nas suas cicatrizes... Por que?

— Eu lhe conto com franquesa. Eu tinha pensado isto cá comigo. Calculei: se Ele aparecer, eu vou pôr o meu dedo nas suas chagas...

— Então, Jesus adivinhou o seu pensamento.

— Adivinhou sim. Mas já me perdoou... Pra quê os homens ainda ficam a repetir este episódio?

— Porque nós gostamos de historiar as falhas do semelhante. E' por isso.

— Este fato me chateia de mais. Me persegue a vida toda. Se acho um livro, um jornal, uma revista, lá aparece, de vez em quando, esta anedota sem graça.

— Os nossos erros nos acompanham na memória da humanidade.

— E' verdade! Como Vocês, homens, são safados.

— Safadíssimos. Sempre sere-mos assim. Agora, nesta sua visita, o senhor vai ver. E tome notas, para contar aos amigos, lá no outro mundo...

— Já trouxe lápis, papel e óculos...

— Usa óculos?

— Uso. Quase não encherço mais letra de fôrma. Vista cansada, simplesmente...

Neste ponto da conversa, ouvimos uma vozinha feminina muito longe. Dizia assim: Papai, papai! São horas de levantar São oito horas. Quando a voz entrou na sala, que era o meu quarto de dormir, eu acordei. Era minha filha que me chamava para o café da manhã. E ela me disse, na sua alegria estouvada:

— Puxa! Como o senhor dormiu. Não o acordei porque o ouvi conversando alto, sosinho...

— Sosinho não. Estava conversando com São Tomé...

— Com São Tomé, o incredulo?

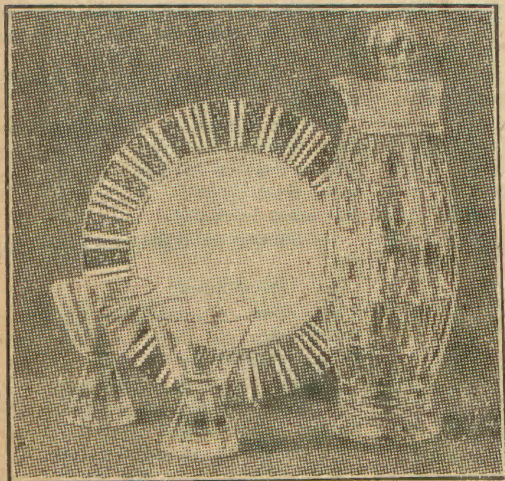
— Com ele mesmo. Com São Tomé.

— Ora, papai. O senhor tem cada uma...



AGUA DARJAN, aplicada
após a barba, evita **IRRITAÇÕES E INFECÇÕES**.
Simples ou Mentolada
RUA CACHOEIRA, 1793 - SÃO PAULO

* * *



Presentes de fino gosto!

- Escolha-os no moderno sortimento do maior empório de louças, cristais e porcelanas da cidade.

CASA CRISTAL

Rua Espírito Santo, 629
ESQ. DA AV. AFONSO PENA

Marcelo Gama

CARLOS

POSSIDONIO Machado nasceu na cidade de Cachoeira, no Estado do Rio Grande do Sul, em 1878.

Fadado para o infortunio, cresceu o poeta entre esperanças e ambições, carregando um nome duro, inarmônico e inexpressivo, com que a ironia da sorte lhe brindara — POSSIDONIO.

Alcançando, porém, a idade do entendimento completo, já com uma cultura apreciável e portador de uma sensibilidade aguçada, compreendeu que aquele nome, áspero e feio, ser-lhe-ia, fatalmente; um espantalho para a vida e, principalmente, para a arte; daí resolver adotar, para sempre, o pseudônimo vibrante e sonoro de MARCELO GAMA, pelo qual se tornou conhecido no mundo das letras e no convívio dos homens.

Com esse criptonimo quente alcançou o poeta os píncaros da glória; portanto foi ele o seu verdadeiro nome na sua trajetória pela terra, e o mal-nado Possidonio passou a ser como que um incidente na sua vida, uma espécie de alcunha que recebera ao nascer e que acabou por se perder na poesia do tempo.

Marcelo foi quase um anormal, pela força do seu temperamento intransigente de rebelado com as injustiças do destino e dos séres. Teve a existência quase toda varrida por violentas rajadas de revoltas e ódios, e sacudida por estremecimentos de uma inquietadora independência.

No íntimo, porém, foi um bom amoroso, um afetivo, extraordinariamente emocional e um eterno sonhador.

Paladino do ideal, expandia a tristeza do seu espírito superior, escrevendo:

“O caminho sagrado, esse dos sonhadores que sobem, a cantar, a montanha das Dores, tendo os pés a sangrar e uma lira por cruz. Caminho do ideal, estrada que conduz a uma terra de amor e de dias risonhos, desde muito sonhada em mentirosos sonhos, e onde querem chegar, subindo entre alcantis, surdos à multidão eterna de imbecis, os Poetas, os Bons, os Visionários, todos que acreditam no Sonho e na Quimera... Deídos!

e, não raro, se comovia ante o sofrimento alheio, apesar da sua tendência para a ironia satânica e mordaz, e chorava ao lembrar-se dos que padeciam física e moralmente...

Boêmio por índole e esbanjador de energias, preferiu a vida irregular e aventureira da incerteza à vida pacata de burguês ou de funcionário público, subordinado a horários e a determinações vulgares.

A liberdade fascinante dos boêmios o atraía... Andou de bar em bar alma vadia de cigarra — ora, declamando os seus versos, ora, rabiscando os panfletos com que dissecou e escalpelou os imbecis.

Certa vez, porém, alarçou os que o conheciam quando apareceu, colocado como escrivão de uma casa comercial aqui no Rio, onde se radicara, não mais voltando à terra de seu berço. Pareceu a todos que Marcelo se desiludira com o seu grande sonho de artista, e, divorciado das musas, resolveu tornar-se um autêntico burguês.

Mas, qual! O que parecera aos outros uma mudança radical de hábitos e um corretivo ao seu “modus vivendi”, não passara de um colapso do



POETA DA AMARGURA E DA IRONIA

MARANHÃO

seu temperamento irrequieto. Essa fraqueza da sua excitação nervosa teve a duração de um meteor. Foi curta. Em breve Marcelo voltava à vida anterior, com maior intensidade, e voltava mais excêntrico e mais idealista.

O seu grande sonho de arte adquiriu, com aquele período de inércia, aquela espécie de catalepsia mental, maior brilho e opulência. E, mais do que nunca, amoroso e sonhador, empunhando a pena — o grande lenitivo para os seus males — traçou, nervoso e ágil, este esplêndido soneto, repassado de um lirismo estranho, curioso e bizarro, características que o tornaram, na parte poética, um dos maiores vultos da sua geração:

COM O SOL

— “Anda depressa, ó Sol, que estás parado!
Que fazes tu aí, Sol imprudente?”
Este maldito Sol, ultimamente,
tem-se tornado o meu maior cuidado!

Essa que eu amo, mora num sobrado,
e o Sol, que a quer também, pára-se em frente;
e até que, o Sol se canse e, enfim, se ausente,
a janela é deserta e eu desolado.

— “Sol, vai-te embora!” — É quando o sol vai indo
e ela aparece, eu desespero e gr. to,
por ver a noite que já vem caindo:

— “Sol, pára um pouco!...” E o Sol, sem me es-
[cutar,
se esconde, enquanto eu lhe suplico, aflito:
— “Sol! por favor, ó Sol, vai devagar!”

Por essa época já o grande vate nos tinha dado “Via Sacra”, seu livro de estréia, e “Noite de Insônia”, onde a pujança do seu êstro, de mistura com a originalidade da forma e a riqueza das imagens, se manifesta, exuberante e ágil, emprestando à beleza do colorido as sutilezas da emoção e do pensamento.

A nota dominante da poesia de Marcelo Gama é a emotiva. Os seus versos ressumam amargura e tristeza e, não raro, mesclados com a ironia acre com que o seu talento de torturado e sofredor aguilhoava a vida.

O poeta lutou sempre com a adversidade. Muitas e muitas vêzes faltou-lhe à mesa o necessário para o sustento dos entes queridos a quem dedicava um afeto profundo, mas, incompreensível.

Quem nos dirá que o espectro da miséria que lhe rondava a vida não tivesse despertado na sua imaginação tempestuosa, aquela tragédia infernal que se contém nas páginas de “Avatar”, o pavoroso drama em um ato, que o seu cérebro, em fogo, ideou e a sua mão nervosa e trêmula escreveu?

As tormentas com que teve de lutar através da existência, tornaram-no um descurado. A sua indumentária era desalinhada e torta. Nunca o preocuparam o traje e as aparências. Andava desmantelado e alheio às fúteis exigências da sociedade, de cabelos revoltos e emaranhados, como um protesto à submissão que avilta, praguejando insultos e doestos à pequenez dos homens. E quando o desespero o envolvia inteiramente, seus olhos

“AS DADIVAS DA ENCHENTE”

UM ROMANCE DO NORDESTE MINEIRO



VALTER PIMENTA

Surge mais um escritor em Minas. Trata-se do sr. Valter Pimenta que vem de publicar o seu romance de estréia: “AS DADIVAS DA ENCHENTE”, livro que encerra nas suas compactas 258 páginas um punhado de flagrantes, dramas e observações da vida de uma cidade do nordeste mineiro, zona fértil em material humano para os bons romancistas.

No romance do sr. Valter Pimenta, que a Livraria Cultura Brasileira Ltda. está distribuindo, avultam surpresas e intrigas, casos curiosos e instantâneos interessantes.

Valter Pimenta é um excelente retratista dos costumes do nosso interior e a força do seu livro está na sua visão agudamente objetiva. “AS DADIVAS DA ENCHENTE” vem alcançando sucesso de livraria, estando quase esgotada a sua primeira edição.

ALTEROSA transcreve abaixo algumas opiniões valiosas sobre o romance de Valter Pimenta:

— “AS DADIVAS DA ENCHENTE” é um livro que se lê do princípio ao fim com agrado e interesse, pois revela-nos antes não só excepcionais qualidades de observação, como um escritor que sabe transmitir a sua experiência da vida e dos homens num estilo sempre agradável e numa linguagem escoreita e pura.”

“Folha de Minas”, suplemento literário de 7-1-945.

* * *

...“e mais ainda porque se vê que o seu autor, além de escrever num estilo agradável e saber movimentar habilmente seus personagens, é um profundo conhecedor de nossa vida rural”.

Godofredo Rangel, em carta ao autor.

* * *

E Alberto Deodato, escritor e jurista, falando sobre o livro de Valter Pimenta, entre muitos outros conceitos felizes, acrescentou:

“Você viveu, em suas páginas, muitas de grande beleza e simplicidade, a vida deste nordeste que está chamando os romancistas para uma grande obra.”

* * *

Os leitores do interior que desejarem adquirir um exemplar de “AS DADIVAS DA ENCHENTE” poderão fazer seus pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria CULTURA BRASILEIRA, rua S. Paulo, 552, Belo Horizonte.

ENRIQUECENDO. todo o BRASIL!



EXTRAÇÕES EM MARÇO DE 1945

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Dia	Premio maior	Preço
3	1.000.000,00	120,00
7	500.000,00	70,00
10	2.000.000,00	350,00
14	500.000,00	70,00
17	500.000,00	70,00
21	500.000,00	70,00
24	500.000,00	70,00
28	500.000,00	70,00
31	500.000,00	70,00

*

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS

Dia	Premio maior	Preço
2	200.000,00	30,00
9	300.000,00	40,00
16	200.000,00	30,00
23	200.000,00	30,00
30	200.000,00	30,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

O CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

AVENIDA. 612 E AVENIDA. 781
CX. POSTAL 225 - END. TEL. "CAMPEÃO"
BELO - HORIZONTE

NÃO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES

verdes tinham fulgurações de um brilho metálico e dardejavam fagulhas de asco e de revolta...

Pobre Marcelo! O seu idealismo era grande demais para caber no âmbito da terra e o seu magnífico sonho de arte voava para além do éter, numa ânsia de pureza e perfeição!...

O vate gaúcho foi um complexo psicológico digno de um estudo mais profundo e desenvolvido. Nestas ligeiras palavras apenas procurei evocar o talentoso autor de "Via Sacra", em frases de admiração e de saudade, relembrando-lhe a figura singular de poeta, já quase esquecida pela indiferença pública e conservada dentro de um mutismo doloroso na lembrança dos que tiveram a ventura de travar conhecimento com a sua obra admirável.

Literariamente foi Marcelo Gama uma mentalidade invulgar, cheia de originalidade, admirável nas concepções arrojadas e de largas pinceladas no colorido das idéias e dos efeitos simbólicos.

Profundamente sentimental, muitas vezes fez dos próprios versos o relicário das confissões da sua alma de emotivo, sensível aos encantos dos sentimentos puramente afetivos e, sob esse influxo sublime, nos legou este mimo, que é uma jóia da poesia brasileira:

SONETO DE UM PAI

Vê-la crescer, florir — viço e perfume —
Já sorri. Quer falar, tartamudeia.
Diz "mamãe" e papai sufoca o ciúme.
Os dentinhos lhe vêm. Anda. Chilreia.

Traz a casa de risos sempre cheia.
Vai ao colégio, mas, com azedume.
Aborrece as bonecas. Cresce, alheia
A' formosura e à graça que resume.

De moça já tem cismas e alvoroços.
Põe vestidos compridos, fala pouco,
Suspira, sonha, ansela e pensa em moços.

Vê-la como fulgura numa sala...
Enva.decer-me... E chorar como um louco
Quando o noivo vier arrebatá-la!

O fecundo poeta tinha a fervilhar-lhe no cérebro vigoroso inúmeros trabalhos e muitos outros livros nos poderia ter deixado, além de "Via Sacra", "Avatar", "Noite de Insônia" e "O violoncelo do Diabo", que não chegou a concluir, repletos da sua inspiração radiosa e marcados pela sua extraordinária sensibilidade, verdadeiros tesouros de gemas preciosas, se o seu negro destino não lhe tivesse reservado, ainda, a última e a mais covarde das ciladas!

E foi na madrugada azilaga de 7 de março de 1915. Dirigia-se Marcelo para a sua residência, viajando na ponta do banco de um bonde que ia para o Meier, onde morava. A longa viagem, as agruras que lhe atormentavam a vida, atordoado pela fadiga em noites seguidas de boemia e vencido, afinal, pelo sono, o poeta adormecera.

Ao passar o veículo pelo viaduto que existia pouco acima da Estação do Engenho Novo, ligando as ruas 24 de Maio e Arquias Cordeiro, num acentuado declive sobre o leito da Estrada de Ferro, fez a curva com tal violência que o poeta, desamparado e colhido de surpresa, foi projetado, brutalmente, de uma altura de 30 metros às linhas da Estrada de Ferro, morrendo quase que instantaneamente...

E aos 37 anos de idade — dolorosa ironia do destino! — morria, de um modo trágico, uma grande mentalidade poética do Brasil, cuja vida tinha sido uma sequência de tormentas e marcada com o anátema da desgraça que, por fim, como última e tenebrosa oferenda, coroou-a com uma morte violenta, brutal e impiedosa!

* * *

UM SALOMÃO MODERNO

UM correspondente do "World" em Shanghai conta que um negociante chinês dos arredores daquela cidade, moço ainda, ardente e aventureiro, embora casado, logo que se declarou a guerra européia, de 1914, engajou-se como *coolie* a bordo de uma canhoneira inglesa.

Passaram-se meses, anos e não havia dele nem notícias.

Sua esposa, que ficou só e na maior miséria, teve com isso grande desgosto; mas depois considerou-se viúva, consolou-se e casou com outro negociante modesto, que havia muito lhe fazia a corte.

Vivia o novo casal muito tranquilo e feliz, quando um belo dia, o primeiro marido reapareceu em Shanghai e apresentou-se em casa de sua ex-mulher, pretendendo retomar seus direitos.

O segundo marido protestou energicamente e apelou para as autoridades, alegando a regularidade de seu casamento e afirmando que, perante as leis, ele era indiscutivelmente um marido legítimo.

— Também eu — dizia o primeiro marido.

O juiz chinês a quem foi afeto o caso não se perturbou.

— Confiem-me sua mulher durante dez dias — disse ele aos dois maridos. — Terminado esse prazo voltem à minha presença para conhecer minha decisão.

— Assim se fez, mas logo sete dias depois o juiz novamente convocou os dois maridos e disse-lhes:

— Aconteceu uma desgraça inesperada. Sua mulher, aborrecida com a situação em que se encontrava, suicidou-se esta manhã. Agora resta saber a qual dos senhores devo entregar o corpo da morta. Fal-o-ei àquele que quiser pagar as despesas do enterro.

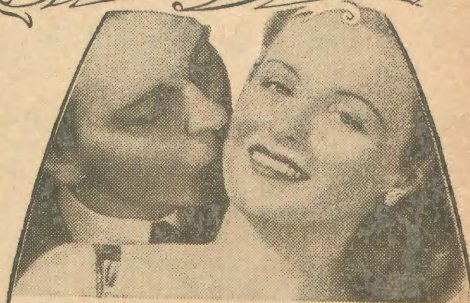
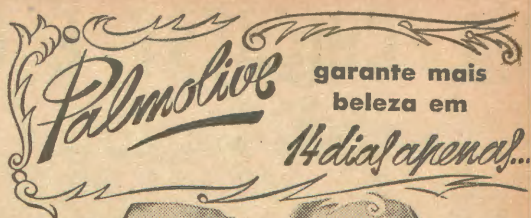
O primeiro marido protestou:

— Eu não pago. Para que posso querer uma mulher morta? Agora o senhor juiz pode fazer dela o que quiser. O que eu queria era uma mulher viva, que pudesse tratar de mim e de minha casa.

Entretanto, o segundo, chorando, dizia:

— Pois eu pago; eu, pago, mas restitua-me minha mulher. Ela era tão boa e eu gostava tanto dela! Já que não a posso ter viva ao menos quero prestar-lhe as últimas homenagens e chorar sobre seu túmulo.

— Está muito bem, pode levá-la — disse o juiz. E abrindo uma porta deu entrada à mulher, que estava viva e sã.



V. sabe que em cada noite que V. se deita sem lavar o rosto, as impurezas que obstruem os poros roubam-lhe a juventude e a beleza?

Isso é porque eles permanecem fechados pelo maquilage durante quase 24 horas por dia e a pele, não respirando, torna-se flácida e envelhecida. Por isso V. deve aplicar o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS.



PALMOLIVE, o sabonete embelezador, lhe oferece um tratamento muito simples para reativar a circulação do sangue e manter a pele macia e lisa. Cada vez que lavar o rosto, friccione durante um minuto com uma pequena toalha impregnada com a cremosa espuma de PALMOLIVE, que limpa os poros profundamente. Si a sua pele for oleosa, aplique o método 3 vezes ao dia; si for seca somente de manhã e à noite.



Muitas mulheres de todas as idades experimentaram o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS.

Está provado que ele mantém a perfeita circulação do sangue evitando a perda da elasticidade da cutis. Faça também essa prova durante 14 dias seguidos. Depois faça do MÉTODO PALMOLIVE o seu tratamento de beleza diário e permanente.



EMBELEZA DOS PÉS À CABEÇA

MR. CHICKERY E O HOMEM PREVIDENTE

PELO DESCONHECIDO CON-
TADOR DE HISTÓRIAS DA
B. B. C. DE LONDRES.

TRADUÇÃO DE DULCE MADUREIRA
ESPECIAL PARA ALTEROSA

JA' lhe ocorreu alguma vez, meu caro senhor, que os homens têm em geral, estranhas peculiaridades? Não há jeito de se saber o que eles pretendem fazer daqui a pouco.

Há tempos, quando eu era moço, e mais tolo que agora, costumava pensar que compreendia as pessoas. Mas o fato é que, quanto mais sei, menos sei, como disse o filósofo.

Diz-se das mulheres — benza-as Deus! — que elas não sabem o que querem. Mas o senhor vai aprender de mim que os homens são iguais a elas: a única diferença é que eles são mais obstinados na sua volubilidade.

Perdão-me todas estas profundas observações, meu caro senhor, mas a verdade é que elas emergiram à tona do meu espírito, impelidas por uma coisa de que me lembrei ontem, no momento em que estava comprando algumas apólices.

Eu estava pensando em dinheiro, e, no momento, estava sendo providente a respeito de dinheiro; por isso, comecei a refletir sobre várias pessoas que conheci, as quais foram mesquinhas ou generosas, de acordo com os seus temperamentos... e o que lhes aconteceu no fim.

O senhor, certamente, sabe o que diz a Bíblia: — “De que maneira morre o sábio? — Como o tolo”. No meu modo de pensar, meu senhor, é tolice esbanjar dinheiro; mais tolice maior ainda — se se deve escolher entre dois males — é amontoá-lo.

Porque se o senhor, ao menos, gasta uma fortuna comprando champanha para amigos ocasionais, o senhor está apenas dissipando dinheiro; mas se o senhor guarda uma fortuna fechada à chave numa arca, e gasta a sua vida a preocupar-se com essa fortuna, privando-se de coisas, só para acumular mais... então, o senhor não está apenas gastando o seu dinheiro, mas o dinheiro também está gastando o senhor.

Não importo de lhe dizer que, quanto a mim, as economias que consegui acumular durante sessenta longo anos... espere — sim, montam exatamente a 752 libras, mais alguns shillings, e meio penny... embora eu não possa imaginar de onde saiu esse meio penny.

Esta soma eu a consegui pondo de parte, para os dias magros, algumas libras cada ano. O senhor vê que eu não tenho ninguém, e se alguma coisa me acontecesse — quero dizer, alguma coisa que me impedisse de ganhar a vida, — eu não ficaria sendo uma carga para a comunidade.

ABRINDO CAMINHO NO MUNDO

Isso é tudo que eu economizei para — justamente para o que se poderia chamar a preservação da minha dignidade.

Mas que tagarelice a meu respeito, santo Deus! O senhor por certo não está interessado em mim.

Eu ia lhe contar uma história a respeito do inconcebível procedimento de um cavalheiro cujo nome, se eu o mencionasse, seria por certo muito familiar aos seus ouvidos — mas não ouse mencioná-lo.

Vou dar-lhe o nome de Aranha. Espero que as senhoras me perdoarão por escrever outra vez sobre cousas prosaicas e grosseiras, mas, para desculpar-me, devo dizer somente que, nesta vida não podemos esperar apenas cousas poéticas e delicadas.

Aranha, em sua época, foi um grande sportsman. Foi um dos melhores e mais limpos boxeadores que jamais existiram. Ele tinha saído da mais pobre das famílias pobres, e, no exato sentido da expressão, tinha aberto por si mesmo o seu caminho no mundo.

Ah, meu caro senhor, a vida não é lá tão fácil para muita gente, e eu admiro aqueles que conseguiram passar através da moenda sem se machucarem muito; por isso, estou sempre preparado para desculpar quaisquer caprichos e peculiaridades num homem que tenha lutado um bocado.

Pois bem. O meu amigo Aranha era um sujeito muito bom e digno, mas tinha uma coisa... uma coisa a que se poderia chamar “uma fraqueza”. Ele era tremendamente mesquinho em questão de dinheiro.

Pode-se dizer que o dinheiro era para ele uma verdadeira assombração. Estava dia e noite no seu espírito, e, segundo ouvi falar, sempre tinha assombrado o seu espírito.

Quando criança, nunca soube o que fosse a boa alimentação, e, no inverno, jamais soube o que fosse aquecimento.

Suas roupas, quando ele era muito jovem, estavam sempre em farrapos, e ele era desprezado por causa disso, — o Senhor perdão àqueles que desprezavam, pobre garoto!

Seu pai havia sido estivador, mas tinha sido ferido num acidente quando trabalhava nas docas, e não pudera trabalhar mais.

Sua mãe saía de casa para prestar serviços domésticos nas outras casas, e só conseguia ganhar uns poucos “shillings”, de modo que família de Aranha — que, por sinal, era numerosa — passou a ser objeto de desprezo e caridade.

Cada pedacinho de pão era contado. Ah, eles eram terrivelmente pobres. O pobre Aranhazinha nem sapatos possuía para calçar.

Muitos da sua classe, meu caro senhor, nunca viram crianças descalças andando pelas ruas, mas creia que, no meu tempo, isso era uma visão de cada dia. Mas seguindo adiante.

— Punho forte e ânimo decidido.

A despeito da alimentação insuficiente e da má condição de vida, Aranha tornou-se um garoto tremendamente forte. Isso estava na massa do sangue, o senhor compreende.

Quando tinha quatorze anos foi colhido na rua por uns cavalheiros que o tinham visto numa briga, e que lhe deram oportunidade de lutar por dinheiro.

Ele devia travar tremendas e aterradoras batalhas com rapazes muito maiores que ele, tendo ficado estabelecido que, se vencesse, ganharia meia corôa, e nada receberia se fosse derrotado.

Assim como Tomi Tuquer cantava para garantir o jantar, Aranha lutava para garantir o seu e o

de sua família; levava para casa o dinheirito com que sua mãe comprava o pão e as batatas.

Porque tinha as pernas e os braços muito compridos, chamavam-lhe Aranha.

Apesar das terríveis pancadas, foi progredindo cada vez mais, e bem cedo tornou-se um boxeador de verdade; isso porque, tendo tanta ânsia de ganhar alguns "shillings" para seus pais, e sabendo que, se se machucasse, não poderia mais lutar, procurou desenvolver uma agilidade extraordinária e um modo realmente maravilhoso de evitar os golpes do adversário.

Assim, na época em que tinha vinte e um anos de idade — época essa tão remota que nem eu nem o senhor se daria ao trabalho de reavivar na memória — Aranha era considerado um dos melhores "boxeurs" de peso médio do mundo.

Ele era rigorosamente invencível. A esse tempo seus pais já tinham morrido.

Ele estava tirando do box uma porção razoável de dinheiro, e era muito estimado pelo seu decoroso modo de viver; porque, segundo me disseram, há "boxeurs" que, terminado o treino e vencida uma luta, saem a beber cerveja e caem na farra.

Aranha não era desses. Nunca o viram pôr o pé numa casa que não fosse respeitável, nem andar com mulheres. Vivia num treino contínuo, e as lutas que ganhava nunca eram suficientes para satisfazê-lo.

O senhor compreende: ele estava lutando por duas razões — porque precisava de dinheiro e porque o box estava na massa do seu sangue. Cada níquel ganho era poupado; ele só gastava o estritamente necessário. Nem um centavo mais.

Ainda está para nascer o homem que conseguiria arrancar-lhe um "shilling", e creio que não existiu nunca objeto de caridade tão digno de compaixão a ponto de tirar do seu bolso a mais insignificante esmola.

Como consequência natural, Aranha estava se tornando um avaro. Eu digo isso nas suas costas, mas já o disse na sua cara; não pense, pois, que sou algum caluniador.

Depois, ele se apaixonou por uma pequena, como acontece a quase todos os homens um dia ou outro. O nome dela era Joan, e ela era uma garota muito direita. Eles passeavam juntos de vez em quando.

Com Aranha, passear queria dizer apenas... passear. Ele era muito precavido com seu dinheiro para esbanjar um níquel numa passagem de ônibus, e era frequentador habitual do Museu Britânico — já que a entrada era franca.

Essa pequena vinha frequentemente à minha botica para conversar a respeito de Aranha, e eu pude perceber que, embora ela gostasse muito dele, estava um tanto transtornada pela sua atitude em relação a dinheiro. Várias vezes ela me disse, com muito raciocínio: — "Se ele é assim aos vinte e cinco anos, como será aos cinquenta?"

E certo dia Aranha veio ver-me, com uma expressão que eu nunca tinha notado em seu rosto, e me contou que Joan lhe havia "amarrado a lata", em favor de um rapaz alegre, que vendia balanças e gostava de frequentar os teatros.

Que poderia eu dizer-lhe? Eu lhe disse então o que pensava sobre o caso. Disse-lhe que esse negócio de dinheiro estava a devorá-lo, e fazendo dele um avaro.

Aí a expressão de acabrunhamento abandonou-lhe o rosto, ele me dirigiu um olhar feroz, e disse que não podia mudar.

— Que há de ser da minha velhice? — perguntou.

Mas eu, por minha vez, perguntei:

— E da tua mocidade?

— Não posso fazer nada — acrescentou.

Foi-se embora e continuou a lutar.

Ele durou muito mais que a maioria dos "boxeurs". E, de certo modo, o apogeu de sua carreira foi, por assim dizer, o fim dela.

Essa foi uma das maiores batalhas na história do ring. Aranha, com 35 anos, lutou na América com um "boxeur" jovem e destro, num campeonato que ele, Aranha, estava defendendo.

As probabilidades de vitória estavam todas contra Aranha, por causa da sua idade e da ótima reputação do camarada com quem ia lutar.

Todavia, Aranha nunca fora vencido, e esse encontro despertou tanto interesse, que eu cheguei a sentir orgulho por ter conhecido o lutador. Lá a descrição dessa tremenda luta.

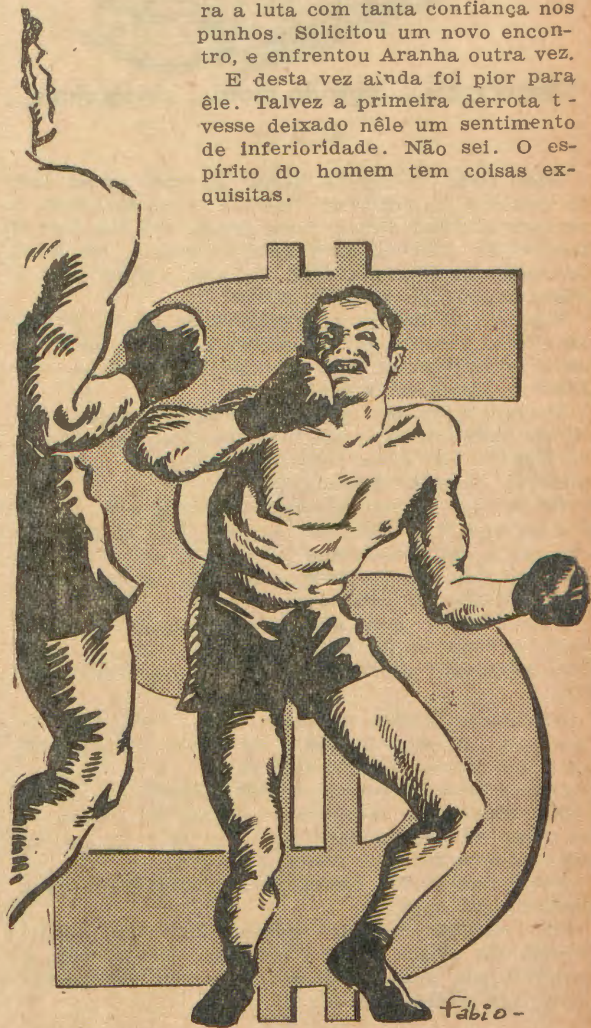
Creio ter sido a maior de todas. O adversário, a quem chamarei Butch, era alguns quilos mais pesado, e os seus braços alcançavam algumas polegadas mais que os de Aranha. Isto para não dizer que era dez anos mais moço e muito mais forte e vivaz. Ah, mocidade, mocidade!

Butch, começou com grande energia, mas, para assombro de todos, Aranha simplesmente esmagou-o. No primeiro tempo arremessou-lhe um formidável direto sobre o coração, direto esse que, segundo disse o próprio Aranha, ganhou a luta por ele.

Em dois rounds, Butch estava perdido. Em três, estava inconsciente.

Foi uma coisa humilhante para o jovem lutador, que começara a luta com tanta confiança nos punhos. Solicitou um novo encontro, e enfrentou Aranha outra vez.

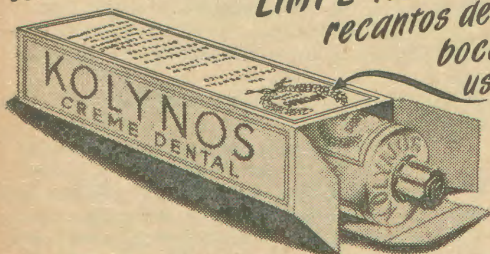
E desta vez ainda foi pior para ele. Talvez a primeira derrota tivesse deixado nele um sentimento de inferioridade. Não sei. O espírito do homem tem coisas exquísitas.



**SUA BOCA PRONUNCIARÁ SEMPRE
UMA PALAVRA: SAÚDE...**



COM O USO CONSTANTE DE KOLYNOS!
LIMPE todos os
recantos de sua
boca
usando



Limpa mais... agrada mais... rende mais...

* * *

Uma coisa, porém, é certa: Aranha pô-lo fora de combate no primeiro "round", e de tal modo o fez que o pobre Butch ficou sendo, daí em diante, motivo de chacota para todo o mundo, enquanto Aranha, que ganhara uma fortuna, voltou para a Inglaterra... de terceira classe.

Ele veio ver-me porque gostava de ler os jornais de graça. E tinha mais dinheiro do que o bastante para deixar um de nós — o senhor e eu — sem saber o que fazer com ele.

Perguntei-lhe em que pretendia empregar toda aquela dinheirama, e ele me respondeu que não ia empregá-la em coisa nenhuma. Por que confiar o dinheiro às mãos dos outros?

Os Bancos podem quebrar, as ações e os títulos podem perder o valor, até as garantias do governo não eram suficientemente boas para ele. Não, seu dinheiro era seu dinheiro, e Aranha sabia guardá-lo sozinho. E assim fez.

Depois disso, teve mais alguns encontros, mas, como há um limite para todas as coisas, a hora dele sou. Foi derrotado, e teve que se retirar do ring.

Como era preciso arranjar outro meio de vida, comprou um barzinho perto da minha botica. Isto antes da pseudo Grande Guerra.

Ora, o homem propõe e Deus dispõe... Lá diz o provérbio. Não creio que o senhor se lembre — na certa, não se lembra — do grande incêndio em Merroní-crescent por volta de 1919.

Três casas foram reduzidas a cinzas, inclusive o barzinho de Aranha.

Isto ocorreu lá pelas quatro horas da tarde, quando ele estava fora, a serviço. Quando voltou, às cinco, sua casa estava ardendo como um archote, e nada podia salvá-la.

Aranha parecia louco. Queria lançar-se casa a dentro, mas isso teria sido suicídio, e os curiosos o detiveram.

Afinal o fogo extinguiu-se. Aranha, então, pediu-me que o ajudasse a procurar qualquer coisa. Ele estava com o coração partido, digo-lhe eu.

— Procure uma lata — implorou.

Por fim fomos encontrá-la, toda retorcida e desbotada. Estava cheia de cinzas. Aranha olhou-a longamente e, com voz estranha, murmurou: Chiqueri, estas cinzas eram cinquenta mil libras em dinheiro. Ai vai toda a minha vida. Dizendo isto, emborcou a lata, e as cinzas flutuaram no ar.

Correu o tempo, e embora o pobre Aranha se esforçasse o mais que podia, as suas dificuldades aumentavam. E, um dia, entre 1920 e 1930, ele veio me dizer que uma coisa engraçada tinha acontecido. Mostrou-me uma carta.

A carta era procedente da América, e vinha de uma companhia de cinema que desejava fazer-lhe uma proposta. Que proposta era essa? Tratava-se disto:

Essa companhia tencionava fazer uma série de filmes de curta metragem, cujo título seria "Fábrica de Gargalhadas" ou coisa parecida. E pretendia reviver montes de fitas de antigas lutas, com novos comentários e câmicos efeitos sonôros, extraindo delas alguma coisa verdadeiramente divertida.

Propunha reviver as duas famosas lutas que Aranha tivera com Butch. A fita toda, das duas lutas, não teria levado mais de dez minutos de projeção.

Mas ofereceram a Aranha, por causa da sua fama no mundo esportivo, a tremenda soma de 2.000 libras pelos direitos de adaptação.

Apertei calorosamente as mãos de Aranha, e felicitei-o pela sua fortuna. Mas, para meu espanto, ele largou minhas mãos, olhou-me friamente e perguntou-me o que eu queria dizer com aquilo.

Disse-lhe que o estava felicitando por estar em vias de conseguir duas mil libras precisamente quando ele mais precisava delas. Aranha, porém, respondeu-me:

— O que é que você está pensando que eu sou?

O CORAÇÃO QUE PULSAVA EM ARANHA

Contou-me, então, que, nessas duas lutas, Butch havia representado um papel deploravelmente ridículo. Cada vez que se levantara, Aranha o pusera por terra, e ele caía sempre em posições extravagantes e vergonhosamente câmicas.

A verdade é que os produtores queriam converter todo aquele esforço e toda aquela bravura numa fita câmica para divertir os frequentadores de cinema.

Era assim que ele considerava a coisa. Pois Butch, agora retirado do ring, tinha filhos e netos. Assim, como poderia ele, Aranha, fazer uma coisa dessas a tão intrépido adversário, que, embora batido na contenda, tinha dado o máximo?

— Preferia morrer de fome — disse.

E era isso. Ele atualmente recusava 2.000 libras — este homem cujo nome tinha sido alcunha de avarento — justamente por causa da probidade que havia nele, e estivera com ele durante toda a vida.

Ah, meu caro senhor, o coração do homem é um mistério, e lá existe toda sorte de coisas belas, as quais se conservam ocultas pelas misérias da vida.

Eu nunca soubera que Aranha tinha um coração assim, e posos dizer que o soube por acaso.

Mas folgo muito em ter conseguido sabê-lo; porque é bom saber coisas boas a respeito das pessoas.

PROCISSÃO DO SENHOR MORTO

OSCAR MENDES
Para ALTEROSA

Desenho de
ROCHA

SEXTA-FEIRA da Paixão. É' noite. A lua, que fôra cheia na noite anterior, anuncia a sua chegada com um clarão amarelento, lá por trás da serra.

O largo da matriz está repleto. No adro, enorme e negra, avulta uma cruz e nela, envolto num pano, um crucificado. Aos lados duas cruzeiras menores, com as figuras do bom e do mau ladrão. Em frente à tosca representação do Calvário, levanta-se o púlpito, donde, em pouco, estrugirá a voz potente do pregador, vindo de fora, que dirá às gentes o suplicio ignominioso que sofreu o filho de Deus.

Influência talvez da cena evocada, o respeito tolhe as línguas. Conversa-se baixo. Num tablado, junto à cena do Calvário, a imagem da Mater Dolorosa, cercada das Marias Behús, de Santa Verônica, de Isaac e Jacó, de Longinos, o centurião e dos doze apóstolos.

O padre sobe ao púlpito e começa o sermão, a princípio em voz surda, a pouco e pouco se alteando e clarinando depois em acentos fortes e clamantes, impressionadora e patética. A multidão escuta, silenciosa, com um arrêcho de angústia nas gargantas secas e de olhos fitos, ora no pregador, ora na cena que se desenrola no Calvário.

Em escadas, apoiadas à cruz grande, onde se acha Cristo crucificado, sobem dois homens embocados em largos timões brancos. À proporção que o orador descreve os atos dolorosos do descimento da cruz, vão eles executando-os. Despregam um braço do crucificado, que pendia inerte ao longo do corpo lívido e sangrento. Outro braço é desprendido. Depois os pés. Há qualquer coisa de fantástico e de assombroso na cena que se evoca. A lua, já se alteando, por trás da igreja, como um olho enorme que viesse também espiar o triste episódio, lança uma luz ainda suja de nevoas de um tom baço e doentio, sobre a multidão paralizada.

Por cima das cabeças imotas passam de roldão as palavras, agora mais trêmulas, mais comovedoras, do orador. Envolta num len-

gol, é a estátua do Crucificado descida enfim do madeiro.

Acabado o sermão, há como um rebentar de opressão nos peitos dos ouvintes. Eleva-se um murmurinho de respiração desafogada. Bichana-se. Preparam-se todos para a procissão do Entêrrão.

A imagem do Crucificado foi posta num esquife carregado pelas pessoas de maior destaque local. Formam-se as alas. As velas acendem-se. A procissão move-se pelas ruas pedregosas, ao tremeluzir dos tocheiros. Um pouco à frente do esquife caminha, de cabelos ao vento, uma moça que representa Santa Verônica, levando nas mãos o sudário onde se estampa o rosto supliciado e sangrento de Cristo. A trechos, trepando num tamborete e circunvagando o sudário desdobrado, canta, na noite límpida:

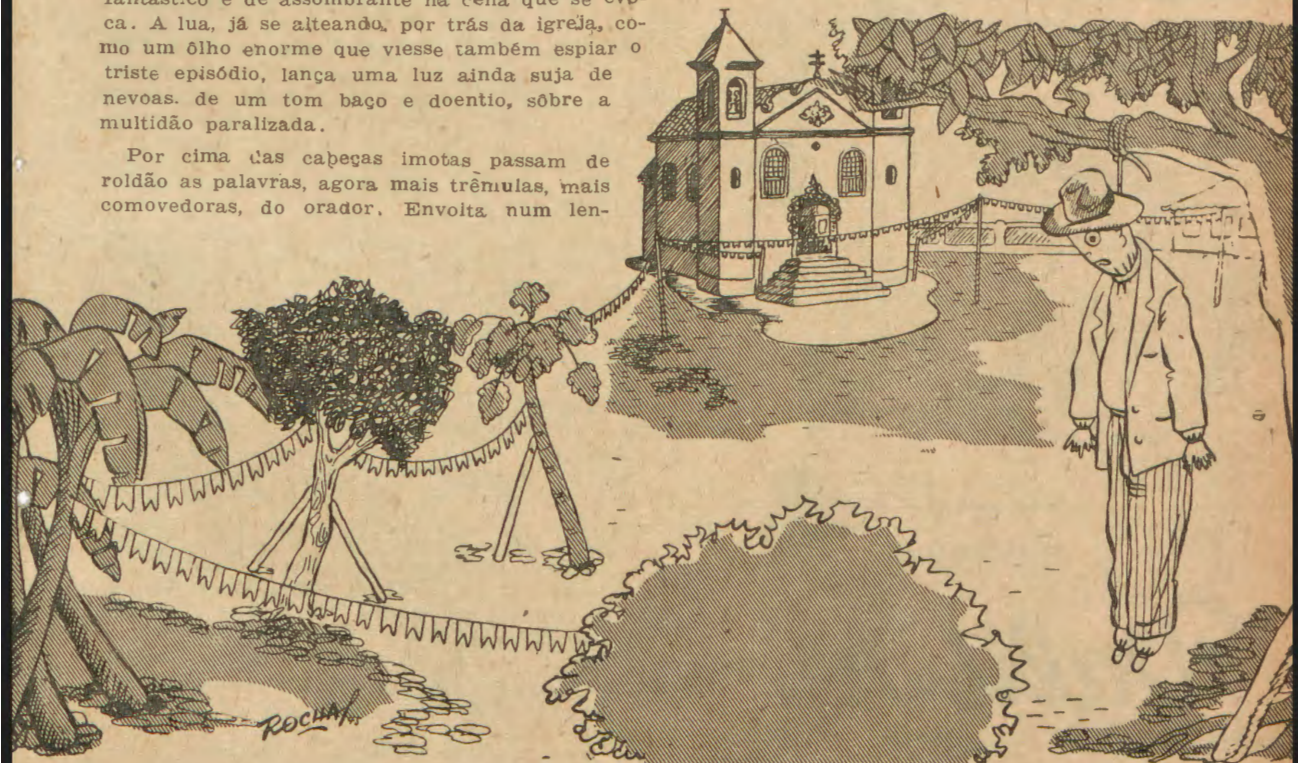
"O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte, si est dolor sicut dolor meus".

A sua voz franzina plange, lastimosa, como em desespero.

Logo em pós o esquife, figuras da História Sacra. O centurião Longinos, de roupa vermelha, com um capacete de lata, sapatos de bicos recurvados, uma lança com que, intervaladamente, bate no sólo, fazendo tilintar uns enfeites de folha de Flandres. O velho Jacó e logo atrás, semi-nu, um menino, Isaac, levando às costas um feixinho de lenha. São Pedro, barbibrancó, um anjo de asas nêvas e os apóstolos, de roupas coloridas.

Bem mais longe, o andar de N. S. das Dóres, seguida por Magdalená e S. João, e as Marias Behús, com vestidos pretos de enfeites prateados e

(Conclue na página 60)





Berenice

(A LENDA DE SANTA VERÔNICA)

PELA CONDESSA PABLO BAZÁN

FOI EM UM LIVRO velho encadernado em pergamimho, impresso em caractéres góticos, que encontrei a lenda de Berenice, a quem todos chamam de "Veronica". Sem dar-lhe credito ou atribuir-lhe autoridade alguma, vou transcrevê-la aqui.

Berenice, casada com Misael, o rico, era de origem hebraica, nascida em Alexandria, no Egito. De sua cidade natal havia trazido a Siôn costumes requintados, roupas e joias mais ricas do que as usadas pelas damas do séquito da esposa de Pilatos. Usava os mais esquisitos perfumes, trazidos por Misael, das suas viagens aos países da Persia e da Arabia. Apesar de tudo, Berenice e Misael não eram felizes.

Não tinham filhos. Como então, a esperança de todo casal era de que o Messias, prometido, nascesse em seu lar, Berenice e Misael sonhavam também com essa ventura.

Naquele tempo as mulheres estereis eram motivo de gracejo. Cada vez que uma mulher grávida passava em frente à casa de Berenice, lançava-lhe um olhar de desdém.

O povo pensava que o Redentor viria como um guerreiro, tendo na cintura uma espada reluzente, e no braço um pesado elmo. Com o seu poder faria fugir o invasor, e Israel seria livre. Voltariam os tempos gloriosos, o triunfo de Jehová, e entre os canticos de alegria, o Templo acolheria, como outrora, as multidões das tribus, e a Arca seria outra vez levada em apoteóse, ao som das cítaras, entre os clamores do povo delirante...

Misael era dos que pensavam assim. E, como Berenice não lhe desse um filho, foi arrefecendo o seu primitivo entusiasmo pelo grande ideal que o animava.

Sua tristeza cresceu mais, quando Misael percebeu que Berenice seguia as doutrinas que começavam a surgir em Jerusalém. Homens de tunicas brancas e cabelos compridos, levavam uma vida pura e compreendiam (ao contrario dos Doutores das Leis e Principes dos Sacerdotes), que o Messias não seria um guerreiro, e sim, um pacificador humilde que redimiria Siôn.

Antigas profecias o tinham anunciado. Isaías, o de labios purificados pelo fogo, lhes havia dito: Não será um Leão de Judá, mas apenas um cordeirinho. Não se defenderá, pois desejará ser sacrificado. O prego de seu sacrificio será a redenção, não só de Israel, mas também de todo o mundo.

Isto parecia a Misael a pior heresia. O Messias teria que vir ao mundo somente para o povo de Israel. O Messias viria para os Judeus, para o povo de Deus!

Os esposos contendiam dia e noite, e Misael afechado ao seu patriotismo, martirizava Berenice com a sua obstinação.

Prefiro que o Messias não venha, a ter que vir para beneficio desses romanos que nos oprimem.

A medida que o tempo ia passando, aumentava cada vez mais a ansiedade de Misael. Apesar de Berenice não ser muito jovem, ele não perdia a esperança, porque Sara que era, muito mais velha, havia concebido. Assim é que um dia, após voltar do trabalho, enquanto sua mulher lhe lavava os pés, falou Misael: :

— Berenice, hoje enquanto descansava em minha tenda no deserto, tive um sonho. Vi você ro-

BELEZA... FORMOSURA... SEDUÇÃO!

Sobre as formas pujantes e divinas da mocidade em flôr, a carícia sedosa de Lingerie Valisère cria um poema de amor! Faça de Valisère a sua lingerie: é de tecido indismalhável e corte individual rigoroso.



LINGERIE

Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

PANAM

ALTEROSA * MARÇO DE 1945



deada de filhos. O primeiro dos seus rebentos era o Messias prometido. Tinha o rosto triste e a face sangrando. Estou inquieto. Quem poderá interpretar este sonho?

A esposa cortinou calada. Serviu-lhe o assado, a torta de mel, a manteiga, as úvas e as cerejas. Serviu-lhe o vinho e a água fresquíssima, e uma vez saciada a fome do esposo e quando este já havia passado para o terraço, Berenice falou-lhe com emoção:

— Não deseje mais Misael que eu seja a Mãe do Prometido. Não pôde ser. O Messias já vive entre nós.

E como Misael, atônito, duvidasse e negasse, Berenice replicou:

— O filho de David já chegou, anunciou Yokaanam, não se recorda? Aquele homem justo que degolaram, depois da impudica dança de Salomé, por artimanha da Tetrarquese. O filho de David, às vezes vai pelos povoados ensinando o bem, outras vezes a Jerusalém e pelas montanhas, pregando melhor que Moisés.

Misael refeito do assombro, pôs-se a rir.

— Sempre lhe disse mulher, que estas novas doutrinas acabarão enloquecendo-a. Se o Libertador não vier, só teremos um caminho a seguir. Desembanhemos as nossas espadas e caíremos sobre os nossos inimigos. Com profetas descalços e que vão pelos caminhos como mendigos, pouco prosperaremos. O Messias não pode ser primo de Yokaanam, que era um vagabundo, comedor de frutas silvestres. O Messias virá cheio de fortaleza e quando chegar lutaremos ao seu lado.

— Ele está entre nós. Meu coração me diz. Não duvide Misael. Não viva às cegas.

O comerciante riu novamente e, tomando o seu manto, saiu de casa. Queria informar-se acerca do tal Messias. O primeiro amigo que encontrou deu-lhe notícias sensacionais.

— O louco visionário que se diz Rei dos Judeus? Aquele que o povo acompanha e que teve uma en-

trada triunfal? Foi preso e talvez seja morto amanhã.

Misael estremeceu. A ele não importava a morte do pseudo-Profeta. Mas Berenice iria sentir muito, por isso calou-se. À noite, teve pesadelos e falou alto. Às perguntas carinhosas de Berenice, contestou com subterfúgios. Não sabia de nada... Aquilo era efeito do vinho e da comida.

No dia seguinte correu à cidade. Soube que haviam flagelado o prisioneiro.

À tarde, soube que o Rabi ia ser crucificado. Voltou o comerciante à sua casa com um grande peso na consciência. Queria falar à Berenice, mas temia, que ao fazê-lo, ela corresse ao lugar do suplicio. Taciturno, sentou-se no jardim ao lado de uma fonte.

Berenice estava ao seu lado. Pálida e triste, não respondia quasi às suas palavras. Os dois emudeceram no fim de certo tempo. Foram despertados pelos gritos histéricos do povo e prantos de mulheres. Passava uma lugubre comitiva, e entre ela, um homem carregando uma cruz, arrastando-se, levantando e caíndo. O homem devia ser jovem e formoso, porém o suor e o sangue que corriam pelo seu rosto, modificavam-lhe a fisionomia. Berenice não gritava nem chorava. Permanecia com os olhos dilatados pelo horror da cena. Em seguida, saiu como louca, empurrando os guardas e a multidão, afim de limpar com seu lenço aquele rosto embebido de sangue e suor. O condenado olhou-a por um momento e o seu olhar cravou-se como um ferro ardente no coração da piedosa.

Misael a havia seguido para protegê-la e foi o primeiro a notar o milagre...

A face do condenado havia ficado impressa no lenço três vezes, em três dobras simétricas, e era o mesmo rosto, o mesmo olhar, o olhar que convertia qualquer coração empedernido...

E Misael, caíndo prostrado, gritou:

— Era perto! O Messias já havia chegado!



Fragmento de um famoso quadro de Leonardo da Vinci, A CEIA, em desenho de Antonio Rocha.

TERIA sido Cristo fisicamente belo, o mais belo dos filhos dos homens, como o retrataram os pintores da Renascença? Ou sua beleza era, antes, reflexo da divindade e da bondade que transpareciam da fisionomia humana do Salvador?

De diferentes maneiras, muitas vezes antagonicas, os varios pintores, das varias idades e nacionalidades, têm desenhado o Filho de Deus. Prefaciando um "Caderno de Retratos de Cristo", saído em França pouco antes desta guerra, François Mauriac, o grande romancista catolico francês, salientava essa infinita variedade da representação pictórica do Salvador para concluir dizendo que era possível que Jesus não tivesse essa beleza, que nós avaliamos quasi sempre pela harmonia dos traços. Sua beleza provinha, antes, de um complexo fisico-moral ou melhor divino-humano, que tornava a presença do Rabi da Galiléa sumamente impressionante e agradável.

QUAL E' O RETRATO MAIS AUTENTICO DE CRISTO?

Pode-se, contudo, saber qual entre todas as imagens conhecidas de Jesus é aquela que está mais perto da realidade? Ora, sabe-se que não existe sequer um retrato autentico do Crucificado feito pela mão do homem e isto é o que explica as diferentes maneiras com que vem sendo concebido através dos tempos. Importantes pesquisas, todavia, já se fizeram e possivelmente continuam a ser feitas por cientistas fabulosos, tendentes todas a estabelecer,

A FIGURA HUMANA DE CRISTO

TERIA SIDO O SALVADOR FISICAMENTE BELO, O MAIS BELO DOS FILHOS DO HOMEM, OU SUA BELEZA ERA, ANTES, MORAL? — IMPORTANTE PESQUISA DE UM SÁBIO INGLÊS SOBRE O MAIS AUTENTICO DOS RETRATOS DE JESÚS. — UM DOCUMENTO CÉLEBRE DE AUTENTICIDADE HOJE DUVIDOSA — O TIPO DA VINCI E O TIPO REMBRANDT DAS REPRESENTAÇÕES DO DIVINO RABI DA GALILÉA.

pela coleta de dados históricos verdadeiros, qual teria sido a real fisionomia do Cristo. Uma delas, das mais importantes e entre todas, a mais recente, por sinal, deve-se ao sabio inglês Sir Wike Bayliss que, em seu erudito "Estudo dos retratos de Cristo desde o tempo dos Apostolos até os nossos dias, feitos por pintor", chegou à conclusão, por todos os títulos respeitável, de que a mais autenticidade das representações pictóricas de Jesus é o afresco que se acha nas Catacumbas de Domitila ou de S. Calixto, em Roma. Nesse estudo, o notável arqueólogo demonstra, exaustivamente, que esse afresco foi feito por um artista romano que vira Jesus e assegura, ainda que nessa imagem se inspiraram, copiando-a, os grandes mestres até a Renascença. Não se pode duvidar que os primeiros cristãos tivessem recebido, por tradição, dos Apóstolos, o desenho da fisionomia de Jesus. E' possível mesmo que entre

aqueles que O seguiram através da Galiléa tenha havido alguém que transladou para o pergaminho seus traços veneráveis. Pois bem: o rosto de Jesus, retratado na Catacumba de S. Calixto, considerado por Wike como o mais autentico entre os demais, é notavelmente parecido com o que se vê no Santo Sudario de Turim.

Há de Cristo retratos feitos pela mão do homem e outros que o não foram e são chamados "arquiropoietas" e se conservam nas igrejas do orbe catolico como reliquias veneráveis. Ainda que adoradas pelos fieis, a critica atribui a esses retratos arquiropoietas uma fatura muito posterior à admitida pela crença popular. O mais celebre deles é a Santa Face ou a Verônica, estampado, segundo tradição piedosa, no lenço com que uma santa mulher enxugara o rosto sangrante do Salvador. Seu nome é grego: Vera Icon, que por juxtaposição se formou Veronica; nome que se dá tanto à reliquia como à mulher que a obteve.

Outro retrato desse genero foi o formado por Jesus Cristo mesmo, que tocou seu rosto num lenço e o enviou a Abgáro, príncipe de Edesa. Colocado em uma tábua, foi esse lenço posteriormente transportado a Constantinopla no tempo de Constantino Porfirogeneta.

A OPINIÃO DOS GRANDES PARES DA IGREJA

Segundo a opinião de alguns padres da Igreja, Jesus não era formoso fisicamente. "Sua beleza era moral", afirmaram S. Cirilo e S. Clemente. Tertuliano, por sua vez, escreveu: "Se Jesus é feio aos olhos dos homens, se seus traços são grosseiros e vulgares, não importa: eu reconheço n'Ele o meu Deus". Em divergência com essa opinião dos padres africanos vêm, no entanto, a de S. Agostinho e também a de S. João Crisostomo, que viam o Salvador como modelo de formosura humana.

Dessa diversidade de criterios nasceu, naturalmente, a variedade



Detalhe de um famoso quadro de Rafael, em reprodução à aguada feita por Antonio Rocha.

das representações; para uns o Cristo era um adolescente formoso, o mais belo dos filhos dos homens. Para outros, um velho centenário. Prevaleceu afinal e por muito tempo em arte o tipo medieval, representando Jesús com o rosto ovalado, a barba curta, os cabelos partidos ao meio na fronte alta. E' éste, por exemplo, o rosto que vemos estampado no retrato de Leonardo da Vinci na "Ceia", de Milão. A esse retrato-padrão, opuzeram os protestantes, o tipo criado por Rembrandt, segundo eles, mais de acordo com os Evangelhos e no qual o Cristo é desprovido de qualquer formosura.

UM DOCUMENTO CELEBRE DE AUTENTICIDADE HOJE DUVIDOSA

Muitos desses retratos foram inspirados em um documento que por muitos anos foi aceito como texto de indiscutível autenticidade e que vamos abaixo transcrever, mais a título de curiosidade do que como documento histórico. Trata-se de uma carta do pretor Zentulo, admitida como obra de contemporâneo de Jesús e que, segundo se diz, teria sido dirigida ao Senado Romano. Vamos transcrevê-la na íntegra:

"Naquele tempo apareceu um homem que ainda vive e que é dotado de grande poder; seu nome é Jesús Cristo; seus discípulos chamam-no Filho de Deus; os demais O acreditam um profeta poderoso. Esse homem ressuscita os mortos, cura os enfermos de todas as espécies de doenças. E' alto e bem proporcionado: sua fisionomia é severa e cheia de virtudes, de maneira que ao vê-LO a gente tanto o ama como O teme. Seus cabelos têm a cor do vinho e até as orelhas são lisas e sem brilho; das orelhas até os ombros, entretanto, se ondulam e encrespam; e dos ombros caem sobre o dorso, partidos em dois, à maneira dos nazarenos. Sua fronte é pura e tersa; seu rosto sem mancha e temperado por certa rubicundês. Sua fisionomia é nobre e graciosa; o nariz e a boca, irrepugnáveis; a barba abundante, da cor dos cabelos e partida; os olhos azuis e brilhantes. Reprendendo e condenando é terrível; ensinando e exortando, sua palavra é acariciadora. O rosto é de uma suavidade e graça maravilhosas. Ninguém jamais O viu rir, muitos porém, já O viram chorar. Esbelto de corpo, tem as mãos finas e largas, os braços encantadores. Grave e medido, em seus discursos é so-

brio de palavras. E' o mais formoso dos filhos dos homens".

O TIPO MAIS ANTIGO

Dêsse documento, cuja autenticidade hoje se discute, saíram muitos dos retratos de Cristo. Não falta quem diga, porém, que esse documento foi antes tomado desses retratos do que inspirador deles. O certo, contudo, é que houve nos primeiros tempos da era cristã um tipo de fisionomia de Jesús, reconhecido como exato e que os artistas dos diversos povos interpretaram, cada um à sua maneira, conservando todos, porém, o tipo-padrão e lhe emprestando a maior semelhança possível, tipo éste que foi reproduzido em afrescos, mosaicos, vasos de cristal, esmaltes e telas. Nos afrescos, os artistas tinham maior liberdade de concepção e composição do que os gravadores e miniaturistas, e, não obstante, todos os retratos das catacumbas têm o mesmo caráter. E o mais notável é que os pintores bizantinos oferecem em seus retratos do Cristo notável semelhança com os traços nas "arenas" romanas.

AS REPRESENTAÇÕES SIMBOLISTAS

Na arte primitiva cristã predominava o simbolismo para representar o Salvador. Ora, era um peixe, ora um cordeiro, ora, uma pomba. O próprio símbolo principal da paixão, a cruz, não aparece com o Redentor até o século X da era cristã. A princípio, figuravam o Cristo vestido por uma

larga túnica sem mangas. Depois foram cortando-a até que restou para toda a roupagem um lençol branco cosido ao centro.

Na Igreja de Santa Maria, em Roma, havia uma imagem de Jesús, com os olhos cerrados. Fixando-se, porém, muito nela, em pouco se via perfeitamente a pupila e se observava que ela olhava fixo para o expectador. Consistia esse efeito no fato da figura ter sido pintada com os olhos abertos e depois recoberta com outra l'geira camada de pintura, de modo a deixar transparecer um pouco as pupilas. Esse efeito e artifício eram, contudo, somente notados depois de algum tempo de observação.

O Cristo dos séculos XV e XVI é de uma magreza espantosa, deformado pelo jejum e sofrimento, como que inspirado pelos sentimentos de ascetismo e penitência muito próprios da época de sua fatura. Morales é célebre pelos seus Cristos ensanguentados e descarnados que a Mãe das Dores banha em lágrimas. E que dizer do Cristo de Velasquez, de um trágico muito próximo daquele que a imaginação humana sente que o Divino Redentor tenha vivido no Calvario para a salvação dos homens?

São éstes, pois, os principais tipos de representações de Cristo que se conhecem através dos maiores pintores do mundo. A elas se devem acrescentar a dos modernos, que parecem voltar ao simbolismo dos primeiros tempos para representar o Filho do Homem.

Eternidade das coisas simples

Alphonsus de Guimaraens Filho

Especial para ALTEROSA

A morte ignominiosa de Cristo pode representar, antes de mais nada, o destino da pureza num mundo trágico. Destino da pureza: morrer com Cristo tudo aquilo que é essencial ao mundo, mas que este, na sua entrega às forças elementares, orgulhosamente despreza ou aparenta desconhecer. "As coisas simples pelas quais os homens morrem" na linda imagem de um poeta inglês sacrificado na outra guerra, contêm uma capacidade de iluminar a pobre substância da vida. No entanto, o mundo as abomina e repele, esmagando-as com o seu desespero infrutífero e sua angústia estéril.

A morte de Cristo pode significar a eternidade das coisas simples. Mas também a sua ressurreição. Porque as coisas simples só aparentemente se deixam sufocar pelo mundo. Como Cristo, permanecem eternamente vivas e cada dia se renovam. Jamais se contaminam da pegonha do mundo. Embora a vida separe o homem da sua própria essência — e a essência mais fiel ao coração humano é esse comprazimento na simplicidade, o agasalho do singelo e do intocado — haverá um momento em que a sua consciência se dobrará sobre a sua própria aflição e procurará refúgio, tanto como em Cristo, nas coisas pequeninas do mundo.

Uma criança é um ser que resta sempre marcado do contacto com as coisas simples da terra. Cristo se conserva sempre a criança deslumbrada, irradiando pureza. Em verdade, são simples os lírios da terra e as aves do céu. A mansidão e a prudência ("bem-aventurados os mansos porque eles possuirão a terra") são duas virtudes da simplicidade. A experiência humana conduz a essa simplicidade, que é mais um despojamento, uma libertação do inútil e do supérfluo, uma fidelidade aos próprios sentimentos, uma aceitação da vida como a "dádiva maravilhosa" de que nos fala o poeta. Uma ternura franciscana pelo que merece ser amado, pelo que completa a nossa natureza — a doçura da infância, a presença da beleza, a vida natural, sem atitudes falsas, sem afetação e sem transbordamentos insinceros. Vida natural que se mistura à terra, aos animais e às plantas, e se torna isenta de desespero, que é a ausência de Deus.

A morte de Cristo significa a sua ressurreição. Porque Ele resuscitará glorioso e incorruptível. Mas significa também a eternidade das coisas simples. Ele as amou e delas se alimentou na sua passagem pela terra. Ele soube viver comovidamente o espetáculo da vida, extraindo delas a sua sabedoria iluminada de poesia. Foi um íntimo das coisas simples e por isso sua imagem permanece tão viva nos corações que pressentem, dentro da vida inexorável, a luz que deve vir da primeira manhã do mundo.



SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES



SÉDE SOCIAL: RUA BUENOS AIRES; 29/27 — RIO DE JANEIRO

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMERICA DO SUL

RESUMO DO 30.º EXERCÍCIO — ANO 1943

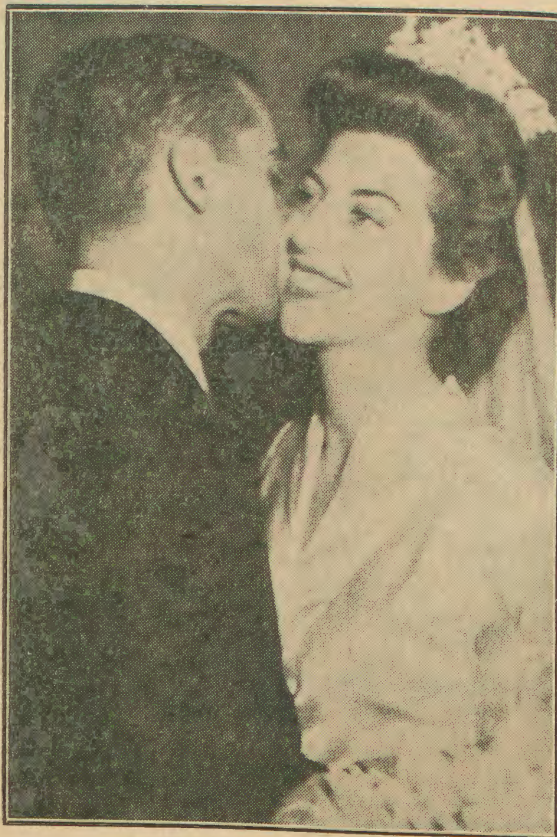
Receita Geral do Exercício	Cr\$	81.874.959,60
Reservas Técnicas	Cr\$	27.156.641,80
Capital e Reservas Subsidiárias	Cr\$	14.577.950,30
Indenizações pagas até 31 de Dez. de 1943	Cr\$	209.098.698,80

SOLIDEZ E GARANTIA

ORGANIZAÇÃO NO ESTADO:

Sucursal de BELO HORIZONTE
Avenida Amazonas, esquina da rua São Paulo. Edifício Lutetia — 1.º andar — Caixa Postal,
124 — Telefones: 2-0785 e 2-6812
UBERLANDIA — Praça Benedito Valadares, 20
ITAJUBA' — Rua Francisco Pereira, 311 — 1.º andar
JUIZ DE FORA — Rua Halfeld, 704 - sala 107

Na página, apresentamos quatro flagrantes fixados pela reportagem de ALTEROSA, durante a cerimônia religiosa e na recepção oferecida pelos noivos no salão de festas do Automovel Clube.



ENLACE MELO TEIXEIRA - FORJAZ

TEVE lugar em nossa

Capital, no dia 31 de Janeiro último o enlace matrimonial da senhora Iêda Melo Teixeira, filha do casal Dr. J. Melo Teixeira-D. Rosalinda Moss de Melo Teixeira, com o Dr. Fábio Forjaz, engenheiro, diretor da Fábrica Nacional de Aviação de Lagoa Santa, filho do Dr. Garcia Neves de Macedo Forjaz, clínico na cidade de São Paulo, e sua Exma. esposa, D. Bilá Forjaz.

O ato civil teve lugar na residência dos pais da noiva. A cerimônia religiosa, celebrada na Igreja Matriz de São José, ricamente ornamentada, foi assistida por grande número de convidados, achando-se o templo repleto de pessoas que afluíram à solenidade. Findo o ato religioso, realizou-se a recepção oferecida pelos noivos às pessoas de suas relações, no salão de festas do Automóvel Clube.

Foram padrinhos, no ato civil, por parte da noiva, o Dr. Carlos Bicalho Goulart e senhora, o universitário Rui Melo Teixeira e a sra. Zulma Melo Machado. Pelo noivo, o Dr. Miguel Pagliuso, D. Júlia Vieira, e Dr. Eduardo Alvarenga e senhora.

Paraninfaram a cerimônia religiosa, pela noiva, o Dr. Melo Viana e senhora, Dr. Garcia Neves de Macedo Forjaz e esposa. Por parte do noivo: Professor Melo Teixeira e senhora, e Dr. Frederico de Assunção e esposa.

A recepção no Automóvel Clube

Após a cerimônia religiosa, os noivos ofereceram às pessoas de suas relações uma recepção no salão de festas do Automóvel Clube. Esta reunião, que marcou um acontecimento

★ Aspecto fixado quando a noiva chegava à igreja, descendendo do automóvel auxiliada por seu pai, dr. J. Melo Teixeira



PAISAGENS

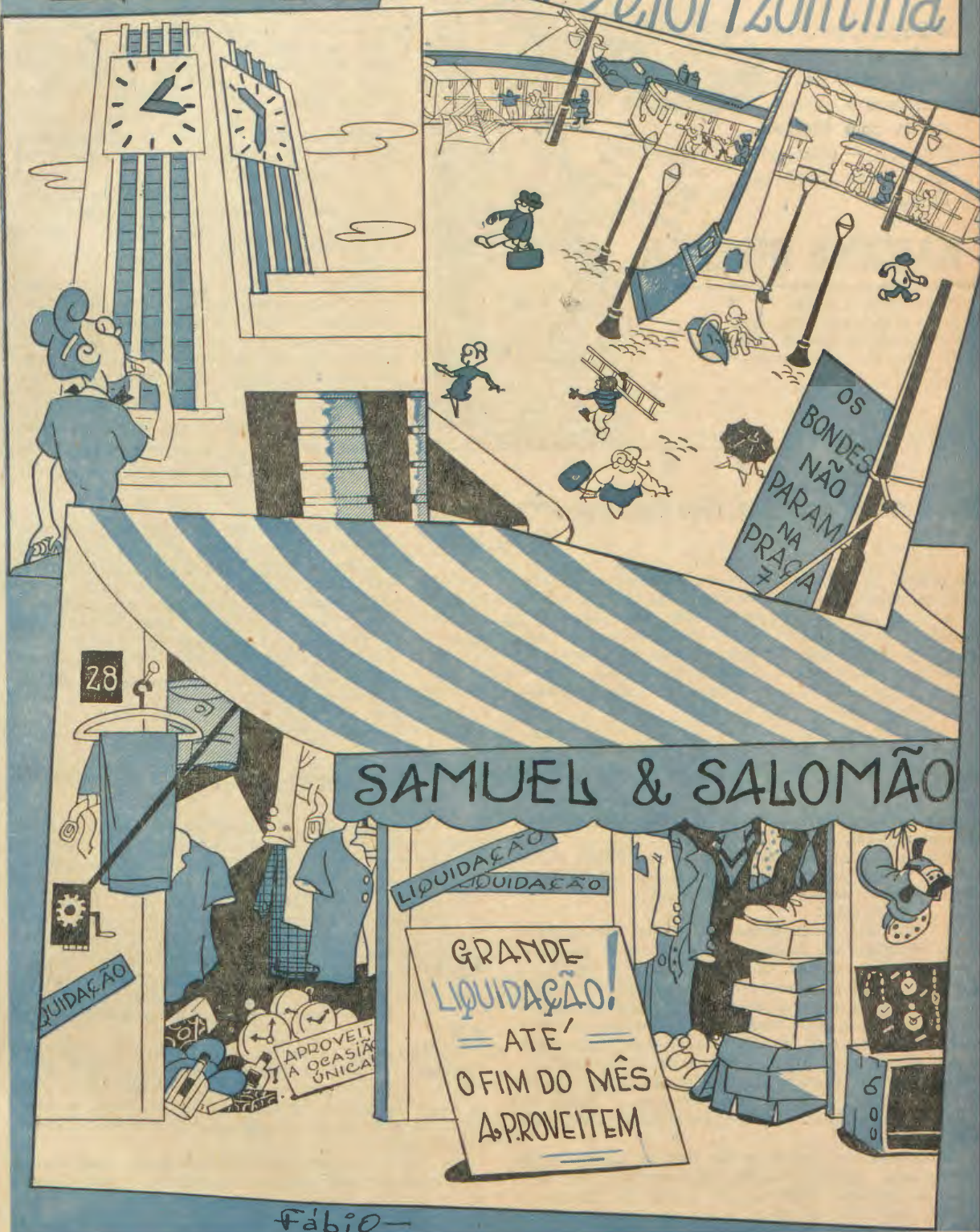


ARMAZEM HONESTIDADE

HALIB & HABATACHO



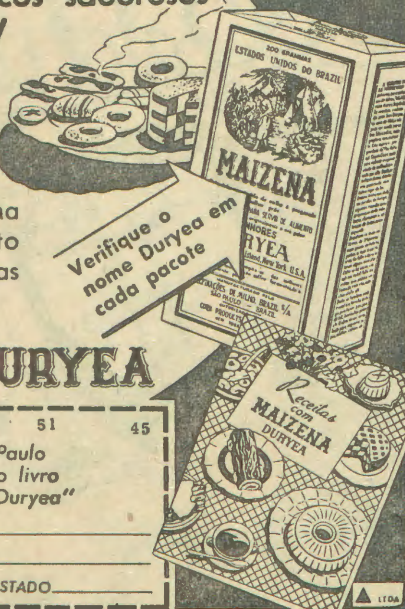
LOCAIS *Mentira Belo Horizonte*



A RESPONSÁVEL

por petiscos saborosos e saudáveis /

• Sopas, pudins e demais pratos ficam saborosos e nutritivos si preparados com Maizena Duryea — alimento ideal para todas as idades.



MAIZENA DURYEA

À MAIZENA DURYEA 51 45
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

* * *

ENLACE MELO TEIXEIRA-FORJAZ

CONCLUSÃO

de relêvo na vida mundana da cidade, reuniu elementos de alta representação na sociedade local, do Rio e de São Paulo.

A nossa reportagem pôde notar, entre outras figuras de proleção social, Mme. Melo Viana, espôsa do ex-vice-presidente da República, em harmoniosa "toilette" branca, de linhas simples, e, guarnecendo o decote alto, dois "clips" de brilhantes, trazendo um chapéu de palha "hablé" preto e igual complemento.

* * *

PROCISSÃO DO SENHOR DO BONFIM

CONCLUSÃO

coroas de lata nos cabelos soltos. Por fim, chorando um funeral, a charanga soturna.

Mela noite já. Recolheu-se a procissão. Retiram-se todos para, no dia seguinte, expandirem-se na alegria barulhenta da Aleluia.

JUDAS!

O largo da matriz amanheceu todo embandeirado e plantado de bananeiras, goiabeiras, mamoeiros e arbustos vários. Na madrugada, a rapaziada estúrdia andara a pular cercas e a arrancar das hortas e quintais, árvores e arbustos, para formar a horta de Judas, magicamente brotada no largo da igreja. Fronteira à matriz, uma árvore mais alta, a um galho da qual, grotesco e disforme, um boneco de palha, vestido à moderna, de calça e paletó e que não é mais nem menos que a figura de Judas, o Iscariotes. Um fio de arame corre, dêle até o adro.

As cerimônias litúrgicas do Sábado Santo já se realizaram. Agora a missa. De repente, as campainhas retinam alegres. As portas da igreja se abrem, tragando, sófregas, a luz de fóra. Chéé... pou... pou... A foguetaria espouca. Os cantores e os instrumentos têm vibrações triunfantes de glória. Os sinos badalam doidamente, gososos de fazer barulho. Chéé... pou... pou... chéé... pum... pum... Aleluia! Aleluia!

A encantadora Sra. Carlos Bicalho Goulart, trajando elegantíssimo vestido verde-mar, muito moderno, com um lindo chapéu de "aigretés" negras, que marcava o chique da sua original "toilette".

A Sra. Monteiro de Castro, diferente em sua "toilette" marrom, trazendo como ornamento riquíssimo diadema de brilhantes azulados e igual colar. A Sra. Zulma Melo Machado, vestindo uma longa saia e casaco bordado de "pailette", usava delicado chapéu de "clina" branca, com igual complemento.

A Srta. Regina Pinto, extraordinariamente encantadora em sua original "toilette" branca, bordada de "strass", trazendo com apurado gosto um chapéu de plumas e complementos verdes. A Srta. Rute Carlos Alberto mostrava um belo vestido lilá bordado de pedras roxas.

Madame Garcia Forjaz, progenitora do noivo, trajava um distinto e elegante vestido preto, com complemento roxo, e a Sra. Dr. Melo Teixeira, mãe da noiva, vestia uma rica "toilette" "bleu-noir", com chapéu de plumas azuis e complemento preto.

A Srta. Zilá Simões, da sociedade paulista, a "demoiselle d'honneur" da noiva, ostentava uma insinuante "toilette" em rosa-pálido.

Pela sua elegância e distinção, destacaram-se ainda as Sras. Coronel Amâncio Simões, D. Júlia Vieira, Srta. Irinéia Forjaz. Outras senhoras e senhoritas de nossa alta sociedade, cujos nomes não pudemos anotar, emprestaram à recepção o ambiente de rara beleza e distinção que marcou o enlace da Srta. Iêda Melo Teixeira como um dos acontecimentos de maior relêvo mundano da cidade nestes últimos tempos.

Acabada a missa, a multidão se derrama pelo largo, voltada para a árvore onde se destaca o monstrengo. Vai começar o testamento de Judas. Aproximam-se todos, o mais que podem, para ouvir bem, de um muro, escanchado sobre o qual o testamenteiro desdobra um papel. E' o testamento do traidor. Em voz galata, recita versos mancos, cheios de alusões, pilhérias e facécias a todas as pessoas da cidade e arredores. Ninguém escapa. A uma pilhéria mais ferinha, mais alusiva a um defeito ou predileção de alguém, gargalhadas estrugem.

Finda a leitura, executa-se o Iscariotes. Um foguete aceso lá do adro da igreja, corre pelo arame e vem acender as bombas ocultas no rcheio palhoso do boneco. Rebentam-se as pernas, a barrega. O calunga se desengonça. A multidão ri desbragadamente.

De súbito, a cabeça de Judas explode, como uma bomba. E mais forte, mais reboante, a gargalhada do povaréu. Gritos, assuadas. A charanga ataca uma marcha trombeteante. Foguetes estrondam. As vendas se enchem. As garrafas se esvaziam. E um engraçado, já bêbado, esganiga, desentoado o

"Aleluia! Aleluia!

Carne no prato,

Farinha na cuia!"



ATÉ O EXTERMÍNIO!

— Este será o último ano em que o Carnaval sofrerá restrições. Não podemos nos divertir à vontade, quando sabemos que os nossos bravos irmãos estão seguindo o rastro da fera nazista para exterminá-la.

Esmagada esta e, já no ano que vem, o Carnaval voltará a imperar em toda a sua plenitude — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

CIA. FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

TELEFONE 2-1200



De Mês a Mês



A população de Belo Horizonte tem reclamado contra a invasão das pulgas nos nossos melhores cinemas. Espera-se uma medida eficaz da empresa que controla a quase totalidade das casas de diversões da capital.

No Cine-Brasil, um dia,
O Paulo mais a Maria
Foram ver a "matinée"
E uma pulga renitente
Na garota mete o dente,
Em lugar que ninguém vê.

O moço não se embarça,
Ajuda a moça na caça,
Mas, em vão, nada encontrou...
E Paulo infeliz se julga,
Que bom se pegasse a pulga
Onde a pulga se ocultou!...



No Rio, dizem os jornais, uma linda vigarista está, com sucesso, operando na alta roda. Só de um banqueiro, roubou cerca de noventa mil cruzeiros.

Com seu sorriso macio
E ligeireza na mão,
Esta que opera, no Rio,
Bate a bolsa e o coração.

Com seu modo alviçareiro,
Seu lindo vestido azul,
Quando faltar-lhe o cruzeiro,
Rouba o cruzeiro do sul.



Noticiam os telegramas que foi descoberta nas proximidades de Lisboa, uma fonte que faz rejuvenescer. O ponto do corpo em que a água toca adquire força e vigor, assegura a imprensa.

Combate os anos, combate
Com espalhafato e furor:
No ponto em que a água bate,
Vêm logo a força e o vigor.

Ao ouvir o caso estranho,
Muita gente acreditou:
Os velhos entram no banho,
Mas todos vão sem "maillot".



Noticiam os telegramas que a senhora Margaret Meyer, de Detroit, acaba de deixar, em testamento, ao seu cachorro Jack, quinhentos mil cruzeiros.

E' o ouro que se derrama
Pelos ares, pelo chão,
Em procurar essa dama
Teve bom faro esse cão.

Sobre a notícia discorro
E, com razão, verifico:
Se há tanto rico cachorro,
Pode um cachorro ser rico.



Noticiam as folhas cariocas que a Academia Culinária do Rio acaba de diplomar cento e vinte bacharelas em forno e fogão.

Cozinheira caprichosa,
Bonita, alegre, morena,
Se é sem sal a tua prosa,
Teu guizadô vale a pena.

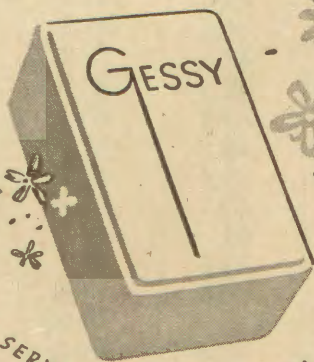
A mingoa de estudo, a mingoa,
Muita coisa vais lucrar:
Se não falas qualquer língua,
Sabes línguas temperar.

Exeto e versos de
GUILHERME TELL
e outros de **ROCHA!**

O Romance de um perfume suave...

num sabonete consistente,
puro e econômico!

Numa sinfonia de caríssimas essências, combinadas num "bouquet" suave e delicado, a abundante espuma de Gessy protege e embeleza sua cutis. Seus finíssimos óleos vegetais exercem sobre a epiderme uma ação rejuvenescedora, restaurando-lhe o viço, a mocidade, o frescor. Experimente esta fina criação da indústria brasileira: Gessy. Gessy tem massa uniforme e consistente e é mais econômico. Gessy vale por um tratamento de beleza.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!

J.W.T. - 14.247



CONTROLE O SEU PÊSO

A CONSERVAÇÃO DO PÊSO NÃO É APENAS UMA QUESTÃO DE ELEGÂNCIA — O EXCESSO DE ADIPOSIDADE PREJUDICA A SAÚDE, TANTO QUANTO A MAGREZA EXCESSIVA — AS MEDIDAS IDEAIS PARA O CORPO FEMININO E A TABELA CIENTÍFICA DO PÊSO NORMAL.

O PESO deve ser controlado para conservar a harmonia da silhueta e o perfeito funcionamento do organismo. Um pequeno aumento de peso, pode prejudicar a estética de seu corpo; sua perda, muitas vezes requer a assistência de um médico. O controle constante do peso constitui um guia de beleza e saúde.

Prevenir-se contra o aumento de peso equivale defender a juventude, porque esse aumento, quando não constitui um grande perigo para a saúde, provoca o envelhecimento e a adiposidade que é o maior inimigo da mulher.

*

Não é valdade precaver-se contra o excesso de gordura. A comodidade e o bem estar o exigem.

Uma vez por semana é necessário um pouco de dieta. Passar um dia alimentando-se exclusivamente de sucos de frutas, não só desintoxicará o organismo como melhorará sensivelmente o estado da pele.

Não devemos exceder na alimentação. Abolir comidas muito condimentadas, os bombons e as massas não constitui perigo para a nossa saúde.

As frutas e os legumes trarão saúde e beleza ao nosso corpo.

*

Saber resistir à tentação de saborear um pastel, uma empadinha, um caramelo e de beber muito líquido, é ganhar uma batalha importantíssima. Há bombons de licor que são capazes de fazer fraquejar qualquer um, porém, deixando-se seduzir, irá perdendo aos poucos a força de vontade.

A mulher deve se convencer que a beleza e a juventude devem perdurar com a existência.

Para conservar-se jovem é necessário apenas constância e força de vontade.

*

Os tratamentos para emagrecer devem ser prescritos pelo médico.

Para conservar o peso normal, usar em sua alimentação diária, os seguintes pratos: carne assada, peixes afogados, legumes com pouca banha, aves, verduras, ovos cozidos, saladas e frutas.

Pratos que devem ser retirados do uso diário: macarrões, sopas, peixes a milaneza, arroz, feijão, carne de porco, ovos fritos, pastéis, empadas, croquetes, doces, pratos açucarados, chocolate.

Fazer uso de pouco líquido. Preferir as bebidas quentes às geladas. No chá e café usar pouco açúcar.

Praticar esporte diariamente e fazer longas caminhadas, ajudam a manter o peso.

TABELA PARA O PÊSO E PARA AS MEDIDAS DE UMA SILHUETA IDEAL

Estatura Mts.	Peso Kilos	Busto cm.	Cadeiras cm.	Cintura cm.	Braços cm.	Coxas cm.	Colo cm.	Barriga da Perna cm.
1,50	51	78	82	60	25	45	31	31
1,52	51,500	79	83	61	25,3	45,6	31,4	31,4
1,54	52	80	84	62	25,7	46,3	31,8	31,8
1,56	53	81	85	63	26	47	32,2	32,2
1,58	54	82	86	64	26,3	47,6	32,6	32,6
1,60	56	83	87	65	26,7	48,3	33	33
1,62	57	84	88	66	27	49	33,4	33,4
1,64	58	85	89	67	27,3	49,6	33,8	33,8
1,66	59,500	86	90	68	27,7	50,3	34,2	34,2
1,68	60,500	87	91	69	28	51	34,6	34,6
1,70	62,500	88	92	70	28,3	51,6	35	35
1,72	63	89	93	71	28,7	52,3	35,4	35,4
1,74	64	90	94	72	29	53	35,8	35,8
1,76	66	91	95	73	29,3	53,6	36,2	36,2
1,78	67,500	92	96	74	29,7	54,3	36,6	36,6
1,80	68,500	93	97	75	30	55	37	37

LEITE EM BLOCO

OS mercados de Irkutsk na Sibéria são um espetáculo interessante porque os produtos oferecidos à venda são na maioria dos casos congelados. O peixe está empilhado como lenha, e a carne do mesmo modo.

Alguns animais trazidos inteiros para o mercado estão de pé sobre as suas pernas e parecem na verdade vivos, e anda-se no meio dos porcos, carneiros, bois e aves, todos de pé como se estivessem vivos.

Mas mais estranhos ainda, são os líquidos congelados e vendidos aos blocos. O leite é gelado desse modo num bloco e com uma corda ou um pedaço de pau, conjuntamente gelado, saído dele. Isso é para a comodidade do comprador que tem assim facilidade de levar para casa o seu leite pendurado pela corda ou pelo cabo de pau...



O CARTÃO POSTAL

TODOS julgam que o cartão postal é uma novidade epistolar. Mas nada é novo sobre a terra, e pode-se dizer o mesmo em referência a essa invenção que representa a imagem mais ou menos artística do seu pensamento, de quem escreve, a sua esperança, ou um sentimento da sua alma...

Com efeito, pode-se ler no "Almanaque de la Petite Poste", de 1777:

"Vêm-se por toda a parte estampas impressas sobre cartões que o correio faz circular e que todos podem ler".

Esses graciosos cartões postais, que os elegantes da época mandavam aos seus amigos e parentes, e que excitavam a mais viva curiosidade, foram inventados por um gravador francês chamado Damaisson.

Assim o uso do cartão postal remonta a uns 139 anos mais ou menos.



O ARABE

O arabe, quer viva de preferência na parte fértil do seu litoral, ou errante nas regiões do interior, resida nos pequenos vales, onde a laranjeira se desabrocha em flores, ou habite as encostas áridas onde a tamareira lhe dá os seus saborosos frutos, é sempre dotado de grande instinto de independência. Rico ou pobre, o seu cavalo, de magnífica raça, o seu dromedário, o seu camelo, o seu boi e o seu jumento são a sua alegria, o seu orgulho, os companheiros, os amigos que a natureza lhe deu, e quase se pode dizer que fazem parte da sua família.

PARA FACILITAR O SEU TRABALHO

Já vem batido 2 vezes!

• Observe a textura finíssima do Composto «A PATRÃO»! Batido duas vezes, o Composto «A PATRÃO» torna fácil misturar rápida e uniformemente todos os ingredientes, evitando que a massa fique empastada ou encaroçada. Por isso, o bôlo fica muito mais crescido e cora por igual.

Use o COMPOSTO «A PATRÃO» também para fazer as suas frituras mais leves e saborosas.



COMPOSTO

A Patrão

UM PRODUTO DA Swift do Brasil

BÔLO PARA FESTAS

Mexa 3/4 xícara de Composto «A Patrão» com 1 1/4 de xícara de açúcar, e 1 ovo. Junte 3 tablets de chocolate, derretidos e 1 xícara de coalhada, alternadamente com 2 xícaras de farinha de trigo peneirada, com 1 colher de bicarbonato de sódio e uma pitada de sal. Aromatize com 1 colher das de chá, de baunilha. Ponha numa forma alta, ou de 2 partes, untada com Composto «A Patrão» e polvilhada com farinha. Forno brando, 30 minutos. Na forma alta talvez precise conservar por mais tempo. Deixe esfriar.

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



CONFUSÕES . . .

UM sujeito foi recebido em Fereney. Sabe-se que acolhimento ali encontravam os estrangeiros.

O nosso homem, desvanecido com essa hospitalidade, declarou no dia seguinte ao da sua chegada que sua intenção era passar seis semanas num lugar que ele dizia ser delicioso.

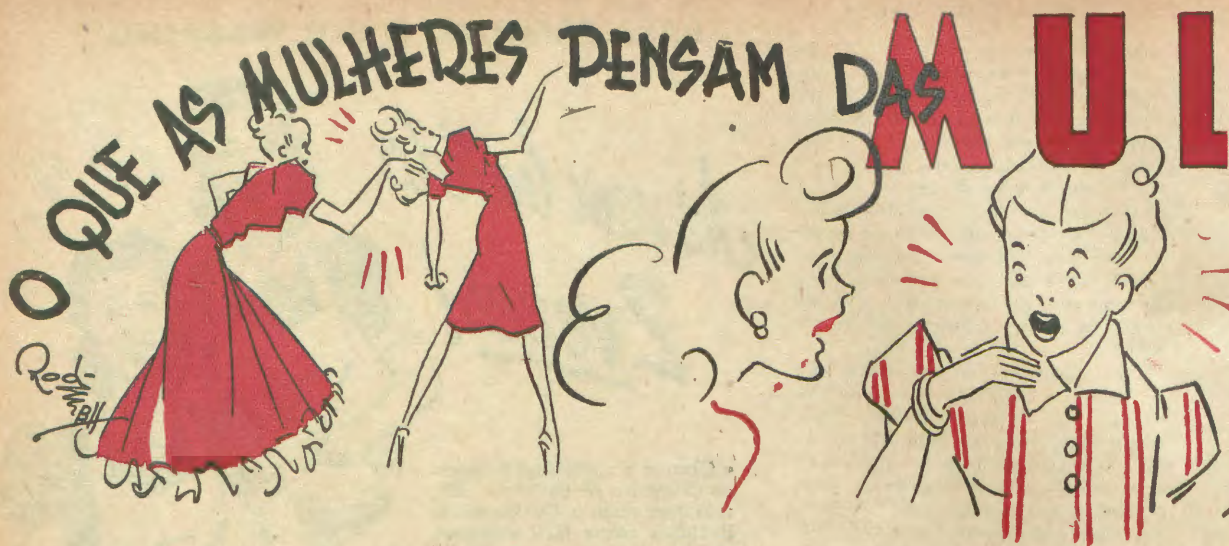
— O senhor não quer parecer com D. Quixote, diz-lhe Voltaire: ele tomava os albergues por castelos; o senhor toma os castelos por albergues.



A filosofia vê com olhos de indignação e horror, não o guerreiro, que entre mil perigos defende a pátria; mas o erro das nações, que buscam a justiça na sorte das armas.

**PERMANENTES
MANICURES
LIMPEZA DA PELE
INSTITUTO LUDOVIG**

Rua Bahia 1075 - Fone 2-1960



A CLASSE não é absolutamente unida. Tudo faz crer que a mulher é a maior inimiga da própria mulher. Há tempos, em Minas, fomos surpreendidos com a novidade: senhoras no conselho de sentença a julgar os criminosos. Certa vez, três delas condenaram uma pobre ré que, no auge do ciúme, ferira o companheiro infiel, e, poucos dias depois, absolveram um homem que abrisse, a golpes de machado, a cabeça da esposa, sob um pretexto qualquer. A justiça mineira, sisuda e austera, andou bem agradecendo gentilmente as damas julgadoras e nunca mais solicitando seus serviços. Qual seria a sorte de Frinéa julgada por um tribunal dessa natureza?...

As mulheres detestam as mulheres. Para prová-lo basta ler os livros por elas escritos. As críticas são rudes e brutais. E não se diga que só as escritoras de pouco valor as tratam assim. As grandes pensadoras do passado, aquelas que mais deviam conhecer a alma feminina, são invariavelmente ferozes no ataque. Vejamos o que contra as mulheres escreveram as mais notáveis escritoras ou o que disseram as grandes damas da corte francesa.

Mademoiselle de Scudery, que pelo seu brilho mental era comparada à Sapho, afirmava que o pior livro do mundo seria aquele que sintetizasse as opiniões de trinta mulheres em assembléia. Referindo-se à inteligência, afirmava que elas nunca são claras e límpidas, que há sempre nas suas frases e sentenças qualquer coisa de nublado e indeciso, que dá lugar a várias interpretações.

Ninon Lenclos que durante quase um século iluminou a França com seu espírito e a sua graça, não é menos cruel para com as representantes do seu sexo. Dizia ela que quando uma mulher atinge 30 anos, se esquece da idade e, quando chega aos 40, de nada mais se lembra... Com muita ironia se referia à velha que fala da sua beleza passada com o ar de quem está fazendo um discurso fúnebre. Afirmava que as mulheres são todas mentirosas, principalmente quando dizem que não se importam de ser feias. Acreditava que depois dos quarenta anos, nada há que as faça corar...

Até a severa madame de Sevigné não perdia ocasião de atacá-las, afirmando que as feridas que elas abrem nas almas não têm cura. Acha que só têm espírito para escapar das situações difíceis e que gostam muito de ser aduladas, esquecendo-se de que o açúcar, em excesso, estraga os dentes... Madame de Maintenon, que brilhou na corte de Luiz XIV, menos ríspida do que as outras, dizia que as mulheres fazem e desfazem os lares. Sobre as escritoras, afirmava que nos seus livros há muitos erros de gramática, mas o estilo feminino tem qualquer coisa que excita os homens...

A duquesa de Orleans, feia e inteligentíssima, que desde criança confessava preferir brincar com espadas a entreter-se com bonecas, criatura sem preconceito de qualquer natureza, só acreditava na felicidade do casamento quando marido e mulher fôssem totalmente estúpidos. Madame Defand, casada com um homem decrépito, sempre doutrinava que não era o amor que perdia as mulheres, mas a vaidade. Com muita impiedade, assegurava que quando uma mulher confessa a uma amiga as suas desgraças dá sempre uma certa alegria a essa amiga.

. HERES



Madame Geofrin, célebre pelo seu talento e que levava o pudor ao ponto de cobrir as mãos com as mangas do casaco para que os homens não as vissem, observava que três coisas as mulheres, em Paris, atiravam pela janela — o tempo, o pudor e o dinheiro. Madame de Pompadour, favorita de Luiz XV, com a experiência que todos lhe reconheciam, afirmava que a mulher é uma lira que, para vibrar, necessita um inspirado maestro. As desarmonias são quase sempre causadas pelo mau tocador, raramente pelos defeitos do instrumento...

Mademoiselle de Lespinasse, outra feia de espírito, escreveu que as mulheres morrem muitas vezes antes da morte definitiva. Dizia que a esposa só se aflige com a infidelidade do marido pensando no prazer da rival. E, mais, que as mulheres se julgariam infelizes se a natureza as fizesse de acordo com as modas. (No seu tempo usava-se a anquinha).

Madame Neker, senhora de grandes virtudes, se não atacava violentamente as mulheres, não deixava de ironizá-las. Ela nos dá notícia de uma que, castigando severamente a filha, notou que a menina chorava convulsivamente:

— Por que choras? Nas outras vezes que eu te castiguei não derramaste lágrimas.

— E' que eu notei, pelas pancadas que me deu, que a sua força está diminuindo e temo pela sua saúde...

Referindo-se à idade, madame Neker dizia que a mulher envelhece com menos dignidade do que o homem. Que já muito idosa, ainda procura agradar e isso a torna ridícula. E advertia que devemos ter cuidado com a dama que fala muito das suas próprias virtudes. Maria Antonietta, a infeliz rainha de França, repetia sempre que as pessoas sensatas julgam as cabeças pelo que elas têm dentro, ao passo que as mulheres as avaliam pelo que têm fóra.

Madame de Stael sentenciava que não se podia conversar muito tempo com uma mulher senão repetindo-se sempre a mesma coisa. Sophie Arnould ensinava, com muita malícia, que a vida de uma mulher galante é um livro de historietas, cujo interesse está todo no prefácio.

Tudo mais não passa de repetição... Madame de Gen-

lis sempre acreditou ser a fealdade o melhor escudo contra a tentação e considerava fenomenal a mulher que fazia um homem feliz.

Madame de Girardin considerava as primas inimigas dadas pela natureza. Há mulheres, acrescentava, que continuam com a faculdade de amar, depois de terem perdido a de agradar. Madame de Rieux escreveu — as moças se casam, em regra, aos 20 anos. Aos 40, ou são santas ou mulheres perdidas...

Qual será o motivo de tamanha rivalidade entre criaturas que deveriam se unir contra as ciladas dos homens? As opiniões variam. Tudo faz crer que elas brigam por causa do único dom que as distingue.

Os homens têm muitas maneiras de se imporem à admiração dos seus concidadãos — o talento, a força, o prestígio, a coragem, o poder e vários outros predados. A mulher só tem um dom — a beleza. Possuidoras de uma só arma, elas vêm uma rival em cada mulher. Daí a luta feroz que se trava entre elas. Luta tremenda, porque o seu ódio é implacável como acertadamente disse madame de Girardin...



A JOVEM de olhos cinzentos, noiva de um modesto empregado público, tem um drama na vida. O fato passou-se há dois ou três anos, mas ainda é lembrado na pequena cidade do interior em que a linda moça residia. Foi mesmo por causa dessa tragédia que seus pais vieram para Belo Horizonte.

Narremos o episódio. A garota de olhos cinzentos foi pedida em casamento em sua terra natal. O noivo era um jovem, filho de fazendeiro rico, sadio e folgazão. Ao lado da menina, era visto em tôdas as festas e bailes. O povo, admirando o lindo par sempre risonho, previa um casamento feliz. O noivado era mesmo de dar na vista. Passeios a cavalo pelos campos, viagens de trem e de avião para o Rio, estações de águas e centros de recreio.

Um dia, a pequena cidade foi abalada pela notícia do suicídio do rapaz. O moço só deixara duas cartas: uma para o delegado, outra para a noiva. A do delegado só tinha uma palavra — suicidei-me. A da noiva era longa, mas a moça, apesar dos rogos da família, não a mostrou a ninguém. Devia ter sido coisa muito grave, porque a menina não quis mais ficar, nem um só dia, na pequena cidade do interior.

Com o seu drama, veio para Belo Horizonte. Aquí, em pouco tempo, arranjou outro noivo. Mas vive inquieta. Vê-se que tem um segredo que não sabe se deve revelar. Cada dia são mais oxas as suas olheiras e mais descoradas as suas faces. A's vezes chega a chamar o noivo para lhe dizer uma coisa séria. Quando o moço chega aflito, ela se arrepende e emudece. Que terá a pobre moça?...



NÃO tivemos verdadeiramente carnaval, apenas bailes em clubes elegantes. Apesar disso, certa garota granfina de grandes olhos negros, carioca de nascimento e mineira de coração, divertiu-se a valer. Dansou todas as noites e quase sempre com cavalheiros perigosos. Menina de circo, com certeza prometeu a todos êles mundos e fundos, mas não cumpriu nenhuma das suas promessas. Pelo menos é o que nós, pobres ingênuos, supomos.

Um dos seus admiradores, por certo o mais insistente e o mais temível, esperava que o flirt com a pequena continuasse durante a quaresma. Tinha até organizado um programa cheio de excelentes passeios de automóvel pelas vizinhanças da Capital. Sabará entrava nos planos do rapaz. A velha cidade, carregada de tradições, oferece um admirável ambiente para idílios e sonhos. Nova Lima, também figurava no projeto. Há ali um pequeno hotel, silencioso e limpo, que recebe com prazer os casais que procuram isolamento. O jovem estroina submeteu o programa à aprovação da pequena. A garota sorriu e nada disse.

Foi grande, por isso, a surpresa do rapaz quando, findo o carnaval, a menina se transformou. Deixando todos os namorados inconsoláveis, enuegou-se de corpo e alma à religião. Na quarta-feira de cinzas assistiu à missa de joelhos. Não quis ver os seus companheiros de farras que a olhavam admirados. Finda a cerimônia religiosa, foi silenciosamente receber, na testa, a sua cruz de cinzas.

Uma cruz enorme, proporcional aos pecados cometidos durante os três dias de loucura...

Leal e Lima

NOTICIAM os jornais que foi fundado, em Nova Iorque, o Clube das Velhas Alegres. A sócia tem obrigação de sorrir sempre, mesmo que não tenha, na boca, um só dente. Acrescenta o despacho telegráfico que o grêmio já tem cerca de duzentos membros. Cento e vinte solteironas ali estão a provar que a falta de um marido não constitui um grande transtorno. Vivem alegres e felizes.

Só entre nós a mulher solteira se julga infortunada. Nos Estados Unidos, as velhas tit'as não ficam em casa mal-humoradas a criticar dos costumes modernos. Reunem-se em sociedade, lêem umas para as outras velhas cartas de amor e zombam daqueles que não as quiseram para espôsas.

O Clube das Velhas Alegres já foi visitado até pelo presidente Roosevelt, que ali passou horas inteiras a cavaquear com as sócias sobre coisas do passado. Uma delas chegou a emocioná-lo cantando canções do seu tempo de estudante.



Aplique êste novo pó facial sôbre o rosto. E eis que
pelo sortilégio de L'Aimant — o perfume-imã — tôda a sua
beleza fica imantizada por tão arrebatadora fragrância.
Doze tonalidades mais jovens e uma finura impalpável.

Imantize

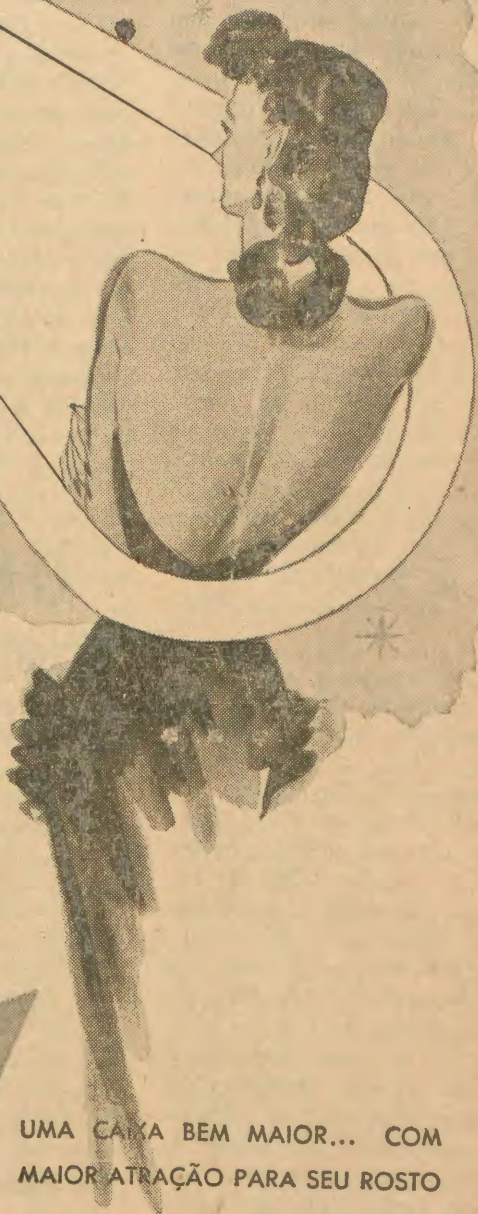
a beleza da sua pele

com o novo Pó de Arroz

L'AIMANT DE COTY



NOVO PÓ DE ARROZ
L'AIMANT DE COTY



UMA CAIXA BEM MAIOR... COM
MAIOR ATRAÇÃO PARA SEU ROSTO

QUAL dos dois existia antes: o ovo ou a galinha? Tão embaraçosa quanto esta é a questão de saber qual das duas existia antes, a "Gibson Girl" desenhada por Charles Dana Gibson, ou seu modelo, vivo, a moça americana dos "gay nineties", da última década do século passado, nas vésperas de 1900. Com outras palavras: qual das duas foi o modelo, e qual foi a imitação? Como as moças de 1925 se esforçavam por parecer com Greta Garbo, assim as de 1900 tinham a "Gibson Girl" por ideal supremo. Ora, se foi preciso que Greta existisse para que sua imagem aparecesse sobre a tela, não é tão certo que o desenhista novaiorquino Charles Dana Gibson tenha encontrado seu tipo de beleza feminina em carne e osso antes de o representar. De qualquer maneira, ele sempre negou de o ter copiado de um modelo definido — seus modelos eram legiões, a "Gibson-Girl", segundo seu autor, era uma síntese. "Mãe desconhecida", poderia se dizer. Quanto ao pai, este acaba de morrer na sua casa de Manhattan, na respeitável idade de 78 anos, cercado pelos netos, entre os quais há lindos descendentes de "Gibson Girl" de outrora, as "glamour-girls" de hoje.

Pois uma coisa é certa: a esposa do grande desenhista norte-americano Irene Langhorne Gibson, era uma autêntica "Gibson Girl". Mas quando eles se conheceram em 1894, Charles Dana já era célebre por ter criado o tipo feminino que receberia seu nome e tornar-se-ia universalmente admirado. Irene era loura, grande, de olhos lânguidos e brejeiros, ao mesmo tempo, de atitudes harmoniosas e porte majestoso. Era filha de pais abastados do Estado de Virginia, tinha irmãs que a igualavam na beleza e uma das quais devia tornar-se a famosa Lady Astor, da Inglaterra.

A primeira vez que Charles e Irene se viram, no restaurante chic "Delmonico's" fôra o clássico "coup de foudre". Mas Irene Langhorne estava rodeada de admiradores e Charles não ousou acreditar que ele seria realmente o eleito desta beleza altiva, para a qual os pais nutriam ambições extravagantes. Se naquela época as moças de boa família já podiam frequentar restaurantes mundanos, os artistas ainda eram entretanto considerados nas altas rodas como seres um tanto malucos e exclusivos. Gibson confiava suas angústias às gravuras que iam se enchendo de cupidos, de lindas garotas hesitantes entre o "sim" e o "não" em resposta a uma carta de amor... Mas assim não avaliava justamente sua popularidade: não havia moça nos Estados Unidos nem em qualquer outra parte do mundo que teria recusado seu coração e sua mão ao criador do tipo que era o ideal comum a todas. Irene e Charles casaram-se em 1895 e poderia se terminar este conto de fadas pelas palavras tradicionais: "E eles viveram felizes por muitos e muitos anos".

* * *

O Mucus da Asma Dissolvido Rapidamente

Os ataques desesperadores e violentos da asma e bronquite envenenam o organismo, minam a energia, arruinam a saúde e debilitam o coração. Em 3 minutos, **Mendaco**, nova fórmula médica, começa a circular no sangue, dominando rapidamente os ataques. Desde o primeiro dia começa a desaparecer a dificuldade em respirar e volta o sono reparador. Tudo o que se faz necessário é tomar 2 pastilhas de **Mendaco** às refeições e ficará completamente livre da asma ou bronquite. A ação é muito rápida mesmo que se trate de casos rebeldes e antigos. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a maior proteção.

Mendaco *Acaba com a asma.*

AGORA TAMBEM A CR \$ 10,00

Tiveram um filho e uma filha, crianças deliciosas, verdadeiros filhos de "Gibson Girl", que se tornaram mais tarde os modelos prediletos do pai, como o fôra a própria Irene desde o seu casamento. Pois a partir daquele momento foi ela quem encarnou a "Gibson Girl".

Não há nenhuma razão para suspeitar Gibson de ter feito um casamento de interesse: em 1893 ele já era um homem rico; naquele ano a revista "Collier's" lhe encomendava cem ilustrações pelo preço fabuloso de 100.000 dólares; todas as redações e editores o assaltavam de pedidos; os freguezes eram tantos que era preciso recusá-los. Marcas de cigarros, de chocolate, de costumes de banho reivindicavam a Gibson Girl para a sua publicidade. Teatros de revistas montavam "shows" onde rapazes fantasiados em "Gibson Man" perguntavam, cantando, a coristas disfarçadas em "Gibson Girls": "Diga-me, linda menina, existem na vida moças como você"? Segundo o famoso escritor Sinclair Lewis, a "Gibson Girl" fôra a "Helena de Troia, a Cleópatra dos seus dias".

Entretanto a glória não tornou Gibson "blasé". Ele detestava todo esnobismo e orgulhava-se de ser um autêntico "sel-made man". Tinha começado a vida pobre, ignorado e sem proteção. Seus pais lhe tinham dado uma educação cuidadosa, mas não podiam arcar com as despesas de estudos prolongados. Com a idade de dezoito anos Charles Dana Gibson começara a ganhar seu pão. Trabalhou algum tempo num escritório de Wall Street, seguindo nas horas vagas um curso de desenho. Depois experimentou oferecer seus desenhos aos jornais. E somente após muita decepção conseguiu vender sua primeira produção artística ao "Life" — magazine, pelo preço de quatro dólares que lhe parecera maravilhoso: o



QUEM

foi a "Gibson Girl?"

POR OLGA OBRY

desenho representava um cachorrinho uivando à lua, com a lacônica legenda, tirada de uma cançoneta de moda "A Lua e Eu". Os bichos tinham sido sua primeira paixão artística, pois desde a primeira infância divertia-se a recortar silhuetas de animais e a traçá-las onde podia encontrar um pedaço de papel e um lapis ou, na escola, um giz e uma pedra. Um dia o diretor do estabelecimento apanhou o jovem artista "em flagrante" e este, assustado, esperava uma repreensão; mas alguns dias mais tarde a mãe do talentoso aluno fôra convidada a comparecer para admirar a obra em branco sobre preto que o compreensivo educador não tinha tido a coragem de apagar. Os elogios não envaideciam o pequeno, antes o irritavam, já que nunca estava satisfeito com o que fazia, procurando sempre melhorar.

Gibson ficou sem formação acadêmica. Suas viagens a Paris e a Londres o puseram em contacto com os melhores desenhistas europeus, mas ele não fôra emulador de ninguém. Tendo encontrado seu estilo, ele continuava procurando aperfeiçoá-lo, apesar do sucesso o obrigar a "fixar" seu traço. O tempo passava, a moda mudava. A "Gibson Girl" do

"fin de siècle" tinha ficado uma senhora de idade madura, sua filha tinha crescido e, em lugar das mangas "gigot", usava blusas "chemisier", bufando acima da cintura de vespa. Mas o ideal de Gibson ficava o mesmo, para a moça e o rapaz que sua pena traçava sem trégua: saúde, coragem, segurança e alegria de viver. Teve naturalmente que criar um rapaz digno de cortejar a bela Gibson Girl: o "Gibson Man", era sorridente, desbarbado, esportivo e sua aparição na imprensa fizera cair quílos de barbas sob as navalhas que seguiam fielmente o lapis e a pena do grande Charles Dana Gibson.

Durante a primeira guerra mundial, o humor mordaz de Gibson não poupou o Kaiser e seus tenentes. Mas, ao lado de caricaturas que matavam o inimigo pelo ridículo, representava também as cenas comovedoras, onde a "Gibson Girl" de outrora, envelhecida mas sempre de pé, trazia ao Tio Sam seu jovem filho, o novo "Gibson Man" pronto a defender a liberdade e a sua terra. Num outra gravura de Gibson, a Liberdade descera do seu pedestal para abraçar uma velha mãe enlutada, cujos traços ainda refletiam a beleza da mocidade fugida, e a legenda dizia:



"The girl he left behind" — a namorada que ele deixou atrás... Idoso para o serviço ativo, Gibson fez inúmeros cartazes para o esforço de guerra dos Estados Unidos e dos Aliados.

Depois do armistício, ele voltou à ilustração e continuou a trabalhar para as revistas americanas até 1930, quando se retirou para um repouso bem merecido, morando uma parte do ano na sua fazenda no Estado de Maine e outra na sua casa de Nova Iorque. A pintura a óleo, sobretudo as paisagens, fôra, de então em diante, seu "hobby". Convém esclarecer, esta pintura nada tinha de extraordinário. E seus desenhos dos últimos anos haviam perdido o sabor das suas antigas criações. O tempo de Charles Dana Gibson, a época no unissono da qual vibravam seus nervos e seu lapis tinha ingressado na história. Mas ele próprio tinha entrado na história com ela: ainda em vida Gibson já pertencia, por assim dizer, ao patrimônio histórico de seu país e do mundo.

FAZENDAS, MAQUILAGENS E CÔRES QUE ADELGAÇAM A SILHUETA

VAMOS procurar fixar nesta crônica, alguns princípios indispensáveis à elegância feminina, e que devem ser estudados com cuidado.

Vejamos: *As pálpebras devem ser pintadas de acôrdo com a côr do vestido que se vai usar.* Este detalhe é importante e contribue para o embelezamento de muitas mulheres. *Para um vestido verde forte o tom para as pálpebras deverá ser verde suave.* Para um vestido azul, o tom azul suave. Para o vestido roxo deverá ser utilizada a côr de ferrugem. Para o rosa, branco, verde água ou amarelo claro, o tom para as pálpebras será o prateado.

Ao comprar uma fazenda, não deverá levar em conta a beleza da côr ou o efeito de um vestido de sua amiga, mas sim o tom de sua pele. O azul celeste vai muito bem nas louras e nas morenas. E' côr que pode ser usada sem preocupações. O verde forte, o laranja e o marrom, dificilmente assentam. E' necessário que a pintura nos lábios seja moderada e que o rouge das faces seja suave. As morenas de tez mate não usarão pintura nas faces. Azul forte é uma côr ingrata, ao contrário do amarelo limão que realça a beleza da pele. O branco, o rosa e o preto, são côres que realçam qualquer tipo. O vermelho e o violeta ficam bem nas louras. O vestido que assenta bem em todos os tipos é o estampado, que é encontrado numa grande variedade. As mulheres gordas não deverão usar, em absoluto, estampados de flôres grandes. Os motivos pequenos, as flôres miúdas, os quadradinhos e as linhas muito finas, para serem usadas em sentido vertical, são os indicados. Insistimos: nada de grandes flôres, por mais bonitas que sejam, nem listas de mais de meio centimetro de largura, nem quadrados que passem desta mesma dimensão.

Quando dizemos mulheres gordas, referimo-nos às que pesam mais de sessenta quilos. Evitando usar estas fantasias, parecerão menos gordas do que o são na realidade. Estas mesmas pessoas — as que pesam mais de sessenta quilos — não deverão seguir as modas que deformam o corpo, tais como: As saias rodadas, as mangas franzidas, os decotes redondos e quadrados, os babados, os franzidos no decote e no talhe. Todo exagêro em um vestido, concorreria para aumentar na sua aparência, uns dez quilos.

Existe sempre na pessoa gorda, uma certa tendência para o exagêro. Observamos sempre na rua, êsse detalhe curioso. Seus vestidos são sempre de um feitio exagerado e abusam muito das fantasias. Muitas vezes os regimes alimentares não surtem efeitos compensadores e a mulher tem que recorrer a muitos artifícios para parecer mais esbelta. Cuide pois, de sua toalete com todo o esmero e obterá efeitos surpreendentes.

As mulheres magras em excesso que aspiram parecer mais robustas, não poderão usar vestidos listados em posição vertical, mas sim listas colocadas em vies, que darão



80% das Cáries começam aqui—

Afirmam os Dentistas!



Gessy protege no Ponto Vital!

ONDE A ESCÔVA não atinge, começam as cáries. Proteja os dentes nesse Ponto Vital, usando o Creme Dental Gessy.

Sua espuma, de ação ultra-penetrante, atinge onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Gessy é três vezes concentrado — custa menos, rende mais. Gessy limpa, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito. Use Gessy três vezes ao dia.

GESSY CUSTA MENOS!

Compare Gessy com os demais dentífricos de alta qualidade. Verá que Gessy lhe oferece até 20% de vantagem no preço. Escolha qualidade e economia, escolhendo Gessy.

J. W. T. - 1

50 ANOS A SERVIÇO DA

EUGENIA E DA BELEZA



J.W.T.

"EU SEI PORQUE
O BRAHMA CHOPP
É TÃO
GOSTOSO"

...SEUS INGREDIENTES SÃO
CAPRICIOSAMENTE
ESCOLHIDOS!"

Uma pequena diferença na qualidade dos ingredientes do chopp pode alterar-lhe o sabor.

Por isso só o malte mais saboroso e rico em princípios nutritivos e energéticos... só o lúpulo da mais alta qualidade e só o fermento

cujas células vivas há muitos anos vêm sendo selecionadas pela Brahma - são empregados na fabricação da Brahma Chopp de garrafa ou de barril. É por isso que a Brahma Chopp é uma bebida pura e saudável.

BRAHMA CHOPP

Só faz bem!

EM GARRAFA E EM BARRIL

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA
BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA



BÓIA LIÇÃO

CONTA-SE que Luiz XII, o rei de França cuja bondade fez com que passasse à História com o apelido de "Rei do Povo", deu um dia a um fidalgo uma lição curiosa.

Tendo sabido que um de seus oficiais, fidalgo orgulhoso e rude, maltratara um camponez, nada lhe observou, mas deu ordem para suprimirem o pão de todas as suas refeições.

O fidalgo reclamou e, como lhe dissessem que aquilo se fazia por ordem do rei, foi à presença de Luiz XII queixar-se.

— Mas que? — perguntou o soberano. — Não são abundantes as iguarias que lhe servem?

— Sim, majestade, mas falta-me o pão — respondeu o fidalgo.

go. — E o pão é indispensável.

— Então — perguntou o rei — então porque maltrata os humildes camponeses que cultivam o trigo para que tenhamos esse precioso alimento?

*

Desperte a Bília do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bília. Se a bília não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bília e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bília correr livremente. Peça as Pílulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

AZEITE MARIA — Feliz combinação de oliva e amendoim

SANTA ISABEL DE PORTUGAL

DO século XII ao século XIV a lepra devastou o reino. Os "gafos" — que era como na velha Hespanha se chamavam os leprosos — andavam à noite em mandas, aos uivos, cobertos de chagas e de farrapos, escondidos no mato como feras brutas, varejados de pragas e de pedras, perseguidos de pavores e de maldições. O horror do contágio e o estigma divino de abominação excluíam o leproso do direito universal à vida.

Quando um desgraçado adoeceu diante dele o ofício dos mortos; marcavam-lhe a porta com uma cruz negra; perseguiam-no, sequestravam-no, massacravam-no, consumiam-no no fogo, atiravam-no aos lobos e aos cães.

Em Viterbo, o papa Dâmaso insconsequência da vinda dos cruzados e dos colonos estrangeiros. A lepra, como uma labareda, ateava-se pelos burgos e pelos campos de Portugal.

Mas, inesperadamente, a favor dessa miséria maior do que a própria morte, levanta-se um clamor gigantesco de piedade.

Em Viterbo, o papa amasso instituiu uma ordem religiosa de gafos. As princesas e as infantas, vestidas de ouro e cobertas de jolas, lavam pelas suas mãos as chagas dos leprosos. Sancho I penitente e devorado de terror, deixa ao abade de Alcobaça, dez mil morabitinos para uma gaforia em Coimbra. E os lazarus cobertos com as suas peles, fazendo estalar entre os dedos a matraca, num ruído seco, — podem enfim descer aos povoados, entrar nas igrejas, conhecer o próprio paço dos reis. No fim do século XIII cria-se já em Portugal uma verdadeira assistência aos leprosos. A alma dessa assistência é Santa Isabel.

A tranquila docura dos seus olhos verdes fez prodígios de bondade.

Fundam-se ou desolvem-se por toda a parte, em Obidos, em Leiria, em Santarém, em Odivelas, hospitais para os gafos. Na noite de Coena Domini, vinte mulheres leprosas lavam os pés em bacias de prata, na camara da rainha.

O pavor do contágio atenua-se.

Os lazarus deixam de ser perseguidos como cães. E Santa Isabel que sonhara ainda um asilo em Torres Novas, para mulheres perdidas, morre num sorriso, deixando em testamento aos gafos de Odivelas todos os panos de seda e ouro encontrados na hora da sua morte.

FORAM ESTES OS CAMINHOS QUE OS CONDUZIRAM A' VITORIA NA VIDA

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VITORIA E A LUTA PELA VIDA — JUVENTINO DIAS COMEÇOU GANHANDO QUARENTA E CINCO MIL REIS MENSAIS — DR. CIRO CANAAN E A ODISSEIA DE UM ESTUDANTE POBRE — JOSÉ BENJAMIN DE CASTRO VENCEU ACREDITANDO NA HONESTIDADE — “A VITORIA, COMO A FELICIDADE, E' UMA VOCAÇÃO”, DECLARA DR. MILTON CAMPOS — O ROTEIRO PROFISSIONAL DE UM BOM ADVOGADO — ENNIO MARCOS, A PUBLICIDADE E O VALOR DA ESPECIALIZAÇÃO PROFISSIONAL — DONA MARIA DE MAGALHÃES PINTO E A PALAVRA DO AMOR E DA TERNURA — “A MÃE E' RESPONSÁVEL PELO FUTURO DOS SEUS FILHOS” — ONDE A VITORIA E' A TERRA PROMETIDA.

Reportagem de PAULO DANTAS

Fotos de JOÃO MARTINS

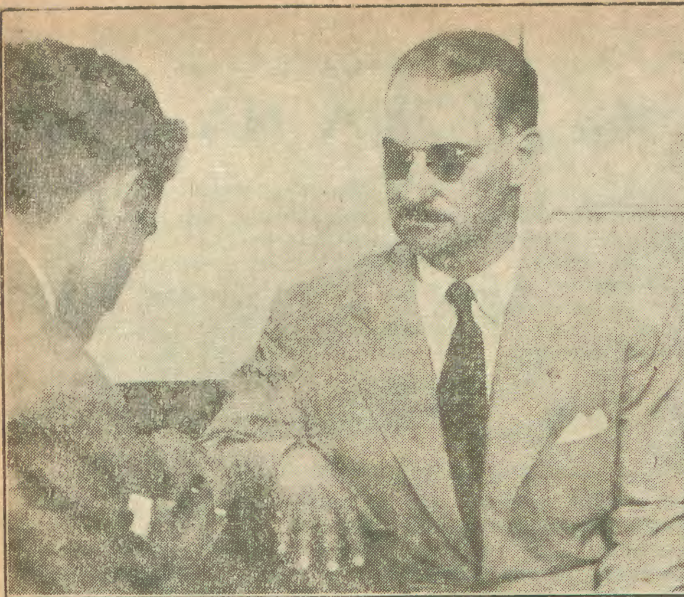
BELO HORIZONTE como todo grande centro civilização possui a sua galeria de homens que se destacaram em diferentes esferas profissionais das atividades humanas. São homens que abriram seus caminhos na vida, criando suas próprias oportunidades, vencendo obstáculos, desânimos e conflitos vários. E a observação de cada dia, nos mostra que o que

deu forças a esses homens foi uma idéia diretriz posta a serviço de um determinado objetivo. Ninguém pode viver sem um ideal e todo homem o tem, determinado ou não. E' o ideal que torna o cotidiano mais suave e que formenta a condição humana de cada um. Há homens que se tornam grandes “pelo combate e pela dor”, mas o sofrimento só inte-

ressa quando conduz à vitória. Diversas são as interpretações dadas ao conceito “vitória”. Para uns a vitória significa o conforto pessoal, a estabilidade econômica, a posição social. Para outros a vitória representa o domínio de si mesmo, o prazer de uma missão cumprida, o repouso da consciência e a alegria das amizades. De uma forma ou de ou-

Sr. Juventino Dias palestra cordialmente com o reporter, ao lado dos fardos de tecidos de sua fabrica, prontos a serem exportados para todo o Brasil. Foi mourejando diariamente neste depósito, sentindo o cheiro das fazendas, que Juventino Dias conseguiu se impor no nosso comercio atacadista. Este instantaneo foi tomado nos fundos da Casa Juventino, Comercio e Industria, S. A.





Na Sociedade Mineira de Carne Ltda., o banqueiro José Benjamin de Castro fala à nossa reportagem. "A honestidade, a fidalguia de trato, o amor ao trabalho e uma idéia diretriz" — são os caminhos que José Benjamin de Castro aponta para o triunfo na vida.



No oitavo andar do Edifício Mariana, o Dr. Milton Campos traça diante do repórter o roteiro profissional de um bom advogado. "Não há nada mais pessoal do que o triunfo na vida" — afirma o sensato jurista mineiro.

tra, o que está patente é que não há vitória sem a interferência de um ideal qualquer.

Uma das artes mais difíceis é a arte de vencer na vida. Arte complexa, regida pelo determinismo pessoal do homem, que como dono da sua vida e chefe do seu destino, tem o direito e a licença de ampliá-la aos mais diversos campos de ação. O. S. Marden e Samuel Smiles já cansaram uma geração inteira com seus ensinamentos morais e práticos sobre uma conduta humana ideal e vitoriosa. O redescobrimento da psicologia aplicada à vida prática trouxe por sua vez um novo surto de estudos em torno da personalidade, do aproveitamento das forças latentes e das zonas psíquicas ignoradas. Os americanos foram mais sábios e inauguraram a arte de ganhar milhões e fazer amigos.

William James usa a expressão um "senhor da vida" para designar o homem vitorioso. E muitos são os senhores da vida em Belo Horizonte. Assim pensava o repórter naquela tarde chuvosa, em que saiu com o fotógrafo para entrevistar um punhado de homens vitoriosos desta Capital.

ALTEROSA pretendia fixar através de uma série de depoimentos, momentos curiosos e marcantes dos caminhos que conduziram esses homens à vitória. O mineiro é muito reservado e não gosta de aparecer assim em entrevistas imediatas. O repórter teve que lutar para vencer mo-

destias excessivas e fugas dos seus entrevistados, mas assim mesmo conseguiu seis depoimentos, os quais com muito prazer estampam nas páginas que seguem.

FALA JUVENTINO DIAS

O primeiro homem que facilitou a tarefa do repórter foi esse boníssimo e cordial Juventino Dias, figura sem par do nosso comércio e da nossa indústria.

Juventino Dias é o homem dos mil telefonês. Inicialmente telefonamos para a sua residência:

— O Sr. Juventino já saiu. Telefone para 2-3020.

Cinco vezes o disco metálico girou impulsionado pelo dedo do repórter.

— Casa Juventino & Cia.

— Por bondade, Sr. Juventino está?

— Não senhor. Telefone para o Banco Itaú S. A.

Telefonamos:

— Aqui fala de ALTEROSA. Por obsequio, o Sr. Juventino está?

— Está sim. Um momento.

Suspiramos aliviados ao telefone. Agora havia no fio uma voz amiga.

— E' Juventino. Pode dizer o que deseja!

Combínamos a nossa entrevista e rumamos para o Banco Itaú S. A., à rua dos Caetés.

Juventino Dias deve andar beijando os 50 anos. E' alto, risinho, traja-se bem, cabelos brancos, esparsos, fronte altaneira, ar

de um doce cansaço comercial. E' um lutador de fibra. Amável, atende a todos com bonomia. Sua simplicidade está cheia de silêncios que convidam a uma palestra cordial. Homem de bons sentimentos, raro é o empreendimento coletivo que aqui se processa que não tenha o obolo de sua bolsa ou o donativo de sua firma. Filho extremo e leal, como vem de ilustrar o caso que Mario Matos nos contou na redação. Em Sabará o pai de Juventino ficara cego. Com o tempo, o velho passara a encher com os olhos da alma, todos os ângulos domésticos da sua residência. Andava sozinho, com toda a configuração geográfica da casa na cabeça. Mas eis que Juventino Dias, já casado e com filhos, precisou transferir-se para Belo Horizonte. O velho não queria deixar a casa de Sabará, tão familiar aos seus passos cegos. E' então aí que entra a larga visão de Juventino Dias, que mandou construir aqui uma casa especial, obedecendo ao mesmo desenho interno, com paredes e quartos iguais à de Sabará. Feito isso veio ele, com toda a sua família, em 1920, para Belo Horizonte, onde em 24 fundou a atual Casa Juventino & Cia., primeiro marco do seu grande triunfo comercial nesta praça.

ROTEIRO AUTOBIOGRÁFICO

"Sou um homem de pouca instrução — começa Juventino Dias. Tenho apenas seis meses de estudos primários. Já fui tipogra-



Enis Marcos de Oliveira Santos, diretor comercial das emissoras associadas Rádio Guarani, Rádio Mineira e Rádio Clube de Goiânia, sugere o caminho da especialização profissional como o maior fator da vitória na vida.

fo. O meu primeiro ordenado foi de quarenta e cinco mil réis (ou sejam os nossos atuais quarenta e cinco cruzeiros) ajustados, quando iniciei, em Sabará, aos 14 anos, a minha carreira comercial como modesto auxiliar de balcão”.

Juventino Dias faz uma pausa, agelta-se na cadeira e continua:

— Quatro anos depois tive a grata surpresa de ver o meu nome incluído na lista dos interessados na firma. Casei-me em 1907 e possuo 14 filhos vivos, dos quais 9 estão formados e 5 menores são estudantes.

AS TRILHAS DA VITÓRIA

Continuamos a nossa agradável palestra com o Sr. Juventino Dias, esse admirável “businessman” e cativante personalidade de “gentleman”.

— Como começa o seu dia comercial?

— Sempre com a execução de um programa previamente elaborado. E nem poderia ser de outra maneira, pois, orientando várias empresas e todas elas com múltiplas atividades — só mesmo através de esquemas de direção poderel dar às mesmas a assistência necessária.

— Quais foram os fatos marcantes na evolução da sua carreira no comércio?

— Fato indelevel na minha vida comercial foi o convite que recebi, aos vinte anos de idade, para fazer parte, como socio, da firma comercial onde empregava as minhas atividades. Para a minha juventude entusiasmada aquele fato foi duplamente bené-

fico. Vi, não somente uma recompensa ao meu esforço como também recebi tal gesto como um incomensurável estímulo ao desdobramento das minhas atividades.

— Quais os caminhos que melhor conduzem à vitória na vida?

— A experiência de tantos e tão longos anos diz-me, primeiramente, que o caminho mais seguro para nos conduzir à vitória na vida é aquele que tem como norte a perseverança no trabalho e como bussola o amor à honra e à verdade e, subsidiariamente, saber transformar cada auxiliar, seja qual for o seu posto, em um amigo devotado e sincero através da valorização do seu esforço e do reconhecimento das suas qualidades.

A FICHA DE UM GRANDE CAPITÃO DE NEGÓCIOS

Juventino Dias que começou ganhando quarenta e cinco mil réis, hoje tem uma renda mensal de mais de cem mil cruzeiros. Sua ficha comercial é uma das mais poderosas deste Estado. Ele é presidente da Casa Juventino Dias, Comércio e Indústria, S. A., Diretor do Banco Itaú S. A. e da Companhia de Cimento Portland Itaú. E' membro do Conselho Fiscal do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais. E' Diretor-Presidente da Fabrica de Calçados Belo Horizonte Ltda. e da Fabrica de Tecidos Renascença Industrial. E' Presidente da Comissão para a Construção da Nova Santa Casa, o que demonstra o seu espírito desinteressado e altruista.

O reporter ainda podia colher outras informações para o enriquecimento da ficha comercial do nosso entrevistado. Resolveu, porém, ficar no que estava acima. O nosso tempo era limitado e urgia ouvir a palavra de outros grandes profissionais da cidade.

DR. CIRO CANAAN E A ODISSEIA DE UM ESTUDANTE POBRE

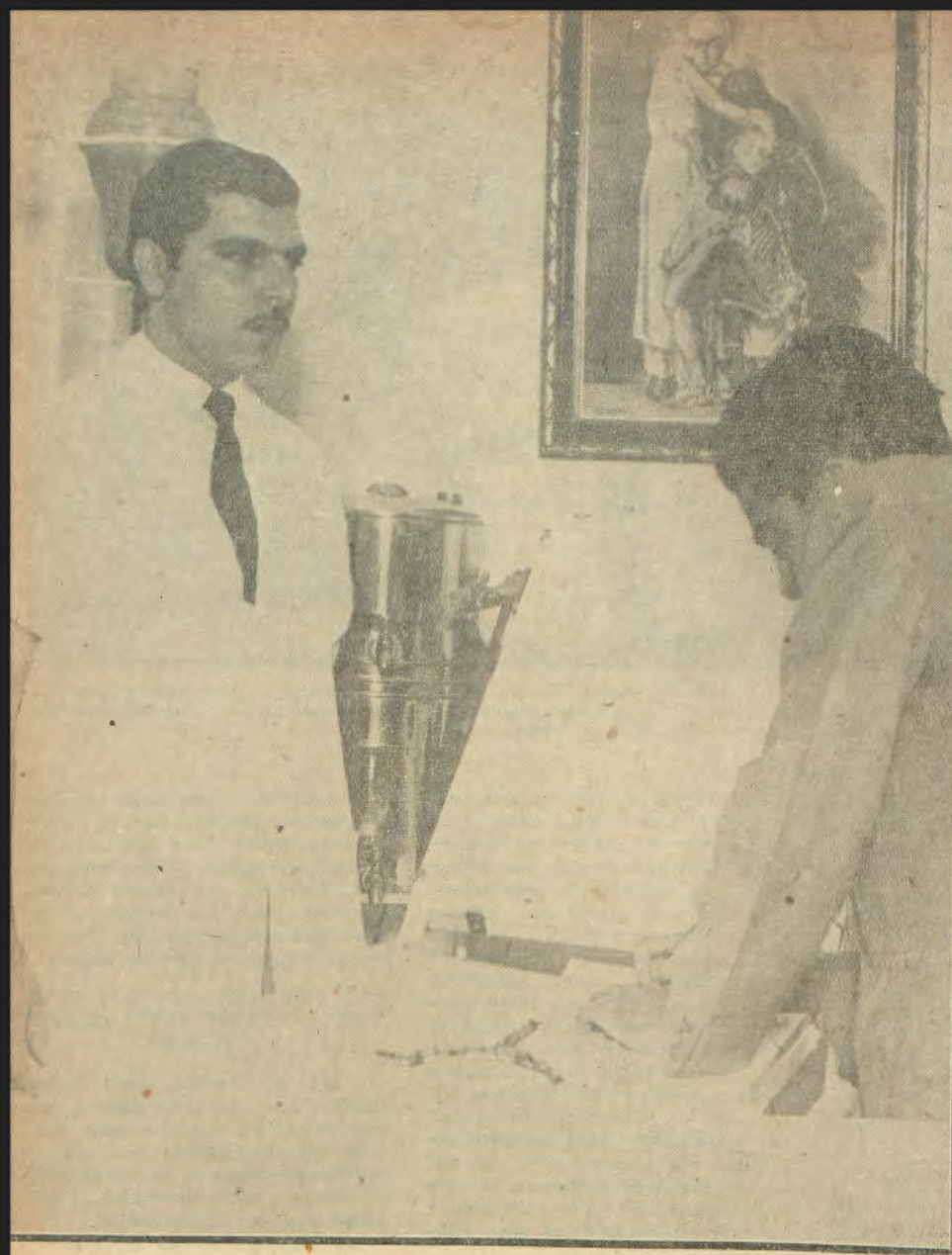
Há, na Capital, um jovem médico que, um ano após a sua formatura, já contava com uma das maiores clínicas da cidade, atendendo durante 10 horas consecutivas a uma multidão de doentes em seu consultório.

No segundo andar do Edifício Caetés, sala 205, encontramos o jovem clínico Ciro Canaan, especialista em vias urinárias e cirurgia em geral. Logo de início Dr. Ciro Canaan compreende a finalidade da nossa enquête e depõe:

— Os melhores caminhos que conduzem à vitória na vida são: confiança em si mesmo, persistência no trabalho, honestidade e abnegação ao ideal.

— E o que nos conta sobre a sua experiência pessoal?

— Formei-me lutando sempre com grandes dificuldades e problemas. Fui um estudante pobre e esforçado. Desde o início de minha carreira, trabalhei em hospitais e o espetáculo cotidiano das multidões enfermas marcou a minha sensibilidade. Quando estudante trabalhei na Santa Casa e fui interno da Casa de Saúde São José. Considero como fatores es-



Tipo de perfeito "gentleman", José Benjamin de Castro é amável e cordial para com todos. Ele também se fez do nada e no seu rosto claro há marcas de pertinaz luta com a vida. Modesto, pouco falou à nossa reportagem. A maior preocupação de sua vida tem sido a honestidade e foi de baixo desse rígido princípio que ele se impoz no nosso comércio. O conceito dostolevski-ano de que a consciência é uma doença" foi desacreditado por José Benjamin de Castro, um comerciante que venceu confiando na honestidade:

— Os melhores meios que temos para vencer na vida — responde o nosso entrevistado — são: honestidade, fidalguia de trato, amor ao trabalho e uma diretriz firme e ajudada pela inteligência e pela força de vontade.

José Benjamin de Castro é ainda proprietário e criador de zebu.

No seu consultório à rua dos Caetés, Dr. Ciro Canaan depõe à ALTEROSA: "Confiança em si mesmo, persistência no trabalho, honestidade e abnegação ao ideal" — eis os caminhos da ação vitoriosa.

FALA, DR. MILTON CAMPOS

senciais do êxito de minha carreira:

- 1.º) a experiência adquirida no tempo de estudante;
- 2.º) a escolha acertada da profissão, pois sempre tive vocação para a medicina;
- 3.º) o fato de tratar os meus clientes, indistintamente ricos ou pobres da mesma maneira;
- 4.º) dedico-lhes assistência moral e visto unicamente restituir-lhes a saúde.

Dr. Ciro Canaan faz dos seus clientes verdadeiros amigos, deles adquirindo a confiança e angariando a sua estima. Hoje o jovem médico da rua dos Caetés possui

uma das maiores clínicas de vias urinárias da Capital. E' cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José e chefe do serviço médico da Companhia Telefonica Brasileira.

JOSE' BENJAMIN DE CASTRO VENCEU ACREDITANDO NA HONESTIDADE

José Benjamin de Castro é uma expressiva figura do nosso comércio. E' ele presidente do Banco Popular de Minas Gerais e um dos diretores da Sociedade Mineira de Carne Ltda., organização que abastece de carne verde quase toda população da cidade.

No oitavo andar do Edifício Mariana, encontramos o dr. Milton Campos, um dos grandes expoentes da advocacia desta Capital. Homem inteligentíssimo, dono de um sólido equilíbrio geral e de uma vasta cultura jurídica o dr. Milton Campos, submetido à nossa pergunta básica, declarou:

— Só quem percorreu os caminhos da vitória pode indicar com segurança quais sejam. Porque não há nada mais pessoal do que o triunfo na vida. A vitória, como a felicidade, é uma vocação ou um destino. Quem está fadado a ela tem a intuição dos caminhos a percorrer, ou os encontra abertos diante dos olhos.

Na sala, a claridade entrava

pela grande janela aberta. A cidade com um trecho do seu casarinho ao sol se oferecia pontilhada de telhados rebeldes, ladeiras, colos de avenidas, prédios em construção e bondes inquietos.

O dr. Milton Campos volta-se para o reporter:

— A indicação que você me pede é muito embarçosa. Todavia, limitando a questão aos domínios da profissão que exerço, poderei dar, embora imprecisa e incerta, uma receita para o êxito na advocacia. Servir-me-ei, para isso, da experiência alheia, como espectador que tenho sido de muitas carreiras trunfantes.

Modesto e ironico, Dr. Milton Campos evita cair no terreno autobiográfico e, pondo-se na situação de observador, diz:

— Antes de tudo, convém que o advogado saiba ler e escrever. Não há carreira em que tanto se leia e em que se escreva tanto.

Dizendo isso, quero significar que não basta ler os processos e as leis, o que seria fácil e não reclamaria mais do que o curso primário.

Um velho preceito do nosso ofício ensina que saber as leis não é guardar-lhes as palavras, mas conhecer-lhes o sentido e o poder. Ora, para entender as leis relacionadas umas com as outras e perceber-lhes exatamente o alcance e a aplicação, quantos dados, quantas informações e quantos elementos não se reclamam! Daí a necessidade, para o jurista, de ler e informar-se, formando a cultura geral e especializada sem a qual não lhe é possível realizar sua alta missão:

— Quais as qualidades essenciais de um bom advogado?

— Assim provido e tendo ainda o dom de exprimir, precisa e concisamente, as coisas que tem a dizer, pode o advogado lançar-se às lutas do Fôro, que ainda reclamará d'ele a força persuasiva,

✱

O depoimento de Dona Maria de Magalhães Pinto foi um verdadeiro hino de ternura e de amor filial. Nesta fotografia, vemos a caridosa e distinta senhora ao lado do seu esposo José Caetano de Magalhães Pinto.

a paciência, a bravura e a cortezia.

— Desenvolva rapidamente para ALTEROSA essas qualidades?

— Não há espaço nem tempo para se desenvolver cada uma dessas exigências. Mas é fácil imaginar-se que conjunto de qualidades há de ter o advogado, que vive no fogo do debate e da luta, no clima agitado da polêmica e da controvérsia. Sem a bravura, ele desfalece. Sem a paciência, não suportará as aflições do cliente, nem os erros e os desatinos que defronta. Sem a cortezia, transformará em pugilato o interminável duelo em que vive. Sem força persuasiva, não captará a adesão do Juiz aos pontos que sustenta. Será muito? Será pouco? Não tomarei a medida dessas virtudes, mas acredito que elas bastarão para compôr uma bela figura de advogado, certamente vitoriosa.

E sensatamente concluindo:

— A não ser que por vitória se entenda apenas o êxito material, com todas as vantagens temporais que ele trás. Nesse caso, a receita ficaria sem efeito. Todas aquelas virtudes seriam dispensadas. E do advogado somente se se exigiria que tivesse clientes ou fregueses.

ENIOS MARCOS E A PUBLICIDADE

O reporter abre um livro sobre publicidade e anota a frase:

“O Técnico Publicitário há de possuir os dotes imaginativos do literato, a faculdade de análise do psicólogo e o temperamento prático do comerciante”. E agora diante de Enios Marcos de Oliveira Santos, numa sala do Departamento Comercial da Rádio Guarani, o reporter tem uma evidência personificada da frase.

QUEM É ENIOS MARCOS

Enios Marcos é o diretor de publicidade das emissoras associadas Rádio Guarani, Mineira e Rádio Clube de Goiânia. Autêntico e arguto publicista, com larga profissão de fé assinalada no nosso comércio, Enios Marcos de Oliveira sem vacilações, responde à nossa primeira pergunta:

— A meu ver, os caminhos ou melhormente o caminho que conduz o homem à conquista da vitória na vida é o da especialização profissional, que lhe permite a produção de um trabalho organizado, metódico e perfeito. Na época atual, onde as competições avultam em todos os setores da vida humana, a “audácia” do pro verbo latino já não basta! E' preciso mais. E' preciso estudo, preparo adequado afim de que o indivíduo possa entrar na lutas das competições e dela sair ganhador e vitoriosamente.

Enios Marcos toma folego, atende ao telefone e depois sentença:

— Para mim, portanto, a cha-



ORQUIDEAS

OFERTA ESPECIAL COMPOSTA UNICAMENTE DE FLORES ENORMES E VISTOSAS.

LOTE "CATLEYA" — contendo 3 plantas. Preço Cr\$ 70,00, conteúdo: "Labista Warnerii" — Flores de sepalas e petalás rosa-carregado, labelo carmesim, fauce amarela. "Schilleriana" — Flores de sepalas e petalás rosa-bronzeado com manchas castanho-labelo marginado de rosa com veias purpureas. "Velutina" — Flores amarelas com máculas purpureas-labelos esbranquiçados com veias purpureas.

LOTE "LAELIA" — contendo 3 plantas. Preço Cr\$ 50,00, conteúdo: "Tenebrosa" — Flores bronzeadas com labelo roxo-purpureo. "Perrinitii" — Flores rosa-brilhante, labelo roxo escuro, fauce branca. "Pumila" — Flores rosa-escuro, labelo purpureo.

OFERTA "EXTRA" — 3 plantas "Laelia Purpurata" — flores brancas com labelo purpureo. Preço Cr\$ 40,00.

3 plantas "Catleyas Harrisoniae" — flores roxo claro, médio ou escuro, parte inteira do labelo amarelo claro. Preço: Cr\$25,00.

NOTA — Os lotes acima mencionados, compostos de plantas escolhidas, são enviados pelo Correio registrados, para todo o Brasil, otimamente acondicionados em caixas de madeira, sem acréscimo de preço.

Cheque ou vale postal a:

JOSÉ R. AMARAL JUNIOR

Caixa Postal 154 - CAMPINAS (E. S. PAULO)

ve do triunfo está na cultura especializada.

— Que acha da publicidade como carreira profissional?

— Embora para muitos possa parecer exagero, acho-a admirável. E' compensadora, talvez bem rendosa mesmo. A profissão de publicista dá ao indivíduo a consciência do seu próprio valor, uma certa confiança em si próprio, que o tornam inteiramente superior e capaz de vencer com naturalidade todos os obstáculos que se levantam á sua frente.

A publicidade — continua Enlos Marcos — é uma força criadora que vem dar novos e mais amplos horizontes aos diversos campos das artes, das ciências e dos negócios. Apregoando os inventos da ciência, exaltando as criações da arte, ampliando as fontes de informações comerciais, a publicidade é de fato uma força poderosa, que educa, esclarece e orienta.

— Como publicista, tem surgido a V. S. boas oportunidades comerciais?

— Na nossa profissão, nunca esperamos que as oportunidades surjam. Nós as criamos e as executamos consoante o interesse e a necessidade dos mercados.

Quanto a mim, particularmente, tenho sempre, ou quase sempre, conseguido realizar o que imagino dentro das minhas atividades profissionais.

A intimidade com o nosso entrevistado já estava estabelecida. Era justo agora que ele nos permitisse uma pequena indiscrição.

— Informaram-nos que o sr. vai para o Rio. E' verdade?

— Realmente, fui convidado pela direção geral dos Dários Associados para emprestar o meu concurso a um novo departamento, recentemente criado no Rio com a finalidade de centralizar toda a publicidade das emissoras associadas. No entanto, julgo difícil a minha transferência para o Rio, em razão dos compromissos de ordem moral que me ligam ás emissoras de Minas Golaz.

O salão central da Radio Guarani ia se enchendo de gente. O telefone tilintava. Lá fora, a tarde se fazia noite, num crepusculo antecipado e negro de chuva. Enlos Marcos desceu o elevador com o reporter. Nas imediações do Cine Rádio, Guarani, recentemente inaugurado, sua mão possante se estendeu numa amável despedida.

As luzes se acendiam na noite. Não havia nenhum imprevisto na primavera. Essa noite seria igual a todas as outras. No cartaz iluminado, Claude Rains num trágico "clos-up", indicava ao reporter o caminho do "Fantasma da Opera".

DONA MARIA DE MAGALHÃES PINTO E A PALAVRA DO AMOR E DA TERNURA

A família é tudo e o mundo não é nada. Sózinho na noite, sem amor e sem ternura, o reporter andava pela cidade estranha debaixo da chuva. Vastos são os caminhos do mundo e do coração! Felizes daqueles que numa noite como essa, possuem um lar e uma mãe. O reporter ia se fazendo cada vez mais triste. Ele tinha ouvido a palavra de vários homens bem situados na vida profissional de Belo Horizonte.

* * *

Sentia, porém, que faltava alguma coisa para dar um caráter simbólico e sentimental á sua reportagem. Nela a palavra da mulher não tinha figurado. E quem melhor do que uma mãe poderia encerrar com chave de ouro esta "enquête"? A questão se avolumou no espírito do reporter e ele, na noite chuvosa, começou a tecer considerações sobre a missão de uma mãe.

Quantos filhos não devem seu triunfo na vida devido á sábia orientação das suas progenitoras! A mãe é uma potência. E' da mãe que parte o conselho sábio, amigo e cheio de luzes poderosas. O reporter se sentia triste porque um coração cedo na orfandade é sempre um coração triste. "Ser mãe é padecer num paraíso" já sentenciou o poeta. "E andar chorando num sorriso".

Repentinamente desceu sobre a mente do reporter a figura de uma mãe conhecida e amiga. A inspiração veio com a imagem de Dona Maria de Magalhães Pinto, uma piedosa dama que mora num placido trecho da Rua Espírito Santo e que tem seu nome ligado aos grandes movimentos católicos da cidade.

Dona Maria de Magalhães Pinto é mãe dos senhores José e Valdomiro de Magalhães Pinto, duas figuras imponentes nos nossos meios economicos. Valdomiro de Magalhães Pinto é diretor-superintendente do Banco Nacional de Minas Gerais S. A. e José de Magalhães Pinto é diretor de várias das nossas organizações comerciais e industriais.

José de Magalhães Pinto, muito jovem ainda, já se tornou um nome de alta projeção nos meios financeiros de todo o País, tendo ocupado, com apenas 23 anos de idade, a presidência da Associação Comercial de Minas Gerais.

Os roteiros profissionais destes dois filhos já eram bastante para coroar de êxito a missão de uma mãe.

E na manhã seguinte, o reporter ouviu a palavra de Dona Maria de Magalhães Pinto, com a qual encerra a sua reportagem:

"A mãe é responsável pelo futuro dos filhos e modestamente orientei os meus para o melhor dos caminhos possíveis. Sou muito religiosa e foi em Deus que encontrei a luz dos ensinamentos que me deram forças para guiar os meus filhos pelo deserto da vida. A vitória é a terra prometida e só consegue a vitória aquele que confia em Jesus e que tem por guia Maria Santissima. Aos pés do altar encontrei ensinamentos para os meus filhos e humildade e resignação no sofrer. Meu lema foi e sempre será: Amar a Deus e ao próximo".

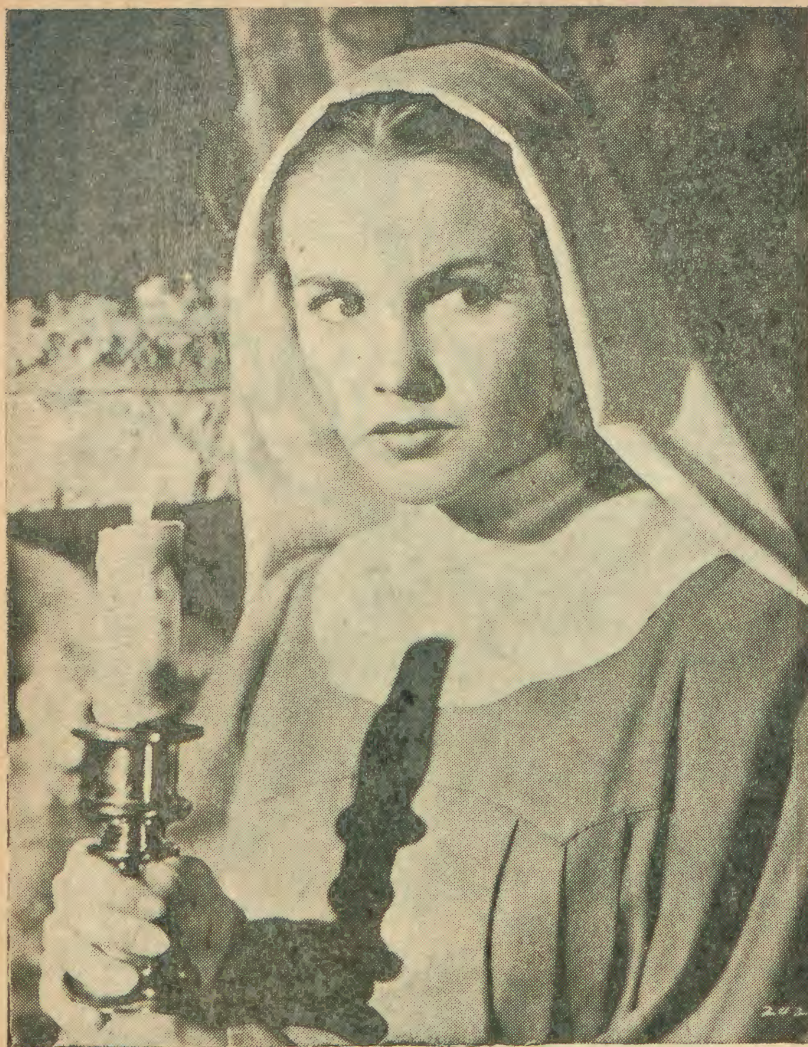


O DINHEIRO É PORTADOR DE MUITOS



ASSEGURE O
ASSEIO E HIGIENE
DE SUAS
MÃOS!

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE



Na outra página:

MARGARET O' BRIEN, a ga-
rotinha revelação da Me-
tro, tem atualmente seis anos e
aos 5 já assombrava o publi-
co — Mr. e Mrs. Sterling, is-
to é, Ann Sothern e Robert
Sterling, conheceram-se certo
dia num dos "sets" da Metro...
e as leitoras adivinharão o res-
to. — Joan Fontaine e Arturo
de Cordova, em uma bela ce-
na do filme de pirataria "Gal-
vota Negra", uma das memo-
ráveis produções de Hollywood
nestes últimos tempos.

BARBARA BRITON já foi elevada
à categoria de estrela da Para-
mount. Aqui a vemos, como protago-
nista do filme "Till We Meet Again".

✱

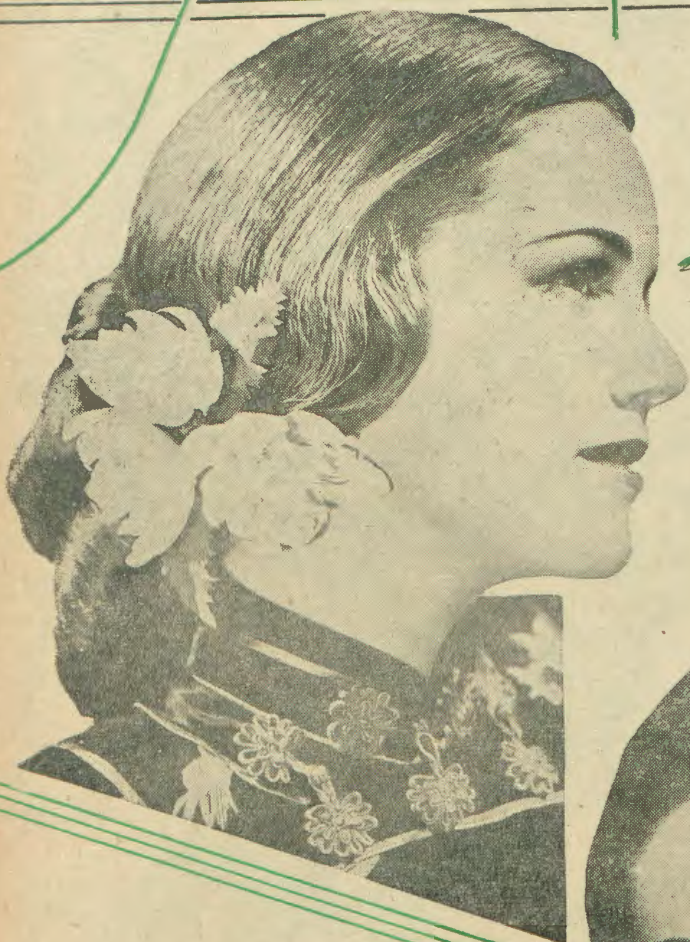
Barbara Stanwyck e Edward G. Ro-
binson, que juntamente com Fred
MacMurray, vivem o filme mais hor-
ripilante e emocionante do ano, na
opinião da crítica norte-americana.





L. Hollywood

7 alemos de penteado

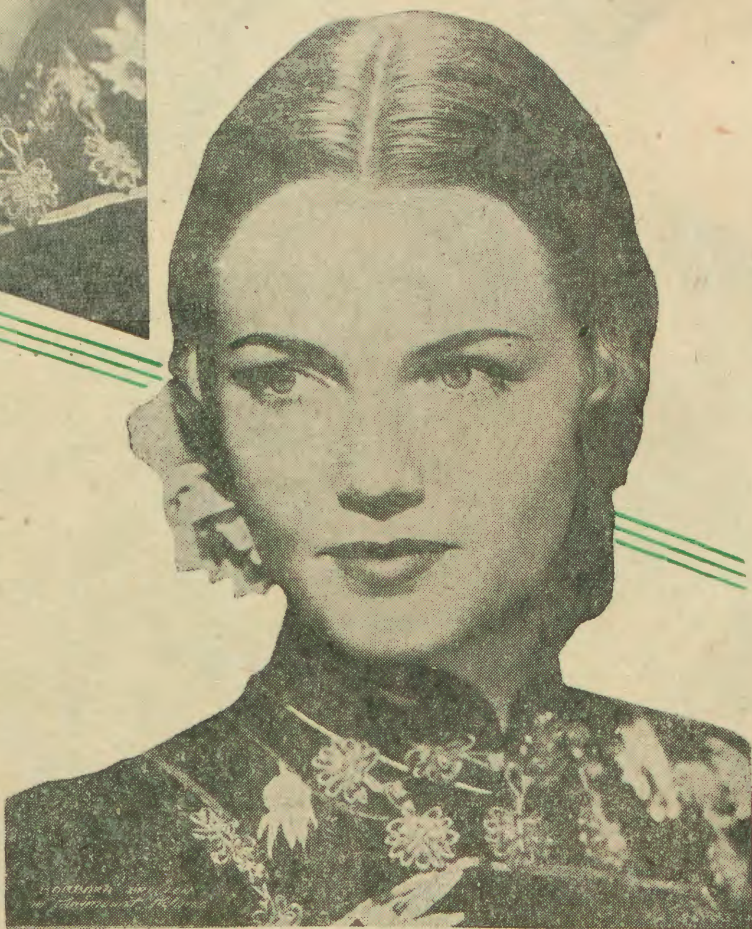


BARBARA BRITTON usa, a título de experiência um penteado chinês, um mixto de antigo e moderno, que combina esplendidamente com o vestido estilo mandarim comprado por ela para celebrar o seu primeiro filme como estrela, na película da Paramount, "UM LIRIO NA CRUZ" (Till We Meet Again), na qual ela aparece juntamente com Ray Milland.

Conforme se vê da fotografia, os cabelos são presos na parte de trás, formando duas espécies de coques na altura da nuca. Para dar um toque mais oriental, a jovem estrela usa preso aos cabelos um ramo de brancas flôres exóticas colocadas num dos lados de sua encantadora enlaço.

* * *

Para este penteado de estilo simples Barbara reparte seus cabelos ao meio, estica-os dos lados para acentuar o contorno de suas faces e puxa-os depois ligeiramente sobre as orelhas de modo a encobri-las inteiramente.





Novo e Moderno **Leite de Beleza Lalaque**

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALAUQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALAUQUE



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana



À VENDA EM TODO O BRASIL

OUTRA COMÉDIA DA VIDA

TEXTO E BONECOS

DE OSVALDO NAVARRO

Para ALTEROSA

Madame, como de costume saíra cedo para os exercícios de equitação em que era exímia.

Todos que conheciam a vida do casal achavam-na efetivamente inegalável na arte de cavalgar...

Pompeu, o esposo, lia atenciosamente o jornal. Súbito, rosnou uma frase latina e, logo a seguir, traduziu-a: — "O caminho está aberto!" De um salto pôs-se junto à janela, onde leu outra vez, a plena luz, a notícia: "Foi fundada em Bogotá a Sociedade dos Maridos Oprimidos".

Fitou demoradamente o chão e pronunciou com ênfase a frase do velho Xavier: "Liber-tas quae sera tamen!" E traçou fora da letra: "Está chegando o nosso 13 de maio!"

Empacado co-mo um gazogê-nio, permaneceu alguns momen-tos... A seguir, sem gestos espe-taculares, mas com voz firme, anunciou: — A partir de agora as coisas aqui vão mudar!

Pompeu havia feito com letra horrível, com visível má vontade, o rol da roupa suja, que era uma das suas atribuições...

Dirigiu-se ao interior da casa; donde voltou vinte minutos depois dizendo: — A trouxa está pronta! Em sua mesa de trabalho escreveu qualquer coisa nervosamente! Leu, releu, pigarreou e afirmou: — Minha resolução é inabalável! Pelu caligrafia ela poderá ver que já não sou o mesmo!



**no berço do
gigante...**

UM fiozinho d'água. Depois, regato bulhento e saltitante. Logo, o rio remansoso! E ali, ali nasce um gigante! Submetido pelo homem, forçado a trabalhar, facilita e ameniza a vida de seus milhões de senhores. Medido em volts e watts, o gigante foge aos geradores pelos cabos de alta tensão. E na lonjura das cidades e das vilas, obediente, move motores, trens, teares, máquinas, indústrias inteiras. Ilumina casas e ruas,

instrui, distrai, ajuda a viver. No Brasil, como em todo o mundo, equipos General Electric captam tesouros de potencial hidráulico, transformando-o em força motriz, alavanca do progresso. Para a completa eletrificação do país - tarefa ciclópica de uma geração - a General Electric não deixará de contribuir com seus homens e materiais, fornecendo turbinas, geradores, transformadores, subestações e demais aparelhamento.

**a eletricidade
ajuda a criar
um mundo melhor**

E a General Electric ajuda a criar a eletricidade. Submetida hoje à mais rude das provas, sua capacidade e experiência estarão no futuro, como no passado, às suas ordens.

ENERGIA HIDRO-ELÉTRICA

GENERAL  ELECTRIC

GRANT

B.037

ECONÔMICO

— porque pode
ser usado
várias vezes!



**NÃO QUEIMA — NÃO FUMEGA — NÃO TOMA
O GÔSTO DOS ALIMENTOS!**

• Para fazer frituras leves e deliciosas, com gastos menores, use o Oleo «A Patrôa».

Fabricado por processo de refinação completa, o Oleo «A Patrôa» é completamente inodoro, sendo por isso excelente, também, para saladas e maionêses.

Se ainda não experimentou o Oleo «A Patrôa», faça-o hoje. Oleo «A PATRÔA» não queima, não fumaça e não toma o gôsto dos alimentos!



ÓLEO A Patrôa
UM PRODUTO DA Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

UMA FLOR BEM SINGULAR...

Felicidade é uma flôr,
difícil de se encontrar...
E a Saudade é o odôr,
desta flor tão singular...

Se um dia se perde então,
Esta flor — Felicidade;
nunca mais nos sai da mão,
o perfume da Saudade!...

LUIZ OCTAVIO

CENA MUNDANA EM 1940

E' curioso notar como os periódicos antigos se referiam ao futuro, nas suas previsões "a la Victor Hugo". Aqui temos uma preciosidade retirada de uma edição de "Eu Sei Tudo", de 1916, que transcrevemos para conhecimento de nossos leitores:

UM CAVALHEIRO põe o pé na soleira de um "café" e a porta abre-se automaticamente. No interior um gigantesco gramofone executa música salomeana ilustrada em quadros sôbre imenso pano cinematográfico colorido.

Um "tapis-roulant" transporta-o a uma mesinha sôbre a qual êle calça num botão elétrico no qual está escrito "cossommé".

Um pequeno ascenseur desce rapidamente do teto e traz-lhe um bilhete escrito à máquina: "Hoje não se servem pratos quentes porque os senhores cozinheiros não trabalharam em sinal de pesar pela morte da tia da irmã da cunhada do subsecretário da Liga dos Cozinheiros".

O senhor resigna-se e escreve "p. c." num cartão de visita com um pequeno sinete elétrico de borracha, e calça depois num outro botão onde está indicado "Tamarinada".

O "ascenseur" traz-lhe instantaneamente; o cavalheiro bebe, paga, calça noutro botão da cadeira que o põe de pé e pelo "tapis-roulant" faz-se transportar à contigua "salle à fumer". Dá-lhe um "groom" uma maquinazinha que lhe deita na bôca a fumaça de cigarro esterilizada e concentrada no vácuo: — sôbre um quadrado mágico aperta um quarto botão que indica "Odalisca loura".

Uma porta giratória fá-lo passar a uma sala turca, onde uma famosa Circassiana... emancipada e intelectual não lhe oferece a bôca perfumada mas, colocando os óculos no nariz lê uma poesia de Metastasi traduzida em árabe, acompanhando a cadência com a dança do ventre.

O cavalheiro toma depois um "ascenseur" que o leva a um grande concêrto que se executa sôbre o telhado. Quisera demorar um pouco mas a tamarinada que êle tomou dá-lhe dôr de estômago e obriga-o a voltar à casa: toma um aeroplano a um cruzeiro a hora. Entra pela janela do seu quarto de dormir, abrindo-a com a chave que traz no bolsó.

Modelos do Mês



Frances Gifford, uma das estrelas mais bonitas da Metro, apresenta um modelo de passeio, muito gracioso, em azul marinho e cinza.



Ester Williams, outra bonita estrela da Metro, sugere êste encantador vestido, confeccionado em seda quadriculada e lisa.

NOIVAS E MADRINHAS



1 — Vestido de noiva, em seda, com blusa bordada e drapeada. Sobresaia ampla. 2 — Vestido para madrinha em crepe georgete. Blusa enfeitada com bordados e babados. 3 — Vestido de noiva em tafetá. As mangas e a blusa são adornadas com bordados. Saia em panos e muito rodada. 4 — Vestido para madrinha em crepe romano. Blusa com recortes e saia drapeada.



5 — Vestido de noiva em crepe setim. Blusa drapeada e bordada. Saia franzida e bem rodada. 6 — Vestido para madrinha em crepe setim enfeitado com tira bordada. 7 — Vestido de noiva em organza. A blusa é drapeada. A saia é rodada e leva uma sobressaia de renda. 8 — Vestido para madrinha em "marrocaim". Casaco godê e saia franzida, presa na parte de trás.

TRÊS MODELOS ORIGINAIS



★ Três encantadores modelos próprios para as compras, confeccionados em linho estampado e liso. Têm como enfeites, botões, babados e nervuras.



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, si não colocassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colhêr os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com êsse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor—e Qualidade pesa na balança!

Meias

Lobo

UM PRODUTO
DA FÁBRICA
LUPO

Standard Propaganda





- 7 — Vestido de corte simples, realizado em linho bege, enfeitado de marrom; 8 — Uma tira colorida, em sentido horizontal dá a êste modelo uma nota original; 9 — Vestido prático em linho azul, com recortes e abotoado na frente; 10 — Vestido em seda lavável, gola branca, cinto e botões de couro; 11 — Interessante combinação em linho rosa e azul; 12 — Vestido em linho amarelo enfeitado com fita.

Para seu filho

1 — Terninho para menino, em linho bege e azul, enfeitado com pregas e botões. 2 — Vestido para meninas de sete anos, em algodão estampado. Saia franzida e golinha esporte. 3 — Capote para calor, em linho azul, abotoado na frente, com pregas e pespontos. 4 — Roupinha para crianças de 1 ano, bem franzida e enfeitada com ponto para-guaio. 5 — Vestido para menina, em duas cores e enfeitado com ponto para-guaio. 6 — Roupinha para menino, com recortes e bordado em côr viva.



5

6

ATELIER DE ESCULTURA "SÃO JOÃO"

Executa-se sob encomenda qualquer trabalho em escultura, bustos, estatuas, imagens, etc. Ornatos de cimento e gesso para decoração de forros, paredes e fachadas, em qualquer estilo, como sejam flores, grêgas, molduras, colunas, etc.

RUA
SANTA CATARINA, 27
FONE 2-0291



1

3

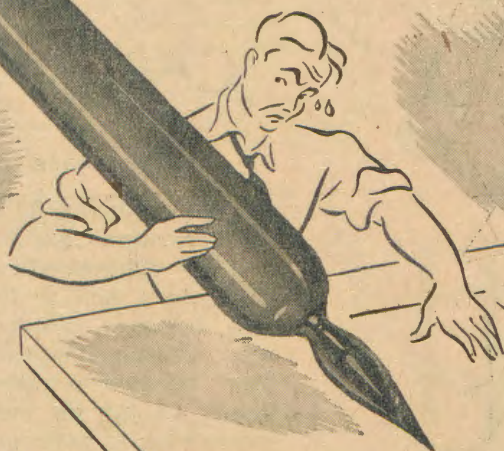
2

4

"MINHA CANETA

pesava como

CHUMBO !"



**...mas aquela fadiga e aquele
desânimo desapareceram com o
Vinho Reconstituente Silva Araujo."**

Cansaço fácil, indisposição, falta de ânimo para as tarefas mais simples? Tudo isso pode ser apenas sintoma de sangue desnutrido, de enfraquecimento geral. É a hora de recorrer ao fortificante há meio século recomendado por grandes médicos: o Vinho Reconstituente Silva Araujo.

A base de peptona, quina, e cálcio, é um tônico precioso, que restaura as energias perdidas. É ótimo estimulante do apetite, auxilia a boa assimilação dos alimentos. Use o Vinho Reconstituente Silva Araujo, um produto de confiança.



**O Professor
Oscar de Sousa
declarou:**

"Aconselho e recomendo o Vinho Reconstituente Silva Araujo, cuja composição e rigorosa manipulação justificam os bons efeitos terapêuticos alcançados com o seu emprego"...

Vinho Reconstituente **SILVA ARAUJO**

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

J.W.T.

**Grandes
médicos
o receitam
há mais de
50 anos.**



de CAIXA de Segredos

Direção de CONSUELO SAN MARTIN

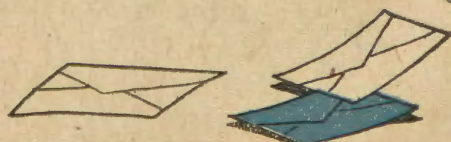
Tôda correspondência para esta secção deve ser dirigida a Consuelo San Martin, "Caixa de Segredos", Redação de ALTEROSA - Caixa Postal, 279 - Belo Horizonte.

CARTA A UMA NOIVA

Minha querida Iara

Já devia ter-lhe enviado a mensagem da minha alegria, pela felicidade que ora inunda o coração da minha jovem amiga. Escreve-me você encantada com a perspectiva de um futuro sem sombras. E' o seu noivo um rapaz ideal, fino, educado, altamente colocado e, sobretudo isto, ama-a com devotamento e inextinguível dedicação. Até aí vai tudo bem. E eu não quero acordá-la de todo, dêsse sonho lindo, que a embala no momento. Mas, minha doce amiga, um pouquinho de pensamento não faz mal a ninguém — antes, nos é útil na aquisição de uma felicidade mais duradoura, porque sãbiamente preparada no cérebro. Diz-me você que tudo já está preparado para o grande dia.

Já cuidou, eu sei, do seu enxoval, do seu traje nupcial dos seus convidados, de tudo enfim, que pode atormentar a cabeça de quem se prepara para o ato mais sério e decisivo de toda a sua vida. Vejamos, agora, minha encantadora Iara, se você se lembrou do seu preparo interior. Convém não esquecer os deveres que o matrimônio impõe à mulher. Os sacrifícios inúmeros que a vida forçosamente exige de nós. De todos eles, porém, nenhum trará tanto benefício a um casal como a renúncia. E' preciso, minha amiga, ter sempre presente esta virtude, quase esquecida, considerada por muitos como uma qualidade, apenas, da alma humana. Na verdade, se todos os casais se compenetrassem do valor da renúncia, muitos desentendimentos seriam evitados. Cultive-a, pois, com o carinho que ela merece e esteja certa de que o seu sonho será mais belo e mais equilibrado a sua felicidade. Assim, mesmo que todos os seus dias não sejam azuis, como você deseja, a suave presença da renúncia tirar-lhe-á o alento necessário para a espera do sol.



CORRESPONDENCIA

DORA — CAPITAL — Agrade-cida pelos elogios que faz a esta secção. Respondo a sua amável cartinha. Conta-me você o seu caso e, com bastante inteligência, fala-me dos seus projetos para o futuro. Já respondi, em número anterior, uma consulta quasi idên-tica à sua. Na realidade minha encantadora amiga, a questão eco-nômica muito concorre para a fe-licidade matrimonial. E' verdade que, "nem só de pão vive o ho-mem", mas, mais de pão. Ama vo-cê a um rapaz pobre mas, confes-sa-me não estar acostumada a uma vida excessivamente modes-ta. Se você pensa assim, Dora, é porquê, na realidade, não dispen-sa uma grande afeição a êsse mô-go. O amor é sempre cego e não costuma nos mostrar, êsse lado feio da vida: a indigência. E' ama-da por outro de boa situação e que não lhe é de todo indiferente. Seja feliz com o segundo. Será mais acertado, não acha?

MONJA TRISTE — CAPITAL — Minha encantadora desconhe-cida: leio e releio a sua carta. A complexidade aparente do seu ca-so é, antes oportunidade para um delicioso estudo psicológico. Ama você uma criatura, a quem não conseguiu compreender. As atitu-des contraditórias dessa pessoa le-vam-na a uma série de suposições.

Não concordo deva você pro-curar o seu namorado. A sua po-sição é de reserva e discrição. O caso da idade nada tem que ver com a felicidade de vocês, prin-cipalmente em se tratando de di-ferença tão pequena. Acho que você deve dissimular bem os seus sentimentos e mostrar-se menos interessada. Os homens, em ge-ral, amam com mais intensidade, quando a dúvida os assalta. O seu pôsto é de observação. Espere um pouco com paciência. Penso que tudo se resolverá bem. Nada po-rém de levandades. Um outro namorado viria apenas distraí-la e não lhe traria o almejado sos-sêgo. Tranquilize-se e de vez em quando dê-me as suas notícias.

RASMA-RÔNIA — CAPI-TAL — Leio a sua carta, minha amiga e, inicialmente, a felicito. Talvez extranhe você êsse meu cumprimento. Feli-cito-a Rasma-Rônia, porque, embora errando, teve você a coragem de assumir a respon-sabilidade do seu erro. Diz-me, no correr da sua missiva que é jovem e bela e que um rapaz deseja tomá-la para esposa.

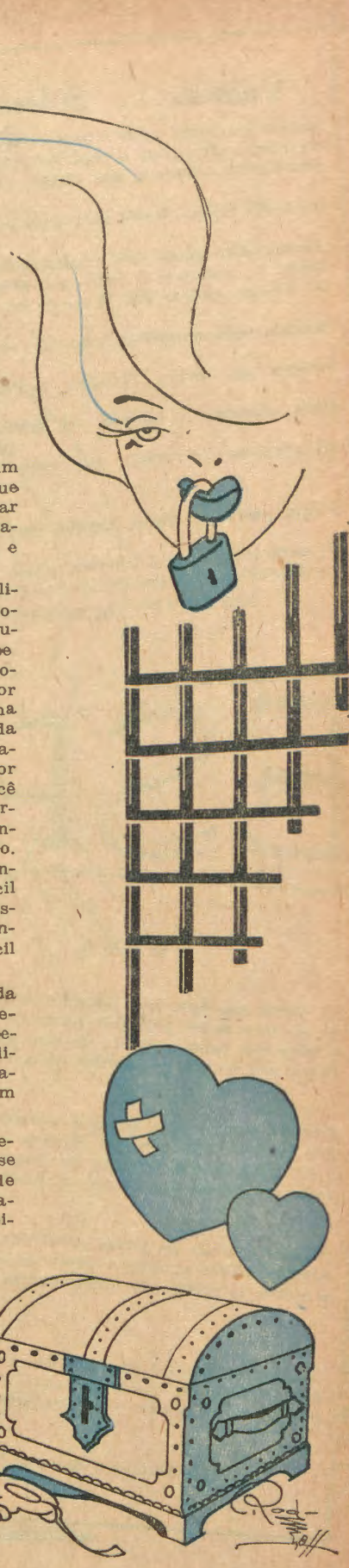
Acrescenta que não tem nenhum compromisso com quem quer que seja, mas que não consegue amar a êsse homem, que tão generosa-mente, lhe oferece o seu nome, e o seu amor.

Rasma-Rônia, se você, na reali-dade, não quer se unir a êsse mo-ço pelos laços matrimoniais, procu-rê com a inteligência de que parece dotada, dissuadi-lo dos seus pro-pósitos. Tudo depende do jeito por quê a gente o faz. E você, minha jóvem amiga, reerga-se: ainda é tempo. Fuja de novas tenta-ções; você não está só. O amor do seu filho nobilitá-la-á e você mesma, em dias futuros, orgulhar-se-á do seu gesto, vivendo da con-templação de seu nobre sacrifício.

SURIA — CAPITAL — Encon-tra-se você numa situação difícil e pede-me um conselho. Das res-postas hoje dadas aos meus con-sulentes é a sua a de mais fácil decisão.

Acho que você pôde desistir da palavra dada. Não há nada de le-viano nêsse gesto. Insensato se-ria o sacrifício da sua personali-dade. Faça, contudo, o seu tra-balho com arte e, sobretudo, sem dar golpes.

CLIO — CAPITAL — Não acre-dito esteja você tão presa a êsse rapaz, aos 15 anos. Na sua idade é muito mais acertado estudar, fa-zer esporte e mesmo brincar. Dei-xe o amor para mais tar-de, quando uma capa-cidade maior de escolha permitir à minha meni-na, menos possibilidades de erros. Enquanto isto vá vivendo a sua idade. Nada de precipitações.



Vulnera . . . Sidera . . .

Longe do longo cáus e das estígias vagas,
da carne vil enfim o espírito evolado,
recebel-nos, Senhor, nas vossas cinco cha-
[gas
ou nessa então, Jesus, chaga do vosso lado.

Ancoradoiro ideal das remansosas plagas,
pôrto de quietude a todos nós franqueado,
O' flanco aberto em luz que os pecados
[apagas,
bendita seja sempre a lança de soldado!

Braços na cruz, Senhor, intensamente
[abertos,
Para abraçar o mundo, os mares e os
[desertos,
no amplexo universal do único eterno
[amor.

Ofego, anseio e corro, anseio. corro e ve-
[nho
oh para descansar à sombra dêsse Lenho,
nas fontes siderais das chagas do Senhor...

SEVERIANO DE REZENDE

*Fragmentos da Poesia
Nacional*



ESPARSOS

Jesus

Na terra em flor, nos páramos etéreos
há de suas mãos por tôda parte os braços;
e fulge em tudo o brilho de seus passos
como nas trevas os clarões sidéreos.

Sinto-o através dos pélagos aéreos,
das estradas sonoras dos espaços
e do infinito distendendo os braços
todo embebido em extase e mistérios.

E vejo o olhar de Deus, como um tesouro,
abrindo sôbre a noite e sôbre os ermos
e sôbre as ruínas da alma imersa em chô-
[ro.

A alma de Deus é como o céu sem têrmos,
caindo piedosa, chela de astros de ouro,
por sôbre os nossos corações enfermos.

FRANKLIN MAGALHÃES

Jesus

Mas sempre sofrerás neste vale medonho...
Que importa? Redentor e mártir voluntá-
[rio,

para a tua miséria um reino imaginário
invento, glória e paz num futuro risonho.

Para te consolar, no opróbrio do Calvário,
hóstia e vítima, a carne, o sangue e a al-
[ma deponho:
nasce da minha morte a vida do teu sonho,
e todo o chôro humano embebe o meu su-
[dário.

Só liberta a renúncia. O' triste! a sombra
[imensa
dos braços desta cruz espalha sôbre o mun-
[do
a utopia celeste, orvalho ao teu suplicio.

Sou a miséria ilusória da crença:
sôbre a fôrça, a fraqueza e, sôbre o amor
[fecundo,
a piedade sem glória e o inútil sacrificio.

OLAVO .BILAC

AS DAMAS DA *Sociedade*

DIZEM:



- UMA REFEIÇÃO NO TEMPO DE CALOR E' SEMPRE MAIS AGRADAVEL QUANDO ACOMPANHADA DE UM COPO DA DELICIOSA

CERVEJA PILSEN-EXTRA



CIA. ANTARCTICA PAULISTA



ALEM da absoluta certeza de não encontrarmos a concordância de uma sequer das belas filhas de Eva, teríamos pela frente a temível coalisão dos cabeleireiros, manicures e donos de salões de beleza, se afirmássemos que... à mulher não faz muita falta a formosura física.

Nem acreditamos, nós próprios, muito nisso, nós que as preferimos cada vez mais sedutoras. Mesmo esta frase, lembra, porém, uma pergunta que há séculos atormenta os homens: onde está a sedução?

As estrêlas do cinema provam que não está na beleza física. Certo, há algumas que se impuzeram, única e exclusivamente devido a êsse atributo, que os anos extinguirão... e os vermes consumirão. Que dizer de uma Hedy Lamarr, que leva o desasosiego aos olhos dos homens do mundo inteiro? Dessa nova Ester Williams, tentação feita carne, que ainda por mal de nossos pecados só nos aparece em maiôs irresistíveis? E de outras, muitas outras, tão numerosas que fazem de Hollywood um céu mais claro e mais esplendente do que o próprio firmamento, em noites gloriosas dos trópicos.

Hollywood, com suas artistas, também não nos demonstra que a beleza física não faz falta, apenas porque disponha de seus mágicos do "make-up", da maquillage e do vestiário. Porque há muitas estrelas que, sem ser belas, conseguiram ser deslumbrantes, depois de ter passado pelas mãos desses alquimistas do cosmético; da massagem e do fixador. A incrível Joan Crawford é o exemplo mais típico desse caso. De feições grosseiras, cheia de sardas, de formas desconformes, tendentes a uma precoce obesidade matronal, ela encontrou técnicos que souberam dar linhas ao tamanho de sua boca, que souberam lhe moldar os músculos e as enxúndias incipientes num desenho de escultura gre-

Mulher de

ONDE SE SITUAM OS MAIS PODEROSOS MOTIVOS DA SEDUÇÃO FEMININA



ga, que lhe soterraram — soterraram é o termo — as sardas numa capa de ingredientes químicos, e lhe construíram no cocuruto da caixa pensante um verdadeiro monumento de arte de cabeleiraria. Disso tudo, restou a encantadora Joan Crawford, sem dúvida uma das artistas mais sedutoras da tela. E poderíamos lembrar também essa maravilhosa Rosalind Russell, magra como menina de internato em véspera de exames, e dona das piores pernas — já repararam que ela raramente as mostra? — de Hollywood. Os diretores, porém, a entregaram a Adrian e outros costureiros celebres, e sua aparição é sempre um conto das mil e uma noites, com aquelas toalétes deslumbradoras.

Mas não é isso ainda a que queremos chegar. Quando dissemos que à mulher não faz falta a beleza (e quem menos acredita nisso somos nós), nos referimos a essas estrelas que conseguem dominar a nossa admiração e se fazer amadas, mesmo tendo nascido feias e mesmo sem ter passado por aqueles laboratórios de reconstrução.



Ella Raines, da Paramount



Claudette Colbert, da Paramount

personalidade

OS EXEMPLOS DE HOLLYWOOD E O QUE NOS ENSINA A LIÇÃO DA HISTÓRIA



Quais delas? Podemos começar com essa admirável Bette Davis, que faz questão absoluta de aparecer perante a câmera tal qual é. As leitoras já a analisaram bem? O corpo já tem todos os evidentes indícios da matronidade, da mulher já entrando nos quarenta. O rosto, a não ser por umas ligeiras linhas que lhe exageram o tamanho dos olhos, coisa necessária ao efeito dramático de suas interpretações, não nos apresenta um traço sequer de sedução, de maior feminilidade. E, quanto à indumentária, ela mesma já afirmou a um repórter que jamais será manequim para consagrar os costureiros de Hollywood. O sindicato de modistas norte-americanos já a elegeu mesmo, certa vez, a artista mais mal vestida da tela.

E, no entanto, quem é que perde um filme de Bette Davis?

O que explica isso é apenas a abundância de talento. Talento que supre a beleza física e consegue despertar, com um simples olhar, com uma simples contração fisionômica, todas as mil e uma su-

gestões, toda a gama de sensações naturais num ser humano diante de uma mulher de personalidade. Talento, inteligência, alma.

Pode-se recordar também Katherine Hepburn, de cabelo vermelho, faces angulosas, nariz protuberante, e que tem conseguido ser, não só diante da câmera, mas também na vida real, uma autêntica "glamour girl", com uma cauda de adoradores seguindo-a por onde quer que vá.

E o cinema nos dá muitas outras mulheres feias simplesmente encantadoras. Esse "Por quem os nós dobram" vai nos revelar breve uma mulher feia, ao que dizem, de nome Katina Paxinou, que é um vulcão de feminilidade e que chega quase a roubar, com a sua presença dominadora de mulher, o papel de estrela desse mimo de graça e beleza que é Ingrid Bergmann.

O segredo está, não se discute mais, na personalidade. Ora, isso é velho como a história. Cleopatra decidiu da vida de césores e de impérios com um nariz anguloso e uma estatura mirrada. Os Luizes de França, senhores muito sensuais, nem sempre fizeram das suas favoritas as mais belas da corte de Versalhes. George Sand despertou paixões fatais com um corpo desprovido de encantos e, ainda por cima, vestida de homem. E as escritoras Mme. de Staël, Mme. de Sévigné, que trouxeram gerações a seus pés e tinham seus salões povoados pelos maiores "leões" da época...

Ora, fiquemos por aqui. Com um desejo final: que Hollywood nos apresente um dia uma estrela com o talento, a personalidade de Bette Davis e a beleza de Hedy Lamarr.

Alguns adoradores dizem que Greer Garson realizou esse casamento ideal. As leitoras, mulheres e por isso muito mais finas no julgamento, que o decidam.



Greer Garson, da Metro



Marilyn Maxwell, da Metro

Imagens Latentes

HUBERTO ROHDEN — PARA ALTEROSA

Desenho de Rodolfo

ESTA' em tuas mãos, educadora, o destino do homem.

O futuro feliz ou infeliz da humanidade.

O céu e o inferno de amanhã.

Na ordem natural, és tu o fator precipuo da história.

Carta branca, terra virgem, — é a alma do educando entregue às tuas mãos.

Daí, como sairá? ... informe? ... formada? ... de formada? ...

Não digas que o infante não entende o que dizes — entende até o que pensas, o que sentes, o que és...

Não compreende racionalmente — mas apreende na zona noturna do inconsciente.

Observa uma chapa fotográfica, exposta à luz, antes de revelada.

Que é que vês? — nada!

Tudo alvura uniforme, neutro...

E, no entanto, contém essa chapa as imagens de todas as coisas que, na fração de um segundo, invadiram a objetiva.

E' só entrar num banho de sais — e eis que do fundo neutro e incolor emerge um jogo de sombras e luzes, até os mais subtis cambiantes.

Foi o banho que essas imagens produziu?

Não, o banho apenas revelou o que, invisível, pre-existia na chapa.

Educadora! quando, num banho de luz, despertar no pequeno ser a razão — surgirá, conciente e visível, o que, inconcinto e invisível, né-lto dormitava.

O que disseste, pensaste, sentiste, o que és — tudo atuou sobre a alma dormiente...

Tão sensíveis são as antenas das almas virgens que apañham a mais imponderável onça do teu ser...

Auras boas — auras funestas...

Fluidos benéficos — fluidos malignos...

Atmosfera de amor — ambiente de ódio...

Pensamentos suaves — instintos perversos...

Tudo influe sobre a textura sensível da psique amorfa — mais que o leite materno sobre tecidos celulares...

Por isso, plasmadora de almas, satura de elementos benéficos teu ser...

Irradia de ti ondas de luz e bondade — para a alma em botão...

Não intoxiques com fluidos sinistros o teu educando...

Prepara à plantinha feliz primavera — após longa hibernação...

Principia a tarefa educativa do educando com a educação da educadora.

Podem então as tempestades da vida desfolhar a planta, quebrar-lhe ramos, galhos e tronco — sempre de novo brotará da raiz sadia sanidade e vigor...

Vai, pois, fotografa das almas, impregnar de belas imagens o ser em botão!

Põe-lhe ante a objetiva nobres ideais, sentimentos sadios...

Calcula bem a distância, a perspectiva, o efeito da luz — para que nítida e bela resulte a imagem invisível na alma dormiente...

Invisível hoje — visível amanhã...

Na alma vigil...

A Tradição de Jesus no Tibet

A tradição da vida de Jesus não vive somente no âmago das crenças do mundo mussulmano. Ela é também lembrada nos mais reconditos mosteiros dos lamas que professam a religião budista, nas remotas e quasi inexploradas regiões do Tibet, isoladas dos outros povos pela gigantesca cordilheira do Himalaia e pelos desertos do centro da Asia. Um explorador e orientalista oriundo da Russia, Nicolas Notovich, publicou uma obra curiosa, em que dá a conhecer a tradução dos textos de uns manuscritos que se acham no convento budista de Hems, situado perto da cidade de Leh, na comarca de Ladack.

A cidade de Leh, está situada na região dos montes Caracorum, no Himalaia, nas margens do rio Indo e antes era considerada como parte integrante do Tibet occidental, de cujas fronteiras lista menos de cem quilometros. Ao percorrer estes territórios o explorador observou que em um dos mosteiros era venerada a memoria do profeta Issa, de cuja vida lhe deram alguns detalhes. Pelo nome e por esses detalhes viu que a tradição se referia a Jesus Cristo. Soube pelos monges lamas que a historia se achava escrita em um dos mosteiros de Ladac. Disseram-lhe mais que não fosse buscá-la, por ser impossível vê-la visto tratar-se de assunto sagrado. Por isso mesmo, o sabio sentiu-se mais curioso e foi, de mosteiro em mosteiro, à procura dos manuscritos.

Ao chegar ao mosteiro de Hemis, soube pelo diretor do mesmo, que em seus arquivos se achava uma copia dos referidos manuscritos. Em vão presenteou-o, e se esforçou em convencê-lo para que o deixasse fazer uma copia, porém o monge budista manteve-se intransigente no seu ponto de vista. Andava o sabio à cavallo pelas redondezas, quando em momento feliz, calu e fraturou a perna. Foi transportado para o mosteiro, onde o trataram com cuidado e carinho. Ao fim de certo tempo deram-lhe para ler, afim de matar o tempo, os volumosos manuscritos da vida de Issa. Ouvindo a leitura feita pelo interprete, pagina por pagina, foi que elle conseguiu fazer uma cuidadosa tradução.

Segundo o explorador Notovich, o conteudo do manuscrito é, em síntese, o seguinte:

Issa nasceu em Israel, de pais pobres, que apesar de descenderem de familias poderosas, abandonaram tudo para se dedicarem exclusivamente ao serviço de Deus e à prática do bem. Desde criança ensinava aos outros que só existia um único Deus. Quando ficou homem, não quiz se casar. Deixou a casa paterna e seguiu, com uns mercadores, para as regiões de Sindh. Percorreu o país todo, esteve em Djaguernat e em Radjagriba, aprendeu em Benarés a ler e a interpretar a doutrina dos Vedas. Firme em suas doutrinas, discutiu com os sabios bramânes e negou a divindade dos Vedas e a encarnação de Brahma em Wischnú. Perseguido e condenado à morte por suas idéias e propaganda, passou do Norte à terra dos Gutumdas e estudou as crenças do budismo puro.

Seguiu para o Oeste, pregando contra os idolos, e ao combater na Persia a religião de Zoroastro, foi cruelmente perseguido pelos magos e teve que fugir. Chegou novamente à Judéa aos vinte e nove anos e continuou as suas pregações, que alarmaram inten-

(Continua na página 115)

A MULHER SABE ESCOLHER

NA escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua "maquilage", enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias

Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males intimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2.

O Regulador Xavier N.º 1 só se applica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2, só se applica nos casos de falta ou diminuição de regras.

Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier. — o N. 1 ou o N. 2 — conforme o seu caso e esteja certa de que faz uma escolha sábia e feliz.

O Regulador Xavier combaterá com eficiência os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde, o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça, pois, escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

ARTE *Culinária*



INGREDIENTES

NÃO bastam conhecimentos técnicos para se conseguir resultados satisfatórios, na confecção dos doces e salgados.

E' necessário uma escolha cuidadosa dos ingredientes a serem empregados nas receitas. Os ingredientes de boa qualidade, não só favorecem a economia como garantem a saúde. O fubá, a farinha, o polvilho e outros pós devem estar rigorosamente perfeitos, sem bolor, bichos, umidade ou outro qualquer defeito. Um prato feito com ingredientes velhos, deteriorados e expostos ao ar, nunca será saboroso.

Os líquidos também devem estar em perfeito estado de conservação.

O vasilhame deve ser muito bem lavado antes de ser utilizado.

Quantas vezes perdemos um bôlo, um pudim, um assado, por causa do cheiro que lhe transmitiu uma vasilha mal lavada?

Os ovos devem ser quebrados, um a um. Desconfie dos ovos cujas gemas estão desmanchadas. Prefira sempre os de granja, bem frescos, para a confecção de seus pratos.

Os chamados ingredientes secos, como farinha, fubá, polvilho, devem ser peneirados em uma peneira bem fina.

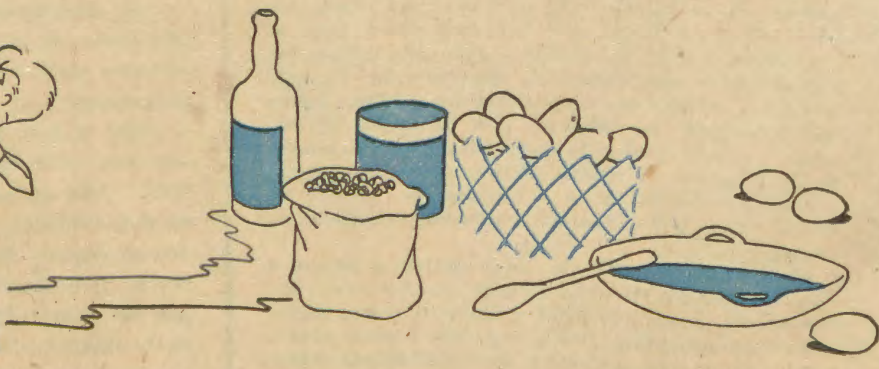
Com asseio e cuidado você terá sempre em sua mesa pratos gostosos e saudáveis, e não se esqueça que, às vezes, mais vale um prato saboroso, que a mais perfeita "maquilagem". Os homens geralmente se deixam prender mais pelo estômago...

CARDÁPIO

LAGOSTA E MEUDOS DE VITELA

- 1 quilo de lagostas (1 chicara de lagosta em conserva).
- 1 par de pancreas de vitela.
- 2 cogumelos médios, cortados em lâminas.
- 1/4 de chicara de azeite de salada.
- 2 colheres de farinha de trigo.
- 1 colherinha de sal.
- 1/8 de colherinha de pimenta.
- 1 tomate descascado.
- 4 colheres de vinho branco.
- 1 colher de salsa picada.
- 4 colheres de arroz cozido e quente.
- 1 pitada de pimenta do reino.
- 1 colherinha de mostarda.
- 1 chicara de caldo de frango.

Ferva a lagosta em água e sal durante 25 minutos. Tire a carne e corte-a. Enquanto isso, deixe as pancreas mergulhadas em água gelada, durante 20 minutos. Decorridos estes, retire e coloque em uma panela com água fervendo à qual foram adicionadas duas colherinhas de vinagre e 2 colherinhas de sal. Ferva tampado durante meia hora. Retire as pancreas e limpe de toda gordura e peles; corte e frite juntamente com a lagosta e os cogumelos, durante 5 minutos. Mexa com farinha, tempero e caldo e o tomate, levando até a fervura durante 10 minutos. Junte o vinho e a salsa. Sirva no centro de um anel de arroz cozido e quente.



MOLHO HOLANDEZ

- 2 gemas.
- 1/2 colher de sal.
- Pimenta.
- 1/2 xícara de manteiga.
- 1 colher de suco de limão.

Bata com o batedor elétrico ou de mão, até que as gemas fiquem de cor clara. Junte o sal e a pimenta. Adicione 3 colheres de sopa de manteiga derretida, batendo constantemente. Continue pondo o restante da manteiga alternadamente com o suco de limão.

Sirva com aspargos, brocolis, couve-flor, milho, etc. Só pode ser guardado na geladeira e aquecido em banho-maria na hora de servir. Dá para 4 pessoas.

VAGEM A' JARDINEIRA

- 1 quilo de vagens.
 - 1 e meia xícara de água fervendo.
 - 4 colheres de sal.
 - 6 colheres de manteiga.
 - 1/2 colherinha de tomilho.
 - 2 colheres de sopa de cebolinhas picadas.
- 1 Lave e corte as pontas das vagens com uma faca ou tesoura amolada. Corte ao comprimento e leve a cozinhar em água salgada durante 20 minutos ou até que fiquem macias. Junte a manteiga, o tomilho. Deixe abrir a fervura e sirva bem quente.

FRITADA DE MILHO

- 2 xícaras de milho cozido.
- 3/4 de colher de sal.
- 1/8 de colherinha de pimenta.
- 2 colheres de sopa de farinha.
- 2 ovos.
- 5 colheres de azeite.

Misture todos os ingredientes, exceto o azeite. Misture bem. Deixe cair as colheradas da massa no azeite bem quente. Deixe fritar até dourar, retire e deixe escorrer sobre papel parafinado. Dá 10 fritadas. Fica delicioso para servir com bacon.

REPOLHO COM BACON

- 1 quilo de repolho ralado.
- 1 e meia colher de cabeças de aipo.
- 3 e meia colheres de sal.
- 1 e meia xícaras de água fervendo.
- 5 fatias de bacon.
- 4 colheres de gordura.
- 1 colher de suco de limão.

Misture o repolho, aipos, 3 colherinhas de sal, água e deixe cozinhar até que fiquem tenras. Corte o bacon em pedaços, ponha na gordura com o suco de limão, aperte levemente, misture a cebola e sirva bem quente. Dá para 6 pessoas.

SOBREMESAS

PUDIM DE CASTANHAS

Cozem-se em leite e passam-se à peneira castanhas. A' parte ferve-se, para 6 pessoas, meio litro de leite, que se deita sobre tres ovos e quatro gemas batidas, com 200 gramas de açúcar e baunilha.

Acrescenta-se então a massa de castanhas. Deita-se numa forma untada de manteiga e salpicada de açúcar, conjuntamente com pedacinhos de palito francês e marron glacé picados. Coze em banho-maria durante 35 minutos.

BOLO DE GELADEIRA

- 1 xícara de manteiga
- 2 xícaras de açúcar cristalizado
- 3 ovos inteiros (clara e gema juntos)
- 3 ovos separados (clara e gema separados)
- 200 gramas de amendoas moídas
- 2 xícaras de creme batido
- 20 uvas (dedo de dama)

Bata a manteiga e junte o açúcar, gradualmente enquanto bate. Junte, a seguir, os ovos inteiros, um de cada vez, batendo bem com uma colher após cada adição. Bata as gemas levemente e junte a mistura. Envolve em uma massa de claras de ovo batidas, amendoas e creme. Arrume uma forma comprida, com 8 bolinhos de amendoas forrando o fundo e as uvas nos lados. Derrame metade do creme e a mistura de ovo sobre os bolinhos. Em seguida coloque sobre o conjunto os restantes 8 bolinhos e cubra novamente com o resto do creme. Deixe gelar durante 48 horas. Tire da forma e sirva enfeitado com creme e cerejas cristalizadas.

ROCAMBOLE DE CHOCOLATE

8 ovos, 8 colheres de sopa de farinha de trigo, 10 colheres de sopa de açúcar.

Batem-se as gemas com o açúcar juntamente as claras batidas em neve, a farinha de trigo e não se bate mais. Mistura-se apenas e leva-se ao forno quente em tabuleiro untado com manteiga. Espalha-se em cima um creme de chocolate feito com meio litro de leite, 1 colher de sopa com maizena, 4 colheres de sopa de açúcar e 4 colheres de sopa de chocolate em pó. Enrola-se o rocambole como colchão e cobre-se com açúcar cristalizado.



BANCO DO BRASIL S. A.

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO PAÍS

Matriz no RIO DE JANEIRO

AGÊNCIAS EM TODAS AS CAPITAIS E CIDADES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL E CORRESPONDENTES EM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

DEPOSITOS COM JUROS (sem limite) a. a. 4 %
Deposito inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saídos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPOSITOS POPULARES (Limite de Cr \$10.000,00) a. a. 4 %

DEPOSITOS LIMITADOS (Limite de Cr \$50.000,00) a. a. 3 %

DEPOSITOS A PRAZO FIXO:
Por 6 meses a. a. 4 %
Por 12 meses a. a. 5 %

DEPOSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:
Por 6 meses a. a. 3½ %
Por 12 meses a. a. 4½ %

DEPOSITO DE AVISO PREVIO:
Para retiradas mediante aviso prévio:
De 30 dias a. a. 3½ %
De 60 dias a. a. 4 %
De 90 dias a. a. 4½ %
Deposito mínimo inicial — Cr. 1.000,00.

LETRAS A PREMIO:
Selo proporcional. Condições indênticas às do Depósito a Prazo Fixo.
O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de câmbio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta a agricultura, à pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- custeio de entre-safra; aquisição de adubos e sementes;
- aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- custeio de criação;
- aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhora de rebanho;
- aquisição de matérias primas;
- reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do país e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte — RUA ESPIRITO SANTO

SUGESTÕES PARA

IVETE

OS FRUTOS CÍTRICOS



UM excelente coquetel desintoxicante se obtém misturando partes iguais de suco de cenoura com suco de laranja. Se possui um moedor de frutas, convém espremer as laranjas e as cenouras com casca, obtendo-se desta forma maior quantidade de vitaminas.

*

As frutas cítricas são muito empregadas para clarear a pele.

A pele clareia consideravelmente com o emprego de uma loção, que se obtém misturando o suco de limão grande e de uma laranja, com uma colher de água oxigenada e outra de azeite de oliva. Convém bater os ingredientes para misturá-los bem.

*

Entre as mascaras caseiras, de maiores resultados, figura a de limão com aveia.

Leva-se ao fogo um pouco de aveia com água. Quando estiver cozida e espessa, retira-se do fogo. No momento de usar a máscara, mistura-se o caldo de limão.

*

Melhor que a água oxigenada e o bicarbonato, o sumo de limão é de grande eficácia na limpeza dos dentes.

Adiciona-se na água do gargarejo algumas gotas de limão, conseguindo-se, desta forma, branquear os dentes e fortificar as gengivas.

*

O suco do limão é muito aconselhado para a lavagem dos cabelos, dando-lhes brilho, suavidade e eliminando a caspa.

O sabão de limão ralado, forma um ótimo shampoo para os cabelos louros, clareando-os consideravelmente.

*

Conhecidíssimas são as propriedades adstringentes do limão. Adicionando-se suco de limão na água de lavar o rosto, obtém-se um ótimo adstringente para as peles gordurosas.

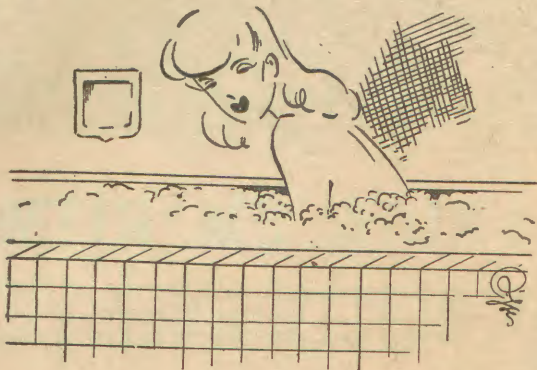
*

Para manter a pele livre de erupções, eczemas e urticárias, aconselha-se tomar, varios copos de cevada com suco de limão.

A SUA BELEZA

MARION

O BANHO DIÁRIO



O BANHO não tem como finalidade única a higiene do corpo. Ele o beneficia e realça a beleza da pele, portanto faz parte integrante da conservação da graça e beleza de uma mulher. Existem diversas modalidades de banhos, relacionados com a conservação da formosura e que devem ser praticados com perseverança.

São de excelentes resultados os banhos salgados. Dissolve-se meio quilo de sal grosso em uma chaleira de água fervendo, em seguida despeja-se em uma banheira contendo água tépida. Feito isso, acrescenta-se uma colher de amoníaco.

Esse banho é de grande ação tónica para os tecidos, porém, para não irritar a epiderme, convém alterná-lo com outro, em que se substitui o amoníaco pelo vinagre. Durante as férias, quando se apanha muito sol, esses banhos devem ser suprimidos, devido à sensibilidade da pele.

*

Um banho muito aconselhado pelas artistas de cinema, é o banho corrente, morno, seguido de um outro também morno, ao qual se adicionam quatro colheres de azeite de amêndoas, ligeiramente perfumado com água de rosas.

O banho morno com sabão líquido, e após este uma ducha de água fria, afim de estimular a circulação, e uma boa massagem de Água de Colonia, concorre em grande parte para a saúde e beleza da pele.

*

A temperatura do banho não deve passar nunca de 25 graus, sendo ideal o de 22 graus. Os mais quentes podem ser tomados periodicamente, porém com prudência, pois tornam a pele muito sensível, destruindo a sua gordura e tornando-a seca e áspera.

Os banhos mornos e os quentes devem ser de curta duração, para não debilitarem o organismo.

Os banhos de farelo são também muito benéficos. Dão suavidade à pele, refrescam e dissolvem a adiposidade.

Para esse banho, cosinha-se um quilo de farelo de trigo, em cinco litros de água, coa-se e adiciona-se o líquido à água da banheira.

ALTEROSA * MARÇO DE 1945

★ PARATODOS ★

INSTITUTO DE BELEZA
MANON apresenta:

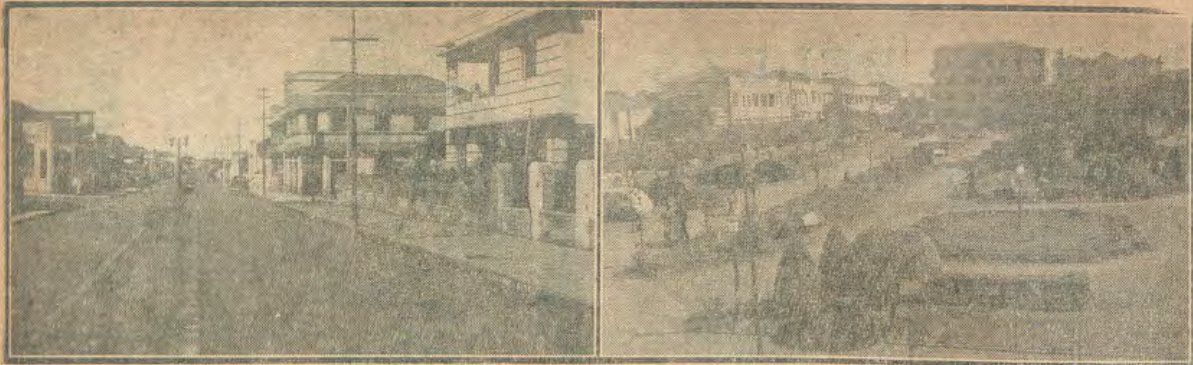
- A nova permanente com "Permanent Wave Oil".
- O melhor corpo de profissionais sob a direção de Felício Gesualdi.
- Ótimas manjucres.
- Limpeza da pele por processo científico.
- Tintura Roux Americana.

Marion

ED. MARIANA-1º AND. - TEL. 2-3320



A srta. Terezinha de Castro, filha do casal Ulisses d. Castro-D. Maria Adolphina de Castro, residente no Rio de Janeiro, que vem se diplomando como Contadora, pelo Instituto Lafaiete, depois de um curso brilhantíssimo em que se destacou sempre pelas melhores notas obtidas em sua turma.



Um trecho da Avenida João Pinheiro e um dos belos jardins públicos de Uberlândia

A EXEMPLO do que acontece com Belo Horizonte, a capital menina cujo progresso surpreende e empolga, num atestado vivo do poder realizador dos mineiros, Uberlândia, a cidade moça do Triângulo Mineiro vai, em ritmo acelerado de progresso, se transformando rapidamente em um dos núcleos de civilização de maior importância em todo o interior do Brasil.

Localizada no centro do meridiano econômico de uma vasta e extensa região do país, é para Uberlândia que se converge o comércio de todo o Triângulo Mineiro, sul de Goiás e leste de

UBERLÂNDIA EM RITMO

UM GRANDE CENTRO DE IRRADIAÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL NO TRIÂNGULO MINEIRO — CIFRAS ELOQUENTES QUE ATESTAM A PUJANÇA DESSE GRANDE NÚCLEO CIVILIZADOR DO NOSSO ESTADO.

Mato Grosso. Grande centro comercial, industrial e agrícola, a estatística da sua produção assinala algarismos expressivos, que demonstram a vitalidade de seu organismo econômico e fazem avaliar a intensidade da vida social que a cidade espelha.

Sua produção de arroz é estimada em 1.500.000 sacas por ano! E outras culturas ali se desenvolvem alentadamente, colocando o município entre os que mais se destacam nos quadros de nossas comunas, pelos índices de sua produção agrícola.

Centro pecuário de primeira plana, Uberlândia é um dos municípios vanguardistas na criação de raças selecionadas em nosso Estado. Exemplares dos mais famosos entre os nossos rebanhos indianos povoam as suas magníficas pastagens, num atestado vivo do espírito adiantado que rege as atividades dos grandes criadores uberlandenses.

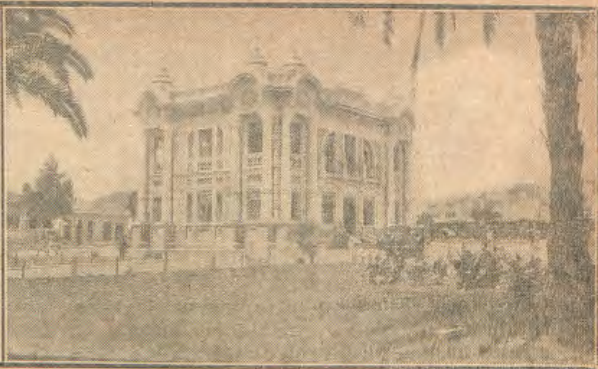
Sua indústria, distribuída através de uma enorme multiplicidade de produção, já representa também um coeficiente apreciável na economia municipal, destacando-se as de madeiras, materiais de construção, bebidas, balas, laticínios e outras especialidades.

A cidade de Uberlândia possui a maior área calçada do interior de Minas Gerais: mais de 200.000 metros quadrados. Cidade limpa, com 15 belos jardins públicos, residências luxuosas e modernas, pode ser considerada, sem nenhum favor, como a verdadeira metrópole do Oeste brasileiro.

A renda do município eleva-se já a 4.500.000 cruzeiros. Possui duas coletorias estaduais e 2 federais. 5 casas de saúde, um corpo clínico e cirúrgico de 50 médicos, grandes indústrias, moderníssimos bares e cafés, vários cinemas, dos quais um com a lotação de 2.500 espectadores, praças de esportes, 6 estabelecimentos de ensino secundário, 4



Gráfico demonstrativo do intenso movimento comercial de Uberlândia



Um detalhe da Avenida Afonso Pena e o edifício da Prefeitura Municipal

ACELERADO DE PROGRESSO

OS EMPREENDIMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO VASCONCELOS COSTA, SOB A ORIENTAÇÃO DIRETA DO GOVERNADOR BENEDITO VALADARES.

Grupos Escolares e dezenas de Externatos particulares.

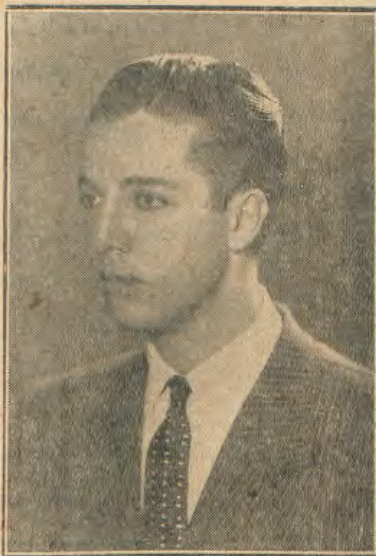
A cidade é ligada a São Paulo e Goiânia pela VASP, e conta com rede telefônica automática moderníssima, com 1.900 aparelhos atualmente.

Devido ao seu notável e movimentado comércio, possui Uberlândia a maior quota de gasolina do Estado: 185.000 litros mensais, além de 80.000 da F. B. C.. Saem e entram na cidade, diariamente, cerca de 150 caminhões de transportes para Mato Grosso, Goiás e demais localidades do Triângulo Mineiro.

Através desse rápido esboço, fácil é avaliar a importância de Uberlândia, como centro cultural e econômico para toda aquela vasta região de Minas Gerais.

OS GRANDES EMPREENDIMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO VASCONCELOS COSTA

Depositário da confiança do governador Benedito Valadares a cujo governo vem servindo eficientemente em varios postos administrativos, o prefeito Vascon-



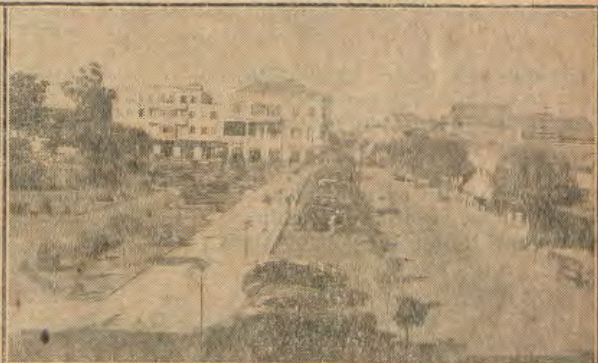
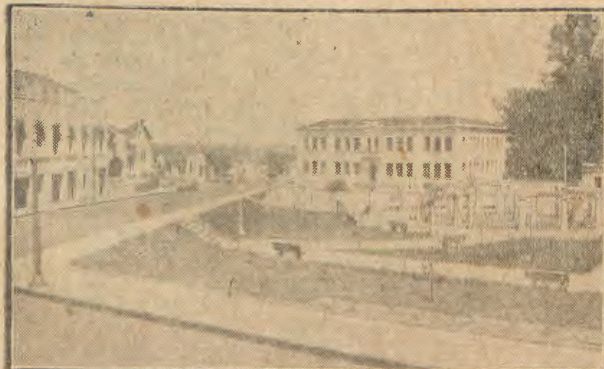
Dr. J. A. de Vasconcelos Costa, prefeito de Uberlândia.

celos Costa está produzindo em Uberlândia um governo dinâmico e realizador, confirmando plenamente as expectativas gerais de quantos conheceram o seu trabalho eficiente, criterioso e justo, à frente de outras impor-

tantes comunas mineiras. Apoiado pelo Chefe do Governo Mineiro, sua administração em Uberlândia tem sido das mais produtivas, realizando uma série de importantes melhoramentos cujos reflexos se fazem sentir de modo benéfico na vida do município, a que o governador Benedito Valadares tem dispensado sempre a melhor de suas atenções e o mais decidido apoio de seu benemérito Governo.

Dentre as principais obras levadas a efeito pelo Prefeito Vasconcelos Costa, destaca-se a modelar organização dos serviços da Prefeitura Municipal; a edificação do moderno Mercado Municipal; a construção da majestosa Estação Rodoviária, e do "Hangar Governador Valadares"; a construção de 6 importantes jardins públicos, de 80.000 metros quadrados de calçamento, dos prédios das Escolas Municipais "Governador Valadares" e "Padre Anchieta", do Parque Municipal, da estrada para o aeroporto; o aumento das redes de água e esgotos; a canalização do córrego Cajubá e a abertura da grande Avenida Rio de Janeiro, obra orçada em Cr\$ 1.050.000,00.

Cumprе salientar que tudo isso foi realizado em apenas dois anos de administração, e sob a orientação direta do governador Benedito Valadares, que tem demonstrado grande interesse pelo progresso do prospero município do Triângulo Mineiro.



Aspectos parciais das modernas praças "Pedro II" e "Governador Valadares"

Interlândia Poética

EVOCACÃO

ADEUS

Como entristece vê-la! Entre ramagens de hera,
Sempre aberta, a janela. Uma janela antiga.
Sob os raios da lua, ou do sol, que a fustiga,
Emoldura-a, entreaberta, uma cortina austera.

Já perdeu a cortina o esplendor que tivera;
Já lhe pesa, e a descora, o cansaço, a fadiga:
A saudade, talvez, de uma presença amiga,
Que a janela esperou, esperou, e ainda espera...

Essa mesma visão que aguardei tôda a vida,
Um vulto de mulher, químera indefinida!
Como aquela cortina, a fremir, neste anseio,

Vazio o coração, como aquela janela,
Ainda vivo a sonhar, vivo pensando nela,
Que podia ter vindo: esperarei-a — e não veio.

Sebastião Noronha

E' preciso que eu parta! Eu vou partir, querida,
Mas levo o coração envolto de saudade.

O momento fatal da minha despedida

E' prenúncio infeliz de amarga soledade.

Parto... Fica contigo a luz da minha vida

E vai comigo a dor que o coração me invade.

Nessa ausência cruel não serás esquecida,

Pois terás, meu Amor, tôda a minha amizade.

Não te esqueças também de quem vive carpindo

A mágua de deixar-te. Em meu degredo infinito,

Implorarei a luz dos lindos olhos teus

Não te esqueças de mim que te amo loucamente,

Confia nesse amor apaixonado e ardente,

E recebe, querida, o meu saudoso adeus...

Roldão Ferreira da Paixão

SONETO

Embora tenha sido de um relâmpago
a tua aceitação, ainda conservo
tua lembrança viva nos meus olhos
como a indelével data de um desastre.

A tua vinda nos meus dias foi
uma esperança que se fez presente
em toda minha vida, uma promessa
que a sorte prometeu e realizou.

Ainda que seja triste relembrá-la,
a tua imagem ficará em mim
como o desejo de uma fantasia.

E melhor sentirei os velhos dias
revendo nesse recordar a sombra
da saudosa ilusão que alimentamos.

José Valério Rodrigues

ROCHA

Esta secção destina-se à publicação de poemas dos poetas novos. Com isto ALTEROSA visa estimular os artistas jovens de Minas e de outros Estados. Tôda produção que, a nosso critério, for boa, terá acolhida nesta página.

OS GESTOS

A MULHER gesticula mais que o homem. Serve-se do sorriso, dos olhos e... do leque. Os grandes gestos que significam ferir, ordenar, abençoar, perdoar são do homem. Assim escreve Masson Forestier num belo artigo.

Alguns grandes homens não faziam gestos. O impenetrável Moltke durante a batalha de Sodowa se mostrava como habitualmente; Bismarck não conseguia tirar uma palavra à boca do taciturno. "Se ele fizesse ao menos um gesto!" pensava Bismarck, e lembrou-se de que Moltke era um grande fumante. Aproximou-se dele oferecendo a carteira de charutos: o maréchal olhou, apalpou diversos charutos e enfim escolheu o melhor, com um ar satisfeito. Bismarck foi ter com o Rei e disse: "Podemos ficar sossegados, Moltke não tem preocupações sobre o resultado da batalha."

Napoleão segurava no botão do casaco ou cruzava os braços contra o peito, ou as mãos atrás das costas, e assim não lhe podia escapar o gesto que traísse a emoção íntima.

Porque o gesto trai; em Essling o estado-maior não compreendeu a sua mortal ansiedade senão quando alguém viu que o Imperador tinha despedaçado a sua caixa de rapé. Três vezes o Imperador fez gestos: quando tirou a coroa da mão do Papa, quando apresentou o Rei de Roma, recenascido, à multidão aglomerada diante das Tuileries, e em Fontainebleau, em 1814 quando, assinada a abdicação, não se pôde conter e enterrou com toda a força um furador no ebano embutido da mesinha.

*

O TESOURO DE DELFOS

O RECINTO do templo de Apolo, em Delfos — do grande teatro e do estádio — foi pesquisado por arqueólogos franceses de 1892 até 1897, e a Escola Francesa de Atenas publicou algumas esplêndidas gravuras dos resultados.

O edifício do tesouro, que foi uma das mais interessantes descobertas feitas então, foi reconstruído pelos Franceses. Tem cerca de 11 metros de comprimento de leste a oeste, por uns 6m,30 de largo, de norte a sul. Parece que foi derrubado por um terremoto e esmagado pelo peso dos materiais, que desabaram do templo que lhe está sobranceiro. Existem porém os alicerces, e acham-se quase inteiros os elementos arquitetônicos e decorações esculpidas. O edifício é todo construído de mármore de Paros, à exceção de um só degrau de pedra vermelha. Inscrições várias autenticam o monumento histórico. Pelas quatro faces estende-se um friso de triglifos e métopes esculpidos, que se acharam quase inteiros, representando as batalhas dos deuses e dos titãs e as façanhas de Hércules e Teseu. O arqueólogo francês Homolle fixou a data da edificação entre 480 a 490 A. C.

AZEITE ou Oleo **VIDA** — é o preferido por ser o melhor. Sementes de amendoim selecionadas.

Viver uns pelos outros, viver em todos e em cada um, como sentimos cada um de nossos semelhantes viver em nós mesmos. Eis o verdadeiro destino do homem.

Benjamin Constant



Para
TER LÁBIOS TERNOS,
DOCES, NÃO HÁ COMO

Michel

...o baton que oferece muito mais que outros!

★ Torne sua boca adorável com as cores vibrantes do baton Michel... e verá que efeito tão delicado e sedutor ele produz! Michel faz muito mais do que se pode esperar dos batons comuns. Sua base de creme é realmente benéfica para os lábios, conservando-os ternos e suaves, sem escorrer e sem aparência oleosa. Além disso, como Michel adere, por muito mais tempo, conserva o encanto dos lábios e da fisionomia durante horas e horas.

11 TONS SEDUTORES
MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY • BLONDE
CAPUCINE
CYCLAMEN • BRUNETTE

BATON
Michel
Michel Cosmetics, Inc. - New York

A LUZ DOS PIRILAMPAS

O ORGÃO luminoso dos pirilampus reside no abdômen. Em uma seção arredondada, sob a qual existe uma substância gordurosa que produz um brilho fosforescente, como resultado de uma lenta alteração química. Pode-se considerar esta luz um farol de amor, o qual atrai os machos alados ativos durante as horas de obscuridade, por isso é que os pirilampus têm hábitos noturnos.

Os olhos do macho são extraordinariamente grandes e desenvolvidos, sem dúvida com o fim de auxiliarem na busca da fêmea brilhante, mas indolente.

BOM, indispensável e barato é o **OLEO VIDA**.

Duas novas fortunas!

200\$000

200\$000

A ESTADO DE MINAS GERAIS

DIVISA INTERNA CIRCULADA

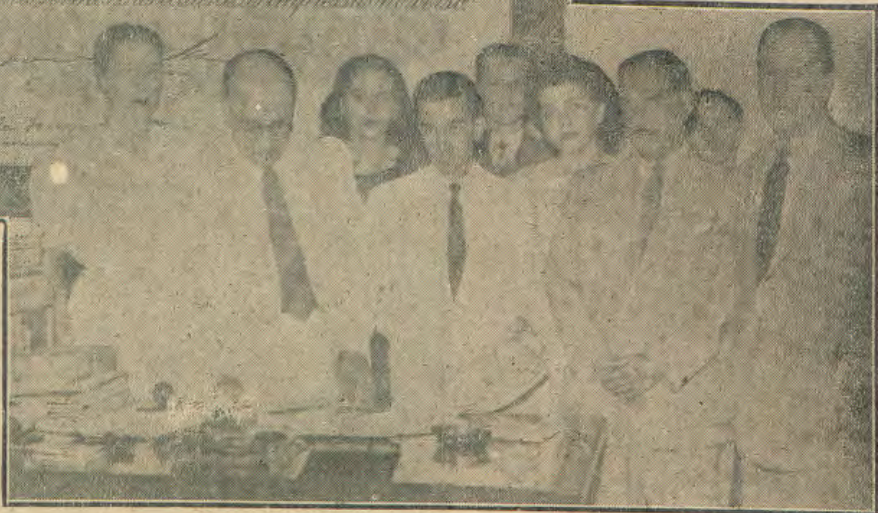
519065

DECRETO Nº 11.419 DE 30 DE JUNHO DE 1934
MODIFICADO PELA Nº 11.419 DE 3 DE JULHO DE 1934

519045

Al Portador desta Apólice se pagará o seu Valor Nominal mais o juro de 1% ao ano em termos das cláusulas impressas no verso.

Pagos pelo Banco Comércio e Indústria de S. Paulo S. A., no Rio de Janeiro, os prêmios de um milhão e de cem mil cruzeiros, que couberam às apólices premiadas no sorteio de 31 de Dezembro das Consolidadas Mineiras.



Ato do pagamento, presentes os Srs. Antônio Martins Barbosa e Wademar Boque pelo Banco de Crédito Real de Minas Gerais e Araim Gentil Guimarães e Miguel Pereira Bastos, respectivamente, tesoureiro e procurador do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S. A.

AS Apólices do Empréstimo Mineiro de Consolidação, cuja alta cotação nos grandes mercados de títulos de todo o país refletem a admirável posição do crédito de Minas Gerais, continuam distribuindo a fortuna aos seus portadores.

Ainda agora, vêm de ser pagos pela agência do Banco Comércio e Indústria de São Paulo S. A., no Rio de Janeiro, mais dois grandes prêmios sorteados em 31 de Dezembro último, conforme esta revista noticiou oportunamente. O prêmio maior, de Cr\$ 1.000.000,00, que coube à apólice n.º 547.626, e o prêmio de Cr\$ 100.000,00, conferido ao portador da apólice n. 235.411, ambas da série A. Os pagamentos foram feitos aos Srs. Antônio Martins Barbosa e Wademar Boque, procuradores do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, que representava dois de seus comitentes.

Prossegue, assim, vitoriosamente, a trajetória brilhante desses magníficos títulos do nosso Estado, cujos sorteios e amortizações continuam sendo resgatadas com a tradicional pontualidade

que caracteriza os atos do atual Governo Mineiro, através da execução do grandioso plano financeiro que trouxe a almejada normalidade para a vida do Estado, elevando ainda, a um nível nunca dantes conhecido, o crédito da nossa administração. E a cotação desses títulos, acima do par, é sem dúvida um índice eloquente desse crédito, que fez de nome do Governo Mineiro uma tradição de honradez e de pontualidade na satisfação de seus compromissos.

O flagrante que ilustra esta página representa um momento da solenidade realizada na agência do Banco Comércio e Indústria de São Paulo S. A., no Rio de Janeiro, quando eram efetuados os pagamentos a que nos referimos. Veem-se, no clichê, os Srs. Araim Gentil Guimarães e Miguel Pereira Bastos, tesoureiro e procurador do Banco pagador, e os representantes do Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A., que representou os seus clientes, portadores das apólices premiadas, no ato do pagamento.

A TRADIÇÃO DE JESUS NO TIBET

CONCLUSÃO

samente o governador de Jerusalém, o qual encarregou o tribunal de sábios e sacerdotes de julgá-lo. Os juizes o declararam inocente. Voltou Issa a pregar ao povo, recomendando-lhe, entre outras coisas, a obediência a Cezar e o respeito à mulher. A policia do governador prendeu-o novamente, alegando o perigo que corria o governo, devido ao entusiasmo que dominava o povo ao ouvir suas palavras. Assustado, o governador encarcerou-o novamente e levou-o ao tribunal de Sanhedrin, onde foi acusado com falsos testemunhos.

Um deles disse: — Não é verdade que pretendes ser o rei de Israel quando dizes que és o enviado do céu para preparar o povo?

Ao ouvir isso o bendito Issa falou: "Tu serás perdoado, porque o que dizes não é coisa tua." E dirigindo-se ao governador acrescentou: "Para que te rebaixas, obrigando aos teus inferiores a mentir, se tens poderes bastante para condenar um inocente?"

Irritado, o governador ordenou ao tribunal que o condenasse à morte e que puzessem em liberdade dois ladrões, porém os juizes disseram: "Não queremos cometer o enorme pecado de condenar um inocente, e salvar a dois ladrões, porque a lei o proíbe. No entanto fagas o que bem entenderes." Lavando as mãos no vaso sagrado e saindo do tribunal disseram: "Não concorreremos para a morte deste justo".

O governador fez crucificar os dois ladrões, juntamente com Issa, e dois dias depois do sepultamento deste, encontraram seu tumulo aberto e vazio.

Tal é o texto budista, escrito em lingua pali, no convento de Hemis. Como se pode notar facilmente a tradição do Evangelho cristão é apresentada ali ao gosto dos monges do Tibet. A descrição compreendida entre o tempo que disputou o templo com os doutores, até o seu encontro com São João Batista, é cheia de fantasias. Como bons partidarios de sua doutrina, quizeram deixar provado que Jesus se inspirou nas doutrinas Budistas.

Em todo Oriente e em toda a Africa mussulmana, desde muitos seculos, a vida de Jesus é interpretada de acordo com a crença de cada povo. Os monges tibetanos, coptam que Jesus percorreu a India, a Persia e a Mesopotamia, porém isso não é exato, porque se o Salvador tivesse viajado por esses países, os Judeus não teriam occultado o fato nos evangelhos.

Há outras tendências nessa obra. Não só trata de buscar a origem da doutrina do cristianismo e explicar a vida de Jesus, mas também pretendem provar que somente Pilatos contribuiu para a morte do Filho de Deus, tirando toda a responsabilidade dos Judeus, que eram representados pelos Juizes e Sacerdotes. O estudo m nucioso desses documentos provou que estes não são o espelho de uma tradição popular religiosa, mantida através de muitos seculos num país distante e separado da Judéa como é o Tibet, mas uma copia dos textos do Evangelho, alterada ao gosto do tradutor. A linguagem pali dos manuscritos, traduzidos agora por um interprete vulgar, não é o pali oriental, contemporaneo ao dos primeiros tempos do cristianismo.

Assim, se a tradição se formou depois, deve se ter baseado nos Evangelhos mal vertidos para as linguas orientais e espalhados de acordo com o desejo e a fantasia de cada lama, os quais, ao apropriarem-se da narrativa, nacionalizaram-na, dando o cristianismo como inspirado na fé budista.

O MUTUM

(AO COLENDO MESTRE ARDUINO BOLIVAR)

BATISTA BRASIL

Já ouviste o mutum, a tardinha calmosa,
Gemer sentimental nas rest'ngas escuras?
Não conheço outra voz mais solene e piedosa
Nem com tanto poder de evocar amarguras...

Em pós o' apaga-pó-os chuviscos de rãna,
Desde Agosto a Novembro, o Sol mal se equilibra...
Vai nas casas do Céu, sem saber qual mais ama,
De Virgo ao Escorpião, nos trapesios de Libra.

Vésper, cêdo, desperta, a rir da dorm'nhôca,
A galante Altair, que emerge de mansinho
Do nevoeiro, a piscar, como a fazer bichinho,
Estremunhada, abrindo a rutilante bôca.

A' hora estonteadora e pasma do Sem-Termo,
Hora de transição, paralisante e forte,
Que o Poente desmala em deliquio de enfermo
E o crepusculo tem dissolvenças de morte...

Nessa crise da Luz — dolorido intermedio,
Que nos faz exhumar os defuntos amores,
Esse extranho avejão, intérprete do Tédio,
Conta a conta, desafia o rosário das dôres.

No recesso da mata, escura, emaranhada,
De ar catedralesco, opiparo, pagão...
Todo dia há batismo ao cal da orvalhada
E na hostia do sol a geral comunhão.

Matinas em que o vento imita um violoncelo
E vesperras da Côr, que nos charcos se imprime.
E o passaredo então um Adoremus halo
Em surtos geniais, atingindo o sublime!

Oveiro branco, peito escuro e o mais em luto,
Sem, sequer, um dever que a sua paz inquiete;
O mutum tudo vê, de seu poleiro astuto,
Apenas erigindo o leque do topete.

Galináceo amador das noites amenas,
Repimpado num pão, sobre as curvas debruço,
Quando tudo inda dorme, ele concerta as penas,
E do fundo do papo enche o céu com um soluço.

Esse cavo rumor de incisiva plangencia
Que nos lembra o Não-Ser, que o meu eu busca a
ésma,

Existe a compunção, pela igual eloquencia
Do longo badalar de um bronze na Quaresma.

Por baixios, rochas e quebradas sombrias,
Esse ancelo gorjal é um supremo pregão:
Como se a selva ouvisse a voz de Jeremias,
Anunciando o Mal das bandas do Aquilão...

O' vós todos que andais pela brenha perdidos
Enlevados nos sons de pérvida lufada...
Se quereis empolgar vossos cinco sentidos,
Atendendo o clamor de uma extranha chamada,

Vinde ouvir o mutum, na eclosão matutina,
Como um louco, a marcar, em tom baixo-profundo,
Na tencilloqua voz, a piedade divina,
Que compassa, a carpir, as tristezas do mundo...

A BONDADÉ, A SENSIBILIDADE E A GRAFOLOGIA

O aspecto da alma humana, por excelência maravilhoso, resume-se, sem dúvida, nessa palavra de ouro: bondade. E' a bondade a inteligência do coração; é o conjunto mais ou menos completo de um grande número de qualidades felizes.

Assim sendo, muitos são os sinais gráficos que colaboram para encontrarmos essa alta expressão do espírito. O primeiro desses sinais, o que nos revela a bondade à primeira vista, embora dependente de outros, é anunciado pela presença dos caracteres curvos. A escrita redonda, harmoniosamente espaçada, de letras não serradas, indica sempre um coração generoso e a piedade natural, irmã gêmea da justiça. Contudo, para que esses sinais tenham a significação exposta, é necessário que não exista na letra aludida, nenhum colchete egoísta, nenhuma palavra gladiolada e, sobretudo, nenhum final gladiolado. Com efeito, a bondade jamais poderá aliar-se a sentimentos inferiores, tais como o egoísmo, a mentira ou o espírito agressivo.

Na escrita da pessoa realmente dotada de bondade as curvas são doces, as maiúsculas ligam-se às minúsculas sem o auxílio dos colchetes e as letras, medianamente espaçadas, indicam a coragem moral que permite ao seu autor estender a mão aos menos favorecidos, sem consultar os seus próprios interesses.

Convém notar que uma escrita média, leve, aérea, quer dizer pouco nutrida de tinta, dotada dos sinais precedentes, com pontos e acentos leves, denuncia uma bondade que se alimenta de espiritualismo. Não há temer nela nem a inveja, nem o ciúme, nem o ódio, nem a vingança. Se a escrita redonda é muito pequena, existe algo de pretencioso no seu possuidor. Também mostra esse tipo de grafismo, acentuada validade intelectual.

Muitas pessoas confundem a bondade com a sensibilidade; no entanto uma póde existir, independente da outra. A bondade é feita de piedade, de justiça e de franqueza. A sensibilidade não necessita desse conjunto de qualidades. Podemos mesmo defini-las, como a facilidade de ser atingido. Se, por exemplo, a impressão exterior cai sobre uma escritura verdadeiramente boa, isto é, devotada, ela cuidará de melhorar uma situação. Se, ao contrário, essa impressão cair sobre uma pessoa egoísta, ela fingirá não percebê-la. Em ambos os casos aparece o fenômeno da sensibilidade. Somente o primeiro denomina-se devotamento e o segundo, suscetibilidade egoísta.

* * *

CORRESPONDENCIA

DORALICE (São Paulo) — Imaginação ardente, entusiasta e, muitas vezes, crédula. Muita impressionabilidade e necessidade constante de conversar e manifestar as suas idéias que são mais ou menos nebulosas. Embora de aspecto corajoso, é pessoa tímida, desconfiada e incapaz de tomar

uma deliberação sem o auxílio de outrem. Bastante idealista, costuma ver as coisas de um modo diverso do comum das gentes. Traços de vaidade e alguma teimosia. Gostos musicais.

GENI (Campanha — Minas) — Letra de pessoa dotada de espírito de ordem e método. Vontade

* * *

enérgica e bem orientada, capaz de realizar tudo o que intenta. Gostos finos, boa educação, sentimentalidade normal, bondade natural. Espírito ainda em formação, sujeito às modificações decorrentes da idade e da educação.

MILADY BETTY (Campanha — Minas) — Tipo de grafismo deductivo, revelador de lógica, capacidade de dedução e gosto das ciências positivas. Traços de dissimulação, desconfiança e algum egotismo. Vontade frágil e desigual. Grande nervosismo, atividade febril, irreflexão, imprudência e inquietação. Como a consiliente anterior é, também, espírito ainda não formado, sujeito, conseqüentemente, a modificações.

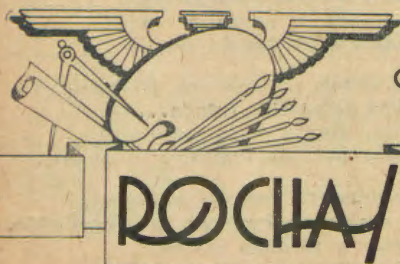
LYS (Rio) — Vontade resolutiva e tenaz. Notada confiança em si. Às vezes gosta de impôr as suas idéias, pois é um pouquinho autoritária. Traços de ironia, graça, finura e "savoir faire". Independência de caráter, teimosia e orgulho. Atravessa, no momento uma crise de desânimo, mas, de modo comum é entusiasta e corajosa. É expansiva e possui uma invejável presença de espírito. Ama as artes, especialmente a música. Gostos poéticos.

ALMA TORTURADA (Santo Antônio do Monte — Minas) — Capricho, fantasia, imaginação, gosto do belo, boa inteligência e capacidade de assimilação. Amor da discussão. Idealismo exagerado, nervosismo e agitação. Sentimentalidade normal, pouca capacidade afetiva. Instabilidade temperamental e de humor.

MORENA DO SERTÃO (Guaratinga — Minas) — Grafia de pessoa dotada de ótima inteligência e excelentes dotes de espírito. Se empossasse à sua capacidade intelectual um pouco mais de vontade de estudar e aprofundar os conhecimentos que possui, muito haveria de conseguir no mundo das letras. Infelizmente a vontade não é muito forte, ou melhor: ela varia. Ora muita energia, ora muito desânimo. É ativa, alegre e capaz de dirigir com acerto e justiça. Ama as crianças e as artes em geral. Desconfia um pouco da vida, mas sente alegria em viver.

CONFORMADA (Guaratinga — Minas) — Sob o ponto de vista grafológico, não há letras bonitas ou feias. Há, antes, letras dotadas de personalidade e letras

*



DESENHOS
COMERCIAIS
TECNICOS E
ARTISTICOS

CARTAZES
GRÁFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

AZEITE MARIA, o preferido
em todas as mesas pelo
seu excepcional paladar.

caligráficas. Criminosos os professores que exijam dos seus alunos, este ou aquele tipo de letra. O essencial é se fazer entender... O resto é enfeite. Mas, não fuja-mos ao nosso assunto. Revelam os seus traços gráficos alguma irreflexão, hesitação e pouca capacidade de estudo sério. Inteligência clara, ironia, espírito crítico, graça e alegria exterior, porque interiormente sofre crises de tristeza e melancolia. Desconfia até dos melhores amigos. Sabe dissimular bem os sentimentos, por que é bastante orgulhosa e independente. Ama o luxo e a vida faustosa.

ELDA — (Almenara — Ex-Vigia — Minas) — Dissimulação, pressa, impaciência, nervosismo e fantasia desregulada. Sentimento de empresa, capacidade de trabalho, alguma vaidade e orgulho pronunciado. Vivacidade, graça e falta de precisão. Dedutividade, lógica e facilidade de raciocínio. Indecisão, imaginação bizarra e mobilidade temperamental.

CINÉA — Carangola — Minas — Fantasia, capricho, sentimento do belo, imaginação, capacidade criadora. Inteligência esclarecida, finura no trato, gostos poéticos. Traços de vaidade, orgulho e egoísmo. Alguma desconfiança, timidez e dissimulação. Caráter pouco comunicativo. Ausência de sensibilidade e impressionabilidade.

DENIZE — Carangola — Minas — Doçura, sensibilidade, afetuosidade, devotamento refletido. Modéstia, lealdade, franqueza e simplicidade. Predominância dos sentimentos morais. Atividade, raciocínio, firmeza e prudência. Constância, perseverança, caráter imutável. A possuidora de tal grafia vai direitinho no seu caminho, segura de si mesma, sem paixão, com coragem e certeza, firme nos seus princípios e convicções. Sua linguagem, seu pensamento e seus atos estão sempre em completa harmonia.

PEQUENA — Campo Grande — Mato Grosso — Embora um tanto caligráfica revela a sua grafia uma personalidade bem marcada, com excelente equilíbrio psíquico e notado controle emocional. O sentimento de arte é sensível e o gosto pela música é revelado nos mínimos detalhes. A educação é aprimorada e os dotes de espírito são inúmeros. De temperamento é igual mas a capacidade afetiva é limitada. Ama as belas situações.

HOMENS ou Mulheres, moços ou velhos, terão boa saúde usando **OLEO VIDA**.

MAÍDA — Joaíma — Minas — Capacidade de síntese, sentimentos poéticos, misticismo e elevação de espírito. Delicadeza de sentimentos, fina educação, noção do dever. Expansividade, idealismo, independência de caráter. Bondade natural, gosto das letras, imaginação, convicções inabaláveis. Descontentamento da posição que ocupa. Amor próprio e timidez.

RECONCENTRADA — Pirapora — Minas — Letra de pessoa valdosa, egoísta, dissimulada, orgulhosa e pouco sensível. A lentidão do grafismo e o modo geral de traçar as letras revela um espírito ainda em formação, capaz portanto de mudanças sensíveis. E' pessoa que se preocupa muito com a parte material da vida. De temperamento reservado e discreto sabe guardar os segredos que lhe são confiados.

SHEILA-MARIA — Diamantina — Minas — Letra de pessoa um tanto orgulhosa, vaidosa e um pouquinho egoísta. Traços de teimosia, acentuado amor próprio e reserva com os íntimos. Boa inteligência, amor da música e das artes em geral. A barra dupla do "t" mostra vontade média, mas obstinada e perseverante. Sinais de prudência. Discreção, alegria e espírito de ordem.

ULISSES — Morada — Minas — Tipo de letra de pessoa muito sentimental, toda coração e bondade. Capacidade afetiva, sentimento do dever, vontade orientada, parcimônia nos gastos. Idealismo, sensibilidade, reserva fria, alguma tristeza, desânimo e melancolia. Simplicidade, apatia e inquietação. Algum cansaço mental e físico.

ROUXINOL — Caravélas — Bahia — Letra de pessoa bondosa, inteligente, reservada e discreta. Crises de desânimo e tristeza. Tino comercial. Vontade às vezes muito enérgica, pouco controle contudo para os casos do coração. Temperamento contraditório, gosto das viagens, e independência de caráter. Generosidade, lealdade, prodigalidade e sinceridade.

PEROLA — Caravélas — Bahia — Originalidade nas idéas, graça,

espírito de ordem, vontade bem orientada. Pouca capacidade de trabalho, orgulho, vaidade pes-

**CONTRA O SUO
ODORONO**



Livre—com o uso contínuo do Odorono — do receio de que o exercício possa aumentar a transpiração com seu cheiro desagradável, você há-de empregar todo a sua energia na competição — Porque Odorono impedirá a transpiração de 3 dias, conservando a frescura de seu lindo traje esportivo.

Odorono é recomendado em todo o mundo, líquido e creme. Nêle confiam todas as senhoras elegantes em todos os momentos da vida.

**Desodorante
ODO-RO-NO
Corretivo da
TRANSPIRAÇÃO**

ODORONO LIQUIDO
... inofensivo e eficiente. **ODORONO CREME**
... rápido e fácil de usar.

*

FE'BO - SECÇÃO GRAFOLO'GICA

Junto a esta mais de 20 linhas, á tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME

PSEUDÔNIMO

CIDADE

ESTADO

- CONTABILIDADE
- ORGANIZAÇÃO
- PERICIAS
- IMPOSTO DE RENDA
- LUCROS EXTRAORDINÁRIOS



CONSULTEM A

I. O. R. C.

INSTITUTO DE ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DE CONTABILIDADE S. A.

AV. RIO BRANCO, 277-14º CONJ. 1410
TEL. 42-9154 - RIO DE JANEIRO

Edifício Mariana, 11.º andar — Sala 1118 — Fone 2-2859
DAS 9 ÀS 11 E DAS 13,30 ÀS 17,30

S. FREI GIL

POEMA
Murilo
Araújo
do tempo melhor

Num quarto triste, aos vinte anos,
fiz noivado com a Alegria.
Livros, a alma, o céu, o sol.
E dia a dia
marcava o canto da vida
com seu mortuário lamento
o bordão grave e profundo do relógio do convento.

Horas alegres...
(Estrelas nasciam em meu pensamento!)
Horas felizes —
festins e serenatas com lanternas!
Horas douradas —
jardins, jardins de deslumbramentos...
E contava hora por hora
o bordão grave e profundo do relógio do convento.

Hoje fui à rua antiga
onde a manhã me sorria.
No quarto, mais triste um pouco,
morava outro com a Alegria.
Não vi mais nenhum dos anjos,
Não vi mais nenhum dos pássaros
que me enchiam de luz o pensamento.
Somente rolava longo
Num longo pressentimento
o bordão
grave e profundo
do relógio
do convento.

Afonso III, passando das justas de França para a sedentariedade do poder real, adoecera de gota. Levava os dias afundado numa barbara cadeira de castanho, o bordão entre os joelhos, os pés entapados e disformes, o olhar errando na nevoa dourada da manhã.

Quando S. Frei Gil que abandonara ao dominicano Frei Pedro Huesca a dignidade de provincial, chegou de jornada à corte, o rei quiz vê-lo e ouvi-lo. O antigo escolar de Paris, o médico das covas de Toledo, adormecido sobre o *Euchiridion* e sobre a *Tabola de Esmeralda*; o moço frade de Valencia e de Santarem, que fôra buscar a Bolonha a murça de doutor, — surgiu deante dos olhos de Afonso III como um espetro, como uma sombra valetudinaria devastada pela idade e pela penitencia, a barba branca caindo numa onda de prata sobre o escapulario negro, o corpo tropego, arrimado a um bordão velho de zambujo. Rei e frade abraçaram-se. Ampararam-se um momento as duas decrepitudes. E quando Frei Gil, uma hora andada, arrastando as sandalias no lagedo do chão, ia sair do paço,

— Afonso III teve uma inspiração súbita, chamou o santo, e, esperando para as suas dores o milagre de um alívio, murmurou:

— Padre, trocai o vosso bordão com o meu.

Obedeceu Frei Gil. E enquanto amparado ao cajado do frade, Afonso III corria já a camara, alegre e ressurgido da sua gota, entre as mãos humildes de Frei Gil de Santarem o bordão do rei, como um cetro resplandecia.

soal e traços de egoísmo. Sentimento do dever, amor do luxo e da vida faustosa. Boa inteligência, alguma inscreção, muita expansividade e alegria de viver. Desconfiança e dissimulação.

LINDALVA SOBREIRA — Brejaúba — Minas — Vaidade pessoal, capacidade para realizar negócios lucrativos e fino comercial, enfim, inteligência normal, raciocínio claro, gostos matemáticos. Discreção, reserva, desconfiança e dissimulação. Vontade igual, sem ser rígida, princípios cristãos, nervosismo e agitação. Pouco espírito de ordem, parcimônia nos gastos, elegância e espiritualismo.

FLOR DE MAIO — Pirapora — Minas — Muita fantasia, graça, vaidade, orgulho e acentuado amor próprio. Prudência, desconfiança, espírito crítico e suscetibilidade. Religiosidade, contradição, chicana. Vivacidade, entusiasmo e alguma timidez em um ou outro caso. Dignidade, caráter e traços de teimosia.

SEREIA — Pirapora — Minas — Espírito muito em formação, de estudo difícil e sujeito a falhas e imprecisões. A inclinação variável da escrita mostra pouco equilíbrio nervoso, emotividade, ausência de controle das emoções. Egoísmo, teimosia, vontade mal orientada e idealismo sadio.

Desconfiança, impulsividade, espírito pouco ordeiro.

VOKLING — Lambari - Minas — Escrita sóbria, cuja harmonia de traços revela um valor moral. Julgamento são e claro, lucidez de espírito, calma, ponderação e gravidade de pensamento. Imaginação profunda, harmonia, senso da beleza. Doçura, sensibilidade, afetuosidade. Expansividade, saúde e alegria. Vontade firme, forte e conciliadora.

IRIS — Formiga — Minas — Vontade energética, desconfiança, benevolência e parcimônia nos gastos. Reserva, discreção, espírito de assimilação e idéas práticas. Calma, ponderação, prudência, imaginação lenta, reflexão e pouca atividade.

CIBELE — Capital — Orgulho, vaidade e desejo de parecer mais do que a realidade. Boa inteligência, cultura geral, independência de caráter, pendor literário, imaginação e capacidade inventiva. Sentimento do ritmo, idéas originais, gosto da forma. Pouco sentimentalismo, traços de egoísmo e mobilidade temperamental. Prodigalidade, amor do conforto e do luxo, gostos estéticos.

ARTUS RILL — Capital — Tipo de grafismo mixto revelador de um cérebro bem equilibrado, creador e realizador ao mesmo tempo. Esse tipo de letra é comumente encontrado entre os enciclopedistas, filósofos, pensadores e observadores aos quais é necessário o senso da crítica, da análise e da comparação. Espírito de assimilação, idéas práticas, pequenas maldades. Caráter irascível e suscetível. Pensamento nítido. Vivacidade, alguma irreflexão, notada impaciência. Boa inteligência, cultura de espírito, nervosismo e inquietação. Vaidade e orgulho do nome. Boa educação, gostos finos e poéticos.

CESAR AUGUSTO — Maceió — Estado de Alagoas — Queira renovar a consulta escrevendo em papel sem pauta e assinando o próprio nome. O pseudônimo só é permitido para a resposta.

CAPICHABA — Rio — Poder de observação e domínio conciente das emoções, predominância da atividade racional, visão racionalista das cousas, experiência do mundo, atitudes calculadas, pouca acessibilidade, vontade hesitante. Capacidade de síntese, bastante autoritarismo, cultura intelectual apreciável. Lógica, raciocínio, às vezes, irreflexão. Gostos artísticos. Falta o essencial para um estudo mais completo: a assinatura.

CURIOSA — Machado — Ótima inteligência, vontade segura e bem orientada, caráter bem formado. Bondade natural, idéas próprias, capacidade de criação. Embora de natural dócil, pensa libertariamente, porque é bastante independente. Tendências musicais, modéstia, simplicidade e gosto pelo desenho. Visível interesse pelas cousas antigas. Senso humorístico. Acentuadas predileções e antipatias.

Não odeies pessoa alguma, nem mesmo os máus. Compadece-te deles porque jamais conhecerão o unico gozo, que consola na vida: fazer o bem.

Octave Mirabeau

*Realce seu Encanto
embelezando
seu Cabelo*



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo.

Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

*Tricófero
de Barry*
EM USO DESDE 1801

TB-1

I-A

*

Se o princípio do amor não fosse um mistério, há muito tempo que curiosidade e o grosseiro instinto de espécie teriam secado a fonte da vida.

"VIDA" — É a marca do primeiro e melhor OLEO DE AMENDOIM, para mesa e cozinha, possuindo propriedades essenciais à boa alimentação.



GRAVADOR

ARAUJO

RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

PHOTOGRAFIAS
ZINCOGRAFIAS
TRICROMIAS
DUBLES, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO



Chove lá fora. Cá por dentro, erma,
Tem esta sala, palidez enfêrma.
Há em tudo um silêncio que me irrita;
Nada vibra, nem freme, nem palpita!...
O chão, as flores, os espelhos, tudo
Num descoloramento triste e mudo,
Lembra sombras desfeitas, sombras frias
De sonhos, de quimeras, de alegrias!

... Um piano, sozinho, abandonado,
Num mutismo ciuel, desconsolado...

... Uma flor, que na jarra se debruça,
Vive morta, e não canta, e não soluça!...

... Uma lâmpada fria, inexpressiva,
Que não brilha, não morre e não se aviva;

... Uma lágrima triste, rebrilhando,
— E nem ao menos eu estou chorando!
Chove lá fora. Cá por dentro escorre
O tempo de uma noite que não morre!
— Que importa a vida, quando a morte é certa?
... Como é fria esta sala, e assim deserta
Ela fica, talvez, mais fria ainda...
— Quem sabe a vida, muita vez é linda!

Chove lá fora. E' plúmbeo o firmamento;
Choram goteiras num desolamento,
E eu adivinho um soluço de mágua
Cada vez que deslisa um pingo d'água
Riscando, manso, a transparência baça
Do retângulo frio da vidraça!...
Mas, aqui dentro, nem ao menos vibra
A corda de um soluço, ou uma fibra
Do piano, sozinho, abandonado...

... Há em tudo um véu tênue, acinzentado...
Cerro os olhos...

... e dentro do meu peito
Sinto meu coração semi-desfeito.

... Há na minha tristeza que não fala,
A mesma solidão que há nesta sala!...

O LINHO é de certo a melhor matéria-prima para a fabricação do papel; porém muitas outras substâncias, tais como cevada, arroz, aveia, milho, ervilhas, feijões, agulhas de pinheiro, refugo de cana, musgo, algas, fumo, lichens, fôlhas e cascas de árvores, acelgas, batatas... Todavia a maior parte do papel comum é feito da madeira de certas árvores. E assim como de tudo, por assim dizer, se pode fazer papel, também tudo ou quase tudo se pode fazer de papel.

De papel comprimido fazem-se rodas, carris, canos, ferraduras, bruidores de jóias, bicicletas, tubos assfaltados para gaz ou para fios elétricos.

Com polpa de madeira e sulfato de zinco, já se experimentou em Berlim fazer o calçamento das ruas... antes da guerra.

De igual maneira se fabricam telhas e manilhas para a água. Há postes de telégrafo feitos de fôlhas de papel enrolado, ócos, mais leves que os de madeira, e resistência melhor ao tempo.

No Japão fazem-se de papel, vergas para as janelas, lanternas, guardas-sol, lenços, couro artificial, etc. A roupa branca do japonês, quando em campanha, é feita de papel.

Compram-se hoje em dia chapéus de palha, nos quais não entra... um átomo de palha! São feitos de tiras estreitas de papel, tijas de amarelo. Fazem-se esponjas artificiais de celulose ou de polpa de papel.

O uso do papel na indústria pode estender-se indefinidamente. Empregase na imitação da porcelana, em balas, em sapatos, em panos de bilhar, em velas de embarcações, em tábuas para construção, em sacos impermeáveis para cimento e outras substâncias em pó, em barcos, em vasilhas para água...

Até já se fez um fogão de papel, o qual aguentou perfeitamente o calor!

Pode-se usar a celulose para preparar um revestimento impermeável que se aplica como tinta. Tem-se construído casas completas de papel; na Noruega há uma igreja com capacidade para mil pessoas, toda construída de papel — inclusive o campanário!...

SUCESSO — Sem precedente, da indústria nacional, **OLEO VIDA**, de amendoim — para mesa e cozinha.



Maria Tereza de Andrade Cunha



DIVAGANDO

MARIA TEREZA DE ANDRADE CUNHA



Maria Tereza de Andrade Cunha. Já ouviam este nome? Não o ouviram. E' uma jovem poetisa carioca que se aparece em ALTEIOSA. Sua poesia é leve sentimental, voltada um pouco para o segredo das coisas mudas que cercam e a que ela empresta a sua linguagem íste. Versos lindos como o poeta.

— Cogita-se da fundação de mais uma emissora em nossa Capital. Segundo conseguimos apurar, o matutino "O Diário" está trabalhando no sentido de que sejamos dotados de mais uma estação de rádio, de princípios essencialmente católicos.

— Procurando dar maior expansão às realizações dos diários e emissoras associadas, recebemos comunicação de que os escritórios da direção comercial e artística dessa empresa, em nossa Capital, será instalado, brevemente, no 12.º andar do edifício Mariana.

— Eddi Leal, que realiza vitoriosa temporada ao microfone de PRC-7, é um intérprete seguro de canções brasileiras, francesas, mexicanas e italianas, motivo por que tem conseguido vibrantes aplausos dos ouvintes da "veterana", em seus programas na Rádio Mineira.

— Transcorre no próximo dia 6 do corrente, o aniversário natalício do locutor Orlando Pacheco. Por este motivo, o aniversariante que é elemento de destaque e popularidade em nosso "broadcasting", onde goza de geral estima, será muito cumprimentado por seus numerosos amigos e admiradores.

— Aproveitando-se das férias que lhe foram concedidas pela Rádio Guarani, Vilma Leal Arnot esteve excursionando pelo Rio de Janeiro mas, de novo, já se encontra em nosso meio.

— Contratada pela Sinfônica de Belo Horizonte, deverá chegar por estes dias à nossa Capital a ígnea cantora patricia Alice Ribeiro, lídima expressão da música de classe de nossa terra. Ao que tudo indica, Alice Ribeiro será convidada a realizar alguns recitais de canto para os ouvintes da PRH-6, apreciadores da boa música.

— Notícias do Rio confirmam a saída de Mesquitinha da Rádio Nacional, contratado pela Rêde Fluminense de Broadcasting: e, o cronista especializado Fernando Lôbo está em vias de transferir-se para a emissora da Praça Mauá.

— Além de Pedro Vargas, que foi contratado pela Rádio Mineira para uma temporada ao seu microfone, podemos informar aos nossos leitores que, também os Anjos do Inferno reaparecerão por estes dias aos seus fans de Minas Gerais, através do microfone da PRH-6.

DIZEM OS "VENENOSOS" do nosso rádio que a licença concedida pela Rádio Guarani ao cantor Abilio Lessa muito se assemelha à que a emissora oficial "autorizou" ao cantor Nelson Leal... isto é, "permanente".

A REVISTA CARIOCA "Vida Nova" insere em seu último número um interessante comentário sobre a desvalorização das emissoras que firmam anúncios por qualquer preço. Analisando a desvalorização de sua onda, pelo montão de textos comerciais que, no final, resultam em nenhuma eficiência publicitária, termina endossando as palavras de Henrique Silva quando diz que "rádio-difusão é a arte de emburricular em anúncios alguns farrapos de música..."

OS PROGRAMAS LITERÁRIOS da Inconfidência continuam sendo o ponto alto de suas transmissões. Redigidos por pessoas idôneas competentes, constituem, sem nenhuma dúvida, um dos maiores atrativos da emissora oficial.

A PROPÓSITO: a direção artística de PRI-3 precisa cuidar mais da sua programação de estúdio. Como está... não é possível. Elementos de pouco valor, lançados, sem um motivo justificável, no "cast" de exclusivos, são os responsáveis diretos do pouco interesse do público pela sintonia da emissora-padrão...

ANTIGOS LOCUTORES do nosso rádio que se encontravam afastados do microfone voltaram a atuar na Mineira e na Guarani. Afinal de contas, se tivessem voltado para sanar a deficiência das ditas estações — apolado. Infelizmente, porém...

UMA IDEALIZAÇÃO FELIZ e oportuna, merecedora de apoio, nos será proporcionada em breve pela Rádio Guarani, com o lançamento do programa "A Opera em Novelas". Esse programa é uma criação de Enio Marcos de Oliveira Santos, o dinâmico diretor comercial da PRH-6, que o apresentará, a partir deste mês, três vezes por semana na onda da "estação das grandes realizações". Consistirá na divulgação seriada de todas as óperas, através de uma parte descritiva com desfecho musical.

* * *

XERÉM E DÊ MORAIS

APÓS uma vitoriosa excursão, pelo sul do país, onde se apresentaram com o habitual sucesso ante os principais microfones e cassinos, voltaram ao Rio Xerém e Dê Moraes, integrantes da conhecida dupla caipira que tantos admiradores soube conquistar em nosso Estado, através de sua memorável temporada ao microfone da Guarani.

Ao que tudo indica, e tendo em vista as exigências do público mineiro, é de se prever que a dupla Xerém e Dê Moraes voltará brevemente ao rádio mineiro, em outra temporada que sirva para "matar as saudades" da imensa pleiade de fans que aqui deixaram.

Enquanto isso, os fans mineiros poderão ir ouvindo a boa dupla, mesmo de longe, através da onda de PRA-9, Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro.



Xerém

OS NOSSOS MELHORES

NESTAS páginas, temos oportunidade de apresentar algumas fotografias dos elementos do rádio local cujos programas, através da Guarani, Inconfidência e Mineira, estão merecendo, entre outros, a classificação de cartazes realmente populares.



VILMA LEAL ARNOT, pode ser classificada, no gênero, como uma das melhores cantoras do "broadcasting" nacional.



BEATRIZ NOVAIS, apreciada cantora de "foxes" e canções, do "cast" de exclusivos da Inconfidência, atua às terças, quintas e sábados, às 21,30.



ALAÔR BRASIL, além de ser um dos mais simpáticos intérpretes de melodias portenhas, é um artista de vastos recursos. Canta às segundas, quintas e sábados, na onda da Guarani, às 19,30 e das 21 às 21,30 horas.



Descoberta de Romulo Pais, no programa Gurilândia, JOSE' LINO, rapidamente se impôs como um dos mais perfeitos cantores de melodias mexicanas. Dotado de uma voz muito boa e de uma interpretação segura, o jovem cantor "exclusivo" da Guarani vem alcançando retumbantes sucessos em seus programas irradiados três vezes por semana, na onda da PRH-6.



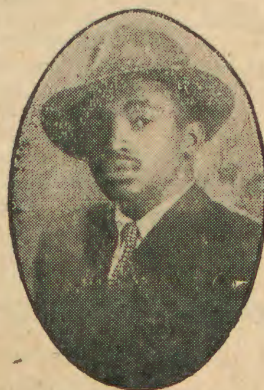
Outro excelente conjunto vocal que vem se impondo de maneira brilhante como uma das principais atrações do nosso rádio é constituído pelos seis elegantíssimos "GALAS DO RITMO". Esse sexteto é exclusivo de PRC-7, em cujo microfone se apresenta às terças, quintas e sábados, entre 21,30 e 22,00 horas.

CARTAZES DO MOMENTO

PELAS qualidades artísticas dos astros e estrelas que ilustram estas páginas, seus programas estão merecendo o aplauso da crítica e, sem favor, a admiração e a simpatia dos radio-ouvintes mineiros.



Pela simpatia pessoal, aliada a uma voz *caliente*, MABEL TOLETINO dia a dia se impõe como uma cantora de qualidades.



JOSE' MENEZES FILHO, constitui, inegavelmente, a maior revelação artística do rádio mineiro nestes últimos tempos. O magnífico tenor "colored" revelado pela prof. Celina Peixoto e que a Mineira vem apresentando ao seu microfone, às terças e sextas-feiras, das 21.15 às 21.30, é motivo de justo orgulho para o "broadcasting" das alterosas.



Na Rádio Inconfidência ROSITA DE SOUZA prossegue na apresentação de seus vitoriosos programas de música fina.



O "QUARTETO DE OURO", formado pelos irmãos Silvio, Roni e Hélio Silva e do "crooner" Geraldo Tavares, firmou-se como um dos melhores do nosso rádio. Os programas desse apreciado conjunto são apresentados na onda da Rádio Guarani, às terças, quintas e sábados, das 21.30 às 21.45.



Um dos cantores de maior evidência do "cast" de exclusivos da emissora oficial é FLAVIO DE ALENCAR, o seresteiro de valsas e canções do nosso "broadcasting". Fidelíssimo interprete de músicas da nossa terra, FLAVIO ALENCAR faz jús à grande popularidade que desfruta entre seus colegas, graças aos excelentes programas que tem apresentado na onda da Inconfidência, às terças, quintas e sábados, das 21.45 às 22.00 horas.

FIGURAS DO RADIO CARIOCA



Miss Baby, Marlene e Lidia Matos, são três graciosas figuras integrantes do "cast" da Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro. Miss Baby canta também no Cassino da Urca, e Lidia faz parte do magnífico conjunto radial da PRA-9.



COLUNA DOS FANS

As opiniões que nos sejam enviadas sobre programas e assuntos radiofônicos em geral serão publicadas nesta coluna, desde que sejam bem intencionadas, construtivas e sintetizadas. Toda a correspondência deverá ser dirigida à Revista **ALTEROSA** — Seção de Rádio — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

STA. DOLORES SILVA — Siderurgica (Sabará) — Minas — Destacamos em sua carta o seguinte trecho: "A PRH-6 não poderia apresentar programas exclusivamente de crianças? Parece-me que a Vilma Leal Arnot e o José Lino já estão um pouco crescidos, o sr. também não acha? Afinal, o programa é "infantil" ou de "artistas exclusivos"?"

A leitora talvez esteja parcialmente com razão. Contudo, Romulo Pais ficou incumbido das explicações necessárias pelo microfone da Guarani, num dos próximos programas "Gurilândia".

STA. VALDEREZ FERNANDEZ — Capital — Em sua missiva comenta o seguinte: "A meu ver, muitos elementos que participam dos programas de estúdio da "indígena" não têm-se distinguido muito devido a negligência (?) dos diretores artísticos; pois, a fama ou o cartaz do ar-

tista depende grandemente da "propaganda" feita pelo anunciante do programa e pelo prestígio que conta com os diretores. Assim acontece com Neuzinha Queiroz, a melhor cantora de fox do nosso rádio e que possui numerosos "fans". Todavia, sua voz não está sendo aproveitada como merece, cantando em hora tão imprópria como às 17,45. Porque não aproveitam-na para cantar em programas de estúdio depois da hora do Brasil, com assistentes, e principalmente, "bem acompanhada"? Eu seria a primeira a chegar à Guarani, mesmo sujeitando-me a enfrentar as várias dificuldades tão comuns quando se tem de assistir algum programa da H-6..."

SR. EFIGENIO AUGUSTO SEIXAS — Capital — Na carta muito atenciosa que nos enviou, pede divulgação das linhas que se seguem: "Ouvir-se programas onde impera a falta de bom gosto tão comuns na radiofonia brasileira, mas de preferencia em Belo Horizonte, é sujeitar-se a um castigo imerecido. Afinal de contas é preciso que se ressalte: Qais são os verdadeiros sustentáculos da radiofonia nacional? Nós, os patrocinadores de programas, os anunciantes que não se cansam de cooperar para o progresso do nosso rádio. Quando somos procu-

rados para patrocinar qualquer programa que se nos afigura compensador, interessante, bom, não relutamos em atender ao pedido feito e oferecê-lo ao público. E isto, muitas vezes, a custa de muitos sacrifícios, pois tratam-se de programas caríssimos. Entretanto, acabo de chegar à conclusão da necessidade de uma revolta geral contra esse desprestígio dos patrocinadores. Não se justifica o dispêndio de grandes importâncias em troca de programas "sem importância". O mal parece-me total. Todavia quero acreditar que somente entre nós existe e prolifera tal desprestígio. Precisamos reagir."

LOCUTORES MINEIROS

De Hélio BASTOS COUTO

DAQUELE prédio simples, instalado em tão aprazível recanto, ascende aos céus de Juiz de Fora, a voz da Rádio Sociedade local — elevando aos ares as mais sinceras e filantropicas preces ao Divino — na hora sublime da Ave Maria...

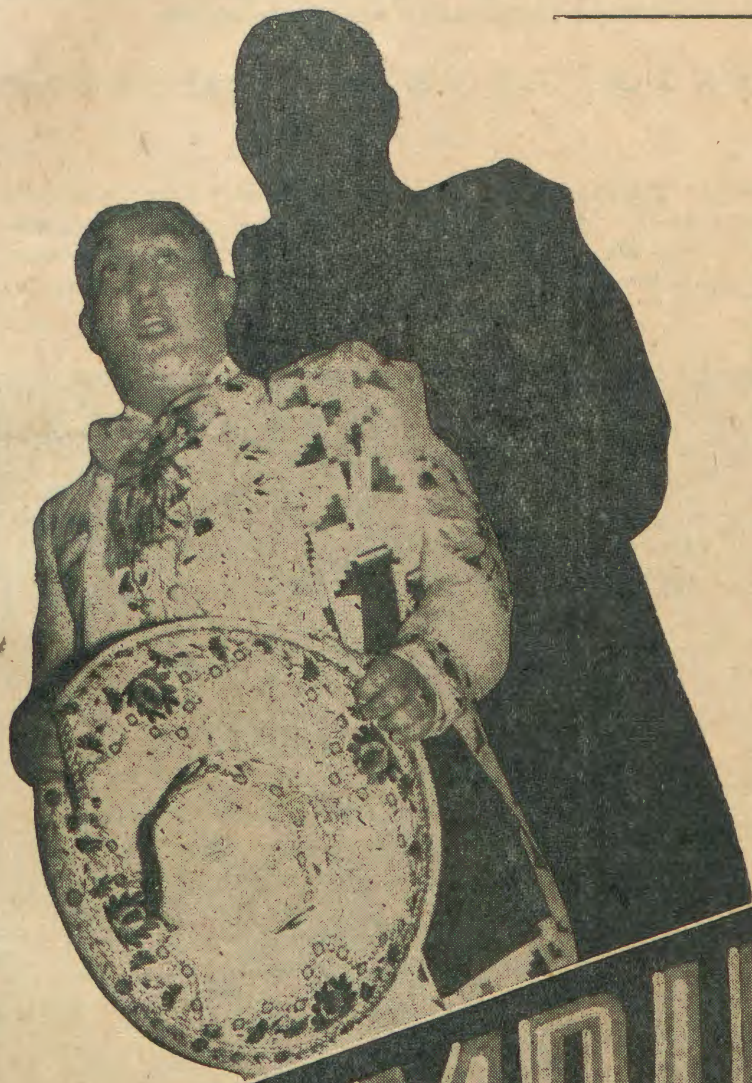
E, mais profunda se torna a sensibilidade daquela hora, pela apurada interpretação de Xavier Pereira — o mago do microfone local.

Xavier Pereira é o novo "astro" que surgiu na constelação do "broadcasting" mineiro, como uma promissora "revelação" de 1944.

E venceu com tal personalidade que suas atuações podem ser contadas entre as mais perfeitas e mais festejadas dos nossos locutores.

O "nosso amigo"

Pedro Vargas



É indescritível o prestígio que PEDRO VARGAS conseguiu grangear entre nós, a ponto de ter sido proclamado pela crítica brasileira como o cantor nacional mexicano. Voz magnífica a serviço da fraternidade americana, PEDRO VARGAS tem trazido a nós as ressonâncias profundas da alma de sua grande pátria, vivíssima nas canções que falam de perto ao coração brasileiro.

É, justamente, uma porção nova dessas canções, em que vibram inconfundivelmente os anseios líricos dos povos aztecas que o famoso cancionista lançará por estes dias na PAMPULHA, numa temporada, que, como a anterior, está destinada ao mais amplo e ruidoso sucesso.

PAMPULHA



No interesse da ciência e em de

QUANDO a paisagem suburbana deixou de interessar, surgiram campos verdes e morros abertos ao sol. Gameleira se oferecia aos nossos olhos com seus domínios geográficos fecundados pelas chuvas de verão. Atrás de algumas arvores, o amarelo casario do Instituto Químico-Biológico apontou ocupando grande área marginal à estação do subúrbio. O final da linha do bonde de Gameleira é um local que sempre fala ao coração da cidade. Néle, além do

REPORTAGEM NOS PAVILHÕES DO INSTITUTO
Uma extraordinária obra de caráter científico-experimental mundo à dor, à morte e à doença — Onde os “caçadores Memórias” do Instituto — Fabricando sôros e vacinas de e segurança da vida dos nossos rebanhos.

TEXTO DE DANTAS NETO

* * *

Instituto Químico-Biológico, ficam situados o Seminário, a Feira Permanente de Animais, a Escola de Veterinária, a Granja

João Pinheiro e, bem no alto do morro do Cercado, está o Asilo Bom Pastor, instituição destinada à regeneração daquelas que



“PAVANE POUR UNE INFANTE DEFUNTE” — Ainda há poucos anos, era comum em nossas cidades do interior, uma cena como esta: uma criança que morria picada por cobra venenosa, sem o socorro do sêro anti-ofídico. E quatro homens tristes marchavam sob um céu ainda mais triste, conduzindo a criança para o desconhecido, enquanto os passos do anjo galgavam as alturas, envoltos no celestial e triste cântico dos arcanjos que, no limbo, tocam em surdina a pungentíssima Pavana de Ravel para a criança morta. Hoje, diariamente e sem desfalecimentos, os médicos do Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais lutam contra a morte, preparando vacinas e sêros para a defesa de nossa saúde.

fesa da saúde humana e animal

O QUÍMICO-BIOLÓGICO DE MINAS GERAIS — tal — Finalidades principais — Fechando os caminhos do de micróbios” de Paul de Kruif são lembrados — “As — Analisando nossas águas — Para maior tranquilida-

econômica do Estado, como também pela contribuição prestada aos diversos campos da patologia humana e animal.

PERCORRENDO OS
PAVILHÕES

★ FOTOS DE IVAN DA SILVA

* * *

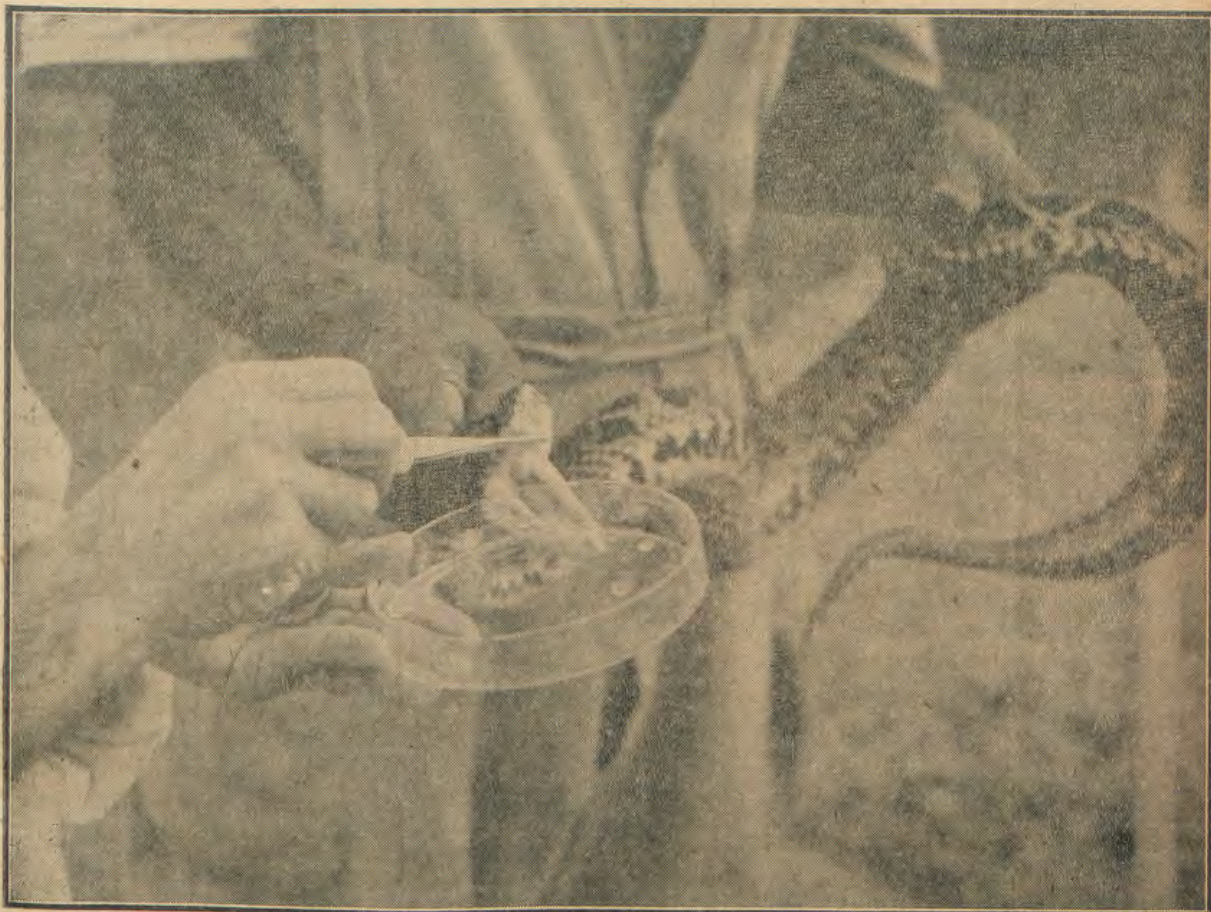
entraram pela porta larga da perdição, segundo o conceito bíblico que André Gide ampliou.

Naquela tarde bonita de sol, fomos à Gameleira com o objetivo de visitar o Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais, uma modelar e grandiosa instituição para pesquisas científicas

em geral, sábiamente criada pela lúcida visão do Governador Benedito Valadares.

Poucos são os mineiros que conhecem ou que já ouviram falar nesta obra de extraordinário caráter científico-experimental, rica não só pelo que apresenta nos ângulos da vida

O repórter, acompanhado de técnicos, percorre o Instituto Químico-Biológico, atentamente o observando. Seus detalhes mais importantes vão se fixando nos seus sentidos abertos às impressões gerais. Daí pula logo uma dedução clara e evidente. Inegavelmente, é o Instituto uma obra grandiosa, sendo no gênero, uma das melhores orga-



VENENO — Eis aqui um dos momentos culminantes de nossa reportagem no Instituto Químico-Biológico: mãos energias e calosas se movimentam para domar a temível urutú que, subjugada, derrama na placa o seu veneno destinado à fabricação do soro anti-ofídico.



EM FAMÍLIA — Um grupo de serpentes venenosas passela ao sol.* No instituto há um punhado de homens corajosos como este, cujas polainas protetoras podem ser perfeitamente distinguidas atrás dos impressionantes reptis que povoam as nossas selvas.

nizações existente na América do Sul. Só mesmo na Capital Federal é que há uma obra que se pode comparar com a nossa — o Instituto de Manguinhos. No quadro das finalidades principais do nosso Instituto figuram a fabricação de vacinas, sôros, produtos químicos e farmacêuticos; a feitura de exames semiológicos, químicos e bromatológicos, acrescidos de pesquisas científicas de toda natureza.

Seus pavilhões são enormes e

se enfileiram em frente ao jardim e ao serpentário. Atrás dos cinco pavilhões ficam várias cocheiras, onde os animais são submetidos às experiências e ao preparo de sôros. Anexos aos pavilhões surgem outros pequenos departamentos auxiliares. Os corredores são vastos e encerados e por eles cruzam médicos, sob o uniforme branco. Seus passos se perdem no fundo dos laboratórios, donde vêm exalações de substâncias químicas em exame. Há uma

luz que não é solar nesses pálidos e estranhos salões de pesquisas científicas. Parece que os espíritos dos grandes cientistas erram, vigilantes, por aqui, descendo com sua invisível presença por esses ângulos tão seus conhecidos. Aqui é um severo microscópio pondo uma mancha preta na paisagem da mesa. Acolá são balões exquesitos e prósperos que sorriem no bojo enorme do vidro. Frascos, placas, balanças, seringas se perfilam na desordem das mesas de mármore. E os cheiros das substâncias químicas pairam, dominando tudo. A luz que não é solar nem subterrânea dá sobre as faces transtornadas pelo trabalho e pelas preocupações. As olheiras dos cientistas são círculos roxos, boiando no infinito das salas.

Curvado sobre um microscópio, duro no mármore, está um médico cujo rosto não nos é inteiramente desconhecido. Um dia tomamos o ônibus com ele e o vimos descer numa rua qualquer da cidade, entrando numa casa que era o seu lar. O que prova que um médico não é uma criatura estranha, longe das preocupações cotidianas de todos os homens. Agora, assim, visto de perfil com o olho fundido no negro aparelho, sob a média luz que vem do teto, ele se transfigura, aureolado por qualquer coisa diferente. Ali não temos o homem que numa tarde tomou o mesmo ônibus nosso.

Ali temos é o herói da ciência, é o protetor da nossa saúde.

Não mais o homem que mora numa rua qualquer da cidade, mas sim um indivíduo que procura fechar os caminhos do mundo à dor, à morte e à doença. Não mais o ser que tem mulher e filhos, mas sim um personagem fugido das páginas de Paul de Kruif, curvado sobre si mesmo, perdido no mundo infinitesimal dos micróbios.

CAÇADORES DE MICROBIOS

O Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais foi criado pelo Governador Benedito Valadares, em decreto-lei número 797, de 8 de Outubro de 1941. Sua história é muito nova, mas vastas têm sido as suas realizações. Entre elas destacamos a criação do serviço anti-rábico-veterinário; o início da produção da Vacina Cristal Violeta para combate à peste suína; e a instalação do Serviço de Febre Aftosa, visando a produção da vacina, segundo a técnica de Silvio Tôrres, já aplicada no Rio Grande do Sul, com elevada eficiência.

Diante do repórter ainda está a severa presença do microscópio, dominado pelo médico nosso amigo. Na configuração da nossa mente persiste a evocação da leitura de um livro de Paul de Kruif, famoso médico e escritor norte americano. Muitos dos grandes homens da ciência são por êle chamados de "caçadores de micróbios". Sugestionado pelo ambiente do Instituto, estamos agora nos lembrando desses homens. Hoje usar a expressão "caçadores de micróbios" pode parecer uma ousadia. O próprio Paul de Kruif vem em nosso socorro, quando explica na biografia de Leuwenhoek, o primeiro dos "caçadores de micróbios": —

"Quando agora se volta o olhar para muitas das descobertas fundamentais da ciência, elas parecem tão simples, tão absurdamente simples... Como é que durante tantos milhares de anos, os homens pesquisavam sem ver as coisas que estavam tão visíveis diante dos seus narizes?

Assim foi com os micróbios! Agora que todo o mundo os viu dansando nas telas dos cinemas, agora que muita gente de pouca instrução os observa através das lentes de um microscópio, nadando daqui para ali, e o mais jovem estudante de medicina é capaz de mostrar os germes de não se sabe quantas doenças, — fica-se a pensar —

que havia de tão difícil em ver os micróbios pela primeira vez?"

A pergunta se perde no passado e a medida da sua resposta é fornecida pela ciência moderna que tem proporcionado aos médicos tantas vantagens e tantos recursos técnicos. E trabalhando com a mais moderna das aparelhagens que os médicos do Instituto Químico-Biológico fazem experiências e realizações. E os resultados aí estão, palpáveis e grandiosos. Uma demonstração das atividades científicas do Instituto

Químico-Biológico poderá ser evidenciada nas suas "Memórias" que serão brevemente lançadas.

Diante dos microscópios, suando fechados nas capelas, estranhamente banhados por uma luz pálida, diariamente os médicos do Instituto trabalham no interesse da ciência e zelam pela nossa saúde e pela saúde dos nossos animais.

PRODUTOS PARA USO HUMANO

No campo da patologia huma-

MENINA-MOÇA — Menina-moça que não é dos tempos de Bernardin Ribeiro. Menina-moça, modesta funcionária da seção de embalagem e distribuição do Instituto Químico-Biológico, menina-moça que rotula vacinas, toma o bonde Gameleira duas vezes por dia e que, à noite, sonha com amores impossíveis, romanticamente influenciada pelo enredo do ultimo filme exibido no cineminha suburbano.





UOR NEGRO — A' hora meridiana, o preto Simplicio, silhuetaado contra o
eu, carrega os pesados balões para o preparo das vacinas contra a peste sui-
a e contra a aftosa, que o Instituto está fabricando para maior tranquillida-
e da vida dos nossos rebanhos.

a, o Instituto, além de forne-
er e abastecer a Saúde Pública
as suas necessidades de vaci-
as anti-tíficas, anti-variólicas,
nti-meningocócicas, etc. vem
abricando também as mais va-
iadas espécies de sôros.

Justo é aqui destacar a acei-
ação obtida pelas injeções de
ártaro emético, em solução neu-
ra e estável, segundo técnica
o prof. Anibal Theotônio Ba-
sta, para combate à esquistoso-
mose.

E por falar em “esquistoso-

mose”, doença muito comum
nas águas de certas lagôas, é
oportuno lembrar que o Insti-
tuto Químico-Biológico no seu
laboratório de águas, procede
rigorosa análise das amostras
do interior e das estâncias hi-
dro-minerais, estabelecendo o
contrôle geral de água da Capi-
tal.

DEFENDENDO A SAÚDE DOS NOSSOS REBANHOS

A secção de Veterinária é
uma das mais recentes do Ins-

tituto e fica situada nos pavil-
lhões n. 2 e 3. Essa secção foi
criada pela urgente necessida-
de de defender a saúde dos nos-
sos rebanhos, fator tão impor-
tante na vida econômica de Mi-
nas.

As epidemias vinham asso-
lando as nossas zonas rurais.
Porcos tombavam abatidos pela
terrível peste suína. O gado so-
fria e morria atacado pela fe-
bre aftosa. Grandes eram os
prejuizos e contratempos sófri-
dos pelos nossos criadores. Eis
que, em oportuna hora, surge o
Serviço Veterinário do Institu-
to, entregue a técnicos compe-
tentes e visando assegurar a
vida dos rebanhos mineiros e a
prosperidade dos nossos criado-
res.

Durante o corrente ano, o
Instituto lançará nesta secção,
os seguintes produtos: — tu-
berculina bovina, tuberculina
aviária em meio sintético, vaci-
na contra o tifo aviário e a va-
cina contra a aftosa, produtos
êstes que obterão a mesma acei-
tação que tiveram as vacinas
contra a manqueira, contra a
peste suína, contra pneumo-
enterite e septicemia hemorrá-
gica, fabricados e distribuídos
pelo Instituto Químico-Biológico
de Minas Gerais.

Ai está uma notícia alviça-
reira para a vida animal de Mi-
nas, tão pródiga em grandezas
e tão castigada por doenças e
epidemias várias.



Eis, em linhas gerais, a sínte-
se das impressões colhidas pe-
lo repórter, em sua permanên-
cia de algumas horas em um
dos mais notáveis monumentos



VACINAS — Na secção de embalagem e distribuição, situada no pavilhão n.º 1, esta jovem confere um exército de vacinas anti-disentéricas, via oral, destinadas à Diretoria de Saúde Pública do Estado. Milhares e milhares de vacinas de várias espécies, estão sendo produzidas diariamente no Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais, para o combate às doenças humanas e para a defesa da saúde de nossos rebanhos. Produzidas de acordo com a técnica mais avançada, elas representam, sem dúvida, o que há de mais eficiente e mais perfeito no combate às doenças que atacam os homens e dizimam os nossos animais.



ÓCULOS PRETOS — Estes óculos pretos não estão aí por mera vaidade feminina. Eles visam proteger os olhos desta pequena funcionária do Instituto, que merece nossa admiração pela competência e dedicação ao trabalho.

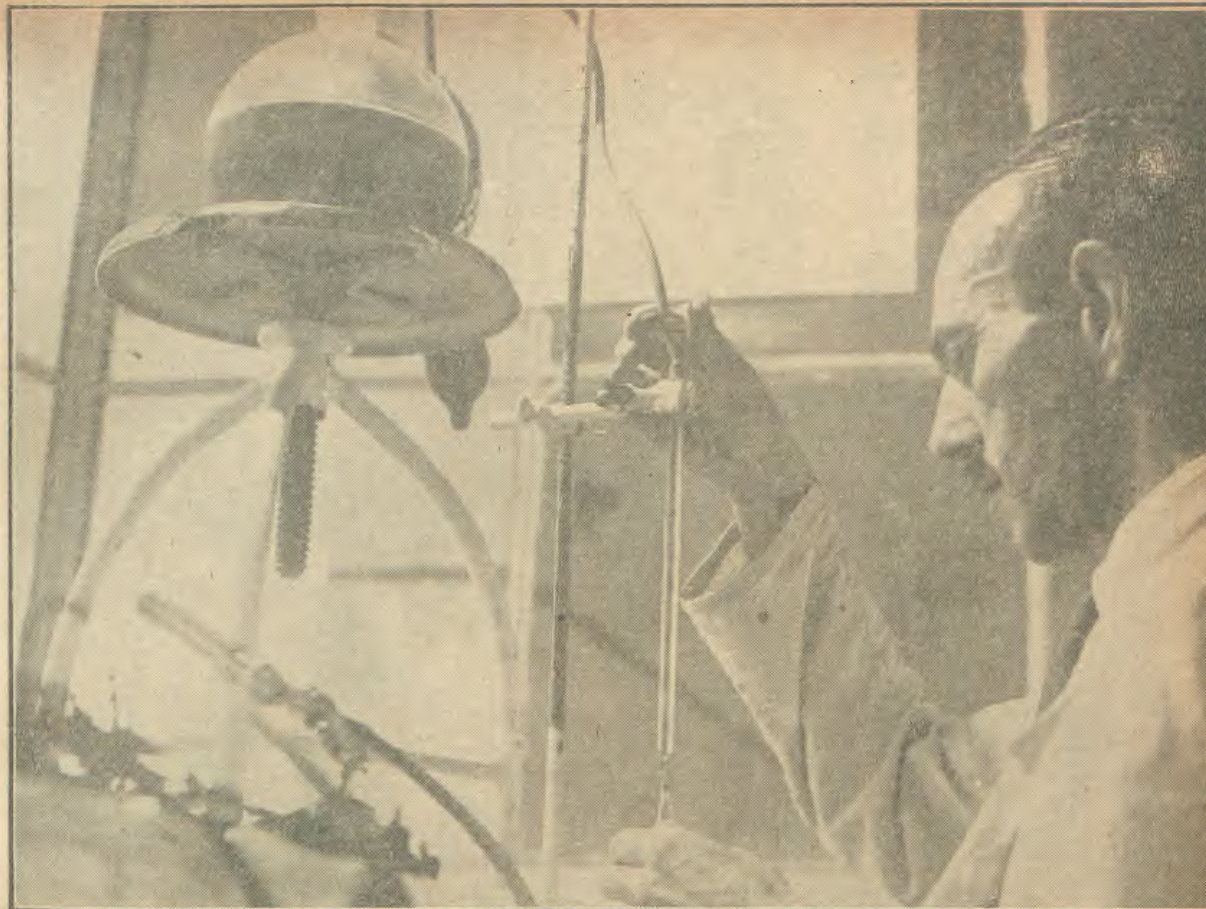
No Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais encontram-se, ao serviço da perfeição técnica de seus trabalhos, tudo que há de mais moderno em instrumentos e aparelhagem científica.

erguidos no Brasil ao progresso da ciência: — o Instituto Químico-Biológico de Minas Gerais.

Iniciativa realmente notável, a que o atual Governo Mineiro deu a melhor de sua atenção e o mais decidido apóio, dotando-o de primoroso aparelhamento técnico, ilustre corpo de profissionais, e tudo o mais que se faz mister para a concretização da grandiosa tarefa que lhe é reservada, vem o Instituto cumprindo à risca a sua missão, colaborando eficientemente para o progresso das pesquisas científicas, e cooperando em alta forma no combate às doenças do homem e dos animais.



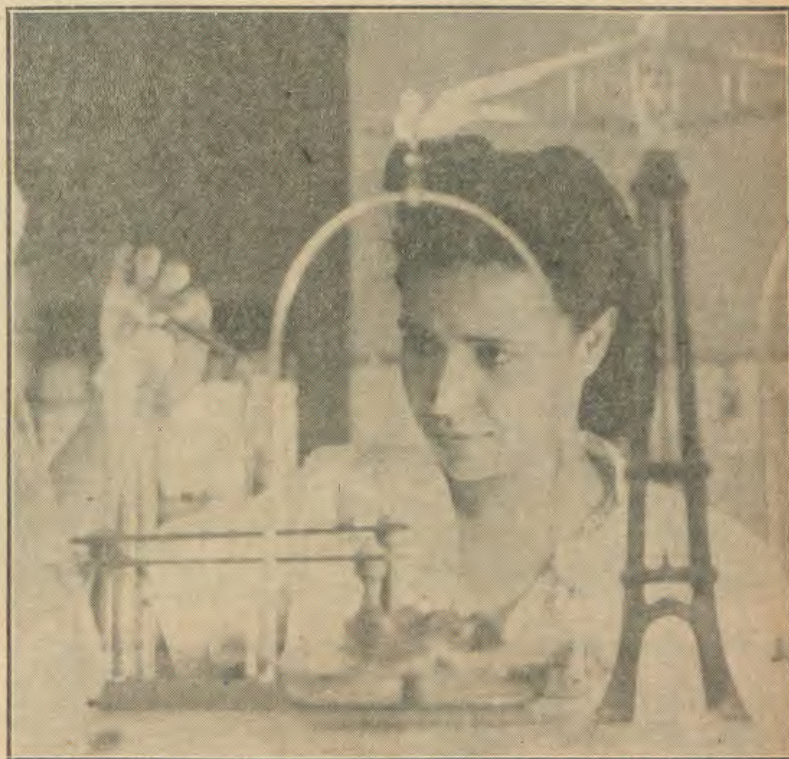
EXPERIÊNCIAS — Pelo que vemos, parece que este coelho, atento e espantado, não percebe a importância da inoculação que se lhe está fazendo. Detalhe curioso de experiência de laboratório no Instituto Químico-Biológico.



SÔRO ANTI-TETANICO — Há uma luz e um calor que não são solares nesta capela de distribuição de sôro anti-tetânico. Observem as rugas e as preocupações estampadas no rosto d'êste homem, atentamente mergulhado no trabalho, côncio de sua grande responsabilidade.

Em nossos vastos campos já se faz sentir a ação benfazeja dessa instituição, através dos medicamentos de alta classe por ela fornecidos para o combate às doenças que dizimam os rebanhos mineiros em épocas de pestes. Debelando surtos epidêmicos que poderiam ser de consequências funestas para a nossa economia, o Instituto está atuando proveitosamente para a defesa de nosso potencial econômico, que se situa, principalmente, na riqueza dos campos.

E assim se cumpre mais uma etapa de um largo programa de governo. De um governo que cuida efetivamente do bem público. De um governo que, sem alardes, mas com firme decisão, trabalha pelo engrandecimento do nosso Estado.



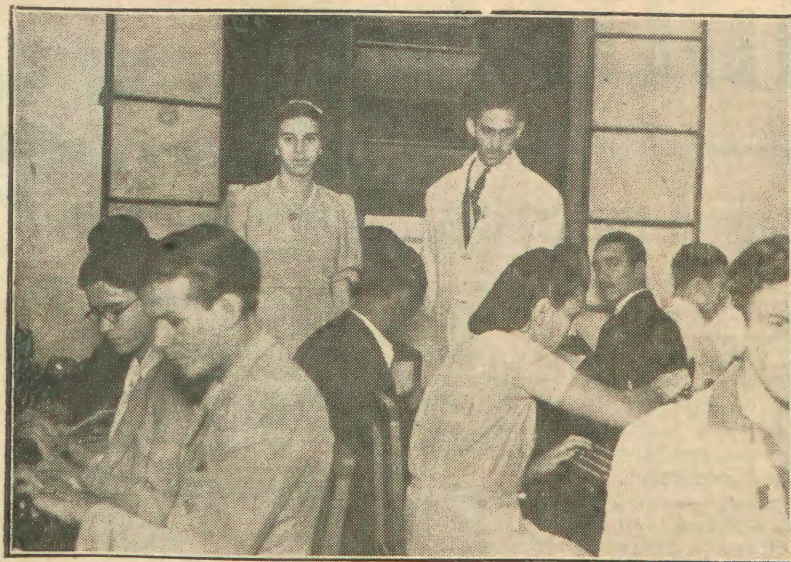
DIANTE DA BALANÇA — Na secção de Veterinária, uma funcionária pesa fragmentos da língua de um boi, utilizados no preparo da vacina contra a aftosa.



VERDE* CAMPOS TÃO DISTANTES... — Adeus, se dosas campinas tão verdes e tão distantes! Agora, para este cavalo, só existem o ruminar de tristezas nas cocheiras e as aplicações de toxinas ao longo de seu pescoço rebelde. Seus amigos nos campos eram muitos e deles o Instituto fez um só — o triste visinho da cocheira. Havia uma espantosa resignação nos olhos molhados deste cavalo, no momento que recebia a inoculação da toxina... O! meu cavalo branco, ontem selvagem filho das montanhas e hoje anônimo mártir da ciência.

F
I
M

ESCOLA DE DATILOGRAFIA "SANTA HELENA"



Flagrante de uma aula de datilografia na Escola "Santa Helena"

ACOMPANHANDO a evolução natural de Belo Horizonte, como grande centro comercial e industrial, surgem entre nós os bons estabelecimentos de ensino de datilografia, curso indispensável a quem deseje obter uma boa colocação nos escritórios, indústrias, e estabelecimentos bancários. E a Escola de Dactilografia "Santa Helena", recentemente reorganizada por seus novos diretores, os srs. Gr. José Geraldo de Faria e Hamilton Leite, ambos do quadro de professores do Colégio Anchieta, dá-nos idéia precisa da afluência de alunos que acorrem atualmente ao estudo de datilografia, desejosos de obter boa colocação na vida.

Em pouco tempo de funcionamento, a Escola já grangeou notável prestígio e reputação. Os métodos de ensino de

datilografia que vem aplicando têm dado os melhores resultados. Os alunos que já passaram pelo seu curso vão se revelando na vida prática excelentes profissionais.

E' hoje a Escola de Dactilografia "Santa Helena" a que conta com maior número de alunos nesta Capital. Funciona ininterruptamente das 7 horas da manhã às 22 horas. E nesse espaço de tempo passam pelas suas aulas centenas e centenas de moças e rapazes. A aprendizagem dos alunos é feita sob a orientação dos professores Maria Candida Martins e Elpiário Candido Martins, elementos que se vem dedicando a esse genero de ensino ha muitos anos.

O estabelecimento dispõe de quinze máquinas em ótimo estado, das marcas Remington, Underwood e Royal.

CURSO DE TAQUIGRAFIA

A direção da Escola, tendo em vista a utilidade dos conhecimentos de taquigrafia que, tanto quanto os de datilografia, são indispensáveis aos candidatos a empregos em escritórios, acaba de instituir um curso de taquigrafia. Esse curso é gratuito e a ele têm direito todos os alunos que frequentarem a Escola de Dactilografia "Santa Helena". O conhecido prof. João Fernandes, membro da Associação Taquigráfica Paulista e integrante do corpo docente do Colégio Anchieta, acha-se encarregado desse curso. As aulas serão ministradas em salas do Colégio Anchieta.

A instituição desse curso é mais um atestado da preocupação dos diretores da Escola de Dactilografia "Santa Helena" em proporcionar a seus alunos conhecimentos que os capacitem a ser futuramente profissionais eficientes e uteis a qualquer escritório.

O estabelecimento, que está localizado à Rua Carijós 408, 1.º andar, confere diplomas aos alunos que o desejarem, desde que se submetam a um rigoroso exame, durante o qual se verificará o seu perfeito preparo técnico.

O primeiro sabonete do bebê

deve ser o primeiro em Pureza e Qualidade

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, porisso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



Sabonete de Reuter

I-A

SR-1

*

TROVAS

E's minha cruz, és meu tormento
[infundo
neste mundo de treva e de aban-
[dono...
Por tua causa é que já vou pe-
[dindo
ao Senhor conceder-me o eterno
[sono...]

ALBERTINA
CASTRO BORGES

*

ARANHAS

A MAIORIA das aranhas é inofensiva para o homem, não falando da caranguejeira, que tem veneno mais forte. As demais distilam apenas um veneno que só serve para imobilizar a presa.

Mas em compensação a aranha preta e a aranha vermelha são muito prejudiciais para as plantas.

A primeira roe a raiz das cenouras e para acabar com ela é preciso fazer uma rega com água em que se derreteu sebo, em uma infusão de fumo ou de folhas de erva doce. A aranha vermelha ataca nas estufas as plantas delicadas; consegue-se afugentá-las com fumaça de fumo ou de enxofre, mas é preciso cuidado no emprego desta última, que pode prejudicar certas plantas.





PÁGINA *das* Mães

CORRIGENDA DE DEFEITOS

AS MÃES DEVEM SABER

(Preceitos da S.^a N. E. S.)

CENAS QUE PREJUDICAM

Atos de intimidade praticados na presença das crianças têm influência prejudicial na formação da personalidade, em grau maior do que se pode supor.

COMPLACÊNCIA NOCIVA

As crianças muito mimadas são quase sempre teimosas, desobedientes, agressivas, "respononas". Satisfeitas em todas as vontades, tornam-se rebeldes e grosseiras quando qualquer coisa lhes é negada.

PROTEÇÃO QUE PREJUDICA

A criança mais nova é sempre escolhida para os agridos das pessoas de casa. Os irmãos ficam em segundo plano e toda divergência é resolvida em favor do "cagula". Cria-se, assim, despeitos, queixas, ressentimentos prejudiciais à amizade e harmonia entre irmãos.

DIANTE DA CURIOSIDADE

Deixar de satisfazer a curiosidade da criança tem efeito maléfico sobre a saúde de seu espírito. Enganando-a, reprimindo perguntas ou deixando-as sem resposta, prejudica-se a formação de sua personalidade e seu ajustamento à sociedade.

PREVENDO A VIDA FUTURA

A criança precisa habituar-se desde cedo a participar da vida. Brincando, divertindo-se com outras crianças, é que adquire melhor compreensão das coisas e das pessoas.

EVITANDO OS "DO CONTRA"

É muito pernicioso, para as crianças, o contacto com indivíduos que, sistematicamente, se manifestam contra tudo e contra todos. Forma-se nelas um sentimento falso em relação às pessoas e coisas, pois se acostumam a ver somente defeitos e má fé nos que as cercam. Tornam-se desconfiadas, maldizentes e candidatas a sérias perturbações mentais.

NÃO se corrigem os defeitos da criança, quer sejam físicos quer morais, não se corrigem por meio da crítica, pelo recurso, comumente usado, de apontá-los a toda hora, de fazer sentir à vítima deles de que são portadores de tais falhas. O motivo por que não devemos atuar de tal maneira surge com evidência. Um defeito acarreta um complexo de inferioridade, uma causa permanente de nos sentirmos sempre humilhados por ele. Assim admoestar a criança devido a suas falhas é mostrar-lhe que é diferente das outras, que não pode competir com elas, que possui um tropêgo para a vitória.

Além disso, em consequência de serem os meninos ignorantes de seus atos, acontece que são levados a trocar de companheiros defeituosos, recorrendo a apelidos, a brincadeiras e a chufas oriundos de tais inferioridades.

O professor e os pais devem ficar atentos a tais aspectos da educação, afim de poderem evitá-los.

A atitude aconselhada nesses casos, muito mais comuns do que parece, é, primeiro, não dar nenhuma importância ao "deficit" do filho ou do aluno e, segundo, quando se fôr forçado pelas circunstâncias a considerar o mal, mostrar que aquilo não vale nada e, se possível, indicar até as vantagens advindas da lacuna existente. Por exemplo: — se uma criança é raquítica, pequenina, atrofiada, provar-lhe que muitos grandes homens foram assim e pode-se até mentir, que não faz mal. Pode-se, deve-se até dizer que isto é um sinal de grandeza humana. Por esta maneira, transforma-se uma causa de pesar íntimo e permanente em um motivo de validade e de orgulho. Em tudo o mais se agirá do mesmo modo.

Para a corrigenda do defeito, a ação do preceptor ou dos pais será astuciosa ou hábil, de modo que o menino não perceba que está sendo emendado.

Lembrar-lhe porém a sua inferioridade, como se costuma fazer, isto é um erro grave, de consequências desastrosas, as quais perderam toda vida, influndo poderosamente, às vezes mesmo de maneira decisiva sobre a conduta da criatura, deficitária.

Em resumo: — é preciso, com toda paciência e todo tato, encarecer o lado bom das falhas apresentadas pelas crianças, corrigindo-as sem que elas o percebam.

* * *

RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL NAS CRIANÇAS

QUANTAS vezes acontece à criança perder o folego, ficar roxa durante muito tempo sem voltar a si. As pessoas que cuidam das crianças devem aprender o meio de fazer a respiração artificial, pois, nem sempre há um médico à mão e a vida da criança pôde depender disso.

É o método em questão é o seguinte: Sem perda de um momento, deita-se a criança de costas numa mesa ou superfície plana; se fôr possível numa superfície inclinada, os pés mais altos do que a cabeça. Tira-se a roupa do pescoço e do peito e despe-se até o estomago; e não se conserve nada amarrado na cintura. Levanta-se os ombros, não a cabeça, com uma pequena almofada ou qualquer pano dobrado colocado debaixo das espaldas. Uma outra pessoa deve puxar para fóra a língua da criança e conservá-la nessa posição. É melhor segurar com um lenço para não escorregar dos dedos. Fica-se um pouco distante da cabeça da criança ou ajoelha-se, se ela estiver deitada no chão, e tendo-a segura pelos ante-braços logo abaixo dos cotovelos, levanta-se os bracinhos para cima, para fóra e para frente, com um movimento rotatório, fazendo o cotovelo tocar no chão; depois, deve-se puxar os braços dobrados, de vagar, para a frente, para baixo e para dentro e apertá-los fortemente, assim como os cotovelos sobre o peito em ambos os lados do osso do peito (sternum).

HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

AMPARANDO E FOMENTANDO
A ECONOMIA DO ESTADO!



SUCURSAL DE BELO HORIZONTE

CIFRAS EXTRAIDAS DO RELATÓRIO REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 1944

MOVIMENTO GLOBAL

	Cr\$
Em 1936 . . .	405.701.746,04
Em 1944 . . .	3.425.006.004,50

DEPÓSITOS

	Cr\$
Em 1936 . . .	98.567.149,13
Em 1944 . . .	1.067.096.822,70

EMPRÉSTIMOS

	Cr\$
Em 1936 . . .	120.257.626,00
Em 1944 . . .	952.025.445,80

COBRANÇAS

	Cr\$
Em 1936 . . .	25.448.062,29
Em 1944 . . .	459.849.364,00

ÍNDICE DE EXPANSÃO

Nos últimos 8 anos, foram estas as percentagens do índice de crescimento do Banco de Crédito Real de Minas Gerais:

Capital	280%
Reservas	293%
Movimento global.	845%
Depósitos	1.083%
Empréstimos.	925%
Cobranças	961%
Valores em custódia	260%
Agências e sucursais	274%
Funcionários	471%

BANCO DE CREDITO REAL DE MINAS GERAIS

SÉDE EM JUIZ DE FÓRA

SUCURSAIS NO RIO DE JANEIRO, EM BELO HORIZONTE E SÃO PAULO

AGÊNCIAS EM QUASE TODOS OS MUNICIPIOS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

MARIA! SAE DA LATA



MARIA

**AZEITE DE OLIVA
E ÓLEO DE AMENDOIM**

"OLEO MARIA" é um esmerado produto das "INDUSTRIAS J.B. DUARTE" de São Paulo

REPRESENTANTE E INSPETOR: — M. AGUIAR

RUA TREMEDAL, 156 — FONE 2-1898 — BELO HORIZONTE

FAZENDAS, MAQUILAGENS E CORES

CONCLUSÃO

à silhueta uma aparência mais volumosa. A côr bege adelgaça e, portanto, não deverá ser usada por pessoa magra. O estampado *branco e preto* também afina o corpo, não sendo pois, aconselhável às magras. As grandes flôres são adequadas a êsse tipo de mulher. Os estampados vistosos, os babados, as saias rodadas, os franzido, as sobresaías, os boleros, os drapeados e tôda série de fantasias poderão ser usadas em abundância.

As *mulheres normais*, essas podem usar de tudo, chamamos mais uma vez a atenção para a escolha das côres. A côr do vestido deve sempre combinar com a cutis e não a cutis com a côr do vestido.

D. DINIZ

COM Afonso III foram de França para Portugal escribas, mestres iluminadores e pintores de manuscritos. Começaram a copiar-se febrilmente, nos mosteiros de São Bento e em Santa Cruz de Coimbra, as obras de Aristóteles e de Avicena. Nos arquivancos do convento, presas a grossas cadeias de ferro, abriam-se já as sumas dos doutores da Igreja e a novelas do ciclo bretão. A realeza bárbara espiritualizara-se. Sob as mãos nervosas desse príncipe, francês por adoção e por feltio, Portugal criara necessidades e ambições intelectuais.

O Rei D. Diniz, educado pelo bispo de Cahors, elegante e culto, erudito e poeta, é já o símbolo vivo dessas tendências e a expressão de um novo estado de consciência nacional. Rodeia-se de artistas e de sábios. O ilustre Durando Pais, prior de Santa Cruz; o abade de Alcobaga, Frei Martinho; o velho Américo d'Ébrard; o douto capelão Gil Peres, que traduz do árabe a *História do Mouro Razis de Córdova*, são os seus mestres e os seus amigos.

Lêem, debruçados sobre a mesma arca onde espande o ouro das iluminuras, os versos da *Branca Flor* e do *Tristão e Isolda*.

Devoram volutuosamente os livros, caros como jóias, que lhes trazem da Itália os mercadores genoveses. A idéia da instituição de uma Universidade é a consequência lógica desta excitação intelectual.

Tinham-na Bolonha e Montpellier, Avinhão e Tolosa, Salamanca e Paris. Porque não a teria Lisboa? De repente, criam-se rendas para os mestres e doutores; obtem-se de Nicoláu IV a bula confirmatória; estatuem-se privilégios e isenções aos escolares; nomeiam-se leitores de leis e cânones, de medicina e de gramática, de lógica e de música, — e em breve, junto da Porta da Cruz, a par da Pedreira, nas casas da Moeda Velha, cedidas pelo rei, às Escolas Gerais de Lisboa, surgem, duplamente sagrados pela bênção dum Papa e pelo orgulho dum povo.

✱

SINGULAR COSTUME

UM singular costume caracteriza a cerimônia do casamento entre os camponios gregos. Quando a noiva chega em casa do noivo depois da cerimônia do casamento, ela unta de mel o centro da porta; afastando-se então um pouco, atira uma romã naquele ponto até parti-la. Se as sementes não se colam à porta é considerado muito mau augouro.

UMA FIGURA MARCANTE DE PIONEIRO

JACINTO MARCELINO FERREIRA E A SUA MAGNÍFICA ATUAÇÃO NO MERCADO DE IMOVEIS DA CAPITAL — O ANIVERSÁRIO DO PRESTIGIOSO "BUSINESS-MAN"

BELO HORIZONTE, ao mesmo tempo que evolui assumindo aspectos de uma grande metrópole, vê surgir, como seria de se esperar, no seu parque econômico engrandecido e próspero, as grandes figuras dos modernos capitães de negócios, os homens que por sua alta visão e claro descortínio, assumem a liderança de suas diversas atividades profissionais e técnicas.

Assim acontece, por exemplo, com Jacinto Marcelino Ferreira, figura impar de "business-man", aliada aos dotes de um perfeito cavalheiro. Especializando-se no ramo de imóveis, de que se tornou um dos mais legítimos pioneiros em nossa Capital, Jacinto Marcelino Ferreira, por sua primorosa inteligência, sua bela visão e seu profundo conhecimento do nosso meio e de suas tendências progressistas, impôs-se desde logo em nosso movimentado mercado de imóveis, como um grande líder.

Orientando os seus negócios dentro do mais sadio espírito de cooperação e honestidade para com a sua vasta clientela, tem sa-



Jacinto Marcelino Ferreira

bido êle ainda criar uma série de negócios do maior interesse para a vida da Capital, preparando os

alicerces de verdadeiros bairros, novos e magnificamente localizados para o estabelecimento de zonas residenciais, como acontece agora com o "Bairro Universitário", na Pampulha, cujos lotes estão sendo vendidos a preços muito módicos, sem embargo de constituírem uma das mais interessantes ofertas de terrenos surgidas ultimamente entre nós, tanto pela excelente localização e situação topográfica dos mesmos, como pelo notável futuro reservado aos seus terrenos.

Ao ensejo de seu aniversário natalício, ocorrido no dia 27 de fevereiro último, recebeu o Sr. Jacinto Marcelino Ferreira as mais inequívocas demonstrações da simpatia e do apreço em que é tido em nosso meio social. Amigos e admiradores do grande líder do nosso mercado de imóveis, acorreram a prestar-lhe o tributo da estima e da admiração a que êle faz jus, não apenas por suas proclamadas virtudes de cidadão e homem de negócios, como ainda pelas suas qualidades de coração que o tornam uma das figuras mais benquistas da cidade.

TIRO AO VÔO

Junto dessas magníficas vertentes,
Mais negro é o crime e mais covarde o gesto!...
Porém, bem sei, não toca o meu protesto
Os vossos corações indiferentes...

Nenhum valor ao vosso "sport" empresto!
— Nesta ceifa de vidas inocentes,
Em vós, do homem primeiro, ainda jacentes,
Guiam os fluidos vosso braço lésto!

Que pena, ó Pai, eles não o sintam como
Eu o sinto neste vale!... e o mesmo assômo
De gratidão não lhes transborde em haustos!

Nada lhes atenua a indiferença...
Perdoareis melhor, de rude crença,
A dádiva pagã dos holocaustos...

ANITA CARVALHO

ALTEROSA * MARÇO DE 1945

Fotogravura Minas Gerais Ltda.

Rua Tupinambás, 905
Belo Horizonte - Minas
TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO
E PRESTEZA NA
EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICROMIAS E DOBLÊS
CLICHÊS EM ZINCO E
COBRE — APARELHAMENTO
MODERNO E COMPLETO

A VENDA AVULSA DE "ALTEROSA" NO RIO E SÃO PAULO

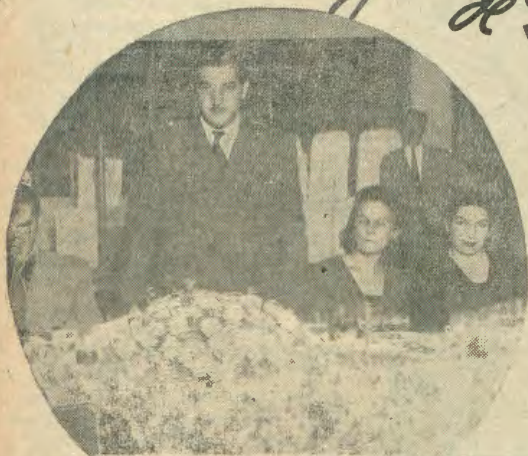
Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, a partir do dia 1.º de cada mês, nos seguintes pontos: Galeria Cruzeiro (em ambas as bancas), Loja 13 da Estação D. Pedro II, Livraria Freitas Bastos e bancas adjacentes.

Em São Paulo, na Agência Siciliano.

LEIAM ERA UMA VEZ...

A REVISTA INFANTIL MAIS BONITA DO BRASIL

A homenagem ao novo Prefeito de SETE - LAGOAS



ESTENDERAM-SE até a nossa Capital as homenagens prestadas ao dr. Emilio Vasconcelos Costa, por motivo de sua nomeação para o cargo de Prefeito de Sete Lagoas.

Reunidos em um grande banquete que teve lugar no Minas Tennis Clube, a colonia setelagoana de Belo Horizonte, e figuras de alta representação na sociedade local, prestaram ao jovem e estimado prefeito do grande município do centro mineiro significativa homenagem, demonstrando, assim, as fagueiras expectativas que se abrem ao futuro de Sete Lagoas, com a sua nova administração.



Aspecto fixado quando falavam o prefeito Emilio Vasconcelos Costa, e o Dr. Valdemar Costa

Usou da palavra, durante o ágape, o dr. Exaltino Marques de Andrade, que saudou o novo Prefeito. Seguiram-se com a palavra os drs. Valdemar de Oliveira Costa e Alonso Marques Ferreira, que ergueram o brinde de honra ao Governador do Estado e ao Presidente da República, agradecendo o dr. Emilio Vasconcelos Costa.

Na página, apresentamos alguns expressivos flagrantes colhidos pela objetiva de ALTEROSA durante o banquete.



O Dr. Alonso Marques, quando proferia o seu discurso.

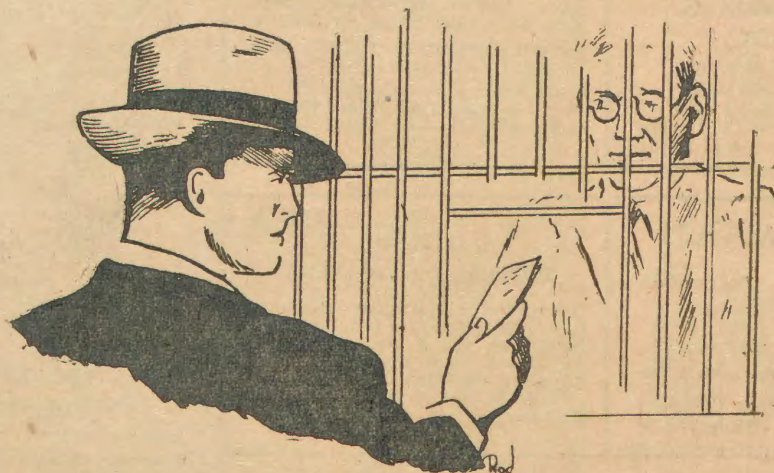


Grupo feito após o banquete realizado no Minas Tennis Clube, vendo-se o prefeito Emilio Vasconcelos Costa, entre figuras representativas da sociedade sete-lagoana e da Capital.

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

DE

MINAS GERAES



OS DEPOSITOS SÃO GARANTIDOS PELO
GOVERNO FEDERAL E RENDEM BONS JUROS

RETIRADAS POR MEIO
DE CHEQUES

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE MINAS GERAIS

RUA TUPINAMBÁ'S 462 • BELO HORIZONTE

SUCURSAIS: JUIZ DE FORA, POÇOS DE CALDAS E UBERABA

FILIAIS: NOVA LIMA, MURIAE', POUSO ALEGRE, VARGINHA, BARBACENA

S. JOÃO DEL REI, OURO PRETO E UBERLÂNDIA

TROVAS ESCOLHIDAS

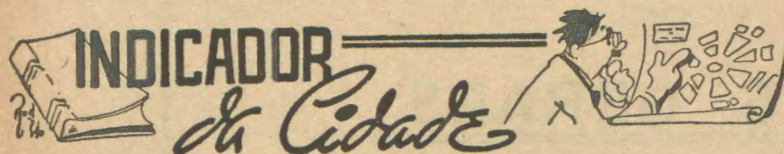
*

ALBERTINA
CASTRO
BORGES

Perto de ti, meu anjo idolatrado,
de tão contente eu já não sei falar:
meu pulso fica logo acelerado
eu só sinto vontade de chorar...

Numa igreja, devoto, ajoelhado,
encontrei-te, querido, a vez primeira;
e, desde então, só tenho desejado
que assim te possa ver a vida inteira..

* * *



INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS
Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
— Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS COR-
REA, JOSE' DO VALE FERREIRA,
RUBEM ROMEIRO PERÉT, MA-
NOEL FRANÇA CAMPOS
Escritório: Rua Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fo-
ne: 2-2919

DR. OSCAR MATOS

Moléstias internas — Tuberculose

Consultório: Av. Afonso Pena, 952,
Edifício Guimarães, 3.º andar, Sa-
la 317 - Fone 2-1065 — Residên-
cia: Rua Outonp, 267 - Fone 2-5639

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO
DIGESTIVO

Diagnostico e tratamento das mo-
lestias do estomago, intestinos, fi-
gado, pancreas e vesícula biliar.
Consultório: Ed. Cruzeiro — Av.
Afonso Pena, 774 — 5.º andar —
Salas 504-506 — De 1 às 3.30
Residência: Rua Guarani, 268 —
Fone: 2-6067.

Dr. Raimundo Candido

ADVOGADO

Escritório: Afonso Pena, 759 —
Sala 8 — Das 15 às 17 horas,
exceto aos sábados. Residência:
Curitiba, 430 — Fone: 2-2936.

DR. J. ROBERTO DA CRUZ

Cirurgião-dentista

Tratamento das afecções buco-
dentárias e maxilo-faciais. Tumo-
res, quistos, granulomas, necroses
dos maxilares, estomatites, sinusí-
tes e fistulas crônicas e recentes
de origem dentária, extrações, etc.
Fisioterapia.

Consultas de 8 às 12 e de 4 às 6
horas — Ed. Rex — Salas 607 e
608 — Hora Marcada: Tel. 2-7976
— Rua Carijós, 436 — 6.º andar.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba
— Rua Rio de Janeiro, 430 —
Sala 121 — 12.º andar — Tel.
(res.) 2-2544 — B. Horizonte

CASA DE SAUDE "SANTA HELENA"

CLINICA MÉDICO-CIRÚRGICA

Hospital aberto a todos os médi-
cos da Capital e do Interior.

DIRETORES: Drs. Antônio Aveli-
no Pinheiro, Jarbas Gomes e Eli-
sio Menezes de Oliveira

Av. Santos Dumont, 260 — Fone
2-7722 — Belo Horizonte

A HOMEOPATIA

EM

BELO HORIZONTE

*

Consultorio e residencia: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTECIPADA, pessoalmente ou pelo
telefone: 2-3212

DR. WILSON ATAB

Médico especialista — Cursos de
Medicina Alopática e Medicina
Homeopática, pela Universidade
do Rio de Janeiro — Do Serv.
Clin. do Prof. Galhardo, do Rio
— Membro do Inst. Hahnem
do Brasil.

A MÁQUINA DE ESCREVER

A MÁQUINA de escrever, como a
sua aliada — a estenografia
— é muito mais antiga do que se
supõe. A primeira máquina cons-
truída foi feita por um inglês
Henri Mill que tirou a patente em
1814. A segunda patente de que
se tenha lembrança foi concedida
em 1841, em França, a um cego,
Pierre Foucault, cuja máquina foi
adotada em toda a França.

A primeira patente para uma
máquina baseada no princípio de
tipos de barra remonta a 1856,
mas competiu a um americano
C. Z. Sholes, a glória da máqui-
na que em 1873 foi apresentada
nos mercados pelos Srs. Remin-
gton & Sons, construtores de ca-
nhões, e que imediatamente re-
volucionou o sistema de corres-
pondência mundial.

*

O PODER DAS MÃOS

É SURPREENDENTE ver-se o
poder das mãos para signifi-
car as nossas intenções: não só
demonstram mas exprimem os nos-
sos pensamentos, como acontece
com os mudos que dão a conhe-
cer só por elas tudo o que que-
rem.

Com as mãos chama-se, repe-
le-se, exprime-se regozijo ou so-
frimento; indica-se o silêncio e
o ruído, a paz e o combate, a pre-
ce e a ameaça, a audácia e o te-
mor; afirma-se ou nega-se, ex-
põe-se e enumera-se.

As mãos raciocinam, discutem,
aprovam, adaptam-se enfim a tô-
das as direções da nossa inteli-
gência. Sejam pois sempre em-
pregadas de um modo decente;
não se nota nelas nenhum movi-
mento estranho; sejam ágeis, há-
beis, aptas a tudo fazer sem em-
baraço, sem esforço nem moleza.

Este trecho é tirado de uma
obra de Mathieu Palmieri que
morreu no século XV, na idade
de 75 anos.

AZEITE OU OLEO — VIDA
é o preferido por ser o me-
lhor. Sementes de amendoim se-
leccionadas.



SOCIAIS

Constituiu um acontecimento de destacado relêvo social o casamento do Sr. Irineu Moraes, diretor-gerente dos Laboratórios Osorio de Moraes, desta Capital, com a Senhorita Irene de Melo Moreira.

Contando com um vasto círculo de relações em nossa melhor sociedade, onde gozam de geral estima e apreço, os noivos foram muito cumprimentados, durante a cerimônia religiosa que teve lugar na Igreja de Lourdes, no dia 7 de fevereiro último. O templo achava-se lindamente ornamentado, notando-se a presença de numerosas pessoas das famílias dos nubentes e grande afluência de elementos de destaque social na cidade.

Paraninfaram a cerimônia, por parte da noiva, o Sr. Osório de Moraes e sua Exma. esposa, D. Maria Luíza de Moraes, no ato civil; e o Sr. Antônio de Melo Moreira e a Srta. Amélia Moreira, na cerimônia religiosa. Por parte do noivo, serviram



Seu marido não deve bocejar, não deve arrebatá-lhe a revista e principalmente não deve ir para a rua... quando a sra. está lendo. Seu marido deve ler, como a sra. Deve ler a Revista PUBLICIDADE, uma publicação para o homem de negócios.

Lembre-se: sempre que pedir uma revista feminina para a sra., peça também o último número da Revista PUBLICIDADE para seu marido, seu noivo ou seu namorado.



A ASSINATURA ANUAL CR\$ 50,00

Revista PUBLICIDADE
Caixa Postal, 3748 — RIO

Peço enviar ao sr. _____

à rua _____

Cidade _____

Estado _____

uma assinatura anual da Revista PUBLICIDADE.

Ele pagará depois de receber o primeiro exemplar (se ficar satisfeito)

de padrinhos, no ato civil, o Sr. Julio Luiz Moreira e sua Exma. Espósa, D. Pedrina de Melo Moreira; e, na função religiosa, o Dr. Mário de Moraes e sua Exma. Espósa, Senhora D. Floricena de Faria Moraes.

O flagrante que estampamos foi fixado durante o ato religioso, que teve lugar na Igreja de Lourdes.

*

IMAGENS

A luz morta de uma vela...
Um jardim sem uma flor...
Sem sinos — uma capela...
Sem olhos — um bom pintor...
— Eis aí a minha vida,
longe de ti, meu amor...

LUIZ OTAVIO



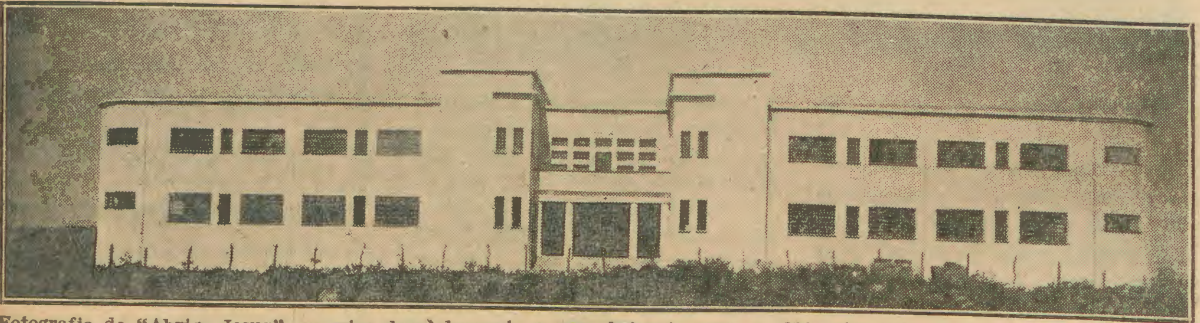


Notas Sociais

MAIS ENFERMEIRAS PARA O SERVIÇO DO BRASIL — Grupo coihido por ocasião da solenidade da entrega de diplomas a mais uma turma de Voluntárias Socorristas formadas pelo Curso de Emergência mantido na Capital pela Cruz Vermelha Brasileira. Cercados pelas diplomandas, aparecem também o seu paraninfo, Dr. Luiz Martins Soares, e o presidente da Cruz Vermelha em Minas Gerais, Coronel Herculano Assunção.



Tomou posse em Fevereiro ultimo, a nova diretoria da prestigiosa Sociedade Mineira de Engenheiros, em solenidade que contou com o comparecimento das figuras destacadas da nossa sociedade. O clichê fixa um grupo dos novos diretores da conceituada agremiação de classe, presidida pelo dr. Mário Werneck de Alencar Lima.



Fotografia do "Abrigo Jesus", em vias de acabamento e que abrigará cerca de 200 criancinhas órfãs de amparo.

A "FESTA DAS CHAVES" NO ABRIGO JESUS

Ao ensejo da passagem do 5.º aniversário de lançamento da pedra fundamental do Abrigo Jesus, no dia 4 de fevereiro último, essa benemerita instituição fêz realizar a "Festa das Chaves", no edifício de sua construção, à Rua Costa Sena, final da linha de bonde Avenida Progresso.

A solenidade, que teve o comparecimento de avultado número de pessoas de destaque em nossa

sociedade, e de toda a diretoria da benemerita instituição, consistiu de um lindo festival artístico, no qual tomaram parte a professora Eugênia Bracher Lobo e algumas de suas alunas, a Sra. Léa Delba, que executou solos de canto, a professora Vitória de Leon Greco, que realizou diversos números de bailados, e os laureados maestros George Marinuzzi, Pedro de Castro e senhora.

Falaram durante a sessão solene o Sr. Osório de Moraes, presidente do Abrigo Jesus, e D. Maria Filomena Aluoto, tendo a prece inicial sido feita pelo Professor Cícero Pereira, e a de encerramento pelo Dr. César Burnier Pessoa de Melo.

A organização da parte artística do festival esteve a cargo do Departamento de Ação Social da "Casa de Betânia".

AS CABELEIRAS MATRI-MONIAIS

EM Corfú, logo que uma rapariga fica noiva começa a usar uma basta cabeleira postíça repartida de um lado da cabeça e trançada com tiras de pano vermelho.

Essa cabeleira é assim usada durante toda a vida de casada, e passa de geração em geração.

*

O TRABALHO

A SAÚDE, o dinheiro e o amor nos proporcionam prazeres e nos asseguram a felicidade — mas as maiores alegrias da vida são as que nos dá o trabalho.

O homem quando come nem sempre é belo, o homem que chora é às vezes feio, o homem que ama é às vezes grotesco o homem que morre é de ordinário horrível, mas o homem que trabalha nunca é ridículo.

Amolando uma faca, compoendo uma valsa, segando um campo, engraxando botinas, ou pintando uma parede, seu gesto é natural e nunca é vulgar.

*

O ALVO IDEAL

O maior perigo para um artista é alcançar muito rapidamente a meta que tinha proposto a si mesmo.

E penso que é bom colocar esse alvo tão alto, tão longe, que não se possa nunca atingi-lo.

Com efeito, é perigoso estar-se no cume do que quer que seja, porque um cume é sempre muito pequeno — e não se pode ficar nêle. Se se pudesse ficar não seria mais um cume, e, como não se deve descer, é preferível subir sempre, sempre...

*

PARA VIVER CEM ANOS

SEGUNDO os japoneses para viver cem anos, é preciso seguir esta norma:

- 1.º — Levantar-se e deitar-se cedo.
- 2.º — Dormir seis ou sete horas num quarto completamente escuro com janelas abertas.
- 3.º — Passar a maior parte do tempo possível ao ar livre.
- 4.º — Comer carne uma só vez ao dia.
- 5.º — Beber pouco chá e café, abster-se do fumo e do álcool.
- 6.º — Tomar um banho muito quente todas as manhãs.
- 7.º — Não usar sedas e vestir roupas de pano pesado.
- 8.º — Consagrar um dia da semana ao repouso, e nesse dia, não ler nem escrever.
- 9.º — Evitar os lugares muito quentes, sobretudo se forem aquecidos pelo sistema de calorífero central.
- 10.º — Restaurar os órgãos que se consomem com a idade, comendo órgãos semelhantes tomados dos animais.



ABAT-JOURS

Material elétrico em geral — Aparelhos de iluminação — Instalações elétricas

NOVIDADES

CASA ELECTRA

Fundada em 1927

Sady Laborne & Cia. Ltda.

RUA SÃO PAULO, 380 — Fone 2-2220
BELO HORIZONTE

* * *

Não mande dinheiro!



PAGUE AO RECEBER A ENCOMENDA!



SAPATO RODA

só Cr. \$25.00

LAVÁVEL

LEVISSIMO

SOLA DE COURO

NÃO PERDE A FÔRMA

DURABILIDADE EXTRA



Enviamos para qualquer parte do país, o sapato aqui anunciado, para pagamento ao Agente do Correio na ocasião da entrega. Cores: MARRON - AZUL - BRANCO. Faça o seu pedido HOJE MESMO, especificando numero e cor preferida.

DISTRIBUIDORA COMERCIAL

A SERVIÇO DO INTERIOR CAIXA POSTAL, 206-A - S. PAULO

GARANTIA
Devolveremos o dinheiro caso o cliente não fique satisfeito



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE MÂRÇO DE 1945

Léxicos adotados: — Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Fonseca e Roquete, os dois volumes; Chompré; Seguler; Breviário; Monossilábico, de Japiassú e Provérbios, de Lamenza.

Prêmio: Uma obra literária, oferecida por ALTEROSA

CHARADAS n.º 1 a 8

1 — Experimenta e verás que, para se compreender qualquer coisa difícil, é necessário fazer grande esforço. — 2-1.

JAM — Capital — B. S.

2 — Cachaça não é bebida de gato. — 2-1.

ZIGOMAR — B. B. — Capital

3 — Este aprendiz, tanto martelou o espinho na bigorna, que acabou tendo grande afeição pela filha do ferreiro — 2-1.

DÂNGELO — Itauna

4 — A nossa autoridade aqui é pessoa íntima — 2-1.

JOSÉ SOLHA IGLÊSIAS — Brumadinho

5 — O oficial de justiça tem garbo até para andar de um para outro lado — 3-1.

AUDAS — Passos

6 — Por um desgosto profundo
Teu coração foi ferido?

— Disfarça o pranto. E que o mundo
Jamais te julgue ofendido. 2-1.

FILISTEIA — Inhaúma

7 — Do feitio d'uma bilha,
Com um jôgo de corpo tal,
Eis o Jairo, charadista,
Baixo e gordo, sem igual. 2-2.

JUSTO — B. S. — Capital

8 — Esta agora é de colhér,
E' de quem pagar o pato;
Como o sol em rosicler
Tem o nome de um rato. 2-1.

CHICO SALES — Carmo do Rio Claro

ENIGMAS N.º 9 e 10

9 — Não encontrando o tal "X" do questão
Nos "trinta e três centímetros" marcados,
Soltou a pobre "mulher" raivosos brados
Como se o lar fosse lançado ao chão.

MOEMA — Boturobi

(Ao Jota, agradecendo a minha parte em seu "poema")

10 — O meu todo — gravem bem,
oito letras, nada mais:
quatro consoantes contém,
outras tantas vogais.

Uma "mulher" ali emite,
cinco letras tão somente;
mostrando logo o seu it,
aos olhos de toda gente.

Na mulher vamos guardar
um "grupo consonantal";
p'ra sexta letra encontrar,
temos "segunda vogal".

Estando tudo já explicado
em este pequeno esquema,
só resta ser encontrado
um eletrizante "POEMA".

RAUL SILVA — Pará de Minas

ANGULARES SILÁBICAS N.º 11 e 12

11 — De tão avarento que era
Aquele homem gordo e baixo,
Habitava uma tapera
Que estava p'ra vir abaixo.

O sovina mal comia
Só passava a "bolo frito".
P'ra fazer economia
Ficou magro qual palito.

JAIRO — B. S. — Capital

12 — "Mulher" loura que desejava
Numa senzala ir morar
E que a falar rumoreja,
E' louca p'ra namorar,
Não serve para casar...

MOEMA — Boturobi

LOGOGRIFO N.º 13

Eu sou cantor da natureza vária.
Canto suas riquezas e fulgor — 6-2-5.
Na minha lira querula de páfia.
Canto, entre angústias, aflicção e dôr.

Eu amo a natureza, aberta em flôr,
Jorrando vida e luz, cantando ária.
Amo e vivo a bradar: "Viva el amor!" 1-4-2.
Amo a vida bravía e solitária.

Quando pela manhã surge a aurora,
A rôla vóá, canta o rouxinol,
Dando um sinal à madrugada afora; — 4-3-7-2.

E eu vou lendo, nas cores do arrebol,
O matiz lindo com que Deus decora — 6-2.
A flôr, o céu, o mar e O SOL.

JAMIL — B. S. — Capital

SIMBÓLICO N.º 14



A



ZIGOMAR — B. B. — Capital

CORRESPONDENCIA

SILVIO ALVES — RIO DE JANEIRO — Muito grato pela visita, que me fez por carta de 27 de janeiro último. Já restabelecido, felizmente, estou voltando à atividade total. Mais uma vez, agradecido.

EDPIM — RIO — Formulo sinceros votos para que obtenha pleno êxito em Pernambuco, para onde vai se mudar. Espero que de lá do norte continue a colaborar nesta seção.

SERTANEJO II — CAPITAL — Se há alguém que deva agradecer, esse alguém sou eu.

ZIGOMAR — CAPITAL — Maior satisfação é a minha, de ter concorrido para que o distinto e particularmente estimado confrade tenha podido satisfazer a um desejo.

DR. JOMOND — ITAÚNA — Fico ciente de que já está recebendo a assinatura de ALTEROSA que lhe coube por prêmio e agradeço a visita que me fez por carta de 24 de janeiro último.

DÂNGELO, MAGUS e JAMIL — Recebidos os trabalhos.

JAIRO, JAM, JAMIL, JOTA, JUSTO, VICO e SERTANEJO II — Recebida a lista de soluções correspondentes ao torneio de fevereiro.

RETIFICAÇÃO — Torneio de fevereiro. A charada n.º 1 é de 4-2 sílabas, e não 3-2. Fica, entretanto, aceita a solução encontrada pelos charadistas acima nomeados, que já mandaram suas listas levando em consideração o erro verificado. A charada n.º 6 é de autoria do nosso confrade Raul Silva, de Pará de Minas.

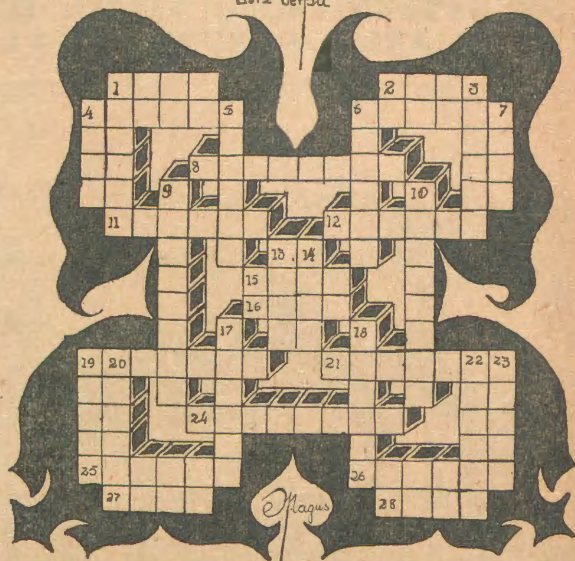
SOCIAIS — O Dr. José Drumond, distinto médico residente em Itaúna, e sua exma. senhora, estão sendo felicitados pelo nascimento de Ronaldo, ocorrido no dia 3 de janeiro deste ano. Ao Ronaldo desejamos muitas venturas.

DECA — Remetido pelo nosso confrade Edo Beve, temos sobre a mesa o número de Deca, revista que se publica no Rio de Janeiro, correspondente ao mês de janeiro. Traz "Deca" uma interessante seção de charadas, com denominação de Recreio Mental, sob a esclarecida direção do nosso confrade citado. Gostamos da seção e formulamos votos para que tenha ela progresso constante.

PALAVRAS CRUZADAS

Homenagem ao insigne Cruzadista mineiro

"Luz Sêpa"



MAGUS — *Dores do Indaiá*

HORIZONTAIS: — 1 — O que se mete na bôca de uma só vez; 2 — Cidade da Província de Alexandria; 4 — Serra do Maranhão; 6 — Tafetá da Índia; 8 — Ignorância; 11 — Cidade do alto Egito; 12 — Bravio; 15 — Cidade da Província de Pádua; 16 — Rei da Grécia; 19 — Perdís de pés negros; 21 — Azedas; 24 — Stítico; 25 — Um dos Acusadores de Sócrates; 26 — Cadeia de Montanhas ao Sudoeste da África; 27 — Montanha da Grécia; 28 — Apellido.

VERTICAIS: — 1 — Bambolina; 3 — Povo da Sibéria; 4 — Valor duma cousa; 5 — Plantas; 6 — Pimenteira do Perú; 7 — Grisalho; 9 — Célebre geógrafo grego; 10 — Origem; 13 — Rio do distrito de Braga; 14 — Imperador Romano; 17 — Rei do Egito; 18 — Aguadeiro; 19 — Ilha do arquipélago de Bijagoz; 20 — Golfo na ilha de Córsega; 22 — Raciocínio composto de várias proposições que se inferem umas nas outras; 23 — Fim.

FAÇA COMO SÃO TOMÉ!

PROCURE VER, PARA CRER

LOUÇAS — PORCELANAS — CRISTAIS
METAIS — FAQUEIROS — PRESENTES

EM MAIOR SORTIMENTO E MENORES PREÇOS

CASA CRISTAL

RUA ESPIRITO SANTO, 629
(JUNTO À AVENIDA)

CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE DIRIGENTES E AUXILIARES DA PERFUMARIA LOPES S. A.



Grupo fixado por ocasião da festa, vendo-se o comendador José Gomes Lopes cercado pelos seus auxiliares na grande organização nacional de perfumaria.

A **IMPORTANTÍSSIMA FIRMA** "Perfumaria Lopes S. A.", realizou em 6 do mês findo, o seu anual e acostumado almoço de confraternização da diretoria, vendedores e viajantes.

O almoço foi servido no dia 6 de Janeiro ultimo, no Clube Ginástico Português, no Rio, decorrendo no meio do mais efusivo e sincero entusiasmo.

A mesa, que encontrava-se artisticamente ornamentada com rica variedade de flores, foi presidida pelo Comendador José Gomes Lopes e sua excelentíssima esposa, Sra. Lídia Raposo Lopes.

No decorrer do ágape usaram da palavra varios oradores que foram entusiasticamente aplaudidos. Foi de verdade, uma linda festa que em todos deixou a mais agradável e duradoura impressão, pondo em evidência o alto sentido social da orientação da grande firma perfumista do Rio de Janeiro, que procura cercar seus auxiliares da maior consideração e ambiente de amizade produtiva.

AFONSO III

A TE' então, nas cúrias solenes, ou nas Côrtes, só tinham voz os nobres e o clero. Só os fidalgos e os bispos subiam aos pesados bancos donde era permitido dizer a verdade aos reis. Com Afonso III, um novo estado latejante de audácia e de força, de vigor e de fé, levanta pela primeira vez a sua voz nas côrtes: é o povo.

O rei compreendia a necessidade de lançar, contra a fidalguia e contra o clero, a ameaça das Inquisições. As terras reguergas e as granjas da coroa usurpadas, sobre as quais pesava, illegitimamente, a espada dos nobres e o báculo dos bispos e dos abades bentos, tinham de reverter para o seu legítimo possuidor: o rei. Para não ser esmagado na luta, Afonso III acolheu-se à grande sombra popular. O seu braço era o povo: fortaleceu-o — para fortalecer-se a si mesmo.

E em 1254, nas côrtes reunidas em Leiria — ao lado da nobreza e do clero, da fereza das cotas d'armas e do esplendor dos pontificais e das mitras, surgiu pela primeira vez, com o direito de voz e de voto, o povo obscuro e ingênuo, o povo ardente e virginal dos conselhos novos, embrulhado em chiotos de burel e saffões de peles, sereno no seu triunfo, contente na sua força, a fazer pesar na balança do governo o poder formidável do seu cajado humilde.

Desde então, o terceiro estado existiu em Portugal.

O povo dos municípios, que quarenta e dois anos antes deslumbrara a Espanha batendo-se como um leão nas Navas de Tolosa, entrou definitivamente na história ao erguer a sua bárbara voz do alto das arquibancadas das côrtes de Leiria.

SEMANA SANTA N'A GRUTA IDEAL

- CAMARÕES SECOS E EM CONSERVAS
- BACALHAU, SARDINHAS, SALMÃO, LAGOSTA, ETC.
- COMPLETO SORTIMENTO DE VINHOS BRANCOS E TINTOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS-FRIOS, CONSERVAS E FRUTAS

GRUTA IDEAL • RUA TUPINAMBÁS, 672—FONE 2-6203
ENTREGAS A DOMICILIO

A austera beleza do rito pascal, é a expressão mais grandiosa que a fé já ensinou ao coração dos homens. Nenhum regosijo da alma teve jamais o caráter grave e comovente dessa festa, em que a humanidade cristã celebra a glória do seu Redentor; nenhum quadro pode comparar-se a esse que, na sua infinita simplicidade, recorda o martírio de Aquele que tanto amou os humildes e os simples. — Mas, o que muitos não sabem é que a festa, da Pascoa, tem sua origem no tempo de Moisés, 1500 anos antes da Paixão, que a transformou segundo a prática atualmente seguida. E' da evolução da festividade pascal que damos aqui uma idéia aos leitores de ALTEROSA.

*

DEUS, que falara a Moisés na "sarça ardente", e o havia mandado ao Egito libertar o povo hebraico da escravidão, enviou às terras do Nilo o Anjo exterminador que numa só noite, matou todos os primogênitos dos egípcios, poupando os dos judeus. Moisés ordenara aos judeus que no decimo dia do "nizan" (o primeiro mês do ano) escolhessem um cordeiro são e vigoroso e o guardassem em casa até o decimo quarto dia; nesse dia, depois do pôr do sol, deviam matá-lo — para comê-lo na noite seguinte — tingindo com o sangue da vítima imolada a porta da casa, de modo que, passando o Anjo na sua viagem de extermínio, pudesse reconhecer as casas dos judeus e poupar os seus filhos.

Assim foi instituída a festa talvez mais antiga, e certamente mais grandiosa e solene, que tomou o nome de "Pascoa" do verbo "pasach", hebraico, que significa "passar poupando" e do seu substantivo "pasach", que se torna "pascha" em latim.

O sangue do cordeiro, com que foram assinaladas as casas israelistas, excetuou da mortandade os seus filhos, salvando-os da morte decretada por Deus, que feriu os primogênitos dos egípcios. E os judeus saíram depois disso da servidão egípcia, conduzidos por Moisés à terra prometida: a nova Pascoa, na alegria da liberdade conquistada, foi celebrada, no ano seguinte no deserto de Sinai com o sacrificio de mansos cordeiros, que foram comidos com o pão azimo, em recordação do pão duro sem levedo — o pão da servidão — que comiam na terra do Egito.

A Pascoa ficou assim considerada pelos judeus festa de salvação e festa de redenção. E o povo de Israel celebrou-a depois da morte do grande condutor e Legislador que a havia instituído; e celebrou-a sempre, imolando o cordeiro e comendo o pão sem levedo que lembrava a escravidão dos antepassados na terra dos Faraós.

*

Quinze séculos depois, enquanto se preparava em Jerusalem a festa pascoal, no Calvario se consumava a maior das tragédias humanas — dando uma significação nova — cuja influencia, saindo do povo hebreu e transpondo os proprios confins da v.da, preparou, com o seu epilogo — a Resurreição — uma nova Pascoa.

Solenidade tão augusta não ficou de um só, mas de centenas de povos, reunidos pela nova fé, que devia derrubar enfim os deuses romanos, em nome dos quais governava a Judéa Poncio Pilatos, que deixara crucificar Jesus; ficou a festa de salvação e redenção, não de um só povo, mas de toda



SONHO DE OURO

O RECORDISTA DAS SORTES GRANDES OFERECE

— PARA O DIA 10 DE MARÇO —

2 MILHÕES DE CRUZEIROS DA FEDERAL

Por Cr\$ 350,00

* * *

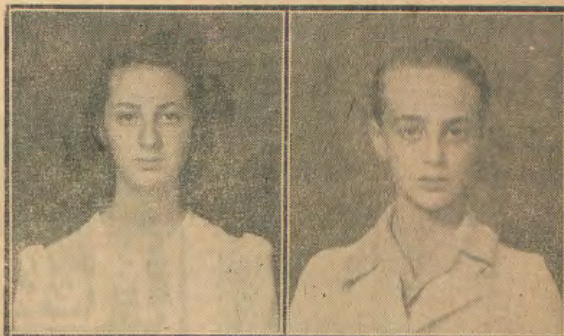
Rua Espirito Santo, 600

a humanidade — a festa da alma humana, obra divina e imortal.

Moisés — o grande legislador judaico — derramara o sangue de mansos cordeiros, poupára da destruição os filhos dos judeus, e os libertára do cativeiro egípcio. Mas um novo Legislador, mil e quinhentos anos depois, surgiu do próprio povo de Israel — e após haver pregado e divulgado uma lei nova, maior e mais humana do que a lei mosaica, depois de haver agitado inexoravelmente os mercadores do templo e elevado — na fé que purifica — a pecadora que se chegou até Ele, derramou seu sangue, no martírio resignado — para salvação eterna do povo judeu e do povo Romano — dos do-

*

SOCIAIS



Alda e Orlando Figuciredo Rabelo, da sociedade da Capital

minados, dos dominadores, e de quantos vivem e viverão, nos séculos, sobre a terra, à sombra da Fé pela qual Ele suportou a agonia da crucificação, invocando: "Pater, dimitte illis"...

Assim as Sagradas Escrituras nos transmitem a história da Páscoa. A coincidência da morte de Jesus um dia antes da vigília do sábado, festa pascoal dos judeus, a significação — universal e espiritual — do sacrifício sanguinolento de Cristo, que foi chamado "Agnus Dei", tornou-se usual, assinalando uma solenidade não mais unicamente e estreitamente hebraica, mas cristã.

A Ressurreição de Cristo, fato que São Paulo declarou "o fundamento da fé e da esperança" dos cristãos, foi celebrada sob o nome de Páscoa desde os primeiros tempos do Cristianismo, pelos Apostolos, com a máxima solenidade possível.

Certamente os tempos primitivos do Cristianismo não eram favoráveis às cerimônias como as que se praticam hoje na Igreja.

Mas na realidade a festa pascoal compreendia o que se chama a Semana Santa, o dia da Ressurreição e a sua oitava. O regozijo pela Ressurreição de Jesus era precedido de grandes penitências e obras de piedade, que se praticavam durante os dias do Seu martírio e da Sua morte. Vinha depois a apoteose gloriosa, e no oitavo dia terminava a festa. "Fazer a Páscoa" nos primeiros tempos do Cristianismo era um dever universalmente compreendido pelos fiéis, que, todos, recebiam o "Agnus Dei" na Eucaristia. E não foi abandonado o uso de comer o cordeiro, em memória também da ceia de Jesus e dos Apostolos, antes que ele sofresse o suplicio. Surgiram depois divergências e discussões entre os próprios cristãos a respeito do modo e dia de celebrar a Páscoa, que os do Oriente festejavam no

mesmo dia que os judeus, isto é, no decimo quarto da lua de Março, e os do Ocidente adiavam-no para o domingo seguinte, sob a autoridade dos Apostolos Pedro e Paulo, que tinham sido testemunhas da Ressurreição. Na realidade era mais uma questão de forma que de substância. Mas resultam inconvenientes, pois sobre a Páscoa são reguladas as outras festas móveis, sem contar o descrédito diante dos infieis, com que muito e justamente se deviam preocupar os Bispos. O concílio de Nicéia, reunido em 325, decidiu as controversias, e adotou a norma da celebração da Páscoa no Domingo seguinte ao decimo quarto dia da lua de Março, isto é o dia da Ressurreição.

Os cristãos que recusaram a submeter-se a esta decisão do Concílio foram considerados sismáticos, e tiveram varios nomes como quatordecimanos, tradecaditos, etc.. Desde então, se houve alguma nova variação foi devida exclusivamente a calculos errados na computação das fases lunares, inconveniente que se remediou fixando a Páscoa pelas exatas notícias astronomicas, fornecidas ao Papa todos os anos pela celebre Escola de Alexandria, por intermedio do Patriarca daquela cidade.

*

Como se vê a Páscoa moderna — no modo como se celebra ordinariamente entre nós — tem todos os elementos originários das duas festas do mesmo nome, a que nos referimos antes.

Na Europa não ha casa em que falte o cordeiro à refeição pascoal; a festa do domingo é precedida por uma semana ou quasi de penitencia e de devoções; a solenidade dura algum tempo e termina com a oitava...

*

*

*

FOI em 1664 que se descobriu em Borrowdale, no Cumberland, uma mina de grafite que no ano seguinte era muito explorada pois fôra necessário algum tempo para se reconhecer os benefícios da descoberta.

*



Srta. Dulce Grandioso da nossa sociedade.

O LAPIS

O grafite, cortado, vendia-se então a 40 francos o quilo, em Londres. O sucesso do lápis foi tal que, no receio de que se esgotasse a mina, decidiu-se não a explorar senão num período de seis semanas por ano, o que dava em todo o caso a produção de um milhão de quilos. Mas antes que o lápis se tornasse o instrumento tão útil que temos hoje, foi preciso passar um século e meio. Depois se fizeram lápis de várias espessuras, correspondentes às necessidades dos artistas, principalmente.

*



Durante longos anos foi a indústria quase monopolizada pelos ingleses. No século XVII passou ela à França e à Alemanha. Neste último país tornou-se objeto de uso em 1720. A primeira fábrica que ali se estabeleceu foi em Stein, perto de Nurenberg.

*



Paulo Alisson, filho do casal Alisson-Edith Vieira Cardinali, residente nesta Capital.

CINEMAS ASSOCIADOS LTDA.

Uma grande iniciativa que já nasceu plenamente vitoriosa

SEGUNDO estamos informados, o lançamento da nova organização destinada a dotar Belo Horizonte e Juiz de Fôra com o que há de mais moderno e aperfeiçoado em casas de projeção cinematográfica — a CINEMAS ASSOCIADOS LTDA — encontrou nos melos capitalistas da cidade o mais franco e decisivo apôlo, achando-se já quase inteiramente concluída a subscrição de seu capital, no valor de vinte milhões de cruzeiros.

Iniciativa digna dos melhores aplausos, de vez que virá libertar a Capital e a cidade de Juiz de Fôra de um dos mais nefandos monopólios que já oprimiram a nossa população, avançando desabusadamente no bolso do público, sem nada lhe oferecer em troca — a não ser as piores programações de reprises, a absoluta falta de higiene e conforto de suas casas e uma completa desconsideração para com o público — a CINEMAS ASSOCIADOS LTDA. merece a entusiástica acolhida que vem recebendo, como justo estímulo aos seus abnegados diretores que se dispuseram a enfrentar corajosamente os métodos do antigo "trust" cinematográfico organizado para a exploração mais ignóbil de todos os tempos na vida de Minas Gerais.

E' de se esperar, por isso mesmo, que os poderes públicos do Estado e da municipalidade, tanto em nossa Capital como em Juiz de Fôra, proporcionem à novel organização tôdas as facilidades que se fazem necessárias ao seu completo êxito, de vez que se trata de defender a bolsa do povo mineiro contra as soezes manobras do mais antipático e detestado monopólio que, qual polvo insaciável, estende cada vez mais os seus tentáculos sobre as duas mais importantes cidades mineiras.

*

O ORGULHO é o mais sigilar dos sentimentos humanos.

Leverrier, o astrônomo que primeiro calculou os movimentos dos astros, o primeiro que viu uma estrêla nova apresentar-se no dia e no lugar que ele previra com cálculos matemáticos muitos anos antes, não sentiu de certô, nesse momento, orgulho tão grande como o de um imbecil que encontra outro indivíduo ainda mais imbecil do que ele.

"O PERSONAGEM PERSEQUE O AUTOR"

O NOVO LIVRO

de

MÁRIO MATOS



Em todas as
LIVRARIAS
Cr. \$
25,00

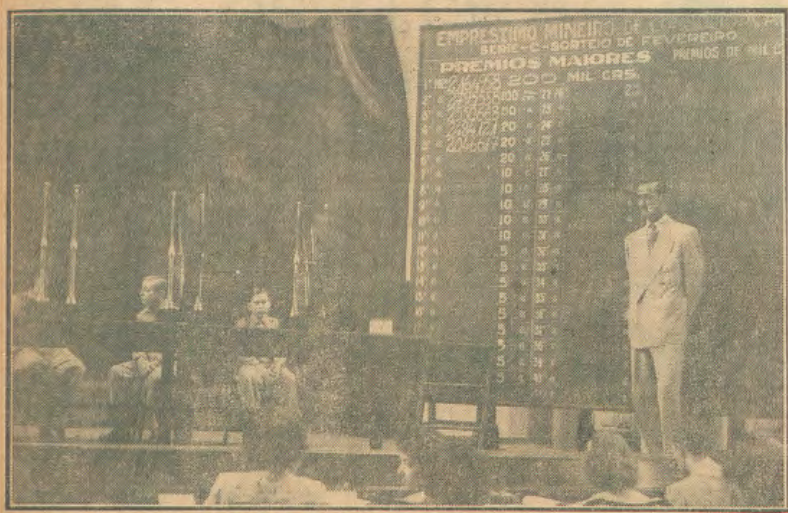
SR. GERENTE DA
LIVRARIA QUEIROZ BREINER
Rua Espírito Santo, 562 — Belo Horizonte
Peço remeter um exemplar do livro O PERSONAGEM PERSEQUE O AUTOR, para o endereço mencionado neste cupão, por reembolso postal.

NOME
RUA e N.º
CIDADE ESTADO.....

ROCHA

MAIS UM SORTEIO DAS CONSOLIDADAS MINEIRAS

CONTEMPLADA COM CR\$ 200.000,00 A APOLICE N.º 2.164.958



Aspecto tomado durante o ultipmo sorteio das Consolidadas Minciras

TEVE lugar no dia 28 de Fevereiro ultimo, no auditório da Escola Normal, mais um grande sorteio das apólices do Empréstimo Mineiro de Consolidação, Serie "C", com a presença do dr. José Geraldo Maximiano, representâhdo o Secretário das Finanças, altos funcionários daquela repartição, jornalistas e representantes de nossas entidades de classe, além de grande número de portadores dësses excelentes títulos mineiros.

O ato foi presidido pelo sr. Francisco Martins, Superintendente do Departamento da Despesa Variavel da Secretaria das Finanças, tendo sido o seguinte o resultado geral do sorteio:

Cr\$200.000,00	2.164.958
Cr\$100.000,00	2.795.558
Cr\$ 50.000,00	2.550.668
Cr\$ 20.000,00	2.046.617
Cr\$ 20.000,00	2.147.035
Cr\$ 20.000,00	2.484.121

PRÊMIOS DE Cr\$ 10.000,00

2.131.432 — 2.135.482 — 2.263.942 — 2.415.555 — 2.516.255

PRÊMIOS DE CR\$ 5.000,00

2.033.815 — 2.177.306 — 2.203.795 — 2.211.868 — 2.278.825 —
2.481.291 — 2.522.271 — 2.555.716 — 2.803.389 — 2.993.742.

PRÊMIOS DE CR\$ 2.000,00

2.185.452 — 2.226.217 — 2.238.715 — 2.268.903 — 2.297.506 —
2.314.254 — 2.397.539 — 2.416.957 — 2.491.911 — 2.496.230 —
2.534.838 — 2.558.950 — 2.646.036 — 2.649.141 — 2.665.588 —
2.695.565 — 2.757.367 — 2.891.839 — 2.936.507 — 2.945.430.

PRÊMIOS DE CR\$1.000,00

2.001.107	2.007.392	2.008.669	2.019.562	2.025.095	2.037.120	2.040.977	2.043.634
2.046.411	2.055.646	2.065.319	2.065.363	2.071.497	2.100.004	2.117.257	2.127.784
2.132.539	2.148.908	2.154.879	2.161.930	2.195.810	2.204.045	2.207.411	2.213.149
2.216.517	2.221.415	2.224.744	2.226.286	2.236.246	2.240.299	2.243.407	2.245.250
2.248.747	2.253.172	2.268.306	2.268.574	2.280.255	2.284.699	2.294.369	2.298.228
2.302.879	2.312.905	2.314.416	2.316.678	2.329.558	2.331.748	2.337.049	2.343.475
2.346.470	2.353.417	2.356.618	2.370.601	2.386.117	2.387.257	2.388.169	2.388.208
2.394.897	2.405.918	2.420.982	2.428.749	2.429.465	2.453.586	2.457.955	2.502.057
2.512.691	2.514.773	2.517.666	2.522.650	2.526.156	2.544.562	2.561.694	2.580.516
2.598.697	2.615.867	2.630.551	2.634.837	2.646.016	2.683.932	2.687.719	2.726.041
2.728.757	2.733.552	2.738.852	2.748.171	2.776.777	2.821.757	2.822.748	2.827.307
2.830.890	2.838.452	2.870.031	2.890.794	2.904.437	2.911.704	2.915.016	2.949.971
		2.957.852	2.970.162	2.973.917	2.997.835		



Maria e Lauro, filhos do casal Lucila-Lauro Oliveira, residente em Uberaba.



Wendell, filho do casal Lourdes-Gestúlio Augusto Teixeira, residente em Conceição do Mato Dentro.



Marta, filha do casal Celia-Rabczun Timofej, residente na Capital.



Rui, filho do casal Conceição-Rui Carvalho A. Ribeiro, residente na Capital.



Ao alto, Iara Lucia, filha do casal Carmelita-Carlos Etienne de Castro, residente na Capital; em baixo Ivelisa e Ivanora, filhinhas do escritor Alberto Renart, residente em S. Paulo.



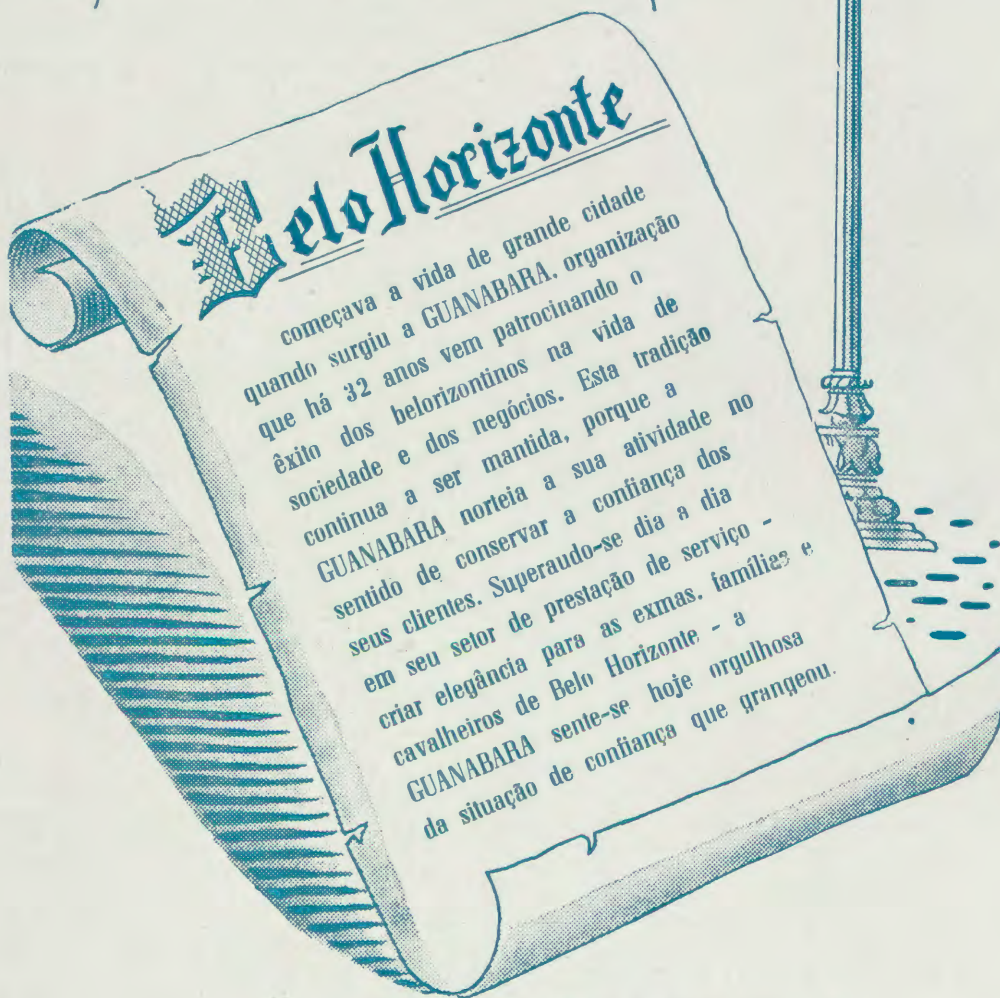
Gislaíne, filha do casal Albertina-Joel Coelho, residente na Capital.

Nilo, filho do casal Conceição-Rui Carvalho A. Ribeiro, residente na Capital.

O inteligente Rabeus, aluno de um dos collegios da Capital.



SOMOS UMA
TRADIÇÃO
NESTA CIDADE



Belo Horizonte
começava a vida de grande cidade quando surgiu a GUANABARA, organização que há 32 anos vem patrocinando o êxito dos belorizontinos na vida de sociedade e dos negócios. Esta tradição continua a ser mantida, porque a GUANABARA norteia a sua atividade no sentido de conservar a confiança dos seus clientes. Superaudo-se dia a dia em seu setor de prestação de serviço - criar elegância para as exmas. famílias e cavalheiros de Belo Horizonte - a GUANABARA sente-se hoje orgulhosa da situação de confiança que grangeou.

Utilize o nosso sistema de crédito

Com um cartão de crédito, veste-se toda a família!

Guanabara

Poyares Ltd.